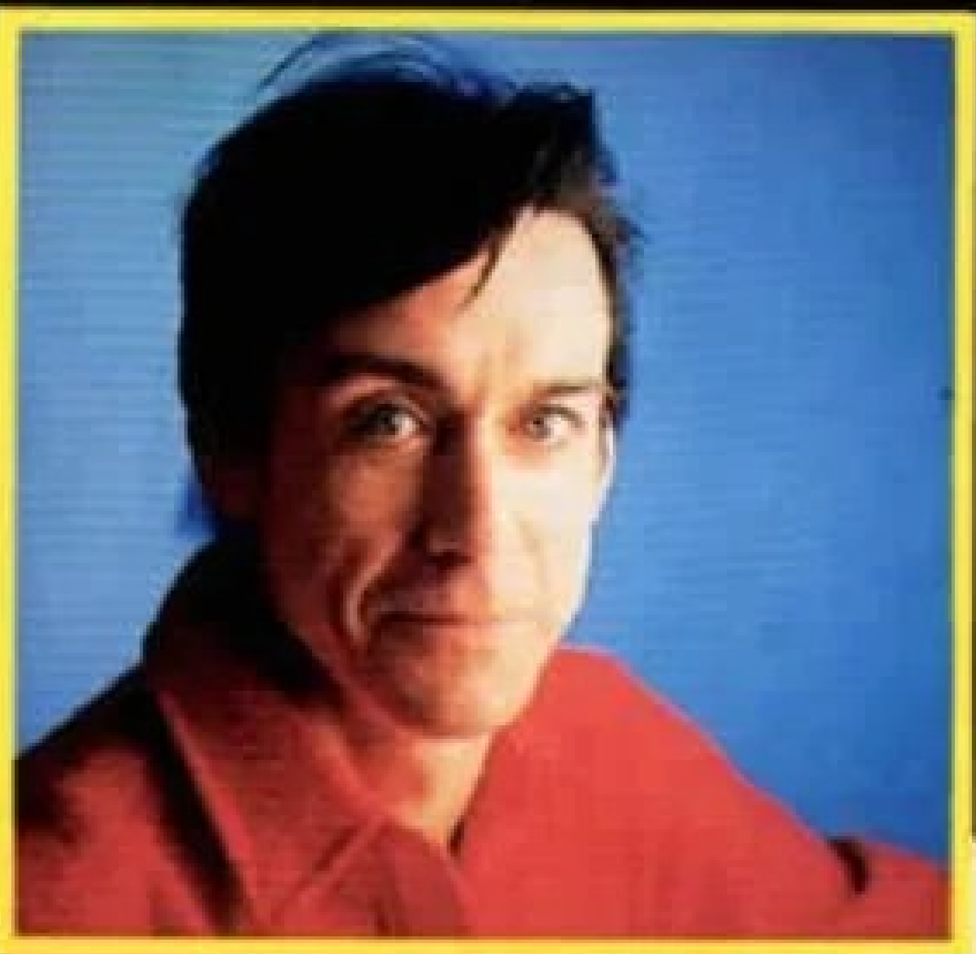
EDIÇÃO ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO

EDITORA AZUL
Ano 4
Nº 7
1988
Cz$ 400,00

GRÁTIS! GUIA DO ROCK DE A a Z

BIZZ



IGGY POP

A LENDA ABRE O JOGO

- MORRISSEY
- MOTORHEAD
- PRINCE, SEXO E ROCK'N'ROLL
- VELVET UNDERGROUND, 2ª PARTE
- WHITNEY HOUSTON

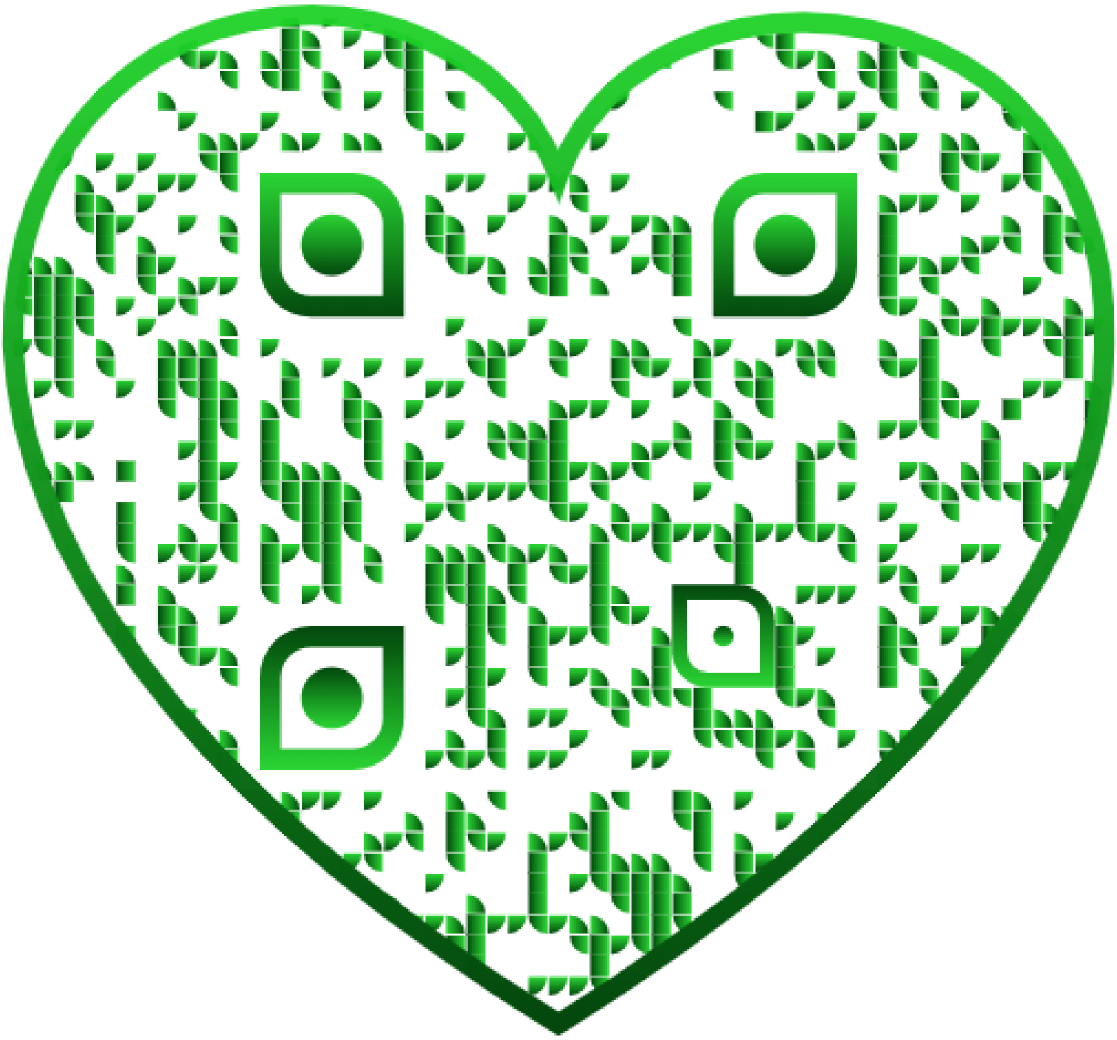
LOBÃO

A VIDA BANDIDA CONTINUA

FAROESTE CABOCLO

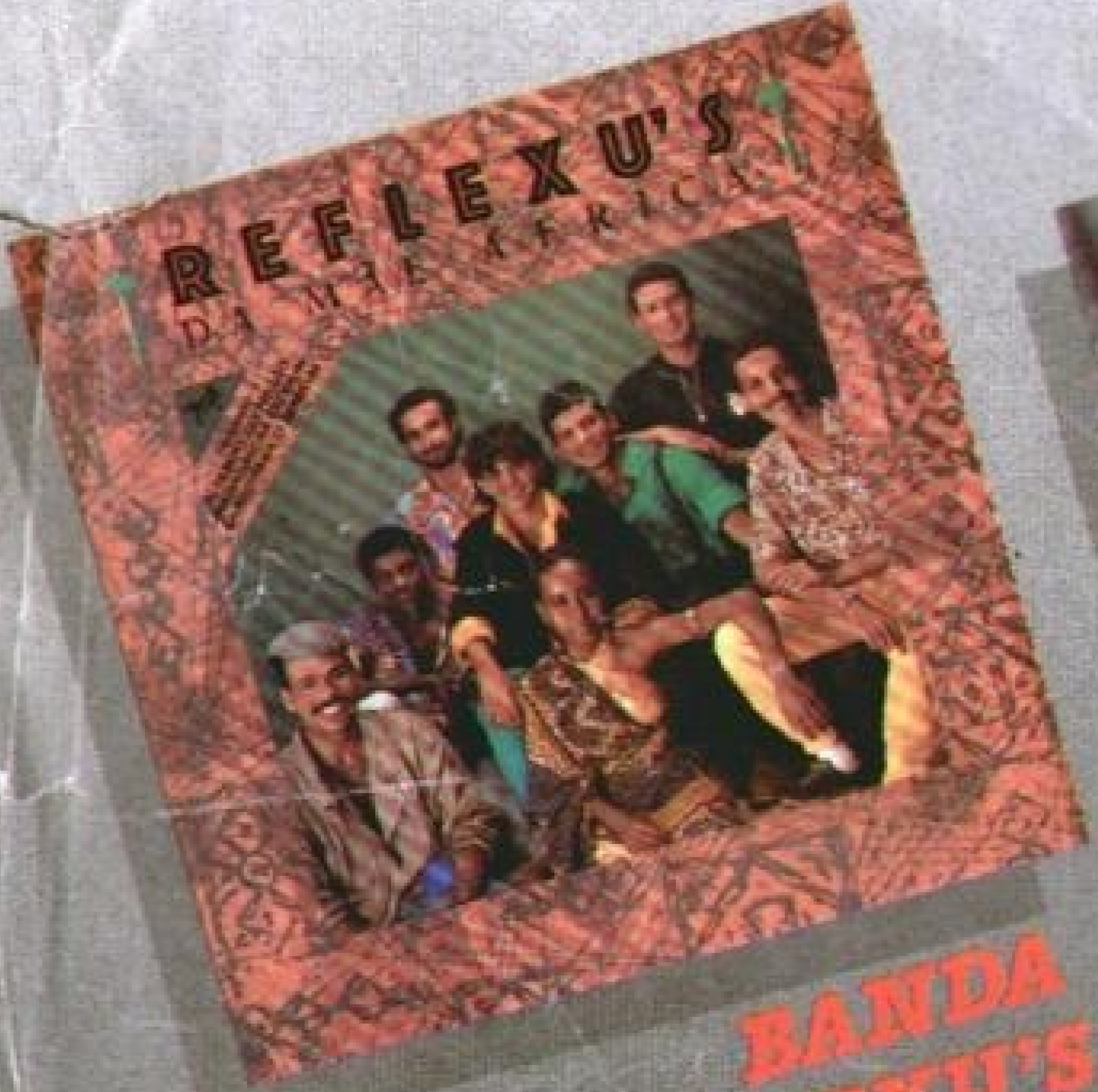
A VERDADEIRA HISTÓRIA DE JOÃO DE SANTO CRISTO

Altamira, Boa Vista, Macapá, Manaus, Rio Branco, Santarém (Via Aérea) Cz$ 520,00 5561 - Edição nº 36



A CRISE CONTINUA.

E OS DISCOS DE PLATINA TAMBÉM



BANDA REFLEXU'S

REFLEXU'S DA MÃE ÁFRICA

Mais de 320.000 cópias vendidas

LEGIÃO URBANA

QUE PAÍS É ESTE

Mais de 350.000 cópias vendidas

Estes são os mais recentes Discos de Platina, praticamente conquistados durante o período mais difícil do mercado. É provável que exista algo de muito especial nesses dois Lps, vale a pena conferir...

EMI-ODEON 75 anos de sucesso

EMI

3 **INDICE**
Você está aqui

6 **SHOWBIZZ**
Notas, notícias e boataria

14 **PARADA**
EUA, Grã-Bretanha e Parada do Leitor

18 **LANÇAMENTOS**
Discos quentinhos da boca do forno

30 **VÍDEO**
Orson Welles e os principais lançamentos

34 **MORRISSEY**
O solitário voa solo

42 **LOBÃO**
Cutucando a onça de novo

44 **PRINCE**
Desnudo, genial, bombástico

48 **LEGIÃO URBANA**
Como é que pode?

53 **IGGY POP**
Memória de um *outsider*

62 **MOTORHEAD**
A revolta como divertimento

66 **PLEBE RUDE**
Caindo na real

72 **VELVET UNDERGROUND**
A segunda parte de tudo

80 **TOY DOLLS**
Ébria adolescência

82 **BAHIA**
O baticundum que enlouquece os gringos

86 **AO VIVO**
Whitney Houston, Terence Trent D'Arby, Thomas Dolby, Wagner Tiso, Gene Loves Jezebel, Aswad, Uakti, Big Pig

96 **CINEMA**
Batman! Batman! Batman!

100 **EM CARTAZ**
Rebelião em *Milagro*, *Rambo III*, *A Princesa Prometida*

102 **LETRAS**
"No New Tale to Tell", do Love and Rockets!

104 **AIR MAIL**
Direto de Los Angeles e Londres

106 **AIR MAIL BRASIL**
Brasileiras e brasileiros...

108 **CARTAS & SERVIÇOS**

109 **MEU INSTRUMENTO**
Jean-Luc Ponty e seu violino

110 **DISCOTECA BÁSICA**
Too Much Too Soon, do New York Dolls

Prince escandaliza a moralidade americana

Neste nosso aniversário de 3 anos, há razões de sobra para comemoração. Uma participação cada vez maior dos leitores, um acesso cada vez mais forte aos ídolos que fazem no mês-a-mês a pauta da revista e uma redação cada vez mais motivada e ligada em seu trabalho, gerando informações quentes e qualidade para você. Para esta edição, caprichamos, e muito, na pauta, como se verá. Um dos ícones do pop de todos os tempos, **Iggy Pop**, que chega agora ao Brasil, conta tudo a **José Emilio Rondeau** em Los Angeles. E o mesmo esperto correspondente destrincha o sucesso/escândalo de **Prince** em ***Lovesexy***. **Celso Pucci** revela o resto da história dos explosivos **Velvet Underground**. Enquanto isso, em Nova York, **José Nogueira** derrete o metal do **Motorhead**. Do outro lado do Atlântico, em Londres, **Pepe Escobar** entrevista **Adam West**, o verdadeiro e único **Batman**, e **Paul Morley**, da *Blitz*, envia uma entrevista hiper-reveladora com o ex-Smith **Morrissey**. Para terminar com o internacional, **Marisa Adán Gil** ouviu os alegres **Toy Dolls**, de passagem por SP. Em nosso rincão, a incansável e serelepe **Sônia Maia** conta como **"Faroeste Caboclo"**, uma música de nove minutos, ocupa as AMs, FMs e orelhas de todas as camadas do Brasil; fala com **Lobão** sobre seu próximo LP, *Cuidado*; e ainda, com o fôlego que Deus lhe deu, dá uma geral no trabalho da **Plebe Rude**. E tem mais: a partir desta edição ela passa a coordenar o **Air Mail Brasil**, com notas do que rola do Oiapoque ao Chuí. Como dissemos na matéria Música Negra no Brasil (edição 34), mandamos, nesta, uma geral sobre a terra onde ela sempre foi rainha: a **Bahia**, retratada por **Hagamenon Brito**. No **Ao Vivo**, vocês vão ficar com **Whitney Houston, Aswad, Gene Loves Jezebel, Terence Trent D'Arby, Thomas Dolby** e mais. E, de quebra, como brinde, vão poder estender toda a terminologia do rock atual no **Guia do Rock de A a Z**, editado por **José Augusto Lemos**.

José Eduardo Mendonça

SKATING. O RADICAL DA RAINHA.
O novo Rainha Skating tem a sua cara: cano alto, cores vibrantes e estilo arrojado. E tem as qualidades da Rainha: o couro resistente, a lona reforçada e a borracha amortecedora, que juntos encaram todas as manobras. Com um Rainha Skating você entra de sola... e sai com ela inteirinha. Por isso, você vai ver que logo mais, só vai dar fera com ele. Rainha Skating. O pisante chocante e arrepiante da Rainha.
RAINHA
RAINHA
Skating
RAINHA

SÉRGIO DIAS VOLTA À TONA

Serginho Dias com Debora Blando

Sérgio Dias, que era o guitarrista dos Mutantes (aah, bons tempos...), finalmente voltou aos palcos. Ele se apresentou durante cinco dias no Teatro Ipanema (Rio de Janeiro) no final de maio. Acompanhado por **Jurim Moreira** (bateria), **Toni Mendes** (baixo), **Marcio Miranda** (teclados), **Bettina Graziani**, **Lucia Turnbull** e **Debora Blando** (vocais), ele tocou músicas da trilha de Johnny Love, filme de **João Elias Jr.**, e alguns sucessos dos Mutantes. A trilha está sendo lançada pela SBK Songs.

I PRÊMIO SHARP DE MÚSICA

Caetano Veloso, Toquinho, Marina, Baden Powell, Djavan e Gal Costa estiveram entre as atrações da festa de entrega do **I Prêmio Sharp de Música**, realizada em 31 de maio e exibida em junho pela TV Globo. A festa (noite em ritmo de gala que custou cerca de 600 mil dólares) premiou os eleitos por 24 jurados que ouviram 5 112 discos. Os "melhores" de 87 foram divididos em oito categorias: MPB, Pop/Rock, Canção Popular (eufemismo para "brega"), Clássico, Samba, Regional, Instrumental e Infantil. Os destaques da categoria MPB foram **Tom Jobim** (que com seu *Passarim* faturou nos itens disco e música), **Gal Costa** (cantora) e **Milton Nascimento** (cantor). Na categoria Pop/Rock, foram premiados **Legião Urbana** (grupo), **Cazuza** (cantor), **Marina** (disco — *Virgem* — e cantora), **Nico Rezende** (arranjador — LP *Nico Rezende*), **Ney Lisboa** (revelação masculina) e — cruz credo! — **Via Negromonte** (revelação feminina). O prêmio de melhor música dessa categoria foi para "Preciso Dizer Que Te Amo", de **Cazuza**, **Bebel Gilberto** e **Dé** (do LP *Virgem*, de Marina).

Cazuza, prêmio de melhor cantor

OUÇA ESSA

"Tirar meus óculos escuros? Veja bem, se eu tirar meus óculos, todo mundo iria descobrir que eu estava mentindo pra cacete"

George Michael

Abril

Nara: bossa nova forever

SAUDADE DA BOSSA

A TV Globo levará ao ar entre os dias 19 e 25 de setembro a minissérie *Bossa Nova 30 anos — Chega de Saudade*. Serão quatro capítulos de 40 minutos reunindo boa parte da nata do movimento que consagrou o Brasil na música pop internacional, como **Tom Jobim, Roberto Menescal, João Donato, Carlos Lyra, Nara Leão, Johnny Alf, Tamba Trio, Os Cariocas, Alaíde Costa, Lúcio Alves, Pery Ribeiro, Leny Andrade, Marcos Valle** e instrumentistas como **Baden Powell, Durval Ferreira, Edson Machado, Meireles, Maciel, Tião Netto** e **Wilson Machado**. Eles tocarão ao vivo numa réplica do Beco das Garrafas, a ser montada no Canecão. Os que têm residência fixa nos EUA, como **Moacyr Santos, Eumir Deodato** e **Don Salvador** gravarão suas partes lá mesmo. Artistas falecidos como **Elis Regina, Maysa, Sylvia Telles, Dick Farney** e **Vinícius de Moraes** serão homenageados. Outra boa notícia: serão postos no mercado o vídeo (pela Globo Vídeo) e a trilha (Som Livre) da minissérie. Só tem um porém: cadê o João Gilberto?

IGGY E MARILLION NO BRASIL

Russell Young

Marillion: a vez dos progressivos

Tranquem as portas, fechem as janelas ou fujam pro Chile: **Iggy Pop** vem aí!! Finalmente poderemos ver a lenda viva de perto! Ele estará se contorcendo no Projeto SP nos dias 29, 30 e 31 de julho. Até o fechamento desta edição ainda não tínhamos as datas dos shows no Rio de Janeiro, mas é provável que ele se apresente no Canecão, em pelo menos duas noites. E atenção: acabamos de saber que o **Marillion**, o grupo neo-progressivo britânico liderado pelo cantor grandão que atende pelo singelo nome de Fish, também estará no Projeto SP em julho. Aos isqueiros, camaradas!

Nick Elgar/LFI

A última (será?) reunião do Zep: John Paul Jones, Jimmy Page, Robert Plant e Jason Bonham

40 ANOS DE ATLANTIC RECORDS

O 40.º aniversário da gravadora americana **Atlantic** (distribuída internacionalmente pela WEA) foi comemorado no dia 14 de maio num concerto de quase 13 horas de duração no Madison Square Garden, em Nova York. O ponto alto foi o show de meia hora do **Led Zeppelin** com **Jason Bonham**, filho de John, na bateria (eles tocaram, entre outras, "Stairway to Heaven", "Kashmir" e "Whole Lotta Love"). Também estiveram presentes **Phil Collins, Wilson Pickett**, músicos da banda de **Bruce Springsteen** e outros. Quinze mil pessoas compraram ingressos, e a arrecadação foi dividida entre dez entidades beneficentes.

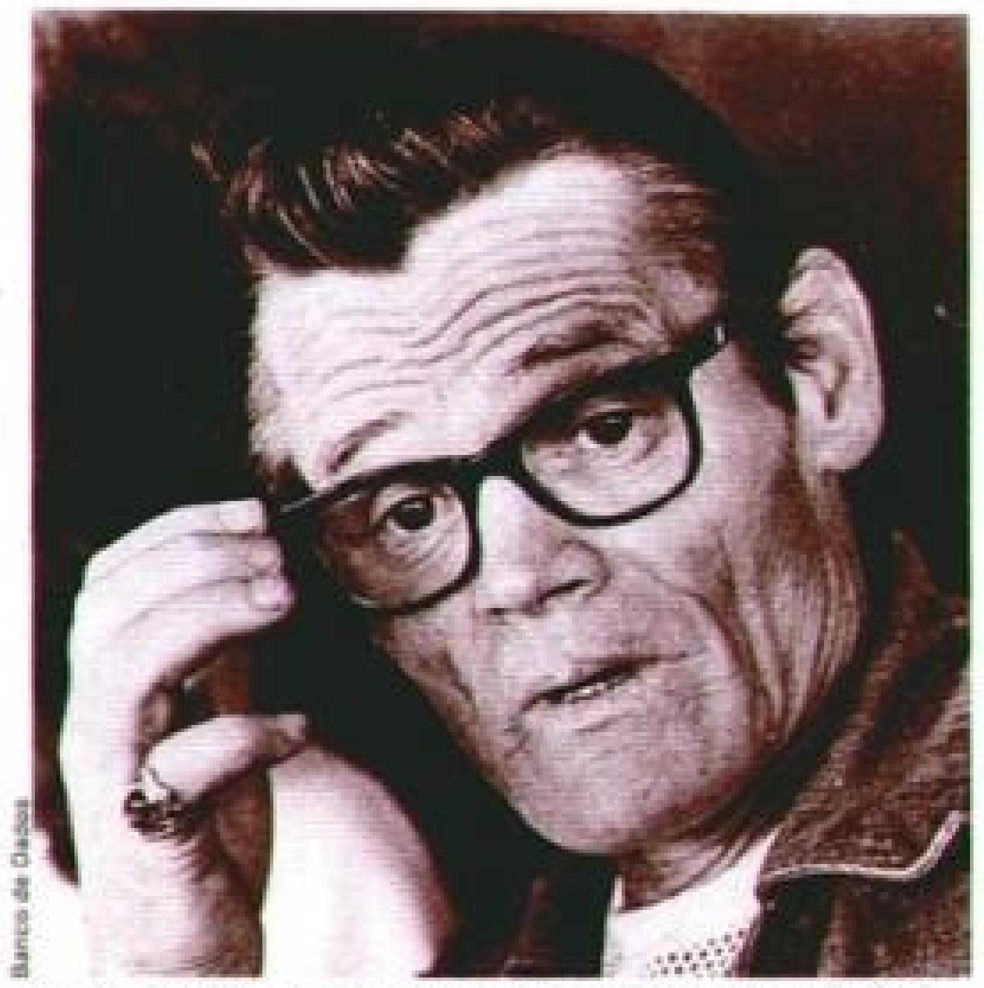
LEGIÃO URBANA: A TRIBO EM GUERRA

Russo, faroeste de verdade

Desde que o **Legião Urbana** iniciou sua turnê de megashows pelo Brasil, estes têm sido marcados por uma série de incidentes. Um misto de amor e ódio, histeria e revolta, repressão policial e má organização por parte dos produtores têm levado o Legião quase que diariamente às páginas dos jornais e telas globais, ora para defesa, ora para a crucificação, principalmente do porta voz **Renato Russo**. **BIZZ** tem acompanhado de perto todos esses shows e noticiários — São Paulo, Brasília, Porto Alegre, Belo Horizonte e Rio de Janeiro — e vem registrando, passo a passo, o que se pode chamar de "a real era do rock'n'roll no Brasil". Na próxima edição, uma cobertura completa sobre os antes, durantes e depois, na intenção de fechar um ciclo e fazer um balanço destes eventos já históricos para a música jovem brasileira.

O ADEUS DE CHET BAKER

Ao lado de Miles Davis, **Chet Baker** foi a maior expressão do cool jazz. Mal tinha começado sua carreira profissional em 52 e já era considerado o melhor trompetista do ano pela respeitadíssima revista *Down Beat*. Tocou com Charlie Parker, Gerry Mulligan e depois começou a cantar e a se apresentar como destaque solo. Ele pode ser ouvido tocando ou cantando em mais de cem discos (inclusive no LP *Punch the Clock*, de Elvis Costello, lançado no Brasil). Sua voz fraca e aveludada — ao estilo do seu trompete — impressionou de bossa-novistas a Caetano Veloso, e dizem até que ele foi uma grande influência de João Gilberto. Sempre teve problemas com heroína. Foi preso ou internado em clínicas de desintoxicação inúmeras vezes. Faleceu aos 58 anos em Amsterdã, no dia 13 de maio, depois de cair do 2.º andar de um hotel.



Banco de Dados

Baker, que esteve no Brasil para o II Free Jazz Festival

Adrian Boot/Retna

Os integrantes do Wet Wet Wet com Billy Bragg (à dir.)

BEATLES EM PRIMEIRO!

Faz muito tempo que uma canção dos **Beatles** não entra com destaque nas paradas. E logo no primeiro single extraído do LP *Sgt. Pepper Knew My Father* (aquele produzido pela *New Musical Express*, comentado na BIZZ 34), eles chegaram ao primeiro posto das paradas inglesas! Curiosamente com "She's Leaving Home", na versão do cantor/militante trabalhista **Billy Bragg** (no lado B está "With a Little Help from My Friends" com o grupo **Wet Wet Wet**), desbancando vários hits ultrabrega-comerciais (essas coisas tem no mundo todo). Só que Bragg não vai faturar um níquel com isso (é a primeira vez na sua carreira que ele se dá tão bem), já que a renda toda, a exemplo do LP, vai para a organização beneficente Childline.

NOVIDADES NO VINIL

Vem aí o segundo LP do Icicle Works

Live at the Whisky a Go-Go on the Fabulous Sunset Strip é o novo lançamento (duplo) do grupo californiano **X**. Deverá ser lançado aqui pela WEA ⊗ O último disco dos **Housemartins** (grupo que acabou há poucos meses) é um LP duplo que reúne demo-tapes, sessões de rádio, lados B e singles, e se chama *Now That's What I Call Quite Good* ⊗ O nome do LP de **Steve Winwood** é o *Roll with It* ⊗ A irmã de Prince, **Tyka Nelson**, lançou seu primeiro LP: é o *Royal Blue* ⊗ Já saiu na Inglaterra o novo LP dos **Icicle Works** (que tem o LP *If You Want to Defeat Your Enemy Sing His Song*, lançado aqui pela Stiletto/Eldorado). Chama-se *Blind* ⊗ O grupo nova-iorquino **Swans**, mestre em equilibrar ruídos e cacofonias, lançou sua versão de "Love Will Tear Us Apart", clássico do **Joy Division**. A produção é de **Roli Mosiman** (Young Blods, Wiseblood).

ROCK'N'CINE

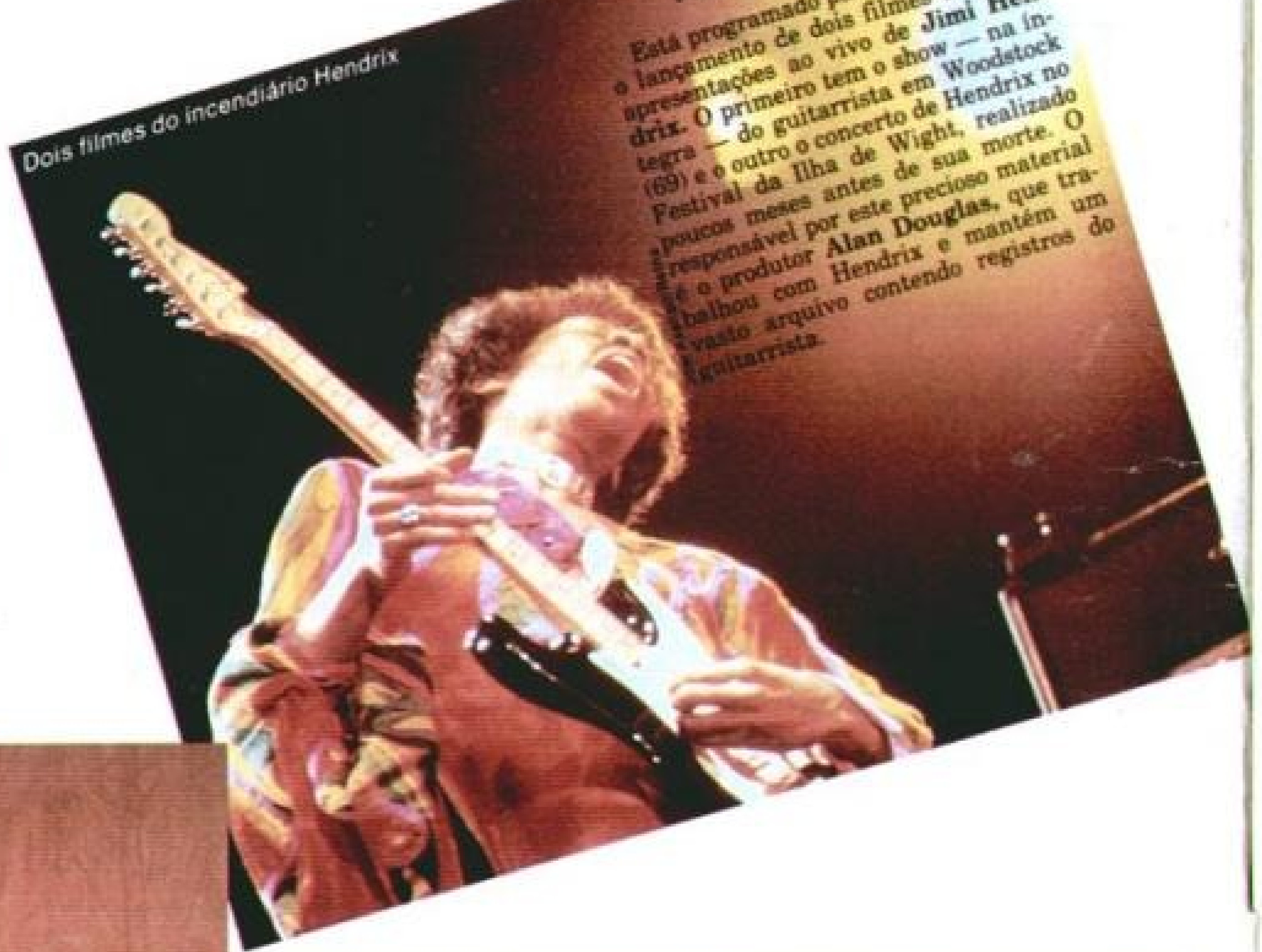
Oliver Stone vai filmar *Evita* na Argentina no próximo verão sul-americano. O papel principal — *tchan tchan tchan tchan* —, já foi confirmado, vai ser de **Madonna.**

Titãs, Ira!, Paulo Ricardo, Mercenárias e **Akira S** estão no curta-metragem *Rock Paulista*, de **Anna Muylaert** (que também dirigiu — com Fernando Bonassi — o clip de "Todo Mundo Quer Amor", dos Titãs). O filme é definido como "um clip documental que reúne algumas das bandas sobreviventes" surgidas do pioneiro underground paulista de 83. Entre julho e agosto o curta estará em exibição no MIS, em São Paulo, e depois entrará no circuito comercial.

Arnaldo Antunes com a diretora Anna Muylaert

HENDRIX LIVES

Está programado para o final do ano o lançamento de dois filmes contendo apresentações ao vivo de **Jimi Hendrix**. O primeiro tem o show — na íntegra — do guitarrista em Woodstock (69) e o outro o concerto de Hendrix no Festival da Ilha de Wight, realizado poucos meses antes de sua morte. O responsável por este precioso material é o produtor **Alan Douglas**, que trabalhou com Hendrix e mantém um vasto arquivo contendo registros do guitarrista.


Dois filmes do incendiário Hendrix

Combinação arrepiante: Glass e Edgard Allan Poe

CURTAS E GROSSAS

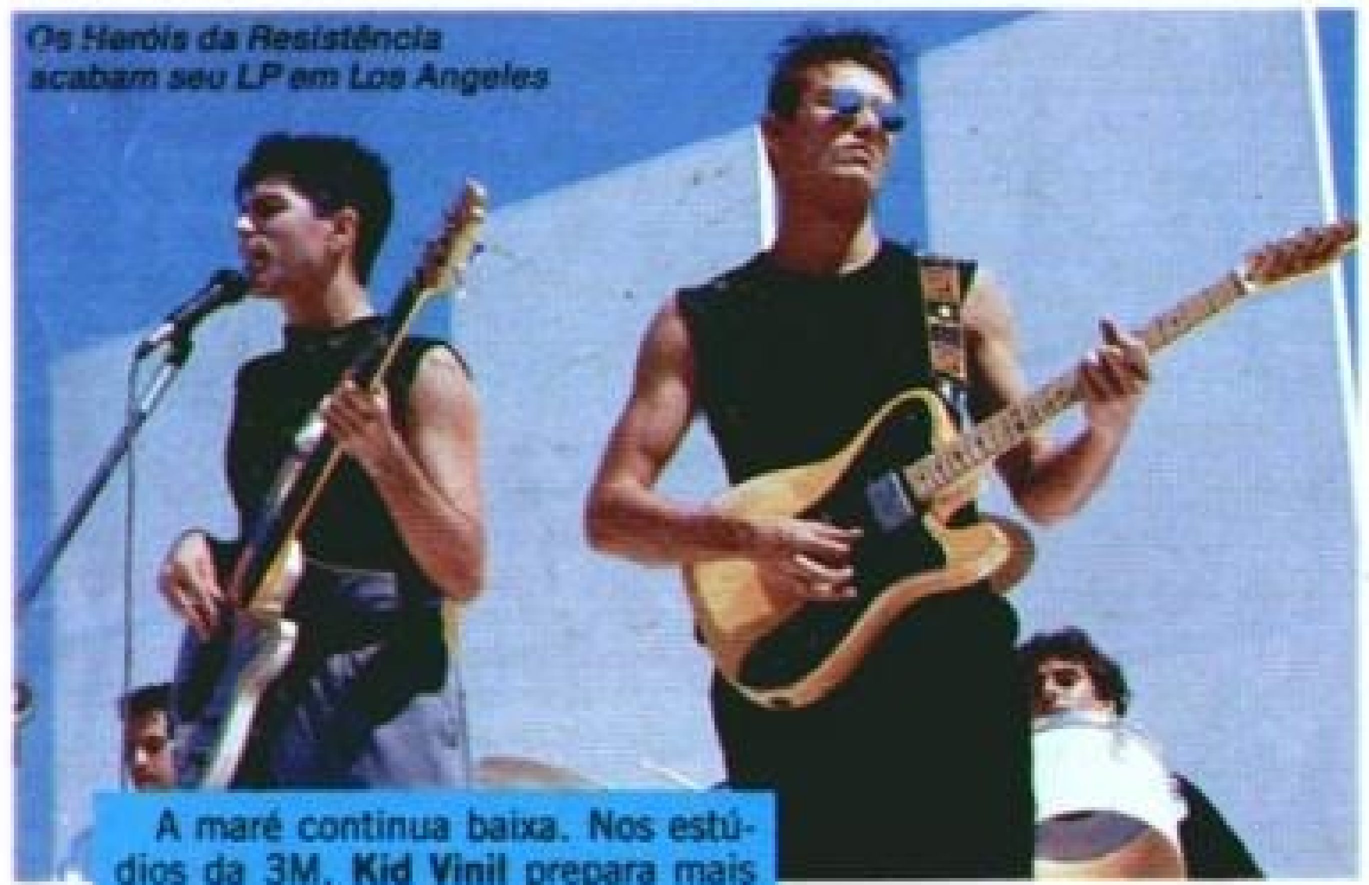
The Fall of the House of Usher (A Queda da Casa de Usher — um conto de Edgar Allan Poe) é a nova ópera de **Phillip Glass.** A estréia foi no dia 18 de maio no American Repertory Theater de Cambridge, Massachusets ● **Hall & Oates** bateu um recorde. Com a chegada do seu novo single "Everything Your Heart Desires" nos Top 10 (as dez mais) da *Billboard*, eles superaram os **Everly Brothers** e agora são a dupla com maior número de singles nos Top 10, totalizando 16 (!!) ● **Zip** é o nome da banda montada por **Pete Shelley** (guitarrista/cantor/compositor dos legendários Buzzcocks), e que acaba de lançar o single "Your Love" ● A gravadora americana **CTI** (especializada em jazz, com vários títulos lançados no Brasil) finalmente ganhou o processo movido contra a **WEA** pela contratação ilegal e forçada de George Benson (antes, da CTI). A batalha judicial durou 13 anos, e a CTI espera ser compensada — com correção monetária — em cerca de 10 milhões de dólares.

NOVIDADES NO VINIL II

Finalmente um novo LP de **James Brown!** É o *I'm Red*, produzido pelo time de compositores/produtores de Nova York, Full Force ⊗ **Dale Bozzio**, cantora do Missing Persons que já colaborou em discos de Frank Zappa, está inaugurando sua carreira solo com o LP *Riot in English*. O disco está sendo lançado pelo Paisley Park, o selo de Prince (que, aliás, compôs uma música para este disco) ⊗ Uma série de faixas inéditas de **Syd Barrett** será lançada num LP no final do ano. O disco, que se chamará *Rarities*, só está saindo agora por causa de demoradas disputas sobre direitos autorais ⊗ Já saiu o novo LP do grupo inglês **Wire**, intitulado *A Bell Is a Cup... Until It's Struck (Um Sino É uma Taça... até Ser Atingido)*. Fiquem ligados, pois a SBK Songs prometeu lançar o LP anterior deles, o *Ideal Copy*, aqui no Brasil ⊗ Chama-se *Provision* o novo LP do **Scritti Politti.** O disco conta com participação de Miles Davis.

Syd Barrett: raridades do grão-mestre do rock psicodélico

MOVIMENTAÇÃO DE ESTÚDIO


Os Heróis da Resistência acabam seu LP em Los Angeles

A maré continua baixa. Nos estúdios da 3M, **Kid Vinil** prepara mais um LP, enquanto, em Los Angeles, os **Heróis da Resistência** encerram as gravações do seu segundo vinil pela WEA. Do lado independente, a movimentação fica por conta da Cogumelo, de Belo Horizonte, que prepara o segundo LP do **Holocausto,** e da Devil Discos, de São Paulo, que coloca em estúdio o **Ness** — um dos grupos da coletânea *Não São Paulo*, da Baratos Afins — e o **Soviet American Republic** (ver BIZZ 28).

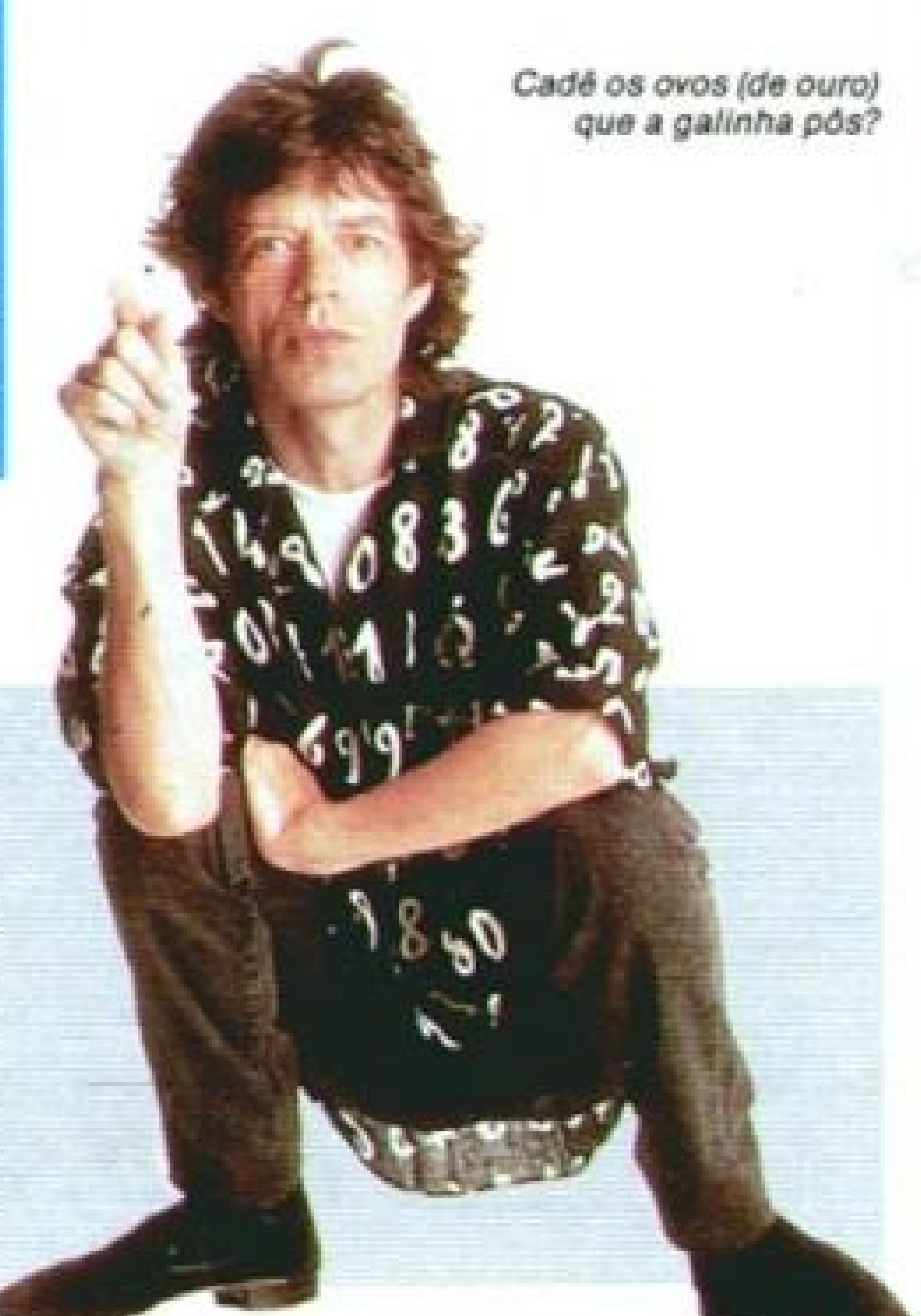
THE BLECH VEM AÍ

Blech: Greiner, Therofal e Volz

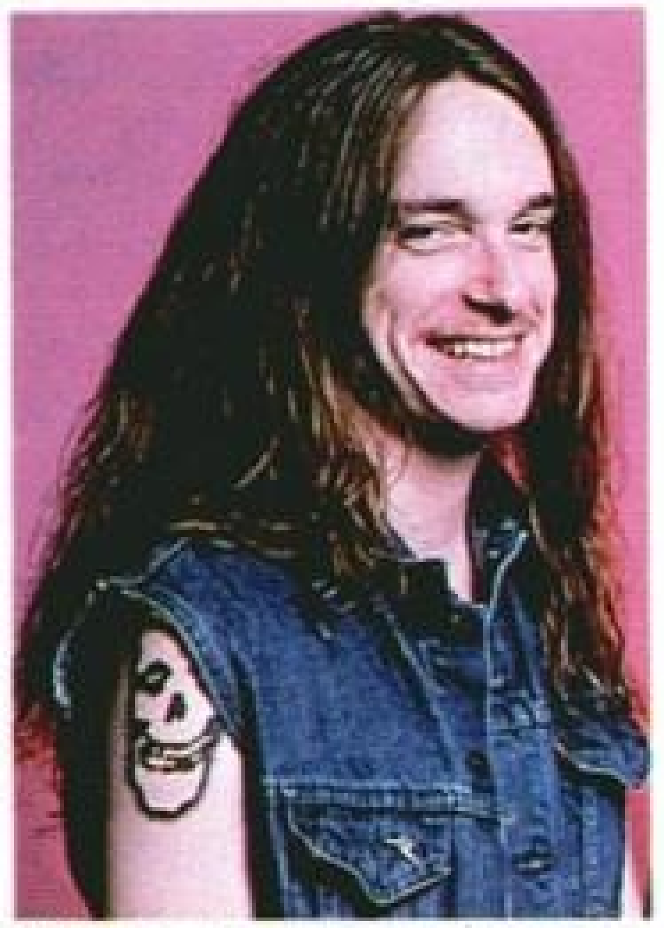
O grupo alemão **The Blech** *(The Lata)* estará no Brasil em agosto para uma série de apresentações. Curiosamente o grupo já teve até uma foto publicada na BIZZ (n.º 25), na matéria sobre o pop alemão. Vale lembrar o que o jornalista Stephan Lamby, de Hamburgo, escreveu sobre eles: "...Combinam ruídos de tapes, punk jazz e poesia dadaísta". O grupo reside em Munique, tem quatro LPs editados na Europa (dois na Alemanha, um duplo na Itália e outro, com o grupo inglês This Heat, na França) e é formado por **Hubl Greiner** (bateria, sampler, outros), **Rupert Volz** (vocais, trompete, sampler, outros) e **Therofal** (baixo, teclados). Tocaram em vários festivais de música de vanguarda, ao lado de bandas como Etron Fou Leloublan, Blurt, John Zorn, Material, Fred Frith e outros. Eles vêm ao Brasil a convite do Instituto Goethe, e até o fechamento desta edição só tínhamos confirmado local e data dos shows em São Paulo: 29 e 30 de agosto, no MASP. Eles chegam no início do mês no Rio de Janeiro, e depois seguem para Salvador, Brasília, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba e São Paulo.

CINZAS DE JAGGER PARA OVOS MOLES

Mick Jagger recusou a oferta de 20 milhões de dólares pela venda antecipada (é óbvio) de suas cinzas mortuárias. Elas seriam usadas em ampulheras especiais de três minutos para cozinhar ovos moles!!! A proposta partiu de uma agência austríaca que esperava vender mil ampulhetas por um milhão de dólares cada.


Cadê os ovos (de ouro) que a galinha pôs?

CURTAS E GROSSAS III



Cliff Burton: homenagem póstuma

Cliff 'Em All é o vídeo lançado pelo **Metallica** em homenagem ao baixista **Cliff Burton**, falecido em setembro de 86 num acidente de ônibus durante uma excursão na Suécia. O vídeo tem muita coisa gravada pelos próprios integrantes do grupo, durante ensaios, sessões de estúdio, e por isso mesmo não é lá essas coisas em termos de qualidade técnica. Mesmo assim, só nos EUA ele vendeu mais de 90 mil cópias ● **Bob Dylan** esteve num estúdio em Nova York compondo e gravando uma música com o **U2**. Fofoqueiros garantem que a canção entra como bônus no próximo LP duplo ao vivo do grupo irlandês ● **Patti Boyd** (que já foi mulher de George Harrison) se divorciou de **Eric Clapton**, depois de nove anos de casamento. Ela não gostou nada do envolvimento do guitarrista com a atriz de TV italiana **Lory Del Santo**, com quem Clapton teve um filho há pouco.

WHITNEY, A CAMPEÃ

Whitney Houston é a primeira pessoa na face da Terra a botar sete singles consecutivos no primeiro posto da *Billboard*. Ela superou a marca de seis singles (onde estava empatada com os Beatles e os Bee Gees) com o lançamento de "Where Do Broken Hearts Go". Esta é a quarta canção extraída do LP *Whitney* a conquistar a pole position, e assim ela também iguala o recorde de **Michael Jackson** (comentado na BIZZ 34), de quatro "n.º 1" de um mesmo LP.

Whitney Houston: entrando no Guiness Book of Records

NOVIDADES NO VINIL III

Clarke: apesar do Animal Logic, a carreira solo continua

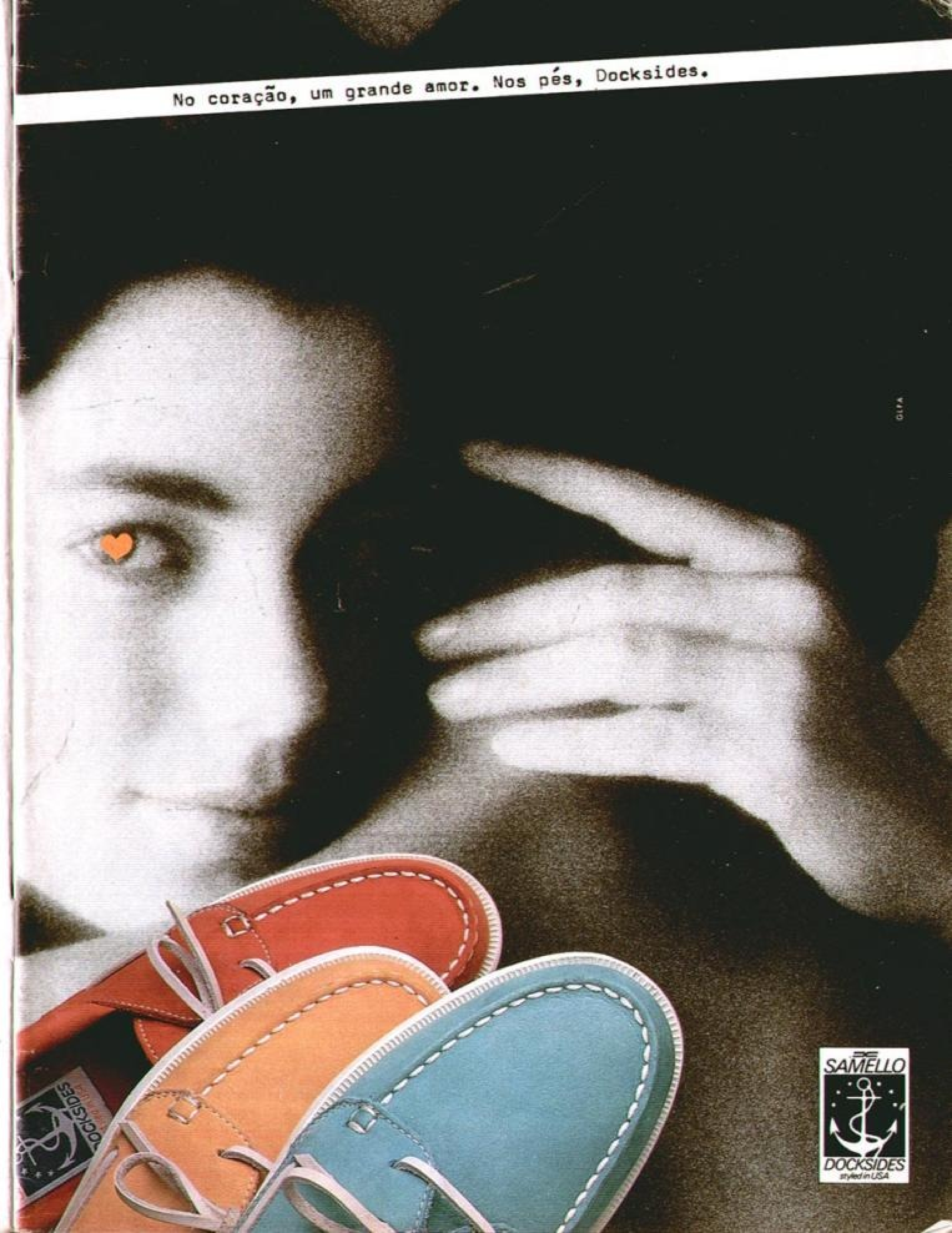
O primeiro LP de **Tom Petty** *sem* os Heartbreakers promete. Foi produzido por **Jeff Lynne** (que fez o *Cloud Nine*, de George Harrison), Petty e **Mike Campbell** (guitarrista dos Heartbreakers). Chama-se *Songs from the Garage* e tem participações de **George Harrison** e **Roy Orbison** ⊗ O **Deep Purple** lançou mais um LP duplo ao vivo. Chama-se *Nobody's Perfect*, e inclui uma faixa gravada em estúdio: "Hush", em nova versão (para quem não sabe, esse foi um dos primeiros sucessos da banda) ⊗ **Stanley Clarke** lançou *If This Bass Could Only Talk* e **Ornette Coleman**, o *Virgin Beauty*. Ambos os LPs estão no pacote de estréia do selo Portrait da CBS ⊗ Mais uma boa compilação no pedaço: *Best of Vol. 1 1/2 — The Lost Weekend*, com os primeiros sucessos do **Damned**, e coisas inéditas como a faixa "Over the Top", gravada pelo Motordamned (uma colaboração entre o Damned e o **Motorhead**!).

UM SÉCULO DE VIDA

Irving Berlin, um dos maiores compositores da história da música popular americana, completou 100 anos de idade no dia 6 de maio. Todo o showbiz dos EUA se mobilizou para comemorar seu aniversário. Muitos como **Frank Sinatra**, **Tony Bennett** e **Leonard Bernstein** interpretaram canções de Berlin na noite de gala realizada nessa data do Carnegie Hall (Nova York). Quase todos os jornais publicaram matérias a seu respeito. TVs exibiram filmes com canções suas e várias editoras prometeram biografias ainda para este ano. O aniversariante entretanto não participou dos festejos, sua saúde já não é mais aquela, e ele sempre foi um homem recluso. Na verdade, ele nasceu na Rússia (batizado Israel Baline) e emigrou jovem para Nova York. Trabalhou como porteiro em casas noturnas e hotéis e logo aprendeu a tocar piano. Seu talento como compositor despontou ainda nos tempos do ragtime. Sua versatilidade fez com que brilhasse em vários gêneros, da marcha ao twist, e sua obra totaliza 850 a 900 músicas, incluindo os *scores* de 19 musicais da Broadway e 18 filmes. Eis alguns de seus sucessos mais conhecidos: "White Christmas" (a canção mais vendida em toda a história da indústria fonográfica: 171 milhões de cópias, até junho de 87), "Cheek to Cheek", "Alexander's Ragtime Band", "Puttin' on the Ritz", "God Bless America", "There's No Business Like Show Business". Curiosidade: ele nunca soube escrever ou ler música, e até hoje usa músicos como secretários para escrever as partituras...

Cecil Beaton/Câmera Press

O russo-americano (?) Berlin, no começo da década de 30



NO RAP

Run DMC: vítima do racismo disfarçado?

Grupos de rap como **Run DMC** e **Public Enemy**, além de astros do reggae como **Bunny Wailer**, andaram enfrentando sérias dificuldades para marcar shows na Inglaterra, e muitos falam que é por racismo. Os programadores de muitas casas ou ginásios (como o Wembley Arena) alegam razões de segurança, pois temem a violência que explode na platéia, principalmente nos shows de rap. Na verdade essa impressão é falsa e provém das exageradas e mentirosas notícias divulgadas na imprensa sensacionalista. Levando-se em conta que o Run DMC é uma banda que vende milhões de discos, e que a violência é muito pior e constante quando praticada por torcedores ingleses brancos de futebol, fica evidente que por trás dos argumentos "preventivos" há um dissimulado "preto aqui não toca".

Depois de assinar o contrato com a WEA, o R.E.M. descansou carregando pedras

AGITANDO TODAS

Depois de seis anos com a gravadora I.R.S., o **R.E.M.** assinou contrato com a WEA, fixando o valor de 10 milhões de dólares por cinco LPs. Antes de entrar em estúdio para gravar o primeiro, seus integrantes se dispersaram em projetos paralelos. O cantor **Michael Stipe** andou produzindo bandas para o selo independente Texas Hotel e gravou uma música com o grupo The Indigo Girls para um disco que arrecadará fundos para a PETA (People for the Ethic Treatment of Animals), que luta pela melhoria do tratamento dos animais. O guitarrista **Peter Buck** excursionou com o inglês Robyn Hitchcock e produziu os LPs de Charlie Pickett, Run West Run (este co-produzido por Grant Hart, batera do Hüsker Dü), The Primates e The Ladidas. O baterista **Bill Berry** lançou seu primeiro single solo ("Things I'd Like to Say") pelo selo Dog Gone Records e o baixista **Mike Mills** está tocando bateria (!) na banda The New Invincibles. Por enquanto, são todos (as bandas citadas) ilustres desconhecidos...

IRS/Divulgação

A VOLTA DO SWEET

Uma das bandas mais populares do *glitter* rock da década de 70 está de volta! É o **Sweet** (lembram de "Poppa Joe", "Ballroom Blitz", "Little Willy" ou "Wig Wam Bam"?), que volta com dois integrantes originais: o cantor **Brian Connoly** e o baixista **Steve Priest.** Eles agregaram o guitarrista **Neil Hayward** e ainda não anunciaram o nome do baterista. Em breve sai o LP.

Da formação original ficaram o louro Brian e o baixo de Steve

OFRA HAZA PASSOU POR AQUI

Ofra em SP: folclore demais e arrasta pé de menos

A cantora israelense **Ofra Haza** esteve no Brasil para apenas um show no clube Hebraica, em São Paulo. Ela passaria despercebida por quem não é da colônia hebraica (ela é uma das cantoras mais populares de Israel, onde tem 20 LPs editados), se não fossem as entusiasmadas matérias publicadas sobre ela recentemente na *NME* e *Melody Maker*, e se não fosse o sucesso do seu novo single na Inglaterra, "I'm Nin 'Alu" (que esteve no 38.º posto da parada local). Na verdade, o que acabou chamando a atenção do mundo pop ocidental para Ofra Haza, foi o single "Paid in Full" de Eric B & Rakim, que contém longos trechos com sua voz sampleada. A partir daí, seu canto começou a ser conhecido nas melhores pistas de dança da Europa, e a crítica passou a se interessar pelo próprio trabalho da cantora, que é extremamente versátil e não se limita à interpretação de canções folclóricas. De fato, não há quem resista à combinação exótica e dançante da sua voz com ágeis melodias e ritmos orientais. O show dela em São Paulo fez parte das comemorações dos 40 anos do Estado de Israel. Acompanhada pela Shalom Band (grupo brasileiro), ela acabou fazendo um espetáculo morno, apenas com sucessos folclóricos e coisas como "Besame Mucho". Ela fica devendo uma volta para mostrar sua faceta "moderna"...

Rui Mendes/ Azul

Quatro coiotes na briga pelas primeiras posições...

Parada do Leitor (LPs)

1	(1)	*Que País É Este — 1978/1987* — **Legião Urbana** (EMI-Odeon)
2	(2)	*Jesus Não Tem Dentes no País dos Banguelas* — **Titãs** (WEA)
3	(15)	*RPM* — **RPM** (CBS)
4	(4)	*The Joshua Tree* — **U2** (WEA)
	(N)	*Strangeways, Here We Come* — **Smiths** (WEA)
6	(7)	*Independência* — **Capital Inicial** (PolyGram)
	(13)	*Solitude Standing* — **Suzanne Vega** (PolyGram)
8	(R)	*October* — **U2** (WEA)
	(R)	*Actually* — **Pet Shop Boys** (EMI-Odeon)
10	(7)	*Darklands* — **Jesus & Mary Chain** (WEA)
	(R)	*Tomate* — **Kid Abelha** (WEA)
12	(5)	*...Nothing Like the Sun* — **Sting** (PolyGram)
	(5)	*Music for the Masses* — **Depeche Mode** (RCA)
14	(11)	*Virgem* — **Marina** (PolyGram)
	(N)	*Kick* — **INXS** (PolyGram)

Convenções

( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada
(R) indica retorno à parada

Leitor! Sua participação é importante na Parada BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 60081, CEP 05096, dizendo quais os discos que você comprou neste mês. Acrescente seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo.

LPs (EUA)

1	(1)	*Dirty Dancing* — **Trilha Sonora** — **Vários** (RCA)
2	(3)	*Faith* — **George Michael** (Columbia)
3	(7)	*More Dirty Dancing* — **Trilha Sonora** — **Vários** (RCA)
4	(8)	*Introducing...* — **Terence Trent D'Arby** (CBS)
5	(2)	*Bad* — **Michael Jackson** (Epic)
6	(4)	*Kick* — **INXS** (Atlantic)
7	(6)	*Now and Zen* — **Robert Plant** (EsParanza)
8	(N)	*Appetite for Destruction* — **Guns & Roses** (Geffen)
9	(N)	*Let It Loose* — **Gloria Estefan & M.S.M.** (Epic)
10	(N)	*Naked* — **Talking Heads** (Sire)

Compactos (EUA)

1	(N)	"Anything for You" — **Gloria Esfefan & M.S.M.** (Epic)
2	(5)	"Wishing Well" — **Terence Trent D'Arby** (Columbia)
3	(N)	"One More Try" — **George Michael** (Columbia)
4	(N)	"Shattered Dreams" — **Johnny Hates Jazz** (Virgin)
5	(N)	"Naughty Girls (Need Love Too)" — **Samantha Fox** (Jive)
6	(10)	"Angel" — **Aerosmith** (Geffen)
7	(N)	"Pink Cadillac" — **Natalie Cole** (EMI-Manhattan)
8	(N)	"Always on My Mind" — **Pet Shop Boys** (EMI-Manhattan)
9	(4)	"Where Do Broken Hearts Go" — **Whitney Houston** (Arista)
10	(N)	"I Don't Want to Live..." — **Foreigner** (Atlantic)

LPs (GB)

1	(R)	*Tango in the Night* — **Fleetwood Mac** (Warner Bros.)
2	(N)	*The Innocents* — **Erasure** (Mute)
3	(N)	*Dirty Dancing* — **Trilha Sonora** — **Vários** (RCA)
4	(N)	*Stronger than Pride* — **Sade** (Epic)
5	(N)	*Stay on These Roads* — **A-ha** (Warner Bros.)
6	(2)	*The Best of OMD* — **OMD** (Virgin)
7	(N)	*Seventh Son of a Seventh Son* — **Iron Maiden** (EMI)
8	(N)	*More Dirty Dancing* — **Trilha Sonora** — **Vários** (RCA)
9	(N)	*Hip Hop and Rapping in the House* — **Vários** (Stylus)
10	(N)	*Lovesexy* — **Prince** (Paisley Park)

Compactos (GB)

1	(N)	"Perfect" — **Fairground Attraction** (RCA)
2	(N)	"Theme from S. Express" — **S. Express** (Rhythm King)
3	(N)	"Blue Monday (Remix 88)" — **New Order** (Factory)
4	(N)	"She's Leaving Home" — **Billy Bragg** (Go! Discs)
5	(N)	"Mary's Prayer" — **Danny Wilson** (Virgin)
6	(N)	"Loadsamoney" — **Harry Enfield** (Mercury)
7	(N)	"Alphabet ST" — **Prince** (Paisley Park)
8	(N)	"Who's Leaving Who" — **Hazell Dean** (PWL)
9	(N)	"I Want You Back" — **Bananarama** (London)
10	(N)	"Pink Cadillac" — **Natalie Cole** (Manhattan)

LPs Independentes (GB)

1	(N)	*Life's too Good* — **Sugarcubes** (One Little Indian)
2	(1)	*Surfer Rosa* — **Pixies** (4AD)
3	(N)	*Hairway to Steven* — **Butthole Surfers** (Blast First)
4	(N)	*The Innocents* — **Erasure** (Mute)
5	(N)	*Somebody Up There...* — **Brilliant Corners** (McQueen)
6	(3)	*George Best* — **Wedding Present** (Reception)
7	(2)	*House Tornado* — **Throwing Muses** (4AD)
8	(9)	*Tackhead Tape Time* — **Tackhead** (Network)
9	(N)	*Let's Play Domination* — **World Dom. Ent.** (Product Inc.)
10	(N)	*Dickcheese* — **Hard-Ons** (Vinyl Solution)

Compactos Independentes (GB)

1	(7)	"Theme from S. Express" — **S. Express** (Rhythm King)
2	(N)	"Cat House" — **Danielle Dax** (Rhythm King)
3	(5)	"Deus" — **Sugarcubes** (One Little Indian)
4	(N)	"Blue Monday (Remix 88)" — **New Order** (Factory)
5	(N)	"Collision" — **Loop** (Chapter 22)
6	(N)	"Baby Milk Smatcher" — **AR Kane** (Rough Trade)
7	(6)	"Shame on You" — **Darling Buds** (Native)
8	(N)	"Christine" — **House of Love** (Creation)
9	(N)	"Is This the Life" — **Cardiacs** (Alphabet)
10	(1)	"Shimmer" — **Flatmates** (Subway)

Fonte: Cash Box e Billboard (EUA), New Musical Express e Melody Maker (GB), de 7 a 28/05/88. Para a Parada do Leitor, foram consideradas as cartas recebidas até 31/05/88.

Alguma dúvida sobre o que fazer com o seu dinheiro a curto prazo?

Chegou a Conta Azul Remunerada da Caixa.

Conta Azul Remunerada.

Agora, ao invés do seu dinheiro ficar parado, perdendo minuto a minuto, ele vai render. Diariamente.

E já a partir do dia da aplicação.

Você não tem prazo definido para sacar ou depositar.

É quando você resolver. No caso de retiradas, é só avisar 24 horas antes.

E a movimentação pode ser feita pessoalmente ou até por telefone, se preferir.

Você deve estar achando que a Conta Azul Remunerada é muito parecida com as outras que estão no mercado.

Mas só ela tem uma coisa que nenhuma outra tem: a segurança da Caixa Econômica Federal.

E segurança é o que uma mulher de decisão nunca pode deixar de ter.

Não é?

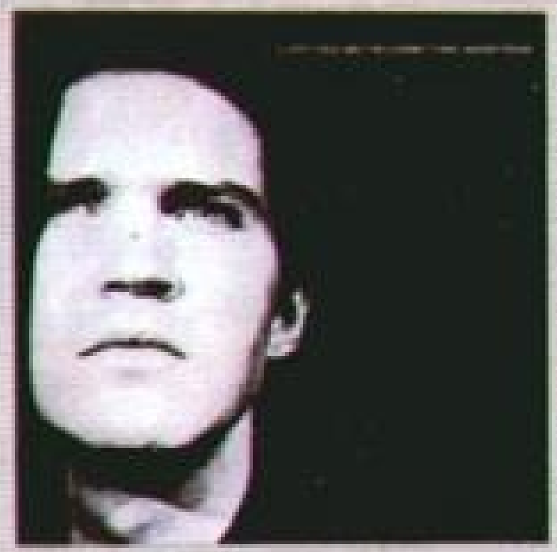
Sem dúvida, com toda segurança.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

UNKNOWN PLEASURES — Joy Division (Stiletto/Eldorado)

Um sismógrafo capta uma estrela cadente. Suas vibrações são estampadas em branco sobre o preto, como um estilhaço de eletroencefalograma. Prazeres ignorados, desconhecidos — um enigma dentro de um enigma dentro de outro enigma. Isso em 79, quando este monolito foi originalmente lançado e as aspirações coletivistas do punk tropeçaram diante do auto-exorcismo de *uma* alma. Nove anos depois, o monolito já é monumento — todas as faces ocultas por trás de um som sem rosto já expostas, dissecadas e banalizadas pelos abutres do óbvio. O monolito permanece intacto, sem ordem de entrada: há o lado "fora", há o lado "dentro". Interpretações psicologizantes não cabem em nenhum dos dois. Pesado e desacelerado, o som seria quase *normal* em sua geometria sem arestas não houvesse uma obsessão pelo detalhe. Alfinetadas de eletrônica, planos de mixagem invertidos e, por trás de uma porta entreaberta, a voz grave desfiando rosários de solilóquios, missas, elegias, litanias, e o confronto que importa. O pecado supremo é ser raso de espírito, Oscar Wilde repete e reitera em *De Profundis*. Se fosse possível, apenas, apagar do mapa todos os diluidores e imitadores, ainda que inconscientes ou bem-intencionados... O tempo que os carregue para o silêncio que fala mais alto.

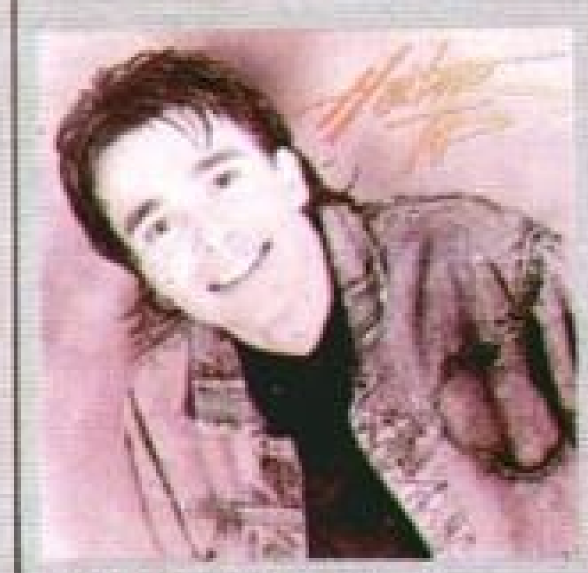
José Augusto Lemos



MAINSTREAM — Lloyd Cole & the Commotions (PolyGram).

Nesta terceira tentativa de alcançar a perfeição, Lloyd Cole e suas Comoções chamaram um produtor-ourives, Ian Stanley, o teclado do Tears For Fears. Foi preciso um ano de gestação nos consoles de mixagem para que *Mainstream* viesse à luz. Sob este título contraditório (a palavra é usada para designar o rock "corrente", de fácil assimilação comercial), escondem-se pelo menos cinco autênticas gemas preciosas: "My Bag", a faixa-título, "Big Snake" (com as participações do trompetista Jon Hassell e da cantora Tracey Thorn), "Hey Rusty" e "These Days". A receita é aparentemente simples: teclados privilegiados com uso discreto de seqüenciadores, guitarras rebuscadas, arranjos despojados e letras inteligentes, todas qualidades dificilmente encontradas no atual *mainstream*. Longa vida aos idealistas eficientes.

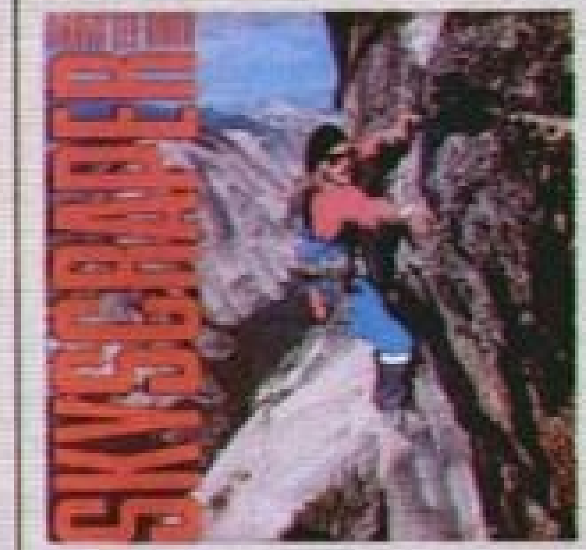
J.Y.N.



HEITOR TP (EMI-Odeon)

"Se você ficar só no estúdio, você fica preso a certas fórmulas e acaba por repeti-las instintivamente." São palavras do próprio Heitor, que definem de forma exemplar este que é seu primeiro LP. Quando canta, Heitor reprisa o prosaísmo de Biafra, Marcelo, Vinícius Cantuária e outros "luminares" da MPB. Menos ruim como instrumentista, emula vários estilistas da escola "fusion", especialmente Lee Ritenour. Com sorte, pode azarar a novela das oito...

A.G.C.D.



SKYSCRAPER — David Lee Roth (WEA)

Neste seu novo LP (o primeiro em que também assume a função de produtor), o *mega-blonde-star* talvez não decepcione os seus fãs, mas certamente não conquistará novos admiradores. Embora contando com os solos contorcionistas da guitarra de Steve Vai e as manobras vocais de David, *Skyscraper* demonstra um desgaste causado por arranjos exacerbados e chavões do heavy metal. Uma pena, pois suas qualidades como cantor seriam capazes de criar algo muito mais original.

F.N.

DIANE SCHURR & THE COUNT BASIE ORCHESTRA (CBS)

Não é mole ser considerada a sucessora de Sarah Vaughn e Ella Fitzgerald. Apesar desta carga, Diane segura tudo na maior categoria. Neste disco ao vivo, ela mostra sua exuberante voz em momentos como "Travelin' Blues", de Brubeck, sobre o bode da vida *on the road*, no gospel "Climbing Higher Mountains", de Aretha Franklin, ou ainda no competente *scat singing* de "You Can Have". Muita robustez e swing.

J.E.M.

BUSTER POINDEXTER (RCA)

Há quatro anos, quando David Johansen lançou seu último LP, *Sweet Revenge* (co-produzido por ele e o tecladista Joe Delia), seu *alter ego*, Buster Poindexter, já se apresentava nos palcos nova-iorquinos em espetáculos que misturavam números musicais e *sketches* de humor. Nesta sua "estréia" em vinil, Buster — acompanhado pelos Banshees of Blue (com direção musical e teclados do mesmo Delia) e um naipe de metais (The Uptown Horns) — desfila um bom repertório, composto quase integralmente por standards de jazz e R&B, além das versões de "House of the Rising Sun" e "Oh Me Oh My (I'm a Fool for You Baby)".

C.P.

WOODEN FOOT COPS ON THE HIGHWAY — The Woodentops (WEA)

Este é o terceiro lançamento dos Woodentops no Brasil, tão bom quanto os anteriores, que não colaram no gosto médio dos consumidores de FM, embora também fossem deliciosamente dançantes. Woodentops é uma banda com som próprio, liderada por Rolo McGinty, um mago do sincretismo pop, que mistura de maneira perfeita folk, funk, soul, hard, psicodelismo, rockabilly, céu e inferno numa mesma melodia. Marc Bolan é a influência mais nítida entre uma profusão de lembranças que incluem até Kinks. Este LP é o segundo de sua carreira e alcançou os primeiros lugares na parada independente britânica, soando mais agressivo do que nunca. Canções como "Stop This Car", "Maybe It Won't Last" e "They Can Say What They Want" o tornam obrigatório. Um dos discos do ano.

M.P.

MÁRIO REIS (EMI-Odeon)

Mário Reis vivia trocando a música por "excelentes cargos", sem assumi-la como profissão. Tinha aversão a entrevistas, fotos, aparições públicas, gostava mesmo de cantar em festinhas, para os amigos. Com todo esse descompromisso, ele ensinou ao país um outro jeito de cantar o samba, tão adequado que acabou revolucionando a MPB e influenciando de Noel Rosa a Chico Buarque, passando por João Gilberto. Ele quase falava no canto, caprichava na pronúncia das sílabas em função das letras. Usava a voz para acompanhar o balanço e privilegiar o ritmo, em contraste com os modos operísticos, tão populares no começo do século. Ele gravou pouco, daí a importância deste LP. Ele reúne gravações dos dois últimos LPs gravados pela Odeon (em 60 e 71) no lado A, e alguns dos grandes sucessos da dupla Mário/Chico Alves, gravados de 28 a 32 — e por isso mesmo de qualidade técnica restrita. Uma coleção de clássicos.

T.P.

I'M THE MAN — Anthrax (WEA)

Nas ruas e becos das grandes cidades americanas existe toda uma geração de descendentes de imigrantes que são tidos como turmas de bagunceiros, gozadores e mal-educados. Deste pessoal se originou o Anthrax, quinteto nova-iorquino formado por Scott Not Ian e Dan Lilker em 81, e que ainda estava inédito por aqui. Neste míni-LP está a versão deles para "Sabbath Bloody Sabbath", do Black Sabbath. Também temos o lado mais *speed* da banda nas versões ao vivo de "I'm the Law" e "Caught in a Mosh". Já o lado debochado está nas três versões do censuradíssimo hit "I'm the Man", recriação *hip hop heavy* da canção judaica "Havah Nagila". E que venham outras atrocidades do Anthrax.

L.R.

WITHOUT MERCY — The Durutti Column (Stiletto/Eldorado)

O invólucro, com uma reprodução de uma tela do pintor expressionista francês Henri Matisse, já prenunciava o conteúdo: música etérea, o sentimento predominando sobre a razão. Uma única suíte, em dois lados e vários movimentos. O duo Reilly/Mitchell — que no mesmo ano de 1984 havia gravado *Amigos em Portugal*, nas plagas lusitanas — decidira ampliar sua concepção sonora. Foram agregados metais e instrumentos clássicos. Então, se vislumbraram novas paisagens musicais: a partir de um tema desenvolvido pela guitarra e/ou piano de Reilly, os sopros e as cordas pincelavam pequenos detalhes na melodia que — embasada pelas intervenções percussivas de Mitchell — adquiria proporções arrebatadoras. Grande parte deste encanto provinha das progressões surpreendentes, catalisadas por Rilley, que atingiam o ápice no irromper de um batuque (congas, ritmos eletrônicos) entremeado de riffs em *stacatto* dos metais (sucedidos pelos das cordas)... Quem ousar rotular este caleidoscópio como *new age* estará cometendo um pecado sem perdão.

C.P.

MANOEUVRES — Greg Lake (CBS)

Uma coisa perigosa no mundo do rock é quando um músico de conjunto parte para carreira solo. No caso do Greg Lake (ex-King Crimson, ELP), seus dois LPs solos parecem verdadeiros balaios de gato. Neste segundo (lançado aqui com cinco anos de atraso), ele misturou baladas com heavy metal e uma ou outra faixa no estilo ELP. Ora, esse tipo de ecletismo é falso, porque o resultado acaba virando uma salada sem tempero. Bananas para a CBS, que não colocou o encarte no disco.

V.M.

NOW AND ZEN — Robert Plant (WEA)

É até discutível a paternidade de *Now and Zen*: seria um filhote inesperadamente robusto de Robert Plant, o ex-Zep que gastara a última década renegando seu antigo grupo e agora opta por desfrutar as regalias de seu passado glorioso? Ou seria o resultado da labuta do tecladista inglês Phil Johnstone, um *zeppelinmaníaco* com um faro aguçado para refrões ganchudos, descoberto por Plant via demo caseira? Digamos que este álbum tenha um pouco de cada. O vagido nórdico de Plant pode ter sido aposentado há tempos, mas ele ainda canta com a mesma classe que inspirou sucessivas gerações de vocalistas de rock — vide "Heaven Knows" (que tem como brinde de especial Jimmy Page distribuindo alguns de seus riffs), "Ship of Fools" e "Tall Cool One" (esta última com trechos sampleados de clássicos do Zep, como "Whole Lotta Love", "Black Dog" e "The Ocean"). A produção de Johnstone, por sua vez, soube misturar bem o visionarismo dos anos 60 e a precisão *high tech* dos dias de hoje, conseguindo uma sonoridade que transportou o veterano Robert para os anos 80.

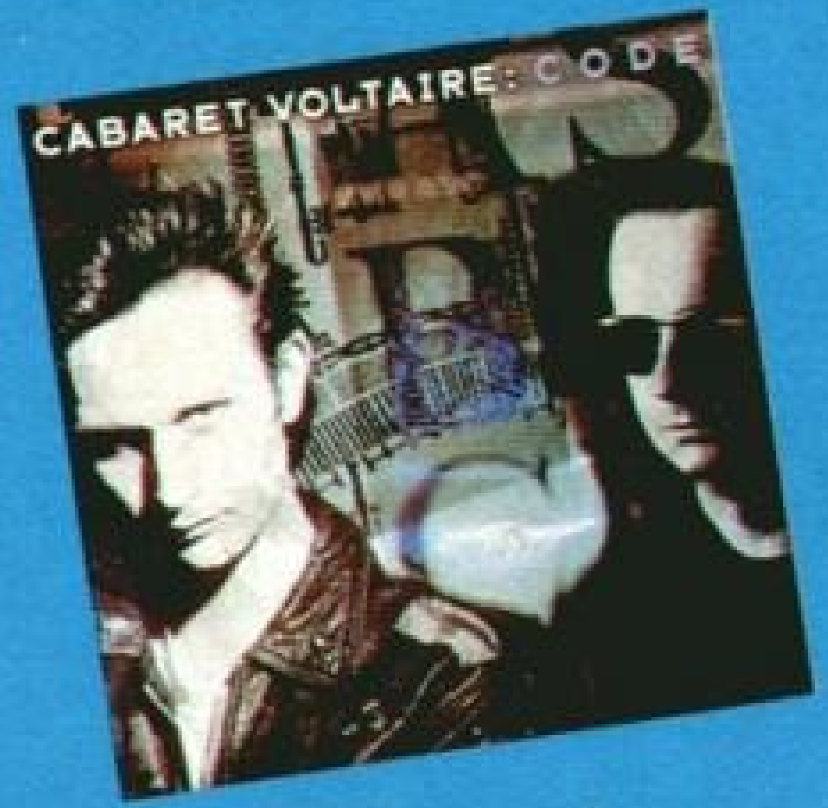
J.E.R.

IDEOLOGIA — Cazuza (PolyGram)

Você já se perguntou que cara pode ter a morte? Cazuza afirma que a viu, "e ela estava viva", acrescenta em "Boas Novas"; uma visão que interrompeu por três meses a gravação deste LP. Pelo resultado, parece que o susto foi grande. Armado de sua caneta — cada vez mais ferina e lúcida — e de sua voz quente, ele endereça um manifesto de desencanto à nação, "grande pátria desimportante".

O lado A, mais duro e francamente rock, é um acerto de contas político, retrato de uma geração apavorada pela Aids ("Ideologia") e que não se reconhece na realidade política do país ("Brasil"). O lado B, mais intimista, traz denúncias e interrogações sobre os comportamentos gerados por essa realidade: predomina o *beat-samba-blues*, marca registrada desde os tempos do Barão, com exceção de "Faz Parte do Meu Show", "bossa velha" em homenagem a João Gilberto. Apesar da produção apenas regular, é o desempenho de nosso *Exagerado* que pesa mais na balança.

Jean-Yves de Neufville



CODE — Cabaret Voltaire (EMI-Odeon)

Na extensa discografia deste duo (ex-trio) experimentalista de Sheffield este *Code* soa meio deslocado. Na verdade, a EMI-Odeon não tinha escolha: é o primeiro e (ainda) único trabalho do grupo depois da última mudança de gravadora. A ênfase, agora, é na tecnologia de ponta. Nada dos velhos *loops* de fita gravada e teclados em curto-circuito: só sons gerados em computador. Esta música dançante, que a princípio soa fria, revela-se a cada audição: é um trabalho detalhista de Richard Kirk, com magníficos programas de bateria e amostragens de sampler no arcabouço melódico — órgãos, harmônicas, guitarras, vozes radiofônicas. Até a especialíssima participação do guitarrista Bill Nelson, em cinco das nove faixas, se reduz a essa lógica fragmentária. Mas faz falta o baixo pesado e impreciso de Stephen Mallinder — que agora só canta — nas músicas de texturas mais quentes, exatamente as que têm o baixo de Mark Brydon e o sax de Simeon Lister. Para acompanhar a audição, uma leitura: a grande matéria sobre o grupo publicada na BIZZ 27. E o pedido para que a Stilleto/Eldorado e a RCA lancem, respectivamente, *Red Mecca* (81) ou *Hai!* (82) e *The Crackdown* (83) ou *The Arm of the Lord* (85). Nossos ouvidos entupidos merecem.

Alex Antunes

MARIA — Maria Bethânia (CBS)

Para começar, a belíssima "Ofá", com a participação do Lady Smith Black Mambazo (com Paul Simon em *Graceland*). O resto é Bethânia segura, madura, traçando a ponte revolução ("Carcará"), romantismo deslavado e agora uma fértil aliança com a África e com a simplicidade. É um canto de voz e poesia (onde o mano Caetano comparece com freqüência, como em "Tá Combinado", com "mas se o amor pra nos chegar/de nós, de algum lugar/com todo seu tenebroso esplendor?") e onde Bethânia ressuscita as magníficas "Eu Sou a Outra" e "Bandeira Branca". O encarte é bonito, informativo e preciso. *J.E.M.*

CONTAGIOUS — Y&T (WEA)

Este é o segundo LP do Yesterday & Today a sair por aqui — o primeiro foi o *Live*, lançado pela CBS — e traz o novo baterista Jimmy De Grasso. A grande força do grupo continua a ser a guitarra e a voz de Dave Menketti, com o importante apoio do guitarrista Joey Alves e do baixista Phil Kennemore. Mas neste LP não temos nada de novo: riffs manjados e a "tradicional" faixa instrumental. Tudo num clima nada contagiante.

L.R.

INTERSTELLAR SUITE — Amin Bhatia/ XCEPT ONE — Michael Hoenig/HUMAN INTERFACE — Patrick Moraz/SEEN ONE EARTH — Pete Bardens (Cinema/EMI-Odeon)

As primeiras reações contra essa música insossa que anda rolando por aí sob o pretensioso rótulo de *new age* já começam a surgir. Uma delas foi a criação, por dois norte-americanos, do selo Cinema. De saída, eles lançaram quatro LPs: o primeiro é do inglês Amin Bhatia, que reside no Canadá. Autor de trilhas sonoras, ele produz climas densos que lembram o Larry Synergy Fast. Não ao acaso, os arremates bombásticos de eletrônica sugerem um movimentado filme de ficção. Pete Bardens e Patrick Moraz dispensam maiores apresentações. O disco de Bardens, no pacote, é o mais fraco, recheado de clichês do progressivo tradicional. Mas, é bem superior a seus últimos trabalhos no Camel. Moraz (ex-Yes, atual Moody Blues), competente como sempre, fez uma obra equilibrada, como os sintetizadores bem distribuídos. Hoenig, além de ter outro LP (lançado no Brasil), já tocou com o Tangerine Dream, somente em shows.

V.M.

SUN - THE ROOTS OF ROCK VOL. 8 — Billy Lee Riley/Warren Smith/Sonny Burgess (Brasidisc)

Muitos dos artistas lançados pela lendária gravadora Sun ficaram desconhecidos, como os três registrados nesta coletânea (do período 1956/59). Billy Lee Riley era um músico de estúdio que quase fez sucesso como cantor — aveludado em baladas, ensandecido em R&B. Warren Smith era o mais caipira do trio e o que se saía melhor com rockabilly. Já Sonny Burgess rondava o R&B em composições próprias e covers de Willie Dixon e Arthur Cudrup.

M.P.

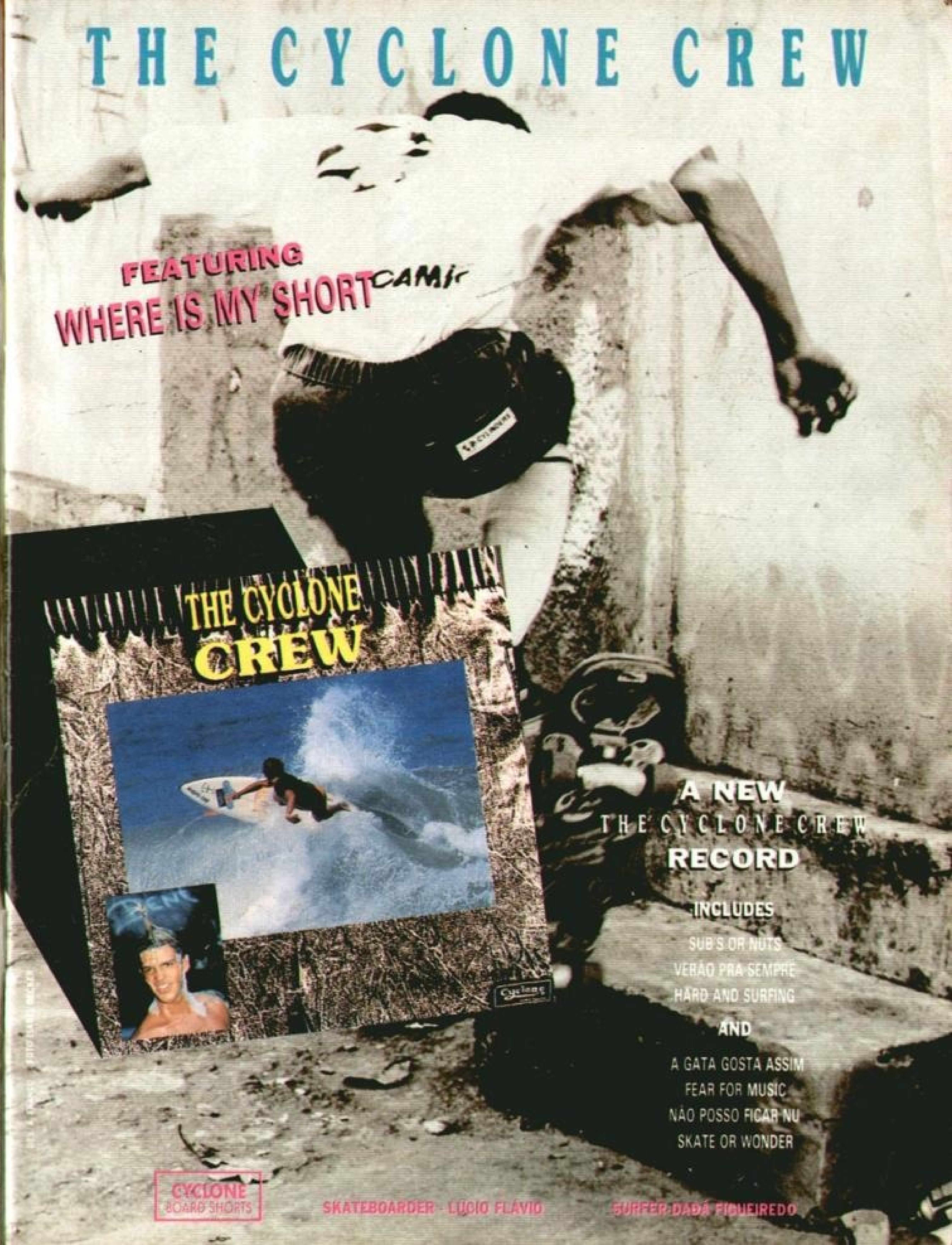
DAGDAD — André Geraissati (WEA)

A criatividade e a virtuose do violonista André Geraissati — que no ano passado nos presenteou com o álbum duplo instrumental *Solo* — agora retorna de forma mais concisa neste LP. O nome do disco advém da cifragem das seis cordas do violão na afinação incomum — um recurso no qual André é mestre — que ele usa na faixa de abertura, "Vento". Em *Dagdad*, o violão é a ferramenta com a qual o artesão André tece finas tramas musicais, onde o simples não é sinônimo de simplório. A emoção não é inimiga da técnica, insinua André quando dedica "Luz e Sombra" a Hendrix e Pastorius. *C.P.*

BLUES FOR SALVADOR — Carlos Santana (CBS)

Nada de novo no front do guitarrista Santana, o homem que temperou o rock com a *salerosidad* latina. Tanto que este LP traz algumas composições anteriormente gravadas por ele, agora recobertas por uma produção um tanto quanto *over*, que quase transforma algumas faixas em muzak de causar inveja aos adeptos do gênero e tristeza para seus fãs. Sua guitarra marcante luta muito para fugir dos teclados; quando, sozinha, soaria muito melhor.

T.L.



DJANGO & SWING IT LIGHTLY — Django Reinhardt/KING OF THE DELTA BLUES SINGERS VOLUMES 1 & 2 — Robert Johnson (CBS)

Companheiro inseparável de Django, o violinista francês Stephane Grapelli uma vez assim definiu seu som: "Não tem eletricidade. Só tem gás". O poeta Jean Cocteau disse que sua alma era ambulante e santa. Ele se referia à alma de uma cigano, iletrado, que em seus 42 anos de vida foi o primeiro europeu a realmente influenciar seus colegas americanos (aqui, um influenciado foi o Baden Powell jovem e, na França, Philip Catherine é tido como seu herdeiro). Num repertório de 20 músicas (não há na capa menção às formações das bandas ou datas de gravação), ele mostra sua virtuose e senso de humor na esfogueada "Tiger Rag", transforma "Aquarela do Brasil" numa coisa swingadíssima, uma leitura magistralmente atual, e passa um clima de verdadeira mágica em "September Song". É um álbum absolutamente imperdível, assim como é imperdível o trabalho do cantor de blues Robert Johnson, outro que iria influenciar gerações. O country blues de Johnson (estilo que usa em acompanhamento quase que exclusivamente um violão, e eventualmente *kazoos* e *washboards)* pode ser apreciado em versões mais recentes, como as de "Love in Vain", dos Stones, ou na magnífica "Crossroads" de Ry Cooder. Bebão e problemático, ele cantava basicamente blues primitivos sobre mulheres. E, apesar destas versões modernas, é necessário beber aqui, na fonte, nas águas barrentas do Mississippi.

José Eduardo Mendonça

ATLANTIC JAZZ (SINGERS, POST BOP, SOUL, THE AVANT-GARDE, INTROSPECTION — Vários (Atlantic/WEA)

Nada didáticos e muito menos enciclopédicos foram os critérios escolhidos para montar esta coleção. Ora trata-se de um instrumento *(Piano, Singers)*, ora de um gênero que acreditávamos relacionado com o pop negro *(Soul)*, ora de um rótulo dos mais abstratos *(The Avant-Garde)*, ora de um estado de espírito *(Introspection)*. Só resta esquecer a teoria e empreender um garimpo mais pragmático, começando pelo volume *Singers*, de todos o mais rico em jóias históricas: Ray Charles, Joe Turner,. Betty Carter e Ruth Brown, entre outros, mostram que as diferenças entre blues, R&B e jazz depende apenas do tipo de formação que está atrás deles, ou mesmo do andamento da música. O *Post Bop* apresenta os músicos que começaram a ter vida própria a partir da morte de Charlie "Bird" Parker, no início de 55. O ponto alto do volume *Soul* é "How Long Blues", onde o sax de Ray Charles duela com o vibrafone de Milt Jackson. O álbum *The Avant-Garde* é o mais espetacular: Charlie Mingus, Ornette Coleman, John Coltrane e outros reservam emoções fortes ao ouvinte com suas experimentações ousadas; o free jazz está perto. Por fim, *Introspection* mostra a explosão do *fusion*, no final dos anos 60, com nomes como Keith Jarrett, Joe Zawinul e Herbie Hancock.

J.Y.N.

PLEASE TO MEET ME — The Replacements (WEA)

Minneapolis não se resume no *curto-circuito-in* domado por Prince nem nos choques distribuídos pelo Hüsker Dü. Entre as matrizes primordiais do rock'n'roll e as quebradas chapadas do punk, o Replacements ocupa um descolado atalho. Esta linha de fuga, encharcada de *punch* e eventuais dilacerações, constitui-se na sonoridade apresentada por este corrosivo grupo, que com um ano de atraso tem seu oitavo LP lançado no Brasil. Defasagens à parte, *Pleased to Meet Me*, assim como sugere o título, é uma excelente apresentação do grupo. Entre suas onze faixas, não há nenhuma que possa ser considerada aquém do sublime desbunde. Assim, revisitando as raízes do rock, penetrando no cerne das *garage bands*, estilizando harmonias do country e até mesmo revisitando as idiossincrasias legadas por Alex Chilton (há até uma faixa em sua homenagem), os Replacements recriam, em ambiências de *trash-punk*, as vibrações mais sinceras e explosivas do tecido pop.

F.N.

POSSESSED BY FIRE/RISING FROM THE SEA — Exumer (Woodstock)

A Alemanha é um país recheado de grupos de todas as áreas do heavy metal. O Exumer veio das garagens e porões de Frankfurt e devido a sua recente passagem por São Paulo são lançados aqui seus dois LPs. O primeiro *(Possessed...)* tem como vocalista o baixista Mem von Stein e o segundo *(Rising...)* tem Paul Arakaki, também baixista, que deu nova dimensão a um grupo que faz da porrada rápida e nítida seu forte, mas também consegue seus momentos melódicos. A idade média do quarteto é 20 anos e o som deles é indicado somente para cabeças e ouvidos mais fortes.

L.R.

STARFISH — The Church (RCA)

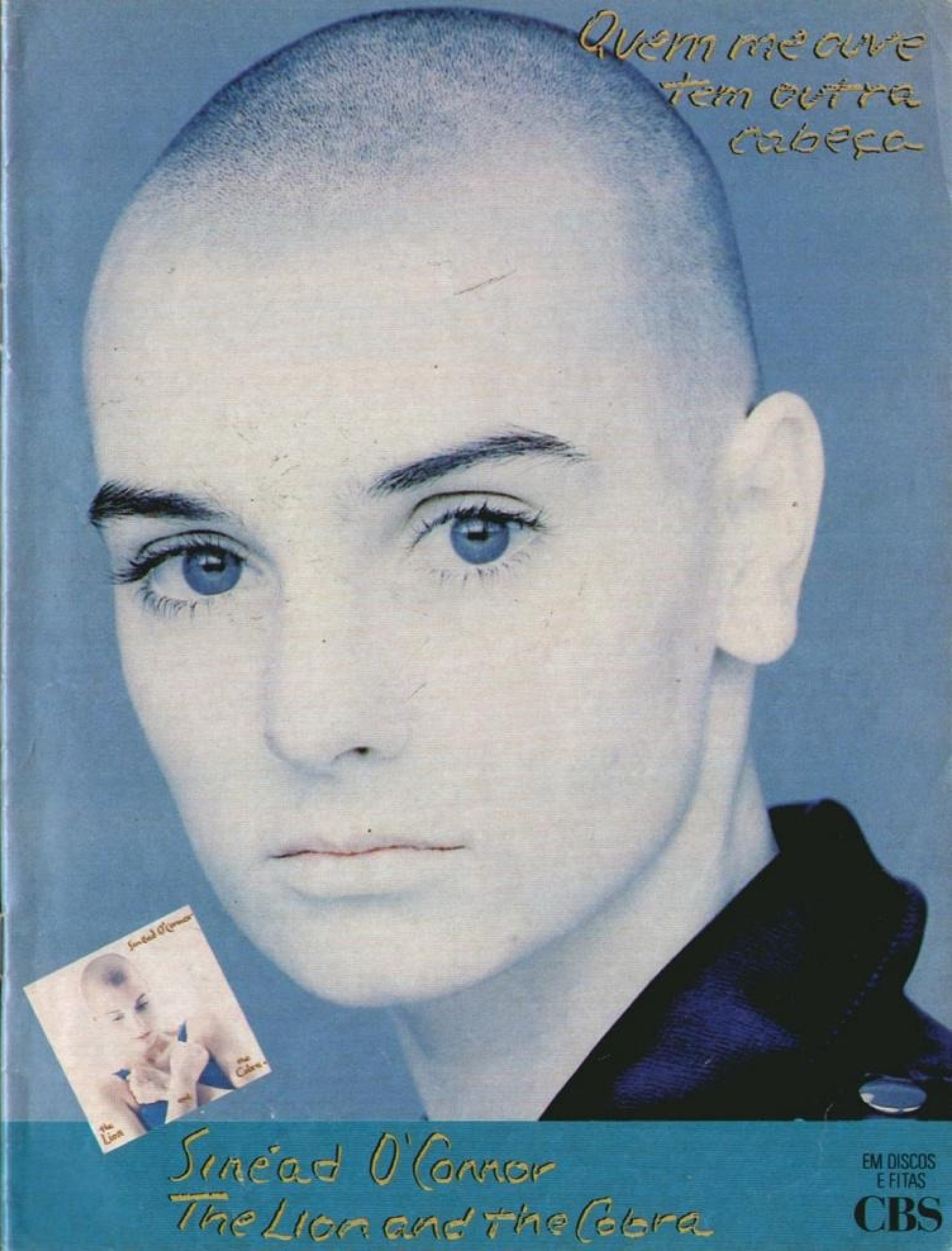
Pouco mudou no som do Church, desde seu surgimento na Austrália em 80. É aquele arroz e feijão de *revival* pop psicodélico anos 60, às vezes tocante, outras um tédio. Este último LP deles não foge à regra, salvo as boas guitarras de Peter Koppes e Marty Willson-Piper, bem entrosadas em suculentos *feedbacks* e distorções. A voz sempre grave e sussurrante de Steve Kilbey também ajuda, mas as composições são fracas e repetitivas. Vale conferir a melhor canção: "Hotel Womb".

T.P.

ARTE NO ESCURO (EMI-Odeon)

Imagens esfaceladas, percepções crepusculares e aniquilação — por instantes, as letras do Arte no Escuro saem-se melhor do que a própria música deste seu LP de estréia. À exceção da vigorosa "Beije-me Cowboy" (que mesmo assim é inferior à versão demo que circulou meses atrás) e aos borrifos de speed metal em "Celebrações", os arranjos lineares acabam nos dando a impressão de que estamos ouvindo sempre a mesma faixa. No fiel da balança, apenas regular.

A.G.C.D.



SIESTA — Miles Davis & Marcus Miller (WEA)

Os encontros do grande Miles com o cinema têm sido dos mais felizes. Foi assim com as trilhas que o trompetista fez para *Ascensor para o Cadafalso* (57) — um arraso *cool* — e *Jack Johnson* (71) — um dos pontos altos de sua fase elétrica. Desta vez, o convidado para musicar o longa de estréia da clipeira Mary Lambert foi o arranjador e multiinstrumentista Marcus Miller, que estendeu-o a Miles, retribuindo a colaboração de *Tutu*. O resultado não foi apenas a melhor trilha, mas um dos discos do ano. *Siesta* possui uma concepção sombria e inventiva, ao contrário de *Tutu*, onde Miller trabalhou com timbres eletrônicos muito ostensivos, numa produção um tiquinho convencional. "Lost in Madrid", um tema recorrente em todo LP, evoca os climas hispânicos de *Sketches of Spain*. E nesta trilha multifacetada composta por Miller brilha a única faixa em co-autoria com Miles: a belíssima "Theme for Augustine". *Alex Antunes*

Miles é um bruxo capaz de tudo. Ele sobrevoa o tempo como ninguém. Desta vez, para acompanhar as imagens de *Siesta*, filme de Mary Lambert (com discreta participação no FestRio 87), ele simultaneamente lembra as experiências cool de *Sketches of Spain* (59), confirma seu apreço pela modernidade dos teclados de seu discípulo Marcus Miller e celebra uma missa de réquiem premonitória para seu mestre e guru Gil Evans, a quem dedica o álbum. *Siesta* é uma sucessão de quadros que não precisariam de títulos, nem sequer de ficha técnica, já que Miller sintetiza quase todos os instrumentos e programa todos os arranjos. Uma cama confortável de melodias hipnotizantes, feita de sopros, cordas, teclados e percussões para Miles deitar seus solos, íntimos e reflexivos, que nunca soaram tão tristes. O álbum deixa um sabor de "já-ouvi-isso-em-algum-lugar". Um pouco menos genial que o sublime *Tutu*, deve ser mantido fora do alcance das pessoas com tendências depressivas. *Jean-Yves de Neufville*

THE COURIER — Vários (RCA)

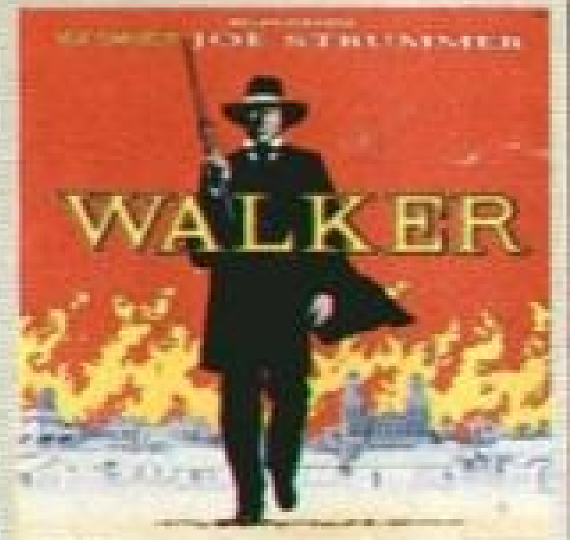
The Courier, inédito longa-metragem dirigido por Frank Deasy e Joe Lee, tem uma boa trilha sonora, que serve para introduzir alguns dos mais recentes grupos do pop irlandês que permanecem inéditos no Brasil, graças à letargia de nossas gravadoras (todos os incluídos têm representação nacional). No primeiro lado, há deliciosas surpresas, como o hard rock'n'roll do Something Happens (que comparece em duas faixas) e o ácido folk do Hothouse Flowers, além do pop um tanto convencional do Aslan e o *pop-ballad* do Cry Before Dawn. No segundo, além de *Walk to the Water*, respeitável *B-side* do U2, nada mais nada menos que oito variações de Declan MacManus (pseudônimo de Elvis Costello), que vão da erudição clássica a tênues fraseados herdados do *cool jazz*. Tudo isso faz de *The Courier*, um LP recomendável, por apresentar nomes obscuros e experimentos de consagrados. *F.N.*

L'INTERVISTA — Nicola Piovani (RCA)

O mais recente filme de Fellini, ganhador do Festival de Moscou de 1987, foi definido pelo diretor como "o desmantelamento de um circo". Trata-se do circo *felliniano*, evidentemente, cujo picadeiro musical sempre foi do compositor Nino Rota (1911-1979). A trilha do italiano Nicola Piovani foi feita em honra a Rota. Ela busca coletar lembranças dos antigos filmes musicados por Rota e parafrasear o velho mestre. Tudo num clima híbrido, bufão e melancólico. Um *ritornello*, de Piovani, aparece em toda a trilha, costurando várias composições de Rota, retiradas de *A Trapaça*, *A Doce Vida* e *Os Palhaços*. No fim do disco, a impressão é de que o circo se desmantelou em ironia nostálgica. *L.A.G.*

EVIL DEAD 2 — Joseph LoDuca/THE ROAD WARRIOR — Brian May/WALL STREET — Stewart Copeland & SALVADOR — Georges Delerue/DESPERATELY SEE KING SUSAN — Thomas Newman & MAKING MR. RIGHT — Chaz Jankel/PEGGY SUE GOT MARRIED — John Barry e vários/NEAR DARK — Tangerine Dream/F/X — Bill Conti/SUSPECT — Michael Kamen/ENEMY MINE — Maurice Jarre/THE RUNNING MAN — Harold Faltermeyer (Varèse Sarabande/SBK Songs)

É o segundo pacote de trilhas lançado pela SBK Songs, que, agregado ao primeiro, completa dezoito títulos. Comecemos pelo terror de *Uma Noite Alucinante (Evil Dead 2)*, onde Joseph LoDuca recicla os clichês do gênero em um resultado envolvente. A trilha de *Mad Max II — A Caçada Continua (The Road Warrior)* tem temas orquestrados por Brian May (não o guitarrista do Queen, mas um requisitado compositor de trilhas de filmes australianos). Dois LPs, quatro lados de duas moedas: uma delas traz a efígie do cineasta Oliver Stone — brilhante na música de *Wall Street*, composta pelo ex-Police Stewart Copeland e eficiente sob as batutas de George Delerue em *Salvador, O Martírio de um Povo* — e a outra a da diretora Susan Seidelman — com ambos os lados baseados no tecno funk, divididos entre Thomas Newman em *Procura-se Susan Desesperadamente (Desperately...)* e Chaz Jankel no ainda inédito por aqui *Making Mr. Right*. Outro destaque é a trilha de *Peggy Sue — Seu Passado a Espera*, de Coppola, onde, ao lado da música de John Barry, temos gravações originais de Buddy Holly e Dion & the Belmonts. De resto, o progressivo (?) Tangerine Dream musicando *Quando Chega a Escuridão (Near Dark)* e outros quatro petiscos para cinéfilos inveterados. *C.P.*



WALKER — Joe Strummer (Virgin/RCA)

Joe Strummer não precisa mais abrir crediário. Mesmo sendo uma trilha (do filme de Alex *Sid & Nancy* Cox), este disco não soa como tal e muito menos como o que se poderia esperar de um LP solo do fundador do Clash. Strummer compôs quatorze faixas climáticas que, apesar de se referenciarem ritmicamente em temas centro-americanos, são estimulantes, diferentes com suas melodias complexas, às vezes estranhas ("Omotepe", "Sandstorm" e "Musket Waltz" são bons exemplos). Os arranjos são repletos de sutilezas e os músicos, todos contratados na Califórnia — onde o disco foi gravado —, são excepcionais (inclusive o ex-Circle Jerks Zander Schloss que mete bronca na guitarra, charango e afins). *T.P.*

Eu usava óculos desde pequena. Mas eles tiravam minha liberdade. Por isso mudei para as lentes de contato Bausch & Lomb, que são as mais finas do mundo. Elas não custam caro, e são tão confortáveis que eu saí com elas no primeiro dia. E ainda me dão liberdade para praticar meu esporte, agitar mais a vida, ser como eu sou. Eu nasci assim.

BAUSCH & LOMB

PATROCINADOR DA EQUIPE OLÍMPICA BRASILEIRA DE 1988

Conheça também as lentes de uso prolongado exclusivas da Bausch & Lomb. Muito mais conforto para você.

TO HELL WITH THE DEVIL — Stryper/VISUAL LIES — Lizzy Borden/LOOK WHAT THE CAT DRAGGED IN — Poison/LIVE UNDEAD — Slayer (Enigma/Metal Blade/SBK Songs)

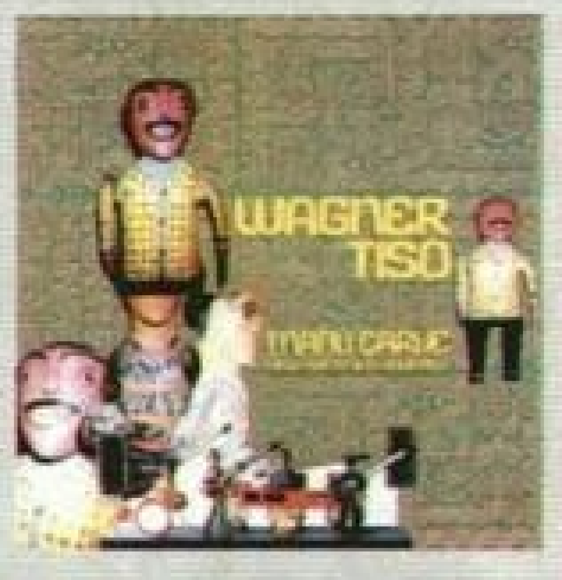
A SBK Songs estréia o seu lado heavy com quatro bandas americanas. Primeiro o Stryper, grupo cristão que mistura rock com pregações bíblicas, criador do chamado *white metal* (que cheira a armação tal como o *black metal*), em seu terceiro LP lançado por aqui. O Lizzy Borden apresenta seu rock de inspiração teatral (Alice Cooper, Kiss), com bons vocais e uma banda certeira, com duas guitarras solo. O Poison vem na mesma embalagem *poser* com seu *glitter metal*, também cheirando a armação (e nada de demônios). E por fim o melhor dos quatro: o Slayer. Nada de lantejoulas, batom e sedas, mas sim muita porrada, som rascante e sujo nas agressivas versões ao vivo de seus temas mais conhecidos pelos *headbangers*, como "Black Magic", "Show No Mercy" e "The Antichrist".

Leopoldo Rey

HAIL! HAIL! ROCK'N'ROLL — Chuck Berry (WEA)

EM outubro de 86, Chuck Berry comemorou 60 anos com uma festa inesquecível em sua St. Louis natal. Graças ao filme/documentário *Hail! Hail! Rock'n'Roll*, podemos agora aplaudi-lo. Com seus riffs básicos, Chuck escreveu a história do rock'n'roll. Os Beatles gravaram vários de seus hits, como "Rock'n'Roll Music" e "Roll Over Beethoven". Os Stones devem tanto ao mestre que a direção da farra — que conta com Eric Clapton, Robert Cray, Linda Ronstadt, Etta James e Julian Lennon — é assinada por Keith Richards. De "Maybellene", seu primeiro compacto, a "Sweet Little Sixteen" (que os Beach Boys transformaram em "Surfin' USA"), tudo no disco é clássico. E com vigor atual. Palmas, palmas...

M.P.

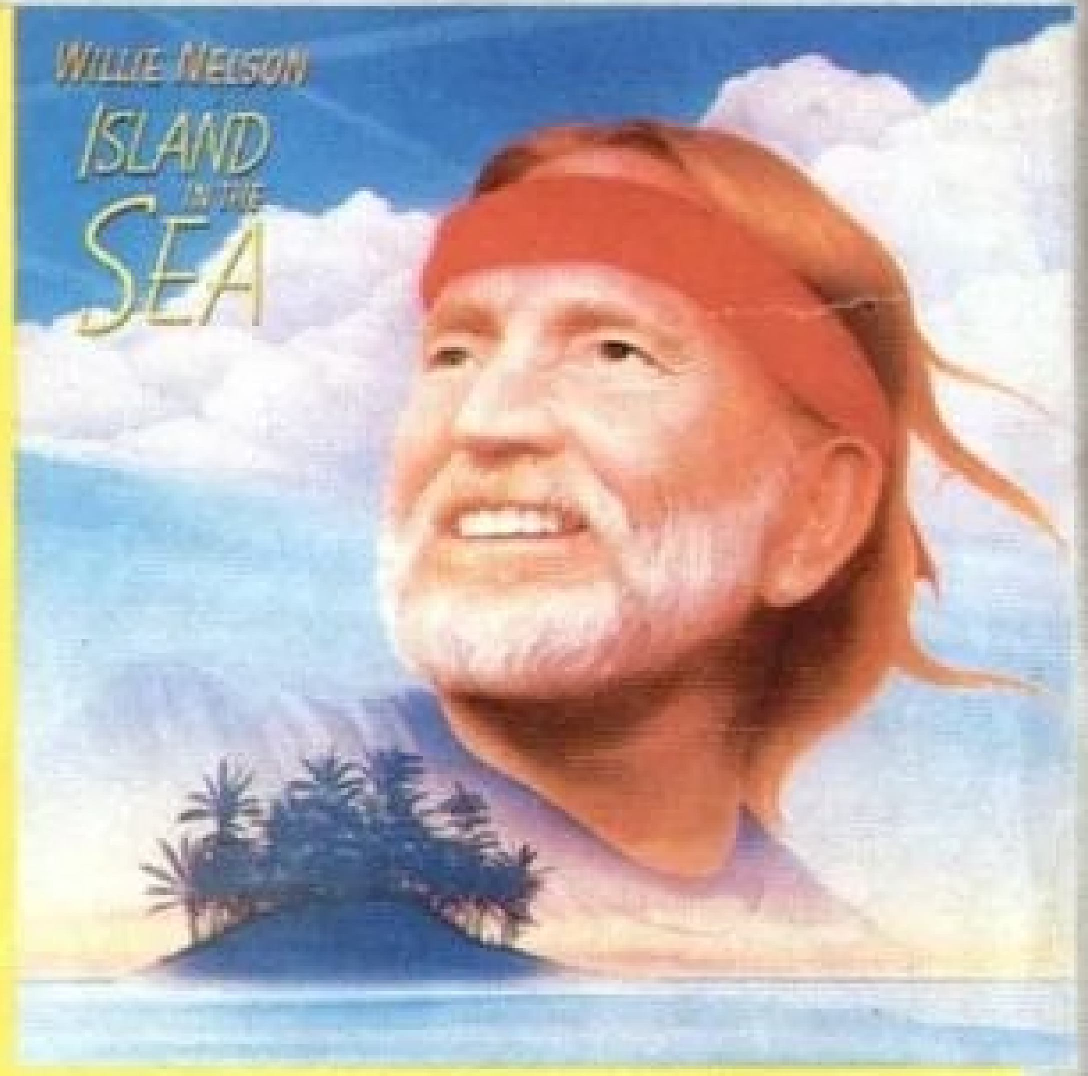


MANÚ ÇARUÊ, UMA AVENTURA HOLÍSTICA — Wagner Tiso (PolyGram)/**MITOS — César Camargo Mariano** (CBS)

Onde anda a cabeça desses dois prestigiosos tecladistas e arranjadores, responsáveis por certa renovação na MPB nos anos 70? Nas nuvens de um caça-níqueis inexistente, decerto. Mariano quer ser um Tomita brasileiro, um Jarre de parque de diversões. Já Tiso, raivoso por ter sido co-autor de "Coração de Estudante", transformado no hino fúnebre de Tancredo, optou por virar "genial", num manifesto antropofágico/eletrônico inteiramente bobo. Em vez de se dedicarem a modificar as leis dos arranjos da MPB atual — toda Sullivan e Massadas —, eles tentaram o "estilo". Resultado: nada. Na dúvida, entre o muzak de Mariano e o de Tiso, fuja.

L.A.G.

RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO & RAST



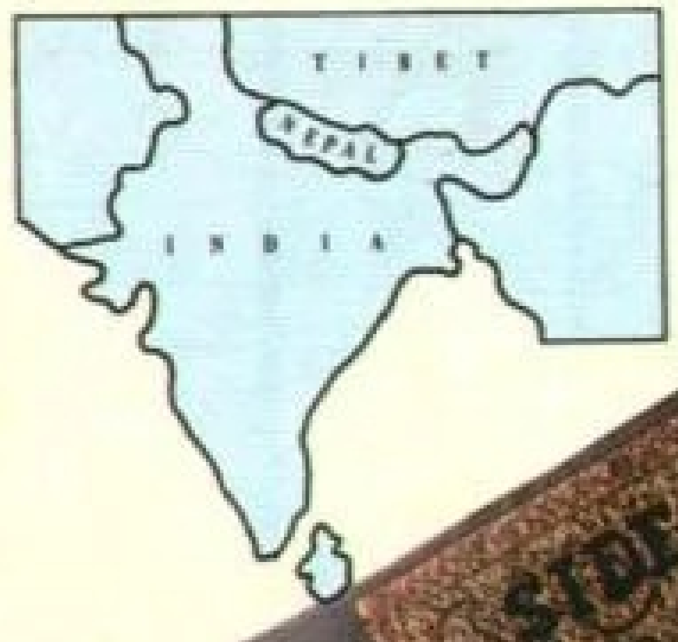
Atenção: vai ser dada a largada! O último leva o LP do **U.D.O.** de Udo Dirkschneider, cantor alemão que saiu do Accept para lançar este **ANIMAL HOUSE** (RCA), mais um sub-Scorpions envelhecido em tonéis de carvalho ⊗ Se você suporta Alphaville e Gazebo é capaz de agüentar o europop de **Blue System** com seu **WALKING ON A RAINBOW** (RCA). ⊗ **TIFFANY** (WEA) é o LP de estréia da guria que vendeu mais de 4 milhões de cópias nos EUA. Quem não comprou o disco passa bem ⊗ Os **Temptations** mostram suas novas dentaduras em **TOGETHER AGAIN** (RCA). A Motown definitivamente não é mais aquela ⊗ A nova banda de Roger Taylor (do Queen), **The Cross,** lançou o LP **SHOVE IT** (RCA). Será um disco ou um supositório? ⊗ **FIM DE FESTA** (Continental) é o LP de estréia da cantora mineira **Maria Gabriela.** Ela até que canta bem, mas os arranjos e repertório são singelos demais ⊗ Who's **Black?** É o cantor/compositor branco inglês Colin Vearncombe, que chega a nós com o LP **WONDERFUL LIFE** (PolyGram). Lembra Rick Astley (aarghh!) ⊗ Que pecado, o da CBS. Lançou **...PARA FAZER FELIZ A QUEM SE AMA** e desgraçou a bossa nova metendo DX-7 em pout-pourris de **Emílio Santiago, Guilherme Arantes, Ney Matogrosso, Leny Andrade** e outros ⊗ **Pino Donaggio,** mestre no synthpop de quinta, fez a trilha, lançada pela CBS, do filme **DANCERS** (com Baryshnikov, inédito no Brasil) ⊗ O pianista e arranjador **Dick Hyman** fez um bom trabalho na trilha de **MOONSTRUCK** (EMI-Odeon), ou o *Feitiço da Lua*; é uma nostálgica coleção de temas ítalo-americanos ⊗ Branford Marsalis, Roland Hanna, Louie Bellson e Clark Terry, entre outros, engrossam a **Duke Ellington Orchestra** no LP **DIGITAL DUKE** (CBS). São oito clássicos de Ellington, arranjados pelo seu filho, Mercer, e gravados digitalmente ⊗ A WEA relançou **O DIA EM QUE A TERRA PAROU,** de **Raul Seixas.** Não é dos seus melhores discos, mas tem coisas boas no meio. Vocês sabiam que o solo em "Maluco Beleza" é de Lee Ritenour? ⊗ E para terminar, duas dicas de presentes para os inimigos, numa cortesia dos "grandes cantores americanos": **SWING STREET** (RCA) de **Barry Manilow,** que em participações de Kid Creole, Diane Schuur e Gerry Mulligan (traidores!) e **ISLAND IN THE SEA** (CBS), onde mais uma vez Willie Nelson laça cavalos e fuma Marlboro.

Thomas Pappon

N E P A L C O L O U R S
SIDE WALK

© Marcio Scavone

VERMELHO NEPAL
LARANJA SADHU
MARROM TERRACOTA
AMARELO CURRY
VINHO KATHMANDU
BRANCO TIBET
E MAIS 7 CORES



CAMISETAS
VELUDOS
MOLETONS
POLOS

CASSETE ♩ CASSETE ♪ CASSETE ♩ CASSETE ♪ CASSETE ♩ CASSE

COLEÇÃO SILVER LINE CLASSICS — Dez fitas cromo com obras e interpretações consagradas de Beethoven, Bach, Vivaldi, Mozart, Chopin, Haendel, Mahler e Gershwin (PolyGram)

Ao longo dos últimos dois anos, a PolyGram lançou trinta títulos de êxitos clássicos em fita cromo, versões que já pertencem à tradição da música ocidental. Trata-se de leituras dos anos 60 e 70, vincadas no tempo. A nova série corre no mesmo trilho cômodo e econômico. O ouvinte é levado a ouvir perfeições congeladas: *a Sinfonia n.° 4* de Mahler pela Orquestra do Concertgebouw de Amsterdã em 1967; peças de Chopin pelos dedos de Claudio Arrau nos anos 70; o *Concerto para Violino* e os *Romances* de Beethoven com o violinista Arthur Grumiaux; as *Sinfonias n.° 29* e *40*, de Mozart, pela Academy of St. Martin-in-the-Fields, em 1978; o *Requiem* de Mozart, pela Orquestra da BBC, com Colin Davis, em 1967; os *Concertos de Brandenburgo* de Bach e a *Música Aquática* de Haendel, pela Orquestra de Câmara Inglesa; Vivaldi pelo I Musici... O círculo de peças célebres pode prosseguir interminavelmente. A PolyGram, porém, deveria tomar coragem e começar a ousar em interpretações e obras renovadoras. A qualidade sonora e a praticidade das fitas cromo valeriam o esforço.

Luís Antônio Giron

GRAVADORAS INDEPENDENTES: *Braidisc — R. Benificência Portuguesa, 53, São Paulo (SP) - (011) 227-4999/SBK Songs — R. da Glória, 290, 7.° andar, Rio de Janeiro (RJ) - (021) 221-4168/Woodstock — R. Dr. Falcão, 157, São Paulo (SP) - (011) 35-3976.*

BOLSA DE DISCOS

	RPM (CBS)	SUBSTANCE New Order (WEA)	TRASHLAND Mercenárias (EMI-Odeon)	PSICOACÚSTICA Ira! (WEA)	NAKED Talking Heads (EMI-Odeon)	EU SOU O RIO Black Future (Plug)
Arthur G. Couto Duarte (Rádio Liberdade, BH)	Razoável	Ótimo	Ótimo	Interessante	Interessante	Ótimo
Fernando Naporano	Interessante	Bom	Bom	Bom	Interessante	Lixo
Hagamenon Brito (A Tarde, Salvador, BA)	Razoável	Ótimo	Ótimo	Bom	Ótimo	Interessante
José Eduardo Mendonça	Interessante	Ótimo	Interessante	Razoável	Ótimo	Bom
José Emílio Rondeau	Ótimo	Bom	•	•	Ótimo	Bom
José Roberto Mahr (Novas Tendências, SP/RJ)	•	Ótimo	Ótimo	Bom	Ótimo	Bom
Luis Antônio Giron (O Estado de S. Paulo)	Razoável	Ótimo	Bom	Bom	Ótimo	Bom
Marcel Plasse	Razoável	Ótimo	Ótimo	Bom	Ótimo	Bom
Marcos Smirkoff (Folha de S. Paulo)	Lixo	Bom	Interessante	Bom	Bom	•
Celso Pucci	Interessante	Ótimo	Ótimo	Interessante	Interessante	Bom

Ótimo

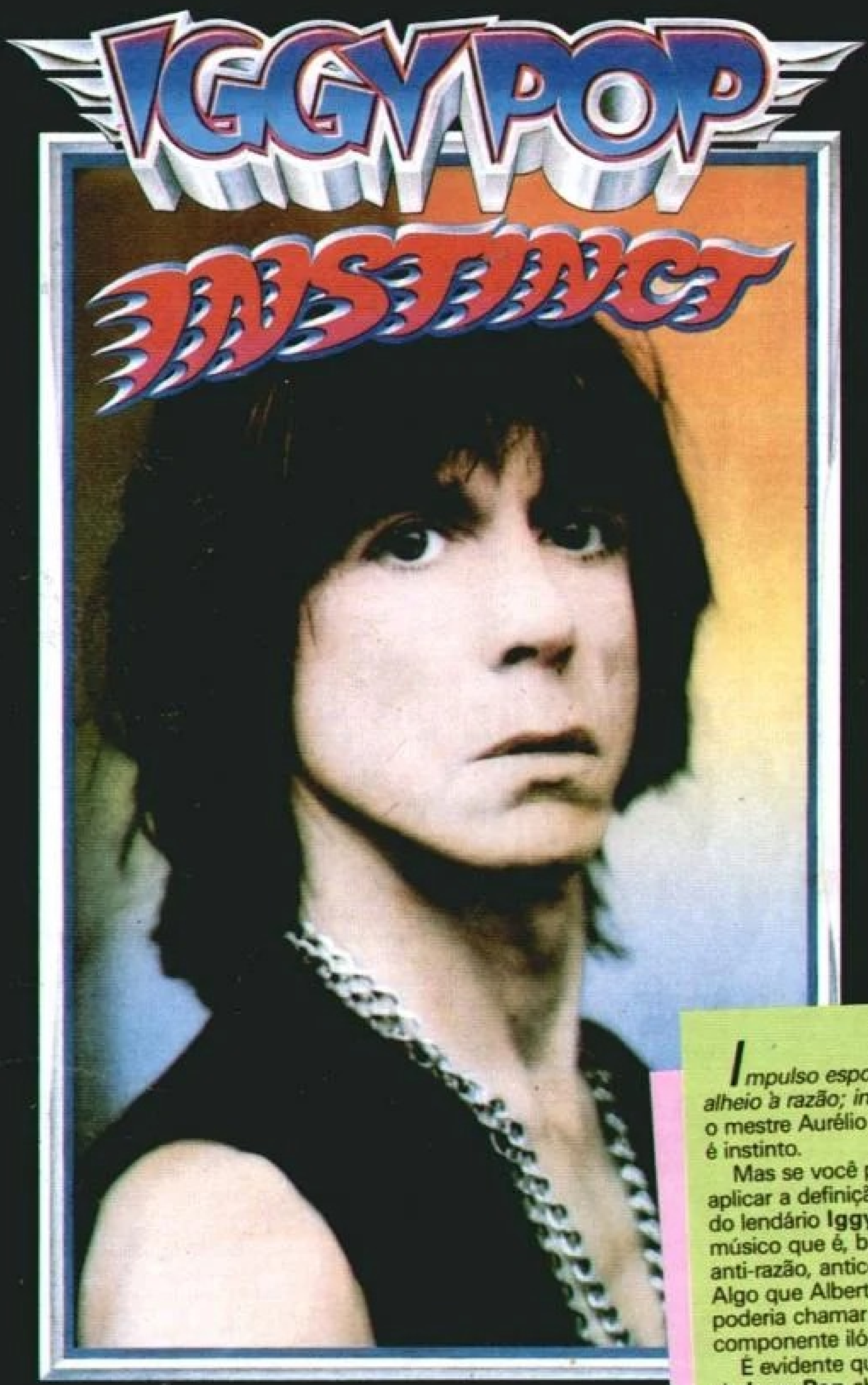
Bom

Interessante

Razoável

Lixo

O INSTINTO DO ROCK



*I*mpulso espontâneo e alheio à razão; intuição. Assim, o mestre Aurélio explica o que é instinto.

Mas se você preferir, pode aplicar a definição ao novo LP do lendário **Iggy Pop**, um músico que é, basicamente, anti-razão, anticonvenção. Algo que Albert Camus poderia chamar de componente ilógico.

É evidente que o novo disco de **Iggy Pop** chama-se *Instinct*. É óbvio que é rock da capa à última faixa. Porque, afinal de contas, rock é acima de tudo intuição, impulso, instinto.

Em discos e fitas
PolyGram

FICÇÃO

JORNADA NAS ESTRELAS IV — A VOLTA PARA A TERRA (Star Trek IV: The Voyage Home, EUA, 1986)

Direção: Leonard Nimoy. Com William Shatner, Leonard Nimoy, DeForest Kelley. CIC.

Alienígenas poderosíssimos visitam a Terra no século XXIII e prometem destruí-la caso não consigam ter um diálogo com as figuras que vieram procurar por aqui — as baleias corcundas, então extintas. A saída: voltar ao século XX, mais precisamente à colorida San Francisco, em 1986, para levá-las ao futuro. Missão para a Enterprise; Spock, Kirk e o resto da *tchurma*. E o palavreado *high-tech* de filmes anteriores dá lugar ao humor, no confronto da tripulação com o "atraso" de nossos dias. Spock perambula pela cidade com um roupão branco, como saído de uma história de Crumb, e suas peripécias, hilárias, fazem um excelente entretenimento.

J.E.M

DRAMA

CIDADÃO KANE (Citizen Kane, EUA, 1941)

R.K.O.

Direção: Orson Welles. Com Orson Welles, Joseph Cotten. Organizações Aragão.

Não é por acaso que este filme é apontado como um dos maiores de todos os tempos. A partir de uma história quase banal — a biografia do magnata da imprensa Charles Foster Kane (inspirada na vida de William Randolph Hearst) —, Welles construiu (em parceria com Herman Mankiewicz) um roteiro engenhoso, com avanços e recuos que imprimiam à narrativa uma agilidade e uma complexidade nunca vistas até então. Para fotografá-la, chamou o fantástico Gregg Toland, que se inspirou nos filmes expressionistas alemães e introduziu uma inaudita profundidade de campo. A música — perfeita — foi composta por Bernard Herrmann, posteriormente parceiro constante de Hitchcock. É quase um milagre que todos esses talentos tenham sido regidos por um jovem de 26 anos, que além de tudo interpretou com maestria o personagem-título. Porém, aquilo que seria *the best of the best* ficou gravemente prejudicado nesta transposição para vídeo: péssima qualidade, tanto das imagens quanto das legendas. Assista no cinema. *J.G.C.*

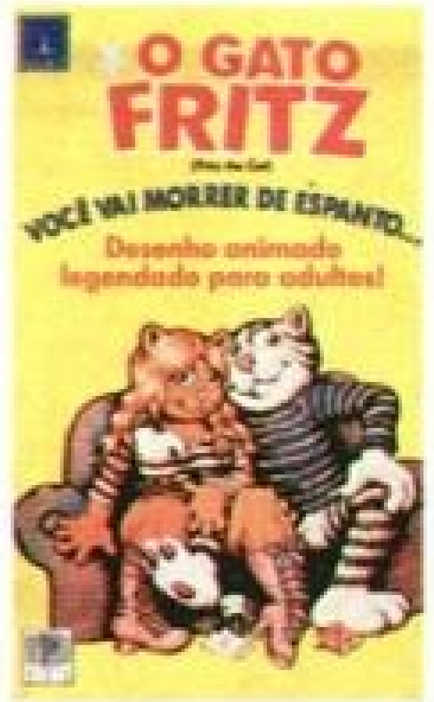
O PROSCRITO DE HONG KONG (Ferry to Hong Kong, Inglaterra, 1959)

Direção: Lewis Gilbert. Com Curt Jurgens, Orson Welles, Sylvia Syms. F.J. Lucas.

Um argumento curioso para uma boa produção à antiga: um bebum encrenqueiro (Jurgens) é expulso de Hong Kong, e faz a travessia para a cidade de Macau (uma possessão portuguesa no litoral chinês) no *ferry-boat* que serve a rota. Só que lá a guarda do porto não o deixa desembarcar e, para desespero do capitão (Welles, em uma magnífica composição humorística), ele deve permanecer "para sempre" a bordo. A menos que alguém se lembre de jogá-lo ao mar, e a paciência do capitão está acabando... É aí que intervêm as doses regulamentares de romance (uma professorinha apaixonada) e aventura (tufões, piratas e a oportunidade de o vagabundo limpar sua ficha). Supersessão da tarde. *A.A.*

ANIMAÇÃO

O GATO FRITZ (Fritz the Cat, EUA, 1972)



Direção: Ralph Bakshi.

A Califórnia vive os últimos verões dos anos 60, o movimento hippie está à flor da pele e Crumb — o pioneiro do HQ underground — saca tudo de modo crítico através do gato Fritz. Este felino, a pretexto do "paz e amor", quer mesmo é só comer as gatinhas. Fritz é esperto e com uma lábia de dar inveja a Casanova. Com seu charme, ele esculhamba o psicodelismo da época. Mas Crumb brigou com o diretor Bakshi e abandonou o projeto deste desenho animado dizendo que seus personagens haviam sido "traídos". Tentou tirar o seu nome dos créditos e, não conseguindo, deu o seu "pulo do gato": matou Fritz numa história em que uma avestruz humilhada crava uma faca em sua cabeça. *W.S.*

MUSICAL

ELIS (Brasil, 1987)

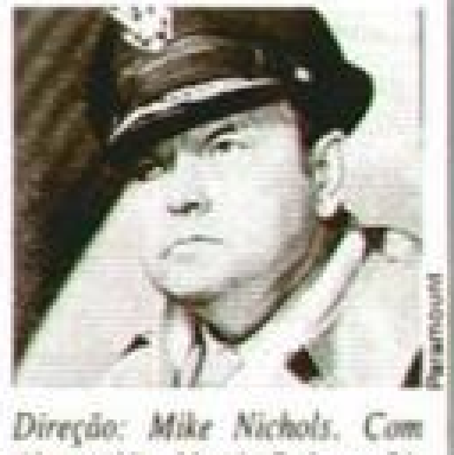
Direção: Rogério Costa. Com Elis Regina e bandas. VideoBan.

Uma tentativa mais do que honesta (o diretor é irmão da cantora) de recuperar cenas da notável Elis Regina, que esbarra, porém, na pobreza dos takes escolhidos e das imagens selecionadas. Aqui, Elis canta de tudo — João Bosco e Aldir Blanc, Milton, Baden e Vinicius, Tom Jobim —, mas durante um período relativamente curto de sua carreira, e com imagens de uma só fonte, as da TV Bandeirantes. Ficam de fora imagens antológicas, como seu dueto com Gal na Globo, ou os momentos mais de início de carreira, como nos climas positivos de *O Fino da Bossa*. Os fãs de Elis vão, certamente, cobrar mais. Quem tiver arquivos, que os revele.

J.E.M.

COMÉDIA

ARDIL 22 (Catch-22, EUA, 1971)



Paramount

Direção: Mike Nichols. Com Alan Arkin, Martin Balsam, Richard Benjamin, Art Garfunkel, Anthony Perkins, Martin Sheen, Orson Welles. CIC.

Para quem não gosta de filmes lineares, a esquisitice desta comédia surrealista pode ser uma grande pedida. O humor corrosivo com que é vista a vida em uma base americana na Itália, durante a Segunda Guerra, pode suscitar comparações com *M.A.S.H*. Mas este curioso filme do profícuo diretor Mike Nichols (o mesmo de *A Primeira Noite de um Homem* e *A Difícil Arte de Amar*) explora com radicalismo as provocações do (ótimo) livro homônimo — de Joseph Heller — que lhe serviu de base. O diretor abusa dos devaneios e das idas e vindas no tempo, centralizadas no capitão Yossarian (Arkin). Mas mantém sempre o interesse ao absurdo das situações e ao charme do elenco que inclui a aparição de Orson Welles, numa daquelas pontas sacadas que fizeram sua fama quase tanto quanto seus grandes papéis. *A.A.*

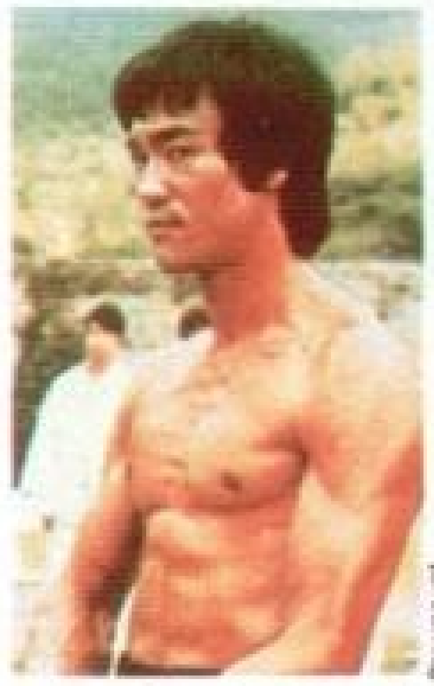
AVENTURA

OPERAÇÃO DRAGÃO (Enter the Dragon, EUA, 1972)

Direção: Robert Clouse. Com Bruce Lee, John Saxon, Jim Kelly, Ahna Capri. Warner.

O VÔO DO DRAGÃO (The Way of the Dragon, EUA, 1973)

Direção: Bruce Lee. Com Bruce Lee, Chuck Norris. F.J. Lucas.

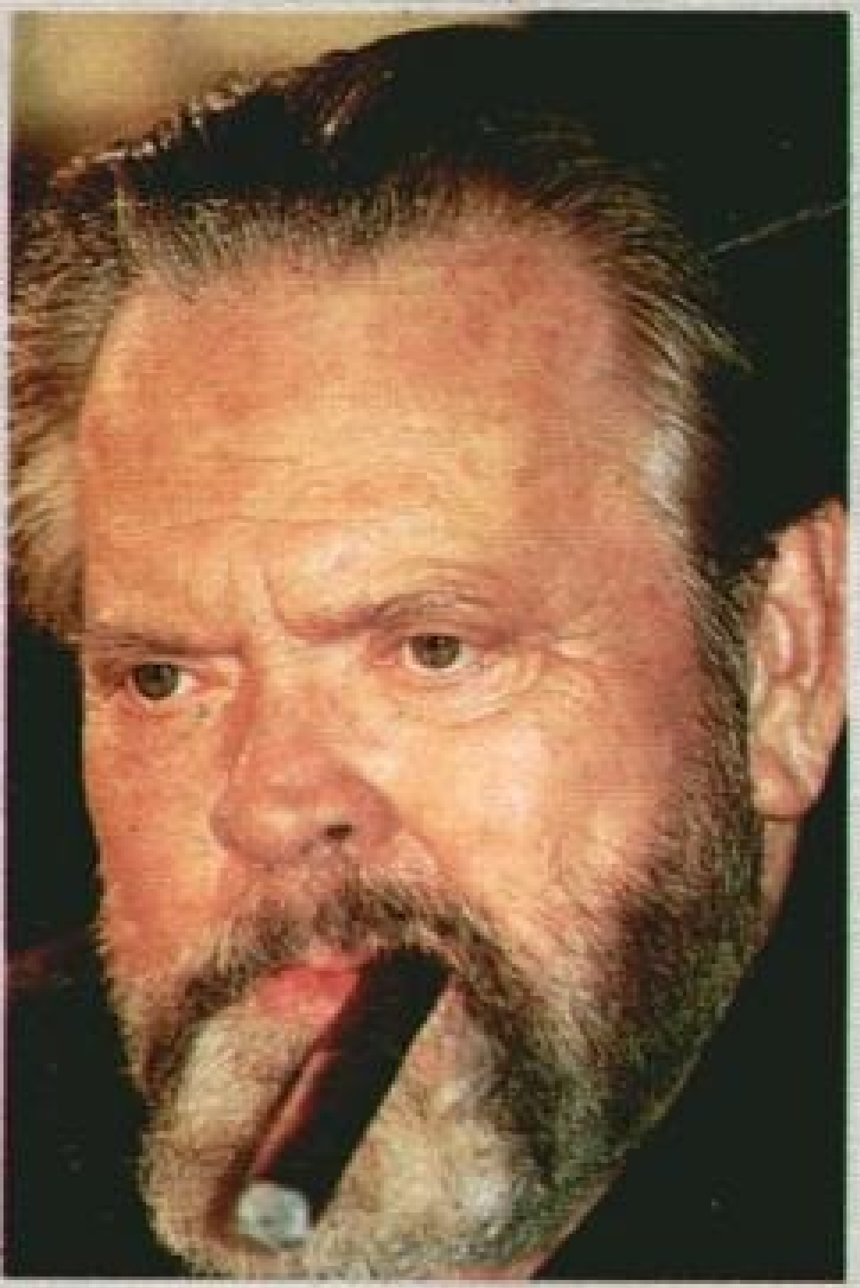


Paramount

Estes são os dois últimos filmes que Bruce Lee chegou a completar. Mas foi através deste americano (nascido Lee Yuen Kan, em 27/11/40, na cidade de San Francisco) que os chamados "filmes de caratê" se afirmaram enquanto gênero de sucesso internacional. Sua morte precoce — aos 32 anos, durante as filmagens de *O Jogo da Morte* (74), oficialmente por "causas desconhecidas", mas provavelmente por *overdose* de heroína — reforçou o mito em torno de seu nome, que gerou dezenas de imitadores. Bruce cresceu em Hong Kong e aos 18 anos retornou aos EUA para estudar filosofia, sem nunca esquecer sua grande paixão pelas artes marciais. Sua iniciação como ator se deu na TV, onde nos anos 60 participou de alguns episódios de *Batman* e, de forma mais perene, como o assistente oriental do herói do seriado *O Besouro Verde*. No cinema, começou como consultor para cenas de lutas e supervisor de dublês, até estrelar *A Fúria do Dragão* (69), um primeiro patamar para a fama que se consolidaria com *Operação Dragão* (72), sua estréia numa produção totalmente americana. O sucesso se repetiria em *O Vôo do Dragão* (73) — dirigido pelo próprio Bruce —, consolidando sua carreira. Tanto em *Operação...* como em *O Vôo...*, o trabalho do ator/diretor Bruce é comprometedor, ou seja, imagens banais e horrorosas atuações de nosso herói. No primeiro, ele é uma espécie de agente secreto que penetra numa fortaleza obscura na qual funciona uma academia de artes marciais, onde se defronta com os melhores lutadores; no outro, um ingênuo imigrante de Hong Kong que chega a Roma para ajudar uma amiga a se livrar de uma gang que aterroriza o restaurante do seu pai, e acaba desafiando o campeão americano de caratê (Norris), em pleno coliseu. Na verdade, Bruce parece não pertencer ao mundo do cinema. Sua praia sempre foi a dos golpes mortíferos, ou melhor, aparentemente mortíferos — foi ele um dos pioneiros a divulgar as técnicas da luta "não-violenta", o *jet-kune-doo* (algo como "o círculo sem circunferência"). No reino das imagens, porém, sua presença sempre será marcada pelas cenas de combate. E apenas por isso.

C.P.

ORSON WELLES



"Nunca fui um jovem, mesmo quando jovem." Uma frase de seu próprio cunho que sintetiza a personalidade do genial George Orson Welles, um cidadão americano nascido no vilarejo de Kenosha, Wiscosin em 06/05/15, que durante sua vida construiu uma obra inestimável não só no cinema como nas artes em geral deste século, até sair de cena em 10/10/85. Setenta anos do *maverick*, o animal selvagem e indomável: um garoto prodígio e egocêntrico com pendores para a pintura e prestidigitação; inteligente ao ponto de saber a obra de Shakespeare de cor aos 10 anos de idade e logo começar a ganhar a vida como ator; suficientemente esperto para chegar aos 21 anos conhecendo Grã-Bretanha, Espanha e Marrocos. A esta altura, Welles estava casado com a atriz Virginia Nicholson e procurava um produtor para bancar a filmagem de *O Coração das Trevas*, romance de Joseph Conrad (que Coppola transformaria, 43 anos depois, no clássico *Apocalypse Now*). Simultaneamente às suas pretensões cinematográficas, Welles fazia programas radiofônicos, escrevia críticas literárias, receitas de doces e até discursos para o então presidente Roosevelt e se destacava na ribalta com suas (sub) versões de Shakespeare (como um *Hamlet*, ambientado no Haiti e um elenco todo negro, ou na adaptação de *Julio Cesar*, ironizando o nazi-fascismo insurgente). Em 30/10/38, ele apavoraria os EUA com sua dramatização radiofônica do livro *A Guerra dos Mundos*, de H.G. Wells, simulando uma invasão da Terra por seres de outro planeta, que causaria tamanha comoção a ponto de causar suicídios, partos prematuros e fugas em massa para o campo. Em 1941, este jovem de 26 anos conceberia sua primeira e mais importante obra-prima: *Cidadão Kane*. Apesar do fracasso comercial, o filme foi um marco na cinematografia mundial em diversos aspectos. Narrativa, montagem, enredo e música que, magistralmente combinados, tornavam-se peças de um mesmo quebra-cabeças para a platéia. No ano seguinte, completaria seu segundo filme — *Soberba* — e viria ao Brasil para rodar o documentário *It's All True*, cujas filmagens foram interrompidas pela produtora sem maiores explicações. A relação entre Welles e seus produtores sempre foi tempestuosa, pois, apesar de ter sua genialidade reconhecida, era acusado de fazer filmes "difíceis", que não obtinham retorno de bilheteria. Isso fez com que sua carreira como diretor se reduzisse a apenas dezoito longa-metragens, dos quais só conseguiu completar treze. Mas, mesmo nestas esparsas realizações, Welles nos legou verdadeiros clássicos como *A Dama de Shangai* (onde também contracenava com Rita Hayworth, então sua mulher), suas adaptações cinematográficas de obras de Shakespeare (*Othello, Macbeth*) e Kafka (*O Processo*) e *Verdades e Mentiras*, um notável ensaio sobre as fraudes e os truques que envolvem as artes. Paralelamente a seus filmes, Welles só fez por confirmar sua fama de magnífico falsário do cinema, participando — ora com sua voz, ora em pontas insignificantes — de inúmeras fitas que iam do aceitável ao medíocre (com raras exceções). Esta atitude iconoclasta em relação à sua própria imagem, longe de turvar sua reputação, parecia ser um consciente gesto de rebeldia do velho *maverick*, um gênio que se autodefinia assim: "Sou um falsário porque — não há como negar — nós, artistas, somos sempre falsários de alguém".

Celso Pucci

FILMOGRAFIA COMPLETA (todos os filmes com sinal * estão disponíveis em vídeo): *The Hearts of Age* (curta, 34, como co-diretor), *Too Much Johnson* (38, inacabado), *Swiss Family Robinson* (40, só como narrador), *Cidadão Kane* (*Citizen Kane*, 41, também como ator)*, *Soberba* (*The Magnificent Ambersons*, 42), *Jornada de Pavor* (*Journey into Fear*, 42, como co-diretor), *It's All True* (42, inacabado), *Show Business at War* (curta, 43), *Jane Eyre* (43, só como ator), *Follow the Boys* (44, só como produtor), *O Amanhã É Eterno* (*Tomorrow Is Forever*, 45, só como ator), *Duelo ao Sol* (*Duel in the Sun*, 46, só como narrador), *O Estranho* (*The Stranger*, 46, também como ator), *A Dama de Shangai* (*The Lady from Shangai*, 48, também como ator), *Macbeth, Reinado de Sangue* (*Macbeth*, 48, também como ator), *O Terceiro Homem* (*The Third Man*, 49, só como ator), *Memórias de um Médico* (*Black Magic*, 49, só como ator), *O Favorito dos Borgias* (*Prince of Foxes*, 49, só como ator), *Desordre* (curta, 50), *A Rosa Negra* (*The Black Rose*, 50, só como ator), *Othello* (51, também como ator), *Return to Glennascaul* (curta, 51), *A Dama de Negro* (*Trent's Last Case*, 52, só como ator), *O Homem, a Besta e a Virtude* (*L'Uomo, la Bestia e la Virtue*, 52, só como ator), *Se Versalhes Falasse* (*Si Versailles M'était Conté*, 53, só como ator), *Napoleão* (*Napoléon*, 54, só como ator), *O Vale da Esperança* (*Trouble in the Glen*, 54, só como ator), *Three Cases of Murder* (55, só como ator), *Grilhões do Passado* (*Mr. Arkadin/Confidential Report*, 55, também como ator), *Moby Dick* (56, só como ator), *Sombra do Diabo* (*Man in the Shadow* ou *Pay the Devil*, 57, só como ator), *Os Vikings* (*The Vikings*, 58, só como narrador), *South Seas Adventure* (58, só como narrador), *Lords of the Forest* (58, só como narrador), *A Marca da Maldade* (*Touch of Evil*, 58, também como ator), *O Mercador de Almas* (*The Long, Hot Summer*, 58, só como ator), *As Raízes do Céu* (*The Roots of Heaven*, 58, só como ator), *The Fountain of Youth* (58), *O Proscrito de Hong Kong* (*Ferry to Hong Kong*, 59, só como ator)*, *High Journey* (59, só como narrador), *Estranha Compulsão* (*Compulsion*, 59, só como ator), *Tragédia num Espelho* (*Crack in the Mirror*, 59, só como ator), *Com Sangue Se Escreve a História* (*Austerlitz*, 59, só como ator), *Don Quixote* (59, inacabado), *Os Mongóis* (*The Mongols*, 60, só como ator), *Os Bravos Tártaros* (*The Tartars*, 60, só como ator), *David e Golias* (*David and Goliath*, 60, só como ator), *Master of the Congo Jungle* (60, só como narrador), *Lafayette* (61, só como ator), *O Rei dos Reis* (*King of Kings*, 61, só como narrador), *O Processo* (*Le Procès*, 62, também como ator), *River of the Ocean* (62, só como narrador), *RoGoPag* (62, só como ator), *Gente Muito Importante* (*The VIP's*, 63, só como ator), *The Finest Hours* (64, só como narrador), *As Aventuras de Marco Polo* (*The Fabulous Adventures of Marco Polo*, 64, só como ator), *Paris Está em Chamas?* (*Paris Brule-t-il?*, 65, só como ator), *O Homem Que Não Vendeu Sua Alma* (*A Man for All Seasons*, 66, só como ator), *Chimes at Midnight* ou *Falstaff* (66, também como ator), *Casino Royale* (67, só como ator), *Sailor from Gibraltar* (67, só como ator), *Depois Que Tudo Terminou* (*I'll Never Forget What's 'is Name*, 67, só como ator), *Oedipus, the King* (67, só como ator), *Não Importa Que Morram* (*House of Cards*, 68, só como ator), *Kampf um Rom* (68, só como ator), *A História Imortal* (*The Immortal Story*, feito para a TV francesa, 68, também como ator), *Tepepa* (68, só como ator), *Twelve Plus One* ou *Una su Tredici* (69, só como ator), *A Estrela do Sul* (*The Southern Star*, 69, só como ator), *Kampf um Rom II* (69, só como ator), *The Battle of Neretva* (69, só como ator), *Mercenários num Reino em Chamas* (*Start the Revolution without Me*, 69, só como ator), *Carta ao Kremlin* (*The Kremlin Letter*, 69, só como ator), *Barbed Water* (69, só como narrador), *Get to Know Your Rabbit* (70, só como ator), *Waterloo* (70, só como ator), *Ardil 22* (*Catch 22*, 70, só como ator)*, *A Horse Called Nijinsky* (70, só como narrador), *Dead Reckoning* ou *The Deep* (70, inacabado, também como ator), *La Decade Prodigieuse* (71, só como ator), *Malpertuis* (71, só como ator), *Happiness in Twenty Years* (71, só como narrador), *A Ilha do Tesouro* (*Treasure Island*, 71, só como ator), *Refúgio Secreto* (*A Safe Place*, 71, só como ator), *Necromancy* (72, só como ator), *Kelly Country* (72, só como narrador), *Verdades e Mentiras* (*F for Fake*, 73, também como ator), *Os Últimos dos Dez* (*Ten Little Indians* ou *And Then There Were None*, 74, só como narrador), *O Outro Lado do Vento* (*The Other Side of the Wind*, 75, inacabado), *Bugs Bunny, Superstar* (75, só como narrador), *Voyage of the Damned* (76, só como ator), *It Happened One Christmas* (feito para a TV americana, 77, só como ator), *O Mundo Mágico dos Muppets* (*The Muppet Movie*, 78, só como ator), *Filming Othello* (78, documentário sobre as filmagens de Othello), *A Woman Called Moses* (feito para a TV americana, 78, só como narrador), *The Late, Great Planet Earth* (78, só como narrador), *Future Shock* (feito para a TV americana, 78, só como narrador), *Never Trust an Honest Thief* (80, só como ator), *The Secret of Nikola Tesla* (80, só como ator), *Shogun* (80, só como narrador), *Nostradamus — O Homem Que Viu o Amanhã* (*The Man Who Saw Tomorrow*, 80, só como narrador)*, *A História do Mundo* (*History of the World - Part I*, 81, só como ator), *Butterfly* (81, só como ator), *Genocide* (81, só como narrador), *Slapstick* (82, só como narrador), *Where Is Parsifal?* (83, só como ator), *Almond and Raisins* (84, só como narrador).

AUMENTE SUA COTAÇÃO NA TURMA.
A melhor programação musical não está em nenhuma FM, está na sua cabeça. Numa Hot Tape da BASF você pode gravar as músicas que você mais gosta de ouvir, na ordem que você escolheu. E você vai ter uma seleção de músicas que ninguém mais tem. E num mundo onde tudo é feito em série, a originalidade, você sabe, é meio caminho para o sucesso.
BASF
BASF®
VOCÊ GRAVA E ACONTECE.
Serviço de Orientação ao Consumidor BASF (SOC) - Telefones (011) 800-8006 - (DDG - Brasil) - (011) 258.3291 - (São Paulo)
GRAVE UMA HOT TAPE E FAÇA 90 MINUTOS DE SUCESSO.
Nova embalagem Hot Tape. Um sucesso em todo o mundo.
BASF
90
Ferro Extra I 90
Ferro Extra I
Stereo Cassette
NEW: IMPROVED QUALITY

Andy Catlin/LFI

POR PAUL MORLEY/BLITZ

O SOLITÁRIO, ENFIM SOLO

MORRISSEY

Com o lançamento de Viva Hate, seu primeiro LP após a dissolução dos Smiths, o bardo abre um novo capítulo em sua polêmica existência. Quem falou com ele foi outro dileto filho de Manchester, o jornalista Paul Morley, uma das principais figuras da imprensa musical inglesa e um dos criadores do selo ZTT

A primeira pergunta, quando finalmente nos encontramos, era excepcionalmente simples e óbvia. Enquanto eu a fazia graciosamente, senti um grande júbilo. *Se a genialidade significa um sentido de inspiração ou fluxos de idéias vindas de fontes aparentemente sobrenaturais, ou de um desejo ardente e desordenado de conquistar alguma meta qualquer, esta faculdade estaria perigosamente próxima das vozes que os loucos ouvem ou de suas tendências delirantes e monomanias?*

A resposta foi, claro, muito satisfatória

''*Oh, dear*... Será que não podemos discutir o ressurgimento do *glam rock?*''

BIZZ — *Lembro quem e o que você costumava ser. Você era o tipo ''o idiota da aldeia'', o deslocado, o garoto-problema.*

Morrissey — Nada disso devia ter acontecido, não é mesmo?

BIZZ — *O que aconteceu?*

Morrissey — Seja lá o que for, foi um erro.

BIZZ — *Um erro para o divertido solitário obsessivo, o alienígena sonhador de Manchester se tornar tal expoente do sentimento da vida e da vida do sentimento. E tão popular!*

Morrissey — O *triste* solitário obsessivo... Não, obviamente não foi um erro, colocado assim. Talvez já estivesse destinado. Mas é difícil descrever o quão insular eu era. Especialmente quando tinha 21, 22,23... Estava totalmente só. A própria idéia de me tornar o que me tornei era impensável. Achava a vida insuportável, às vezes. É muito difícil quando não se gosta muito das pessoas *(solta uma risadinha)*. Devia haver algum tipo de entidade para nos proteger... Eu era um adolescente muito profundo — para dizer o mínimo...

BIZZ — *O que você quer dizer com ''profundo''?*

Morrissey — Você sabe o que ''profundo'' quer dizer. O que está querendo é algo para colocar em letras grandes no topo da entrevista: ''Oh, 'profundo' para mim era não aceitar nada, fosse a parada de sucessos ou o fundamento da vida''. Acho que significa que andava persistentemente perturbado.

BIZZ — *Ninguém lhe dizia para sair dessa?*

Morrissey — Sim, mas significava muito pouco. Eu era de um jeito particular e não passava disso. Levava coisas triviais muito a sério e, talvez, as coisas sérias... muito a sério também.

BIZZ — *Então, o que aconteceu? Como você passou de ''o idiota da aldeia'' a líder da turma?*

Morrissey — Comecei a gravar discos...

BIZZ — *Você culpa alguém ou alguma coisa por estar vivo?*

Morrissey — Ninguém, nada, em absoluto. Mas não gostaria de infligir isso sobre mais ninguém... Não consigo entender como alguém pode ter filhos. Mesmo que a oportunidade surgisse, eu não toparia. Não, não culpo ninguém por me trazer ao mundo, mas realmente sinto que a vida é excessivamente superestimada.

BIZZ — *Por que você se importa tanto com a música pop?*

Morrissey — A resposta talvez seja bem mais simples do que ambos imaginamos. Se você se mantém totalmente isolado dentro dela, tende a atacar a indústria fonográfica. Se você faz muitos amigos e é convidado a milhares de festas, talvez não queira pensar sobre esse vácuo cerebral, talvez se divirta com isso e não queira avaliar de uma maneira crítica. Até hoje me mantenho isolado, e assim odeio tudo que rola.

"Até hoje me mantenho isolado e, assim, odeio tudo que rola. Sempre amei a música popular apaixonadamente... Não gosto de vê-la invadida, pisoteada"

BIZZ — *Sobre o que você se importa?*

Morrissey — Acho que ambos sabemos por que nos importamos. Eu me importo porque sempre amei a música popular apaixonadamente. Acho até que, a cada dia que passa a música pop se torna cada vez mais insossa, sua própria história se torna cada vez mais importante. Não gosto de vê-la invadida, pisoteada... Significava tanto para mim.

BIZZ — *Por que, depois de Patti Smith, Television, Roxy Music, New York Dolls, Joy Division, Eno, Byrne, Morrissey... a música pop chegou a este estado? Algo deu errado. Ninguém concorda com a gente!*

Morrissey — Sim, algo deu errado. Mas, para mim, era totalmente importante e me afetava física e mentalmente. Depois de ouvir *Horses*, eu nunca mais fui o mesmo, e não estou dizendo isso de uma maneira leviana. Não é obviamente normal achar que este tipo de música — Velvet Underground etc. etc. — é a música importante, mas para mim era e isso é o que pesa. Não me faz mudar de idéia se as outras pessoas não concordam comigo, nem um pouco. De fato, algo horrendo aconteceu. Não consigo realmente explicar, a não ser dizendo o óbvio — o pop foi infiltrado por idiotas. O que me irrita é que não haja ódio suficiente, raiva suficiente. Se aparecem sinais de inteligência, cansam-se muito rapidamente e desistem da luta. Não são estimulados adequadamente. Suponho que a música pop seja atualmente dirigida por pessoas despreocupadas, que nunca tiveram imaginação para detectar ou desejar a verdadeira natureza pop e a razão pela qual ela pode ser tão especial. São as pessoas erradas, no que me diz respeito, que assumiram o controle. Advogados e contadores se tornaram importantes demais. O material certo não está sendo encorajado, e o material errado não está sendo condenado como deveria ser.

BIZZ — *Você acha, seriamente, que a música popular anda tão abandonada e oca porque os otimistas, que assumiram o controle, compõem mal?*

Morrissey — Não mal, mas de uma maneira insossa. Provavelmente até compõem bem, mas é essencialmente repetitivo, habitual e insosso. Acho que, quando se percebe a intensidade da vida, você instantaneamente se torna mais... excitante. Se é que essa intensidade é possível na música pop, bem, é de se pensar que não. Mas eu sempre achei que sim. E, no fim, não entendo as pessoas que não são tão sérias como eu...

BIZZ — *Elas provavelmente não querem ficar deprimidas.*

Morrissey — Não, sabemos que não é por aí. Elas têm as mesmas chances de ficarem deprimidas e de deixarem os outros deprimidos também, mas jamais admitiriam isso. Para mim é uma questão de seriedade, que considero indispensável e sempre veio a mim de forma natural. Fazer simples discos para dançar nunca foi a intenção. Seria, para mim, totalmente fútil. Tenho de fazer discos que transcendam a importância assumida ao pop.

BIZZ — *Seria esse um conceito ridículo?*

Morrissey — Talvez. Olhando por outro ângulo, talvez seja totalmente corajoso.

BIZZ — *Você está afirmando, então, que o que faz é, nestas circunstâncias, heróico?*

Morrissey — Sim. Muito heróico. Muito solitário. As pessoas estão sempre olhando de lado para mim e dizendo "bem, você realmente quer fazer *isso*, a sério?" Mas, por outro lado, sempre soube rir de mim mesmo, mesmo entre as pessoas que me consideram articulado, isto também parece ser um pecado. Sempre tive de rir de mim mesmo. Se não achasse minha posição social tão divertida, quando era adolescente, teria me estrangulado. O simples fato de estar fazendo isso agora, eu acho inacreditável.

BIZZ — *O que está fazendo?*

Morrissey — Não sou mau com as palavras...

BIZZ — *A sério?*

Morrissey — Acho que vejo seriedade em tudo. Até na música pop. As pessoas dizem que isso não pertence a ela, que nunca esteve lá... Mas aqui estamos nós. Aqui estou eu. Acho que devo ser totalmente único.

BIZZ — *Por que você gosta de se sentir estranho?*

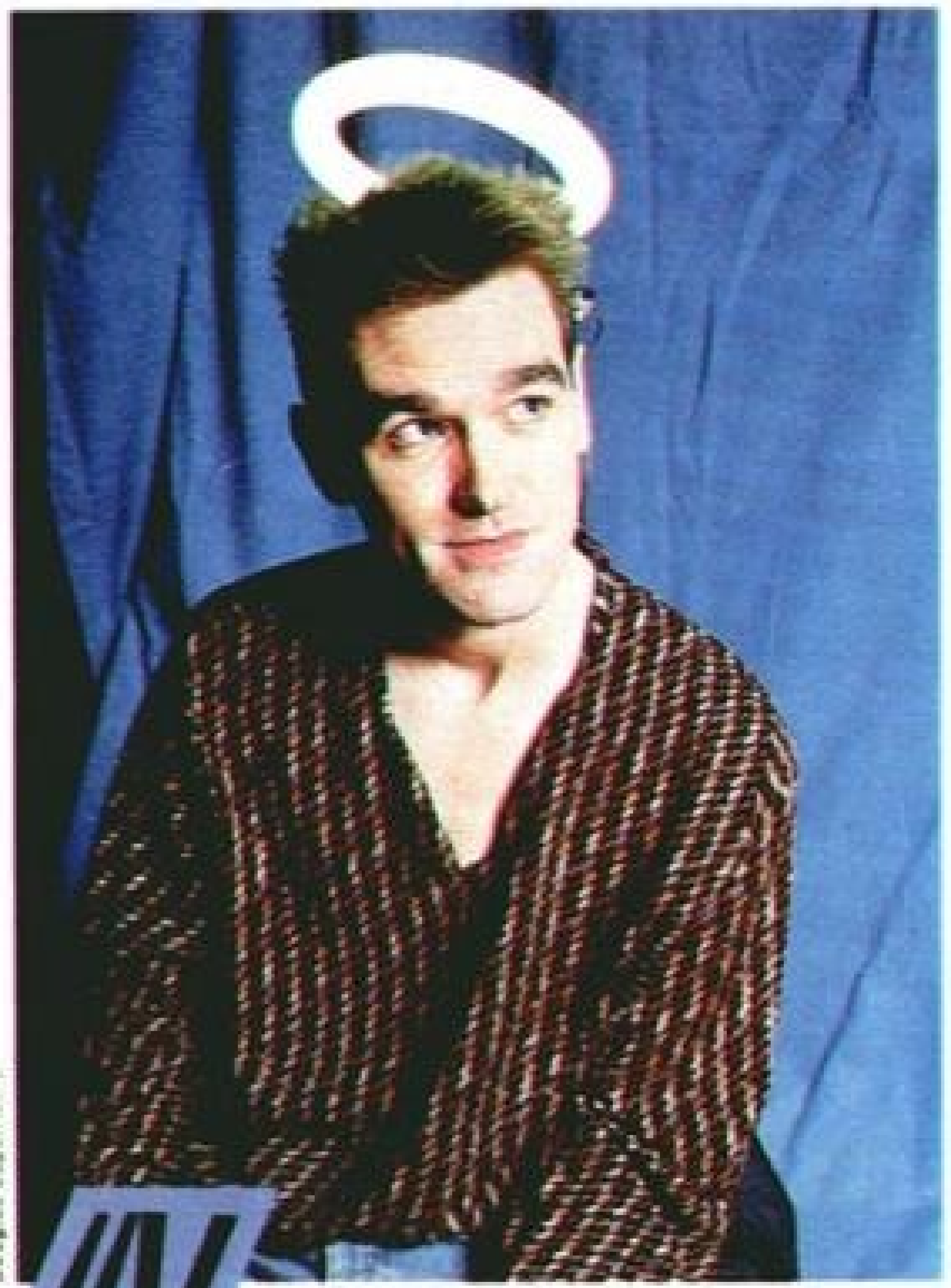
Morrissey — Não sei se eu realmente *gostava* de ser estranho do jeito que você está insinuando... Me sentia estranho porque nunca me impressionei pelas coisas simples que os outros pareciam adorar.

BIZZ — *Aí você se apaixonou por imagens?*

Morrissey — Não foi realmente por culpa minha que foram imagens, em vez de pessoas, que começaram a me atrair. Havia bastante gente... Eu fui à escola e, por um breve período, ao trabalho. Eu via pessoas. Vivia num conjunto habitacional altamente populado. Havia pessoas por toda a volta. Mas ninguém se interessou em penetrar esta grande muralha que havia entre nós. Sim, eu era egoísta. Mas eu também era, e continuo sendo, o tipo de pessoa que a maioria das pessoas não quer conhecer. É difícil de acreditar!

BIZZ — *Você foi forçado a construir sua própria realidade?*

Morrissey — Sim. Isso me tomou ▶



"Vi um ou dois psiquiatras. Eles apenas ficam sentados, balançando a cabeça e tomando notas"

um bom tempo. Mas, o que é mais importante, acho que quando alguém não é muito popular, sejam quais forem as razões, essa pessoa tende a desenvolver certas formas de sobrevivência. Uma sobrevivência que exclua amizades, que exclua atividades sociais. Foi neste sentido que organizei minha vida. Se você não consegue impressionar as pessoas simplesmente por fazer parte da grande e gorda raça humana, então tem de desenvolver outras habilidades. E se você não consegue impressionar as pessoas pela sua aparência, aí é que *tem* mesmo de desenvolver outras habilidades. E se agora você me perguntar se tudo que fiz foi para chamar atenção, não é de todo verdade. É até certo ponto, mas isso faz parte da própria natureza de estar vivo.

BIZZ — *Você queria ser amado?*

Morrissey — Visto, acima de tudo. Eu queria ser notado, e o modo como tenho vivido tem em si uma neurose desesperada por causa disso. Todo ser humano necessita de um certo grau de atenção. Algumas pessoas a obtêm na época certa, quando têm 13 ou 14 anos, são amadas na fase certa. Se isto não acontece, se não há amor, então você pode simplesmente sumir do mapa. Poderia facilmente ter acontecido comigo. Muitas vezes estive próximo de... sumir do mapa. Não me agrada muito falar sobre isso. Não quero reviver aquelas experiências. Mas cheguei perto... Em certo sentido, sempre achei que era normal ser um adolescente perturbado. Não tinha certeza de ser dramaticamente único. Conhecia outras pessoas que eram também, na época, desesperadas e com tendências suicidas. Desprezavam a vida e detestavam todas as outras pessoas. Isso me deu alguma segurança, pois pensei: "Bem, talvez não seja tão intenso assim." É claro que eu era. Eu desprezava praticamente tudo na vida humana, o que acaba limitando as atividades do fim de semana.

BIZZ — *O que mais havia?*

Morrissey — Nada. Livros. Televisão. Discos. No geral, era um grande terreno baldio.

BIZZ — *A memória desses anos foi destruída?*

Morrissey — Não, nem um pouco. Lembro-me de tudo com detalhes. Lembro toda noite e vivencio o embaraço que sentia. Foi um horror. Toda a minha vida escolar, um horror que não pode ser por demais enfatizado. Todo dia era um pesadelo. De qualquer maneira que você possa imaginar. Pior... ódio total. O medo e a angústia de acordar, ter de se vestir, ter de descer à rua, ter de fazer as lições. Estou certo de que a maioria das pessoas fica deprimida na escola. Eu era o mais deprimido de todos. Eu percebia mais.

BIZZ — *Diga, você já foi a algum psiquiatra?*

Morrissey — Ha... Não para valer... Vi um ou dois psiquiatras. Eles apenas ficam sentados, balançando a cabeça e tomando notas. Talvez se eu fosse curado, por assim dizer, acabaria entrando de uma maneira cega e amigável em qualquer situação, isso não seria autêntico em mim. Talvez seja a infelicidade o meu combustível.

BIZZ — *O que, em você, te deixa mais irritado?*

Morrissey — Praticamente tudo. Sinto falta de não conseguir manter uma postura reta. Minha tendência é escorregar para dentro de um lugar e sentar na cadeira que fica atrás da porta.

BIZZ — *Será tudo isso apenas uma tremenda autocomiseração?*

Morrissey — Não, nem um pouco. Existe uma resposta para essa pergunta: não é tão simples assim.

BIZZ — *E então, depois de tudo isso, como é que veio o "grande chamado"?*

Morrissey — O grande chamado... isso soa bem. Num certo sentido, sempre esteve presente. Mas comecei a sentir, quando atingi os 21, 22, 23, que provavelmente não estava. Não conseguia enxergar como podia estar destinado à música pop. Para começar, estava paralisado. Não conseguia me mexer. Não conseguia me imaginar dançando e sentia que o movimento era praticamente a única coisa importante nesse ritual absurdo. Conseguia apenas me imaginar cantando, mas mesmo assim não tinha idéia do que fazer com o microfone e seu pedestal. Mas sentia esse "grande chamado" místico. Não precisa rir! Como também tinha uma visão intensa sobre o ato de tirar a própria vida, imaginava que esse talvez fosse o meu chamado, o suicídio, nada mais espetacular e interessante do que isso. Sentia que as pessoas que eventualmente tiravam suas próprias vidas tinham consciência disso não só nas últimas horas, semanas ou meses de suas vidas. Sabiam disso desde sempre. Tinham se resignado a isso muitos anos antes do ato propriamente dito. Em certo sentido, portanto, eu tive esse chamado.

BIZZ — *E o que te impediu?*

Morrissey — Gravei discos. Tive uma oportunidade para fazer discos e milagrosamente tudo deu certo.

BIZZ — *Então ser o Morrissey acabou salvando sua vida?*

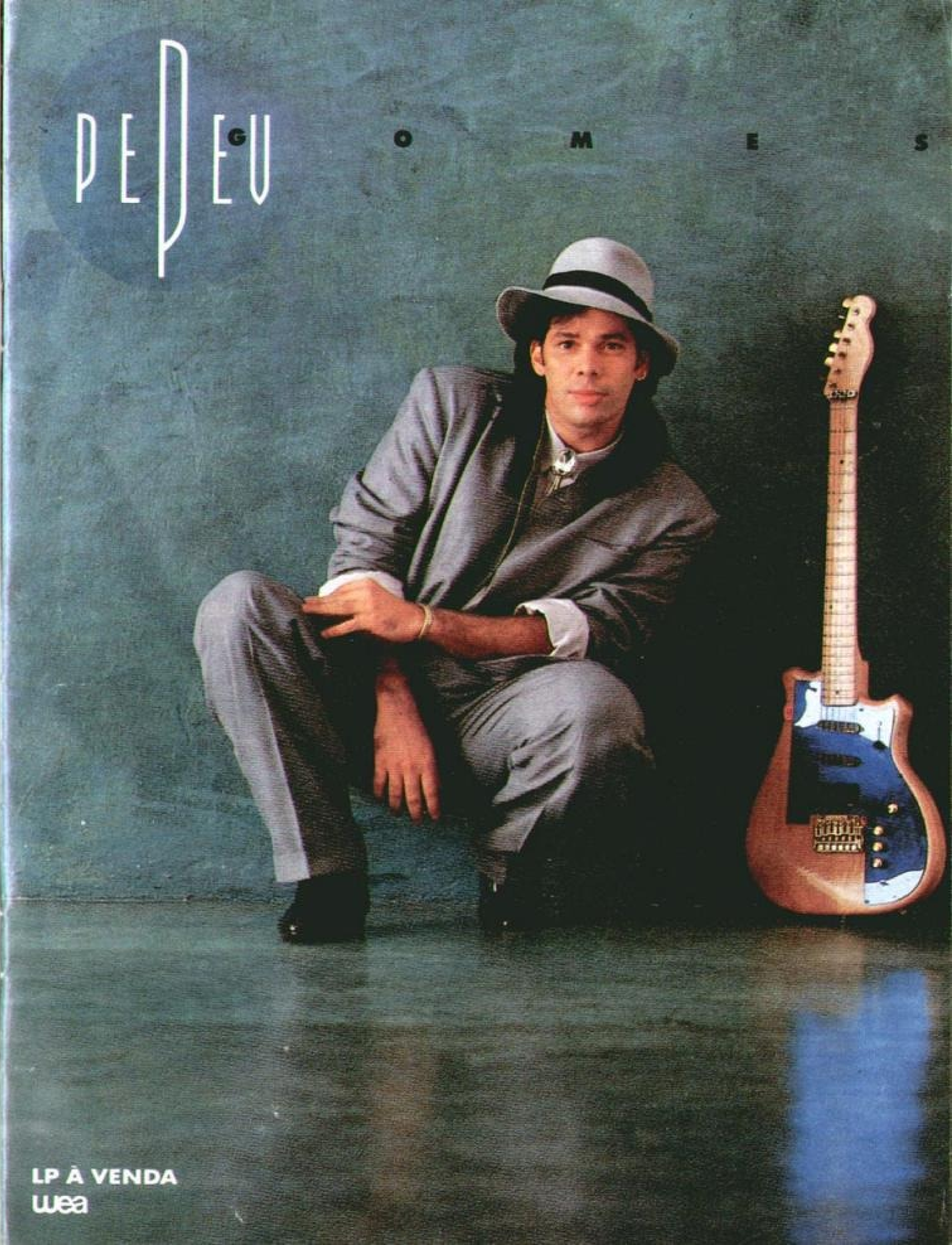
Morrissey — Tem sido um fardo e uma benção. Salvou a minha vida e, ao mesmo tempo, me empurrou para um novo conjunto de problemas.

BIZZ — *Problemas com os quais você parece se deleitar.*

Morrissey — Não mesmo! Por que será que as pessoas insistem em que eu vasculho o mundo e a vida voluntariosamente atrás de atrocidades com as quais possa me punir?

BIZZ — *Mas você parece sempre estar tirando prazer da ansiedade.*

Morrissey — Sempre foi um prazer extremamente insular. Sempre foi ▶



"Com certeza, depois do punk, a rebelião já tinha se tornado em si uma tradição. Não queria seguir aqueles modelos já estabelecidos de rebelião"

uma questão de retroceder até o quarto, encontrar a máquina de escrever e talvez ouvir muito mais na música pop do que ela realmente contém. A questão é: eu sempre entretivera a idéia de fazer discos e justo quando a porta parecia estar se fechando e eu estava pensando nisso cada vez menos, veio a chance. De repente essas avenidas se abriram e eu as utilizei.

BIZZ — *O que você achou que aconteceria?*

Morrissey — Sentia que seria ou totalmente adorado ou universalmente desprezado. De certa forma, ambas as coisas aconteceram. Geralmente acho que as pessoas ou me levam na brincadeira de uma maneira insultante, ou me levam inconfortável, neurótica e obsessivamente a sério. Eu era obcecado pela fama e não conseguia enxergar, no passado, ninguém — fosse na música ou no cinema — que se parecesse comigo. Por isso era difícil enxergar um espaço que pudesse ser preenchido. Assim, quando comecei a gravar, pensei: bem, em vez de adotar as poses habituais, o melhor é ser o mais natural possível, o que, obviamente, não era nem um pouco natural. Para mim, chegar a fazer um disco era uma coisa tão antinatural que essa era realmente a única maneira como poderia me comportar. Antinatural. O que — em certo sentido — era a minha forma de rebelião, porque a rebelião em si já tinha se tornado uma tradição, com certeza depois do punk, sim. Não queria seguir aqueles modelos já estabelecidos de aparência e rebelião. E no momento em que comecei a gravar, já tinha 23 anos — era um velho pensativo de 23 anos — por isso sabia que havia certas coisas que eu queria fazer. Tinha muita certeza. E me sinto muito subestimado, em todos os sentidos, considerando-se o que conquistei.

BIZZ — *Você acha que fez algo construtivo?*

Morrissey — Se acho! Pelo menos, dadas as circunstâncias. Ha ha ha... por que será que estou rindo? Isto é muito sério. Acho que conquistei muitas coisas como ser humano.

BIZZ — *Você é incrivelmente elogiado.*

Morrissey — As pessoas podem te admirar e te acolher com simpatia mas isto não significa que elas te entendam. As pessoas raramente te dão tapinhas nas costas da maneira que você realmente deseja. Às vezes sinto que o que faço pode passar batido, sem a atenção necessária.

BIZZ — *Isto me parece uma tremenda ingratidão.*

Morrissey — É claro que parece. É muito difícil reclamar quando se tem a aprovação das pessoas... mas eu consigo. Quando certas pessoas me criticam, entendo o que estão querendo dizer. Posso concordar e sorrir quando sou atacado, muito mais do que quando recebo resenhas maravilhosamente favoráveis. Não é necessariamente útil que alguém se entusiasme a ponto de te dar cinco estrelas numa crítica, sem entender o principal. Houve, já, algumas pessoas que não me suportam, cujas opiniões acho muito interessantes. Não é muito útil ter alguém ao teu lado concordando o tempo todo... você pode, de propósito, sugerir uma idéia péssima e ela continua a concordar, ou você inverte a visão que ela tem de você e ela continua a concordar. Mas a verdade é que, sim, acho que mereço um crédito maior. Fiz algumas coisas que, se outras pessoas as tivessem feito, teriam seu público reduzido consideravelmente. Joguei contra a empatia tradicional do público. E uma das coisas que me inspiraram, quando estava começando, foi não conseguir pensar em ninguém que fosse remotamente parecido comigo.

BIZZ — *Em que altura você sentiu que ia dar certo?*

Morrissey — Instantaneamente, para falar a verdade... porque aconteceu muito rapidamente, mesmo se falarmos sobre os primeiros shows dos Smiths. Era mais do que eu esperava. Havia muita gente pronta para se identificar com o que eu estava sentindo. Ódio! Odiando tudo, mas sem ser ofensivamente odioso *(outra risadinha)*. Como ódio vindo de pessoas muito gentis.

BIZZ — *Foi fácil?*

Morrissey — O sucesso nunca é fácil. Podia ter dado tudo irreversivelmente errado para mim. A coisa só se consolidou mesmo com o quarto compacto.

BIZZ — *Se não tivesse dado certo, você estaria morto agora?*

Morrissey — Certamente estaria sob tratamento intensivo.

BIZZ — *Você sente o poder de uma liderança, no comando dessas pessoas gentis e com ódio?*

Morrissey — Sim, sinto... Não sinto a necessidade de sair e dar a mão a todos e juntar todo mundo, mas sei o que você quer dizer. Gosto de pensar que é possível gravar e ter um sucesso intenso e ao mesmo tempo permanecer essencialmente fechado em minha vida privada. Isso seria bem agradável. Talvez eu tenha influência. Muitos jovens estão muito sozinhos, e talvez ouvindo meus discos não se sintam tão sozinhos assim. E talvez haja também muitas pessoas como eu era, desesperadas e incapazes, mas com uma necessidade enorme de fazer alguma coisa. Gostaria que algum disco meu os fizesse sentir que se *ele* pode, eu também posso.

BIZZ — *Você agradar apenas a um bando de adolescentes confusos é apenas um clichê desgastado?*

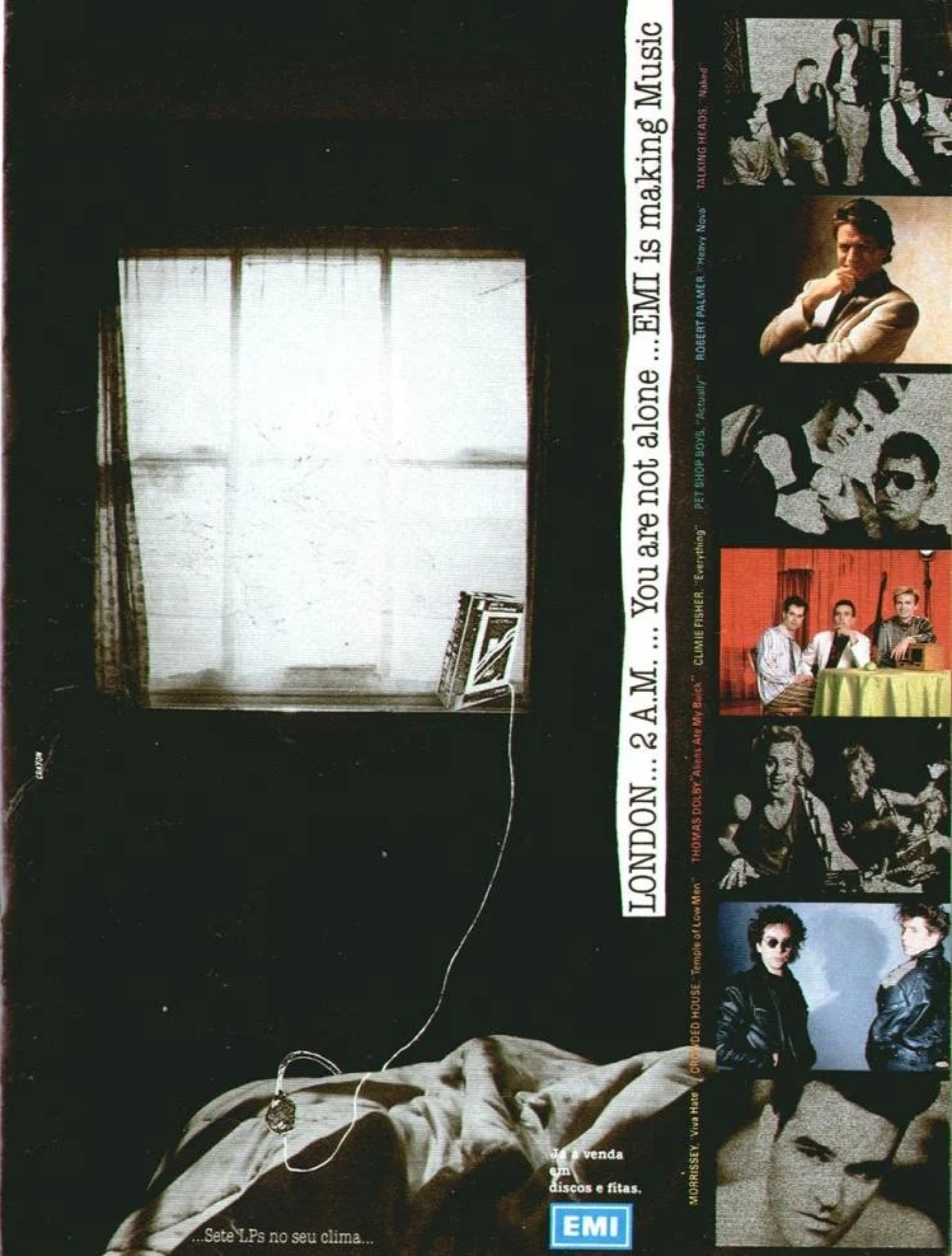
Morrissey — Oh, sim. Já se expandiu muito além disso. Fiquei inicialmente muito confuso quando começaram a escrever que minhas canções eram adolescentes. Eu já tinha 24, 25 anos, por isso elas não eram adolescentes e sim algo totalmente novo, algo que nunca tinha sido exprimido antes. Não era adolescente. Não era tão fácil assim.

BIZZ — *O que sua música faz com os seus fãs?*

Morrissey — Bem, eles usam sobretudos pesados e ficam com o olhar fixo em lâmpadas quebradas. É assim que sempre foi comigo!

BIZZ — *Você acha* Viva Hate *uma obra-prima?*

Morrissey — Chega perto. Tenho uma visão bem nítida do que tenho de fazer para corresponder a todas as expectativas. *Viva Hate* é despreocupado, mas ainda não estou tão inclinado a descer a lenha. Ainda estou para atingir a perfeição... saberei quando a atingir, e acho que será totalmente encantador afetar a vida das outras pessoas com uma forma de perfeição. Será como um casamento!



LOBÃO

FLAGRADO NA TOCA

Onde está Lobão? O que ele está fazendo? Bem, ele está curtindo sua primeira gravidez e prepara, além do herdeiro, seu terceiro LP — *Cuidado*. Em sua residência em São Conrado, RJ, Lobão falou à BIZZ, exatamente uma semana depois de ter composto uma série de petardos com o rock poderoso que o sustenta, de atirar corpos parede adentro.

Lobão está afastado dos noticiários musicais e policiais do país. Muitos podem pensar que agora, sim, sua vida está resolvida. Muitos podem pensar que, devido ao sucesso do LP *Vida Bandida*, Lobão realizou, finalmente, o álbum desejado. Muitos podem pensar que, enfim, o artista não tem motivos para se queixar e, daqui para frente, só lhe resta usufruir. Engano. Ledo engano. A situação de Lobão permanece uma incógnita. "Me condenaram", conta ele. "Estou suspenso. Pensei que ia ficar livre este ano, mas vai demorar ainda dois anos. E, se eu for condenado de novo, posso até ir para a cadeia. Ridículo! Não pude sair do Brasil! Meus contatos internacionais estão suspensos porque o juiz não me deu permissão para sair do país... O que eles estão querendo? Buscando notoriedade? Estou puto! Tô calado... Não falei nada, nenhuma atrocidade que foi praticada. Mas, se continuar assim, vou entrar em guerra." Perguntei, óbvio, que atrocidades...: "Olha, tem coisas que eu presenciei no julgamento... e eu não posso falar, senão neguinho me condena. Não há justiça! Você tem que fazer coisas em troca de um ato político, de um favor, troca de exigências, subornos... Só ganha nessa justiça quem tem muita grana *(longa pausa)*. Nunca falei por que ri... E fui chamado de 'drogado risonho'. Estou aturdidamente puto! *(pausa, mudando de assunto)*. Mas está bom trabalhar com essas pessoas..."

Desde que Lobão saiu dos Ronaldos, ele tenta se encaixar com músicos "ideais". Por ocasião do LP *O Rock Errou*, sua reclamação era de que o disco tinha ficado muito jazz devido à forte ligação dos músicos ao estilo. O último, *Vida Bandida*, também não foi satisfatório. "Quando eu estava preso", relata ele, "o Marcelo Susekind *(produtor do LP)* pediu para ajudar e eu não tive muito controle sobre o disco. Acabou saindo muita coisa com sotaque de Erva Doce. Muito Erva Doce demais! *(Nota: Marcelo Susekind foi um dos integrantes do extinto grupo.)* E acho que a característica da banda *(que o acompanhava)*... não era uma banda acoplada a mim. Adoro eles, mas não gostaria de ser associado ao estilo de sua música. Além disso... bem... é bom mudar de banda, de timbre. Aquela era muito heavy metal e estava tomando um caminho incontrolavelmente heavy metal. Para este disco decidi pegar pessoas que tivessem uma cultura musical mais abrangente. Dos antigos, só ficou o Zé Luiz (sax)."

Na nova formação estão Serginho Serra, ex-Leo Jaime e ex-Ultraje a Rigor — um guitarrista de estilo; Rodrigo (baixo); Zé Luiz, já citado, e, provavelmente, Jorge Gomes (bateria), que acompanhará Lobão na turnê (para a gravação do novo LP o próprio Lobão se incumbirá da função). *Cuidado* é o nome do LP, de capa vermelha, imitando uma daquelas típicas placas residenciais onde se lê: "Cuidado cão raivoso".

Durante esta entrevista, realizada no dia 26 de maio, João (como Daniele, sua mulher — na época aos 2,5 meses de gravidez —, o chama) preparava a sala de ensaios para a elaboração final do vinil. Lá estavam, além dos músicos citados, alguns amigos, o fiel secretário Jorge — que sobe e desce o morro para comprar cigarros, cervejas, ligar para a produtora Carmela...: "Os técnicos vêm ou não vêm!?" —, Ivo Meireles, da Mangueira, autor daquele famoso samba onde ele diz: "Tem xinxim e acarajé...", com o qual Lobão fez algumas parcerias e, claro, o fiel escudeiro, amigo e parceiro de anos, o simpático Bernardo Vilhena. As novas letras, quase todas de sua autoria, estão com uma poética ainda mais direta, mais simples, resultado da convivência com Ivo, profundo conhecedor dos verbos do morro... Numa só frase Ivo consegue sintetizar toda uma história de vida, de um personagem, de uma situação, de um *modus vivendi*, enfim.

No novo LP, o morro desce para o asfalto antes do verão

Até esta matéria ser publicada, já deverá estar tocando pelas rádios — se a censura assim o permitiu — a música "O Eleito", falando de um determinado personagem de "gestos mal estudados e discursos mal escritos", letra forte principalmente pela aglomeração sintética de várias falhas deste que está tirando o sono de milhões de brasileiros. O discurso ganha ainda mais ênfase com o rock poderoso que o sustenta, de atirar corpos parede adentro.

Para o LP em si, Lobão incluirá funks, uma balada, a regravação de "A Deusa do Amor" — gravada na sublime voz de Nelson Gonçalves e, aqui, numa versão fox trot —, a hilária "Síndrome de Brega", parceria conceitual com Daniele, além de duas letras de Lobão, uma delas chamada "Esfinge", extremamente complexa, meio shakespeariana. "Pobre Deus" — uma oração à Deus, "que não sabe o que fazer com o poder" — contará com a participação de Edgard Scandurra do Ira! na guitarra, também eleito para "O Eleito". A produção ficará totalmente à cargo de Lobão porque, como ele diz, "não agüento mais neguinho metendo o bedelho. Assumo toda a responsabilidade!"

Ivo, o parceiro da Mangueira, trará — além de sua contribuição para um discurso mais direto — a percussão de sua escola, traduzida só pelas suas duas mãos sobre uma série de instrumentos. Lobão: "É a primeira parceria intelectual, assim, de preto no branco e branco no preto. Do morro descer para o asfalto sem passar pela 'avenida'. Nada caricatural". Mas, com certeza, dará o sotaque brasileiro ao rock tão esperado e que Lobão já vinha ensaiando em músicas como "Voz da Razão", do LP o *Rock Errou*.

Fora isso tudo, Lobão prepara dois roteiros para cinema: um chamado *Bobagens no Submundo do Purgatório*, e outro sobre o Rio — "um filme policial brasileiro". Mas estes projetos estão parados porque Lobão precisa fazer contatos internacionais para realizá-los e, como foi dito, ele está proibido de sair do Brasil. "Fico pau da vida porque tenho muita coisa a produzir e fico a mercê de vaidades do Fórum..."

Esta matéria é apenas uma prévia. Mais notícias no decorrer dos fatos... E, enquanto isto, exatamente no dia do fechamento desta reportagem, ouvi a notícia vinda de uma rádio qualquer, de dentro de um táxi: "Silvio Santos deu sinal verde ao PFL! É candidato à prefeitura de São Paulo". E Jânio Quadros, ao que tudo indica, é candidato à presidência... O taxista apóia ambos. Que país é este?!?!

Sônia Maia

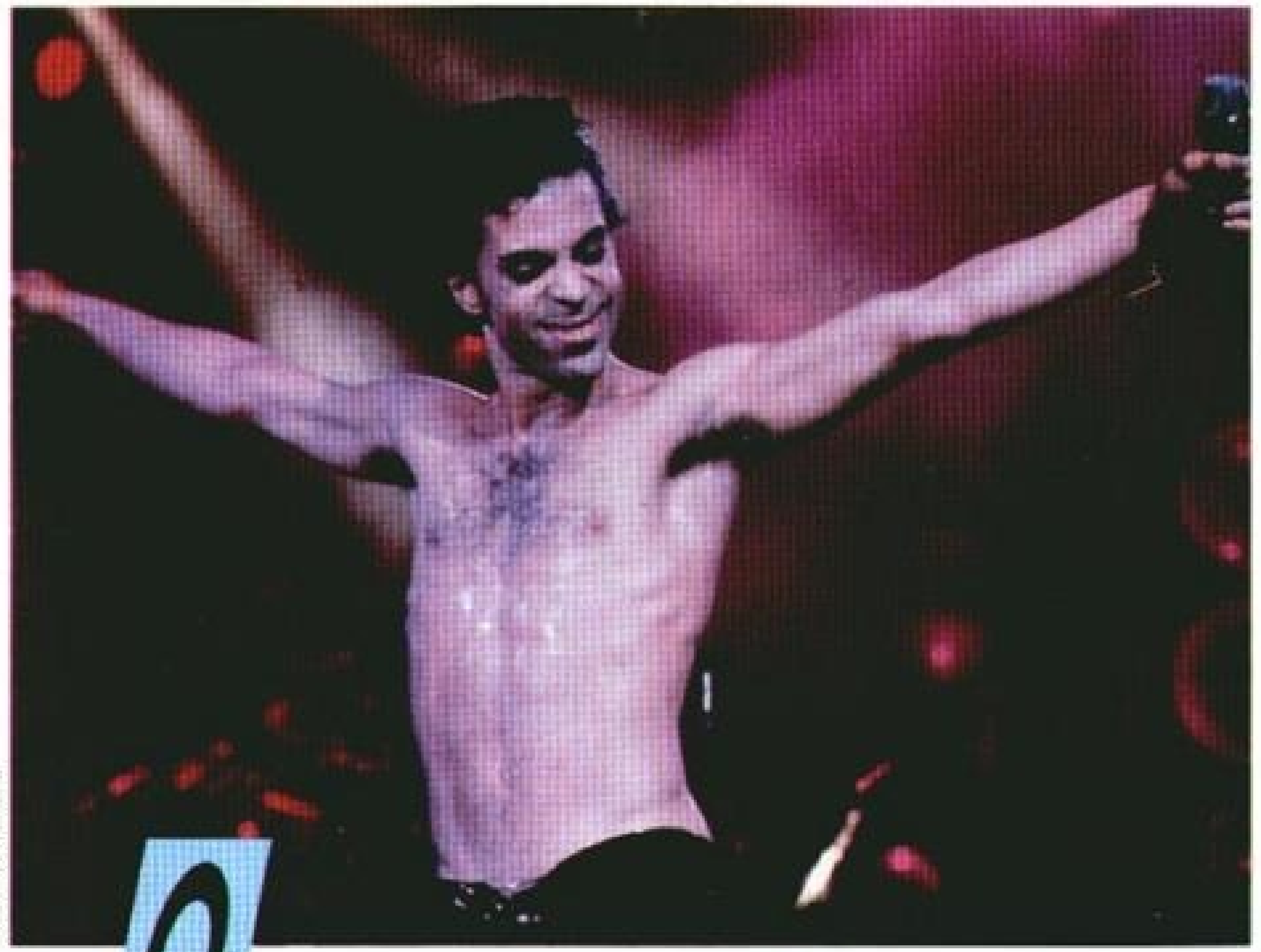
PRINCE

FAZENDO AMOR COM DEUS

O novo LP do diminuto gênio, Lovesexy, é um petardo musical de grosso calibre. Mas o fato de ele aparecer seminu na capa acabou chamando mais atenção do que a música e gerando exageradas e iradas polêmicas e o terror de lojistas e mamães burguesas

Quase 10 anos atrás Prince já sacolejava desafiadoramente o status do conservadorismo norte-americano com pepitas pop-funk que lidavam com assuntos no mínimo incomuns à massa mediana do público — incesto (''Sister'') e sexo oral (''Head''), para início de conversa —, sempre projetando uma imagem francamente sexual e dionisíaca, à qual não faltavam biquínis colantes (num homem?), ligas e pele, muita pele exposta. Além de um tipo de música que rompia barreiras culturais e raciais, Prince apresentava aos anos 80 o mesmo arrojo comportamental que tempos antes havia sido associado a Jerry Lee Lewis, Little Richard, Mick Jagger e Iggy Pop, mas com características próprias suficientes para fazer daquele estilo uma marca registrada apenas dele, Prince. Mas, embora a franca postura sexual muitas vezes roubasse o show, por assim dizer, da música de Prince, em nenhum momento ele era capaz de anular a potência e o valor dos sons revolucionários que saíam de um cadinho onde eram misturados James Brown, Jimi Hendrix, Sly Stone, Miles Davis, Beatles, Stones e um truzilhão de outros nomes ou influências que talvez nem eu nem você jamais venhamos a conhecer por não termos nascido Prince Rogers Nelson, em Mineápolis, no estado do Illinois. Acontece que a cultura pop se alimenta mais de impacto do que de qualidade e, portanto, o Prince sensacionalista consegue, facilmente, ofuscar o Prince músico genial (ou talvez nem tanto, mas as duas faces — o músico e o agente provocador — são tão interligadas que tornam-se indivisíveis e incapazes de existirem sozinhas). O fato é que Prince e polêmica tornaram-se amigos íntimos e inseparáveis — para onde Prince for dona polêmica irá junto. Mesmo que não tenha sido convidada.

Veja o caso de *Lovesexy*. É o álbum mais completo e profundo de toda a carreira de Prince. Nele, sexo e salvação espiritual andam de mãos dadas, são causa e conseqüência de um processo de melhoria do mundo pela fé num Deus — o cristão, mesmo, com D maiúsculo — normalmente dissociado da noção de prazer e luxúria. Nele, Prince lapida formas musicais tão ricas (''Anna Stesi'', ''Positivity'', ''Dance on'', ''Alphabet Street'') que põe no chinelo muito de sua própria obra anterior, fazendo com que o clássico e pioneiro álbum *Dirty Mind* — o primeiro estopim das muitas explosivas controvérsias detonadas por Prince e um marco da mescla R&B, funk e rock — soe como ▶



Robert Machado/Retna

Quem quiser comprar uma cópia de Lovesexy nos EUA, precisa se comportar como se estivesse numa boca-de-fumo, furtivamente

um demo tape, ou com que o brilhante *Sign O' the Times*, do ano passado, pareça difuso demais. Mas *Lovesexy* estreou sua carreira pública colecionando expressões de espanto, não por causa da música do disco, mas por causa da capa.

A foto da capa — Prince nu em pêlo, repousando sobre orquídeas, de uma das quais brota um pistilo tão ereto e tão estrategicamente posicionado no alto da coxa do modelo que se confunde com uma parte muito íntima da anatomia de Prince —, feita pelo fotógrafo e diretor de clips frances, Jean-Baptiste Mondiño, incensou a ala conservadora do mercado consumidor e vendedor de discos nos Estados Unidos de tal forma que o foco da atenção concentrou-se todo na embalagem e não no produto em si. Tem-se a impressão de que é secundário o fato de *Lovesexy* lidar com temas tão intrigantes — e potencialmente bem mais polêmicos — quanto a noção de que o gozo é uma linha direta com Deus (um conceito que já seria suficiente para causar infartos sucessivos na tradicional família defensora de determinados morais e bons costumes).

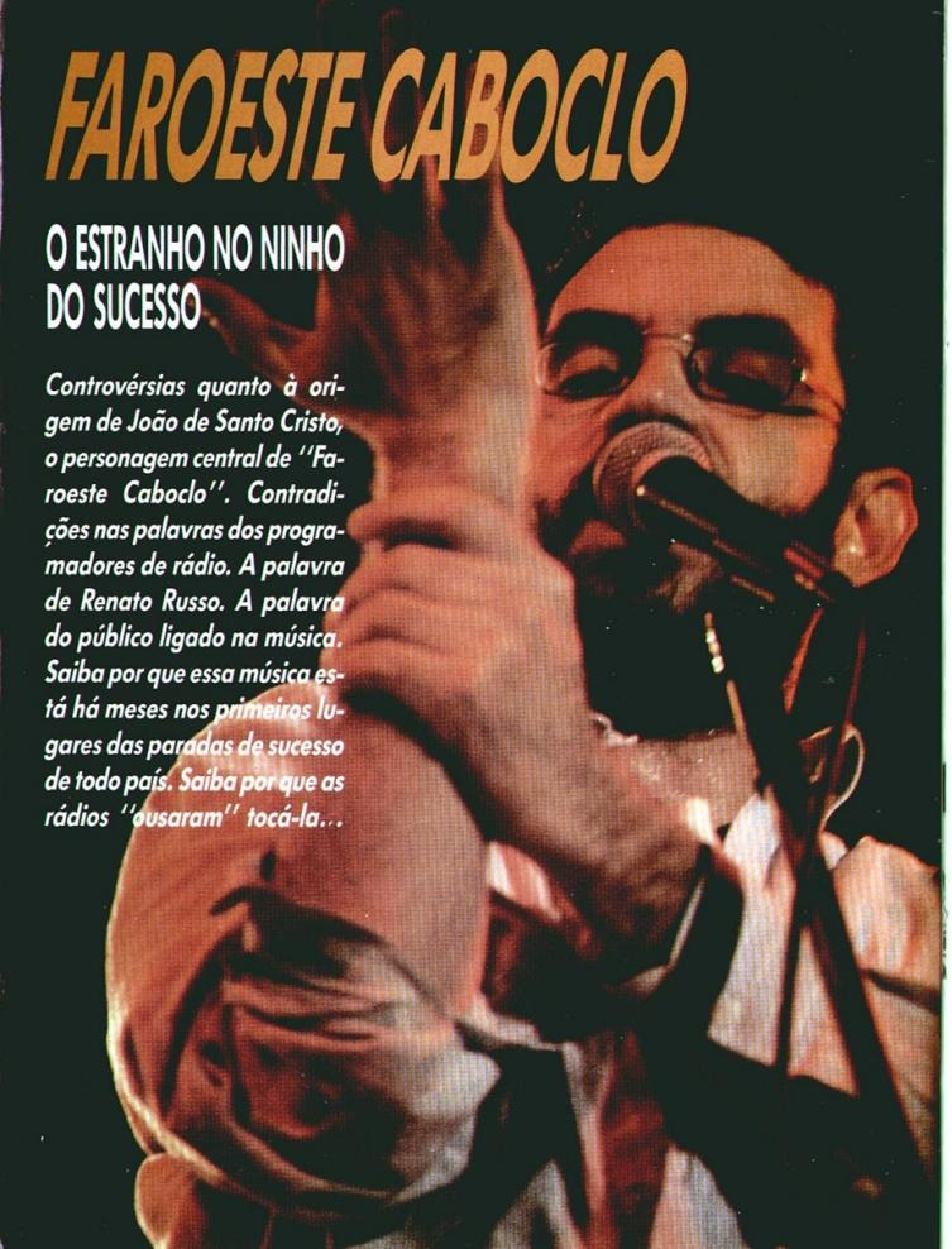
Por causa da capa de *Lovesexy*, vários lojistas se recusaram mesmo a encomendar cópias do disco à gravadora de Prince, a Paisley Park, distribuída mundialmente pela Warner Brothers. Uma das cadeias de lojas de discos mais presentes nos shopping centers norte-americanos, a Wal-Mart, barrou *Lovesexy* em seu território. Outras redes, como a Musicland, aceitaram o disco, mas não o exibem nas prateleiras. Quem quiser comprar uma cópia de *Lovesexy* nestas lojas precisa se comportar como se estivesse numa boca-de-fumo, pedindo furtivamente um produto que fica escondido detrás do balcão. *Lovesexy* virou fruto proibido.

O furor de lojistas e associações conservadoras em torno de embalagens de discos não é novidade. Há, no passado, dois exemplos clássicos de censura a capas feitas pelas próprias gravadoras: a capa "do banheiro", que embrulharia *Beggar's Banquet*, dos Rolling Stones, e a foto (rapidamente transformada em item de colecionador) em que os Beatles apareciam rodeados por pedaços de carnes e partes de bonecas desmembradas. Atualmente, duas capas de disco causam igual controvérsia nos Estados Unidos: a do álbum *Recovery: Live*, do grupo Great White, e a de *Open up and Say Aahh*, do Poison. É tanta a grita pública em torno destas capas que as respectivas gravadoras cogitam a elaboração de embalagens alternativas, menos ofensivas (sic), uma possibilidade que a Warner rejeita veementemente para o disco de Prince. Mesmo porque a polêmica em torno da capa de *Lovesexy* parece apenas ajudar as vendas do disco. Foram 750 mil cópias encomendadas por antecipação em todo os Estados Unidos, com pedidos de reposição de 30 mil unidades no dia seguinte ao do lançamento. Na parada de álbuns da revista *Billboard*, *Lovesexy* estreou em 41.° lugar. Três semanas mais tarde era o 21.° disco mais vendido no país. E na Inglaterra já entrou na parada em primeiro.

A reação da crítica a *Lovesexy* tem sido desencontrada. Se Robert Hilburn, do jornal *The Los Angeles Times*, acredita que este álbum renderá um Grammy a Prince, David Brown, na *Rolling Stone*, disse que *Lovesexy* quase tem a honra dúbia de ser o primeiro disco de Prince a se alimentar do passado, tornando-se o primeiro álbum regressivo numa carreira caracterizada por passos largos. Mas, graças, em parte, ao septeto com que ele gravou o disco, *Lovesexy* revela quão intrincado e complexo se tornou o conceito que Prince tem de funk desde os tempos de *Dirty Mind*.

Mais curioso ainda é como essa polêmica formou-se em torno de um disco que acabou substituindo um lançamento que, esse sim, arrancaria uivos de ódio dos que hoje combatem *Lovesexy*. Por razões desconhecidas, Prince preferiu soltar *Lovesexy* no lugar do chamado *Black Album*, um projeto só disponível ao público em versões pirata, onde um tom sexual muitíssimo mais debochado e sacana orientava canções cruas, básicas, que provavelmente jamais serão incorporadas à sua discografia oficial. Destas, apenas "When 2 R In Love" — uma baladaça — foi reaproveitada em *Lovesexy*. O restante do *Black Album*, caso ultrapasse a fase "mercado negro" atual, talvez nem cause a mesma controvérsia de *Lovesexy*, já que está em jogo, atualmente, a qualidade de uma capa. Aparentemente, tudo correria bem, pois o *Black Album* tem uma capa inteiramente preta. E mais nada.

J.E.R.



FAROESTE CABOCLO

O ESTRANHO NO NINHO DO SUCESSO

Controvérsias quanto à origem de João de Santo Cristo, o personagem central de "Faroeste Caboclo". Contradições nas palavras dos programadores de rádio. A palavra de Renato Russo. A palavra do público ligado na música. Saiba por que essa música está há meses nos primeiros lugares das paradas de sucesso de todo país. Saiba por que as rádios "ousaram" tocá-la...

O Legião, tomando para si nove minutos do horário nobre no Globo de Ouro

"Faroeste Caboclo" — o épico de nove minutos parido há oito anos por Renato Russo — explodiu nas rádios brasileiras num momento em que sua programação estava (está?) voltada para a chamada "música brega". Por isso, deu muito o que pensar.

Por sua longa duração, a música chegou a ocupar o espaço de dois artistas num dos horários nobres da TV Globo — o primeiro lugar no "paradão" do *Globo de Ouro*, que vai ao ar aos domingos —; ocupa o de pelo menos três músicas nas rádios e, algumas vezes, todo um bloco de programação — quando há pedido nas melhores de três, como ocorre na Transamérica do Rio —; entrou em primeiro lugar nas rádios logo na primeira semana de execução e arrebanhou cerca de 400 pedidos na Cidade carioca na segunda semana. Não seria exagero chamá-la de *mais do que um hit anti-hit*.

O Legião Urbana, que já vinha se destacando desde o lançamento de *Legião Urbana* (85), ganhou popularidade com *Dois* (86), e se consagrou no LP *Que País É Este?* (87) junto à música lá inclusa, inicialmente programada para o *Dois*, ex-duplo, que veio simples e deixou-a de fora. Tudo isso levou o grupo ao megaestrelato e a shows milionários pelo Brasil inteiro. Algo semelhante ao que o RPM experimentou em 86/87. E 88 é mais um ano em que o rock Brasil extrapola as esferas jovens, roqueiras e *undergrounds*.

A primeira questão a se levantar nessa história é: as rádios brasileiras estão marcando bobeira há séculos e isso todos já sabem. A novidade é que agora este fato chegou ao conhecimento — ou pelo menos eles assim o admitem — dos programadores de rádio. "Faroeste..." foi (é), ao mesmo tempo, fenômeno e termômetro. Para chegar a esta conclusão, BIZZ teve de conversar com Jorge Davidson, gerente artístico da EMI-Odeon (gravadora do Legião); Renato Russo; Márcia Maria, programadora da Transamérica (RJ); Fernando Carlos F. Xavier e Jairo Roberto, ambos da Rádio Cidade (RJ). (Estas duas estações foram as primeiras a tocar a música.)

É assim... e... por isso, começam as contradições. Primeiro: a disputa pela *pole position* da entrada em cena de "Faroeste Caboclo" nas rádios. Tanto a Transamérica como a Cidade dizem: "Nós fomos os primeiros a tocar" (ouvintes ligados, cartas para a redação!). Mas as respostas de Fernando, programador da Cidade, são as mais reveladoras, já que sua emissora trabalha dentro dos padrões por ser uma eterna concorrente, e muitas vezes ocupante, dos primeiros lugares de audiência.

Fernando, por que vocês incluíram um anti-hit na Cidade? "Estávamos procurando um diferencial para competir com a Transamérica. Queríamos puxar o ouvinte e pintou 'Faroeste Caboclo'. No começo ficamos meio temerosos. Mas não tinha como escapar. Estávamos atrás de algo diferente." Por quê? "Hoje está uma mesmice muito grande. Estamos sentindo que precisamos mudar. A rádio em si precisa mudar..." Insisto: se vocês sentem que precisa mudar, qual será a atitude daqui para a frente? Fernando, evasivo: "Algo do Sul... Os grupos de lá estão sendo bem aceitos — Engenheiros, Nenhum de Nós. É sempre aquela coisa de alguma região". (!?!?!?!?!) Bem, disse a ele, ainda não estou satisfeita com a resposta. Se vocês estão sentindo que o público quer coisas diferentes, qual será a atitude de agora em diante? Vocês vão tocar de tudo e ver o que se sobressai, ou será feita uma seleção mais rigorosa? Quais os critérios?

Fernando: (longa pausa). "Espera um pouco que eu vou te passar para o Jairo, locutor das 10 às 14 horas. Ele está mais ligado nas novas tendências". Aguardo. "Alô!" Repito a pergunta anterior. Jairo: "A princípio seria perigoso jogar de tudo. Mas o público está mais exigente. As pessoas não estão mais aceitando fórmulas antigas. A seleção agora passa a ser mais minuciosa..." Dê um exemplo, Jairo, de uma palavra do ouvinte que caracterize essa mudança. "Em relação ao sucesso de 'Fata Morgana', dos Dissidenten, eles diziam: 'É ótima, por ser totalmente diferente. Nunca ouvi uma coisa dessas!' ".

Para o pessoal da Transamérica, incluir "Faroeste Caboclo" na programação foi, parece, natural, sem dores... "Já procurávamos ousar um pouco", justifica Márcia Maria. "Já sentíamos nos shows do Legião o sucesso da música, por ela ser uma história, pelo público querer decorar a letra... Tínhamos certeza. Já era sucesso consagra-

Videotape gentilmente cedido pela Rede Globo de Televisão

I love All Star
TINA TURNER GOSTA DO MESMO TÊNIS QUE TODA A JUVENTUDE ADORA: ALL STAR. É COMO ELA DIZ: "ALL STAR IS YOUNG AND FUN." FAÇA COMO OS JOVENS E COMO TINA TURNER. FIQUE COM O MELHOR. ALL STAR.
AMERICA'S Nº1 ALL STAR
ALL STAR
O TÊNIS DE TODAS AS ESTRELAS.
Agnelo Pacheco

do." Você acha, Márcia, que isso mudou alguma coisa no padrão preestabelecido das FMs? "Sim. A 98, por exemplo, teve de cortar pelo menos três músicas de sua programação para incluir 'Faroeste Caboclo'. Foi pressão popular mesmo. Fugiu ao domínio dos programadores. Isso abre, e muito. Está claro: a cabeça do público está crescendo com o rock Brasil".

Para Jorge Davidson, da EMI-Odeon, "Faroeste..." já é um clássico da música brasileira. "É o sucesso que mais felicidade trouxe ao Renato Russo", diz. Entretanto, Jorge não acredita em mudanças nas rádios. "Hoje eles respeitam o Legião como grandes artistas no Brasil, não porque enxergaram isso. O Legião os levou a isso. No fundo eles ainda acreditam mesmo é nas 'Rosanas' Subestimam o desejo e o conhecimento do público... Sempre funciona assim: primeiro, chega ao público; depois,

"'Faroeste Caboclo' é o sucesso que mais felicidade trouxe ao Renato. Hoje a mass media respeita o Legião não porque enxergaram seu talento, mas porque o grupo levou a isso" Jorge Davidson (Odeon)

às gravadoras e, por fim, na *mass media*", da qual ele exclui a imprensa. Jairo não concordaria com Jorge ao declarar: "Com essa mudança, os *produtores* de gravadoras é que devem deixar de fabricar 'babas'..." Ou seja, a bola é passada de mão em mão e ninguém assume — ou assumiria — sequer alguma responsabilidade.

JOÃO DE SANTO CRISTO: A HISTÓRIA DO AUTOR A HISTÓRIA DO PÚBLICO

Embora Renato Russo não goste de pensar e falar sobre o porquê das pessoas terem se ligado tanto em "Faroeste Caboclo", ele arrisca alguns palpites: "Acho que tem a ver com essa tradição da música folclórica no Brasil — do cancioneiro popular, de ter uma ligação forte com a narrativa... E a música sertaneja tem muito disso — uma história com começo, meio e fim. E, também, de eu ter criado um personagem que as pessoas se identificaram com ele, com a história dele. Fora o fato da música falar de um cara que está sofrendo altas dificuldades tentanto manter sua honra. Daí a identificação. Não pelo fato dele ser um traficante, mas é uma questão de sobreviver enfrentando as dificuldades que estão fora do seu controle". Para o próximo disco, Renato garante, não entrará nenhum épico. "Serão roquinhos curtos, de 'dois minutos'... Vai mudar tudo!". Além disso, está à solta a idéia de rodar um filme de "Faroeste Caboclo". Renato: "A Fernanda Torres faria o papel de Maria Lúcia. Mas não está nada definido, ainda. Cinema é indústria e indústria no Brasil é uma coisa supercomplicada".

Quando disse a ele que pretendia falar com algumas pessoas na rua sobre o sucesso de "Faroeste...", Renato sugeriu: "Gostaria de saber algumas coisas... como as pessoas vêem o João de Santo Cristo? Como ele é, fisicamente? Qual o personagem que eles mais gostam? A Maria Lúcia estava certa? O Jeremias era realmente mau? Eles gostariam de um final feliz?... Essas coisas. Veja", continua ele, "um motorista de táxi me disse que era a história do irmão dele. Tem outros que dizem que eu conheci um certo marginal e fiz a música. E não é. A música é totalmente fictícia. E é engraçado, porque o João de Santo Cristo é um garoto de classe média e as pessoas, parece, não percebem isso. Ele era filho de fazendeiro e o pai dele foi assassinado. Ele vai para o reformatório porque não tem ninguém para tomar conta dele. Mataram praticamente toda a sua família e, por isso, ele é revoltado. Acho que por causa da situação atual do país as pessoas estão pegando a coisa pelo lado mais comum. E não é. A música é shakespeariana, até. Uma coisa totalmente absurda! Ele é realmente de classe média, e a música inteira é ele tentando voltar para o meio que conhece. João se vê obrigado a conviver com o pessoal mais pobre e, por isso, ele percebe aquela coisa de preconceito e tudo mais — coisas que ele nunca tinha visto antes... Quer dizer, caminha para outro lado. Santo Cristo tem uma certa nobreza! Não sei se as pessoas percebem. Acho que pensam em Santo Cristo como um pé-rapado. Para mim ele é um heroizinho tipo James Dean, como naquele filme *Vidas Amargas*..."

Renato tinha razão. Para a maioria dos onze entrevistados, João é um menino pobre, bóia-fria, "um cara magricela, espinhudo, narigudo, com cabelo castanho claro, todo irregular...", como diz Silvana, 17 anos, em sua detalhada apresentação. Mas para todos, como para ela, ele é "uma pintinha legal, um cara legal". E algumas pessoas chegaram até a sacar junto com o autor. Celi Melo da Silva, 26 anos, embora esperasse um final feliz, imagina João "uma pessoa simpática, alto, *bem trajado, de classe média*". Airon dos Santos, 21 anos, acha "que ele devia ter um bom porte físico". Jeremias é, para a maioria, um mau-caráter. Celso, 31 anos, engenheiro, é um dos poucos a discordar: "Não acho que o Jeremias fosse mau. Acho que ele agiu por impulso, por amor..."

Maria Lúcia estava errada, na opinião dos entrevistados. Deveria ter esperado por João, deveria ter voltado para ele quando Santo Cristo retornou de viagem, deveria tê-lo perdoado por fazê-la esperar... Mas nem todos concordam: Neusa, 23 anos, digitadora, diz: "Ela ficou esperando por ele, ele não veio, ela casou-se com outro. Acho que ela gostava dele, porque tentou ajudá-lo no final. Talvez tenha se arrependido, por ter casado com o Jeremias. Mas o errado na história é o João, porque ele jurou casar com ela, depois não apareceu mais e, quando resolveu voltar, já era tarde".

A maior surpresa é a opinião dos entrevistados sobre o desfecho da música. Salvo raras exceções, ninguém gostaria de ouvir um final feliz. E a justificativa pode ser resumida nas palavras de Celso, citado acima: "Concordo com o final. Final feliz não tem muito a ver. Não é novela. É a vida real. Acho difícil outra solução nessa sociedade brasileira. E a música é um retrato de um brasileiro".

Sônia Maia
colaborou Marisa Adán Gil

IGGY POP

O PRIMEIRO DOS MOICANOS

É muito raro a gente ter por aqui um talento raro e tão influenciador como Iggy Pop. Raro, ainda, é conseguir uma entrevista com este roqueiro seminal que vai aportar por aqui no final de julho. Mas nosso homem em L.A., José Emilio Rondeau, batalhou e conseguiu. Iggy deita falação sobre anos 60, os Stooges, David Bowie, influências, perigos do sucesso e desanca solenemente o que considera o lixo do rock atual. Com vocês, a fera que fez meia história do rock

Iggy Pop voltou às raízes. Depois de ter feito, em 1986, o disco mais comercial de sua carreira — *Blah, Blah, Blah*, produzido pelo fiel aliado David Bowie e cujas vendas superaram as de toda a discografia anterior de Mr. Iguana, com e sem os Stooges, a banda protopunk que liderara nos anos 60 e 70 —, Iggy retorna à carga com *Instinct*, um álbum cru, básico, recheado de batalhões de guitarras (cortesia de outro amigo de longa data, o ex-Sex Pistols Steve Jones) e canções com o mesmo apelo provocativo do passado: "Easy Rider", "Power and Freedom", "Strong Girl" e "Cold Metal" caberiam perfeitamente em discos seminais dos Stooges, como *Funhouse*, de 1970. A produção de Bill Laswell foi uma sugestão de Bowie, e a presença de Steve Jones — que ajudou a compor metade do disco — era quase inevitável. "Ele é o melhor guitarrista-ritmo que eu conheço", diz Iggy, antes de emendar: "A não ser que o novo disco de Keith Richards seja realmente muito bom". *Instinct* chega num momento em que a carreira de Iggy — há 20 anos na estrada — está numa encruzilhada. O sucesso comercial de *Blah, Blah, Blah* fora correspondente à decepção de quem esperava menos concessão aos ditames do padrão FM e mais culhão. Iggy tinha duas escolhas: navegar a maré do sucesso — e arriscar perder a credibilidade — ou tomar as rédeas de seu destino criativo. Iggy preferiu correr o risco. De novo.

O Iggy Pop de 1988 é basicamente o mesmo de 1967. "O objetivo é o mesmo: escrever *rock and roll music* poderosa e cristalina. A diferença é que agora eu tenho uma sabedoria articulada a respeito do mundo ao meu redor, mais do que tinha nos anos 60 e 70. E agora tenho os poderes da disciplina e do autocontrole. E uma força de vontade que hoje em dia é bem mais forte do que já foi antes." As semelhanças (e as diferenças) entre o ex-líder kamikaze dos Stooges — um personagem que parecia flertar eternamente com o perigo, fosse sob a forma de mergulhos cegos no meio da platéia, fosse sob a forma de um romance quase fatal com Madame Heroína — e a atual encarnação de Jim Osterberg — sadio física (ele não fuma nem bebe, preferindo fazer jogging) e afetivamente (desde 1983 ele vive com a mesma mulher, a japonesa Suchi) — são refletidas no visual dele: esguio, os olhos azuis acesos, atentos, o cabelo castanho-avermelhado recém-lavado, camiseta sem manga (preta), blue jeans pintado a mão com pinceladas aleatórias de vermelho, verde, amarelo e abóbora, tênis branco, anéis gigantescos, em forma de aves de rapina esculpidas no metal, adornando os dedos médio e indicador de ambas as mãos, e, apesar do calorão que se abate sobre L.A., uma jaqueta de couro. Preta.

Iggy fala alto, animadamente, interpretando com gestos (levantando-se da cadeira, se necessário) passagens de histórias que gostaria de enfatizar. Não foge a pergunta alguma e muitas vezes sua eletricidade apaga momentaneamente as rugas que se abrigaram no rosto de 41 anos. A um brasileiro ele lembraria muito Ezequiel Neves, o eterno meninomem rock.

Durante 45 minutos Iggy disparou máximas de seu pensamento, trazendo à tona o material inédito gravado pelos Stooges e traçando seus planos futuros. Entre eles está uma turnê brasileira, sendo estruturada pelo veterano *promoter* multinacional Felipe Rodriguez. "Sempre quis conhecer o Brasil. E soube que existe muita gente lá que conhece e entende meu trabalho. Tomara que dê certo." Tomara.

OS ANOS 60: AS PRIMEIRAS INFLUÊNCIAS

Sei de pessoas de todos os tipos, de diferentes bandas, que vem e dizem "aí, eu ouvia muito suas coisas antigas". Barney Albrecht, do New Order, foi a um de meus shows no Palace, no ano passado, e disse "jamais poderíamos ter formado o New Order se você não tivesse existido". E eu pra ele: "Interessante... eu não ouvi isso no seu som, mas entendo, porque esse tipo de coisa também acontece comigo".

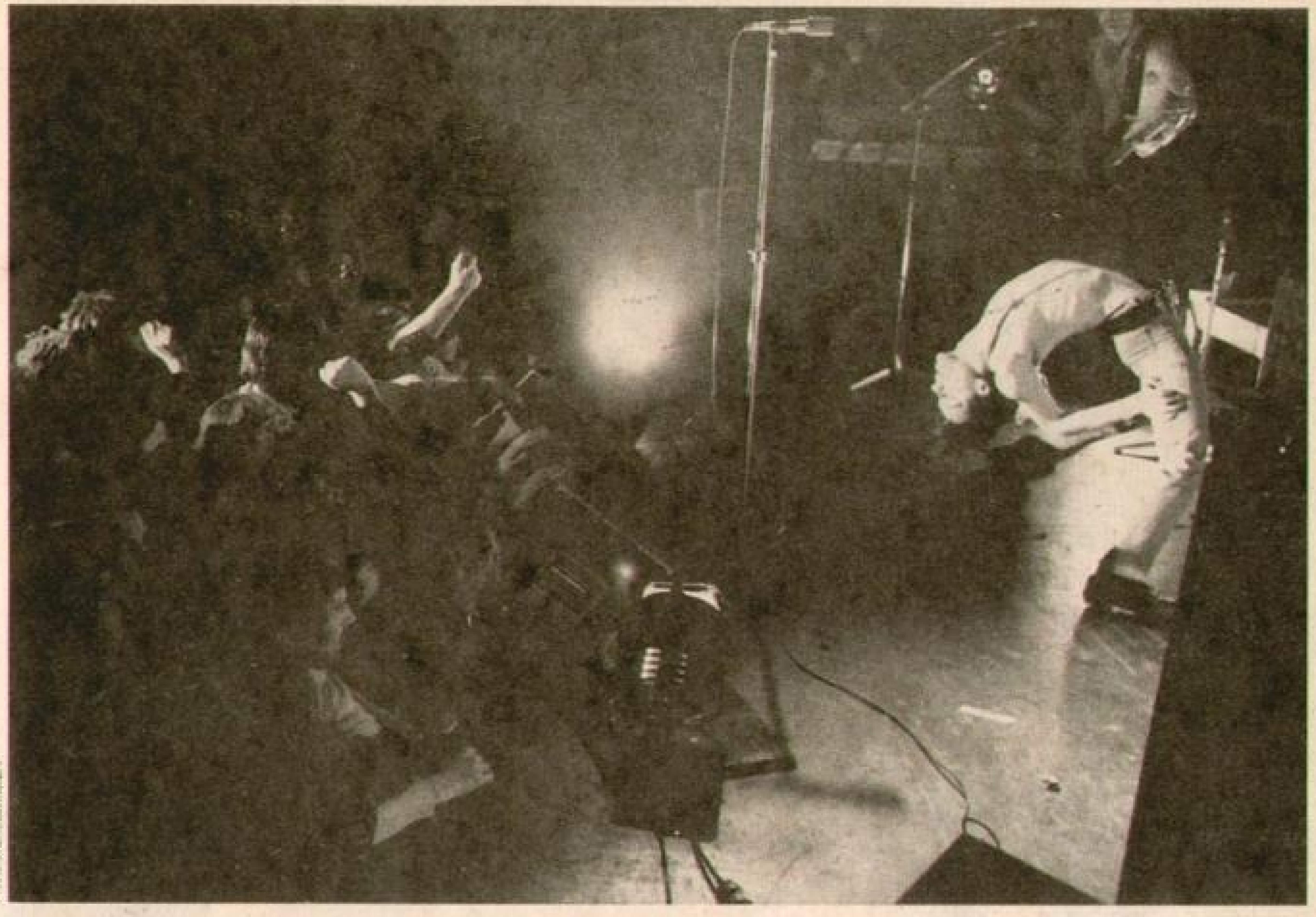
Muitas das pessoas que me influenciaram nem eram músicos. Eram pessoas como políticos, escritores, pintores, estilistas, ditadores, que influenciaram minha música tremendamente, sacou? Eu pego uma idéia e depois que eu termino de mexer com ela você é incapaz de descobrir como tudo começou. Uma das minhas maiores influências foi John Lee Hooker, mas eu não marco o ritmo com o pé batendo numa tábua de madeira, nem toco folk blues, porque eu tentei fazer isso durante um ano que passei em Chicago, no meio da velha geração do blues, mas descobri que não tenho 50 anos, não sou preto, não sou alcoólatra e não sou iletrado. Sou um moleque de subúrbio, com formação de segundo grau, que abandonou a universidade pelo meio musical, então tenho que criar o meu próprio barato, entende? Então, depois que John Lee Hooker foi filtrado através de Iggy Pop, ele fica irreconhecível, mas que está lá, está.

A idéia original dos Stooges, quando eu formei a banda, era tocar blues suburbano. "No Fun", "1969", até "I Wanna Be Your Dog" são todas blues songs. "I Wanna Be Your Dog" era uma entortada que eu havia dado numa frase de uma música de Big Joe Williams, onde ele cantava "I Won't be your dog, baby please don't go" *("Baby Please Don't Go", regravada nos anos 60 por Van Morrison).* Aí eu pensei: "E se ele dissesse: 'Eu *quero* ser seu cachorro'? Ia ser do cacete!" Entendeu? Então eu vou e escrevo uma música, e quando a termino ela se parece mais com um avião do que com um blues, mesmo assim é de lá que ela veio.

O formato das coisas que os Stooges faziam jamais poderia ter acontecido se não houvesse meu envolvimento com blues e com jazz. Nunca *toquei* jazz, mas sempre apreciei. E havia uma terceira coisa — que você talvez nunca fosse adivinhar: política. Eu odiava as pessoas que estavam metidas com a exploração do revolucionarismo, ou extremismo, nos anos 60, mas, por causa daquele clima, pela primeira vez as pessoas estavam se questionando: "Para que serve a música?", "o que espero que ela me proporcione?", "quais e que bandeiras uma banda deve levantar?", "os shows deveriam ser gratuitos?", entendeu? Todas essas coisas foram trazidas para discussão, e isso, filosoficamente, teve grande influência sobre mim. Se não tivesse havido o Black Panthers eu não teria entrado numa de fazer todo o tipo de coisas que fiz.

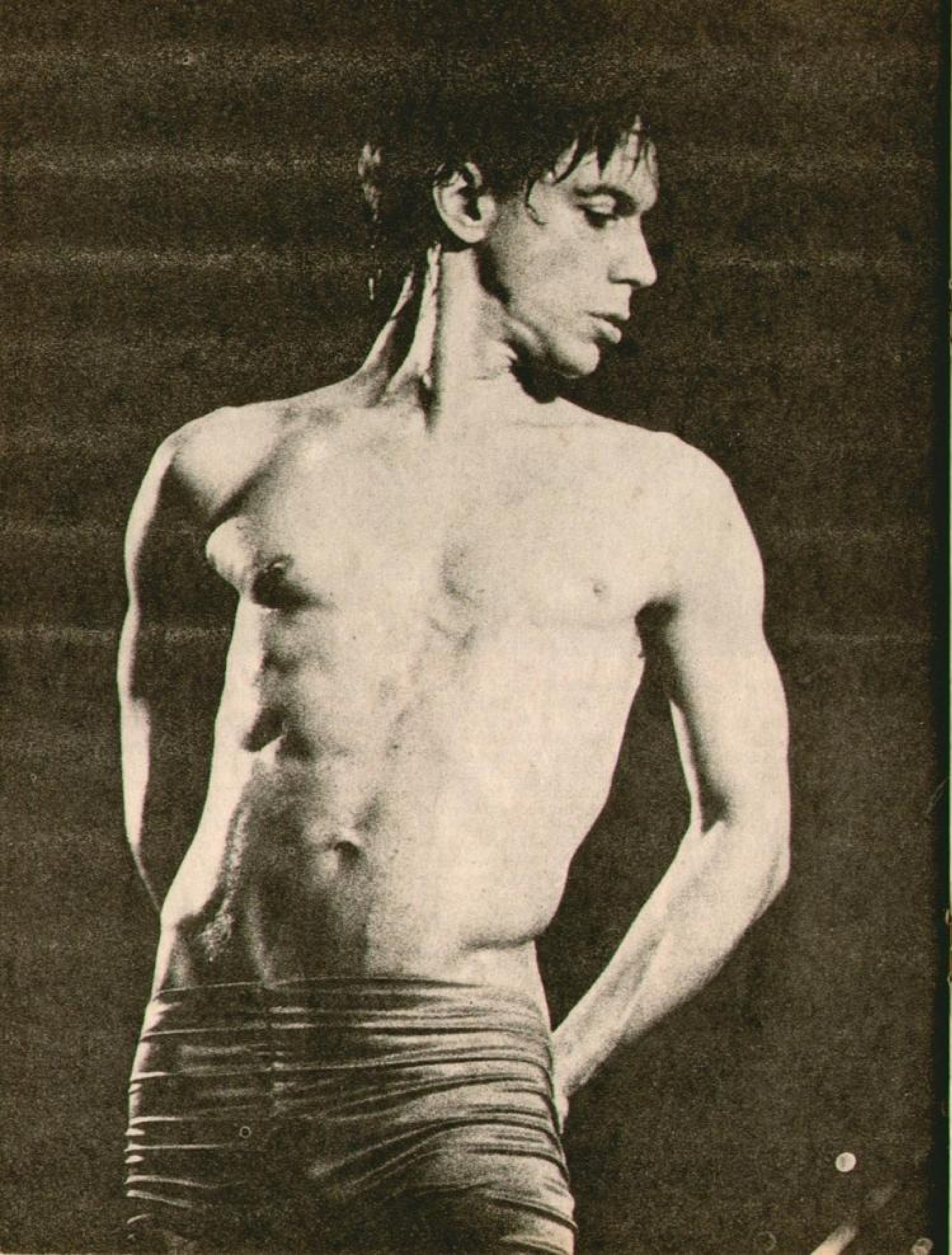
Eu procurava outros campos de conhecimento, além do rock and roll. Muito das minhas letras vinha de Jagger/Richards, de Morrison/Manzarek, de blues, mas também tinham muita coisa de Dylan Thomas, Shakespeare, T.S. Elliot e coisas assim, sacou?

Nos tempos do *flower power*, eu me sentia pessoalmente atacado toda vez que "California Dreamin' " to-



Preston/Kent/Levine/LFI

"Tentei fazer blues mas descobri que não tenho cinqüenta anos, não sou preto, não sou iletrado, nem alcoólatra. Sou do subúrbio"



cava no rádio! Sentia aquilo como um ataque pessoal a meus ouvidos e a minha vida. E esse é um tipo de coisa que rolou a minha vida inteira e nunca mudou. Odeio ouvir Kenny Rogers. Ninguém deveria ser obrigado a escutar aquilo! Odeio ouvir *(cantarolando, com cara de desdém)* "Ventura Highway"... e quando eu costumava viver aqui (em Los Angeles) era impossível se livrar deste tipo de música. Eu tinha acabado de gravar *Kill City* (78), que era um grande disco, e ninguém me dava bola! Eu sabia que era ótimo, e sabia que o que estava rolando era literalmente merda! *(Gesticula como se estivesse pegando a propriamente dita.)* Tipo cocô, mesmo, pedaços de merda. E eu ficava muito chateado.

NO TEMPO DOS STOOGES

Sabe por que fui fazer música? Porque eu queria ficar de bobeira no meio de músicos. Algumas pessoas dizem que foram fazer música pra poderem trepar... faz parte da coisa, mas se eu tivesse que escolher entre ficar perto de meu guitarrista favorito ou passar duas horas na cama com alguma garota, eu iria ficar com o guitarrista, sacou? *(Gargalhando).* A garota pode esperar, sacou? *(Gargalhando).* Ela espera. *(Ficando sério repentinamente).* Pelo menos é assim que me sinto.

Na época em que os Stooges faziam aquele tipo de som e tinham aquela atitude... aquilo era um *statement*, porque ninguém mais estava fazendo aquele tipo de coisa. E era perigoso, verdadeiramente perigoso fazer parte dos Stooges! Dois baixistas dos Stooges morreram *(embora não haja registro da morte deles em enciclopédias de rock, os Stooges tiveram dois baixistas diferentes: o primeiro foi Dave Alexander, substituído em 1972 por Scott Thurston).* Hoje em dia, você vê um bocado de bandas pegando muitos elementos do que costumávamos fazer... Pode até ser que essas bandas tenham algum valor, mas não é a mesma coisa, porque agora as pessoas são quase encorajadas a fazerem o que nós fazíamos antigamente. É mais uma maneira de ganhar dinheiro, ah, ah, ah!

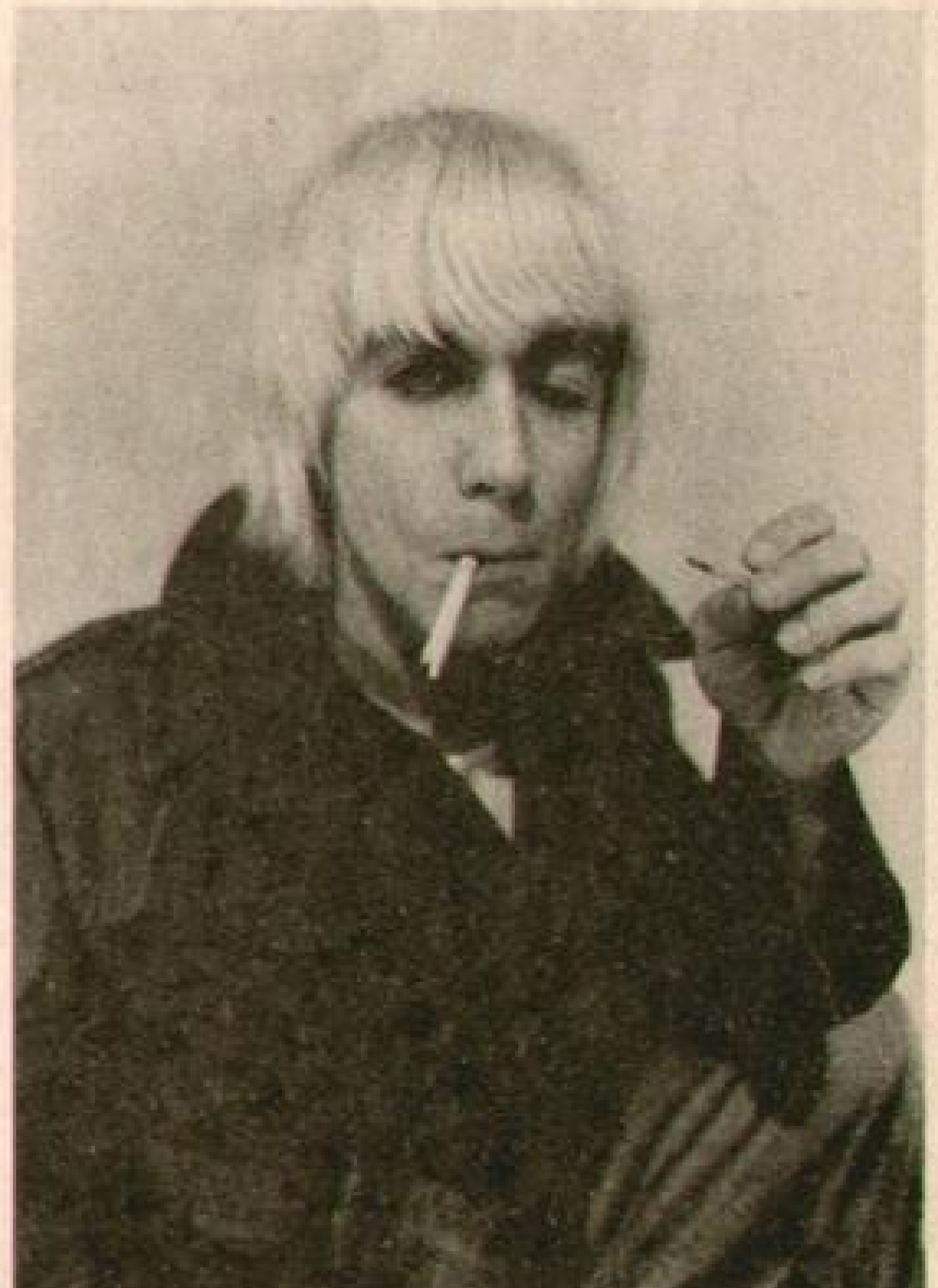
Nosso barato é que éramos tão "o contrário", uns caras teimosos. Não éramos uns almofadinhas da cidade grande que sabiam transitar pelos escritórios das gravadoras, ou que sabiam que garfo usar no jantar. Não sabíamos que era preciso ter aliados na mídia para chegar lá no alto, e blá, blá, blá... O que é que a gente sabia? Que realmente amávamos os Stones, Hendrix, John Coltrane, Archie Shep. Só sabíamos de música. E, se não fosse por minha causa, nem disco teríamos feito. Eu era o Stooges articulado, porque meu pai era professor de inglês e minha mãe era executiva de médio escalão, então eu conseguia falar num linguajar que o mundo exterior conseguia compreender, sacou?

Tenho um imenso orgulho de ter sido um Stooges, *man*. Tenho orgulho até das piores coisas que fizemos. Tenho orgulho de ter passado com um caminhão de quatro metros de altura debaixo de uma ponte de três metros, ah, ah, ah, e cortado a parte de cima do caminhão *(arregalando os olhos)* como se fosse uma lata de atum! Foi lindo! E tenho orgulho das vezes em que desmaiei na frente de pessoas importantes, tenho muito orgulho disso.

Na época tinha também um bocado de dor, no meio da história toda. Mas hoje não lembro tanto da dor. Lembro mais de como era divertido *(com olhar perdido, meio nostálgico, talvez).* Era uma boa banda. Na época eu sentia também uma afinidade com grupos como The Doors e o Velvet Underground, embora eles fossem uns tipos mais sofisticados, e músicos mais sofisticados. Os Stooges... nós éramos outra história, éramos garotos de subúrbio, uns branquelas que não sabiam distinguir merda de graxa de sapato. Nossa vantagem é que tínhamos instinto para fazer as coisas acontecerem. E, de alguma forma, por alguma razão, nós tínhamos a coragem de ser diferentes. Sem ficarmos blasé por causa disso, como o Doors ou o Velvet. Ao vivo eles pareciam se achar sempre o máximo *(fingindo que está tocando, Iggy fecha os olhos e começa a afetar um sussurro cool).* "Tô c* pra vocês, seus babacas, se vocês não estiverem gostando do meu som *cool* — e além do mais eu vou pra casa hoje à noite com uma *socialite* —, então f*-se", sacou? Enquanto isso os Stooges iam atrás da platéia, durante o show. *Eu* ia atrás da platéia. Eu dizia: "Se você não gostar disso *(que eu estou tocando)* eu vou pular no meio da platéia, vou puxar meu cabelo, vou cuspir em você e, se bobear, acabo f* você". E até f*, às vezes! Literalmente! Uma vez agarrei uma dona na platéia e comi a dona. Quando os Stooges subiam no palco, você sabia que alguma coisa ia acontecer. E aquilo era muito importante para mim, naquela época. Não que eu desejasse ser daquele jeito, mas era a única maneira possível de ser. Você faz o que pode, entende? Se você é um cara rude, você acaba usando meios rudes.

Daquela época ainda existe muito material inédito dos Stooges *(além do que foi incluído em* Metallic K.O., *álbum duplo com a íntegra do último show do grupo, lançado há pouco na Europa).* Tem os mixes antigos de *Raw Power*, que eu fiz antes de David Bowie ter sido chamado para refazê-las. Aliás, é um bom disco, esse. Mas, pessoalmente, não tenho em minhas mãos coisas antigas dos Stooges. James Williamson *(ex-guitarrista do Stooges)* tem um bocado delas. Ron Asheton *(outro ex-guitarrista da banda)* também deve ter algo. Mas eu sou muito neutro em relação a isso tudo. Ouço ▶

"O que a gente sabia? Que amávamos Stones, Hendrix, John Coltrane e Archie Shep..."



as coisas, quando elas são lançadas, de algumas eu gosto, de outras gosto menos, porque são feitas de ensaio. "Jesus Loves the Stooges" era eu tentanto cantar gospel às quatro da manhã! Mas se esse material for de interesse para alguém... Algumas são ótimas: "Scene of the Crime", "Tight Panters", "Gimme Some Skin", "I'm Sicka You", todas são faixas ótimas que você não acha num disco normal.

"Eu não queria cantar com aquela voz falsamente rock'n'roll coisas do tipo 'whoaa, baby, eu sou tão do cacete, sou o maior garanhão (...)' porque acho tudo isso um saco"

O NOVO ÁLBUM: SAI BOWIE, ENTRA BILL LASWELL

Bom, em primeiro lugar foi David Bowie quem me deu a idéia de telefonar para Bill. Ele achava que nós dois conseguiríamos trabalhar bem juntos. Mesmo assim, eu não estava pensando em trabalhar de novo com Bowie, estava querendo alguém como Michael Wagner, ou Mike Clink *(este último produziu o novo álbum do Metallica)*, ou um desses produtores de rock da Costa Oeste *(dos Estados Unidos)*, mas tinha minhas reservas em relação a eles porque os discos deles, por um lado, têm algum punch, mas, por outro, têm uma grande falta de textura e de emoção. Falta imaginação na maioria do rock feito hoje em dia na Costa Oeste. E metade da razão pela qual me meti com música foi para usar minha imaginação. Não quero ser um cantor de rock do tipo genérico, sacou? Do tipo *(cantarolando com pose de malandro)* "tá aqui meu couro, tá aqui meu p*", sacou? *(Bem entendiado)* "Um, dois, três, quatro." Nada disso me interessa.

O resultado de minha relação com Bowie, quando ele me produz, tende a ser uma mistura de metade do que ele quer fazer e metade do que eu quero fazer. As intenções dele são, geralmente, bem distantes das minhas, e isso não me aborrece, porque embora os gostos dele sejam vastamente diferentes dos meus, acho que ele é um artista incrível. Enquanto que Bill e eu entramos no estúdio com uma só coisa em mente: eu precisava de alguém que fosse um bom instrumento, capaz de alcançar exatamente a porra da coisa que a porra do Iggy *Porra* Pop quer na porra do álbum, que é simplesmente botar prá quebrar e f* com todo mundo.

Eu não queria cantar com aquela voz falsamente rock'n'roll, esganiçada, e não queria cantar coisas do tipo "whoaa, baby, eu sou tão do cacete, sou o maior garanhão, entre aí no meu carro, whoaa, vamos ver um strip-tease", porque acho tudo isso um saco, entendeu? Isso não é rock. Rock é quando você corre um risco. É quando você arrisca falar o que passa pela sua cabeça. Então, meus vocais em algumas faixas são cantarolados, quase como em "Power and Freedom". Tem a maior pauleira lá, mas eu estou cantando assim *(canta-*

Larry Busacca/Retna

VZYADOQ MOE
"O ÁPICE"
novo lançamento wop-bop

Solicite já o nosso catálogo, inteiramente grátis, contendo a maior e mais variada quantidade de discos nacionais e internacionais.
FAÇA SEU PEDIDO POR CARTA OU TELEFONE (só para o interior de São Paulo e outros Estados). Também por REEMBOLSO POSTAL para todo o Brasil.

WOP BOP DISCOS
Rua Barão de Itapetininga, 255 - Loja 25
CEP 01042 - São Paulo/SP - Tel.: 231-4960

rola a melodia da música): "Laralarala..." e só no fim eu solto tudo.

Descobri um grande amigo em Bill. Mesmo antes de começarmos a gravar, antes mesmo até de eu pensar no que ia gravar, a gente costumava sair — nós dois moramos no *downtown* de Nova York. E aí, depois, eu ia mostrando a ele minhas demos e a gente fazia umas loucuras com elas. Fiz uma faixa para o disco de Ryuichi Sakamoto a pedido de Bill — "Risky" —, que não tem coisa alguma de rock'n'roll, é uma balada de amor. E foi muito divertido. Bill é muito criativo, e é extremamente sério. E por causa disso as pessoas meio que se grilam de trabalhar com ele, porque todo mundo, no geral, só quer saber de farra. Como eu já tenho 200% de farra em mim mesmo, de qualquer maneira *(gargalhando)*... acabamos nos misturando bem. E ele não assumia pose alguma de produtor, daqueles tipos *(fazendo uma voz empostada)* "bem, agora vamos escolher as canções do disco. Vamos ouvir o material. Vamos decidir se esta ou aquela faixa é para as rádios e darei a você minha estimativa do potencial de marketing" e blablablá... Bill não tem nada disso. Ele é um carinha, e só. E ele é músico. E esse era o mesmo barato de Bowie: ele não é como aqueles caras produtores. Se alguém for me produzir, tem que ser músico.

Perigoso hoje seria tentar ser diferente, de alguma forma. E, especialmente, criticar a ordem estabelecida. *(Pausa)* Em primeiro lugar, estou aí há 20 anos e não posso ficar apontando o que seria considerado *hip* ou rebelde. Seria a maior babaquice minha. Mas, quando eu ouço bandas dizendo "fuck" nos discos só para impressionarem todo mundo, para mostrarem como eles são "rebeldes", acho que são a mesma coisa que os *flower children* falsos dos anos 60! É a mesma merda de volta, sacou? Um babaquara sem tutano, que nem tem cérebro próprio, faz uma porrada de tatuagens no corpo inteiro, compõe uma canção de rock formulaica e coloca a palavra "fuck" quatro vezes e é chamado de rebelde. Dá um tempo.

OS PERIGOS DO SUCESSO

Perigoso, hoje, seria se opor a esse tipo de coisa. Mas... sei lá, perigosa é uma coisa que acontece com você, de repente. É basicamente perigo experimentar coisas novas, porque você pode acabar se machucando, sua cara pode cair no chão. Estou sempre enfiando meu nariz em alguma coisa que não conheço — ou que não sei fazer — e muitas vezes me ferro por causa disso. Estou mais velho agora, não tenho o mínimo desejo de tentar fazer as mesmas coisas que fazia no passado. Você faz uma vez, e é o bastante.

Em 1983 comecei a viver com uma garota *(Suchi, que ele conhecera numa turnê japonesa)*. Ainda estamos juntos. Termos formado um relacionamento foi perigoso, porque se tivéssemos rompido nos machucaríamos. É perigoso ter relacionamentos no mundo de hoje, porque tudo é tão rápido e facilitado. Todo mundo está vendendo os peitos, as bandas, os músculos, os p*. É ridículo e está fugindo de controle rapidamente. Ficar solo é perigoso, para mim. Porque de uma certa forma eu preferia estar numa banda, porque aí seria mais caloroso. É frio, aqui onde estou.

Senti perigo em relação a esse novo álbum porque poderia ter saído uma merda. A única coisa que sabia era que, seja lá qual fosse o resultado final, eu iria compor sozinho as músicas, ia criar sozinho as partes de guitarra, ia fazer tudo do meu jeito. E, fosse bom ou ruim, ia lançar do mesmo jeito. Isso era um perigo para mim, porque tinha feito um álbum antes (*Blah, Blah, Blah*, lançado em 86), e, por causa dele, pela primeira vez na vida tinha vendido discos e tocado no rádio. Eu não podia destruir isso tudo. E muita gente temia que eu fizesse isso.

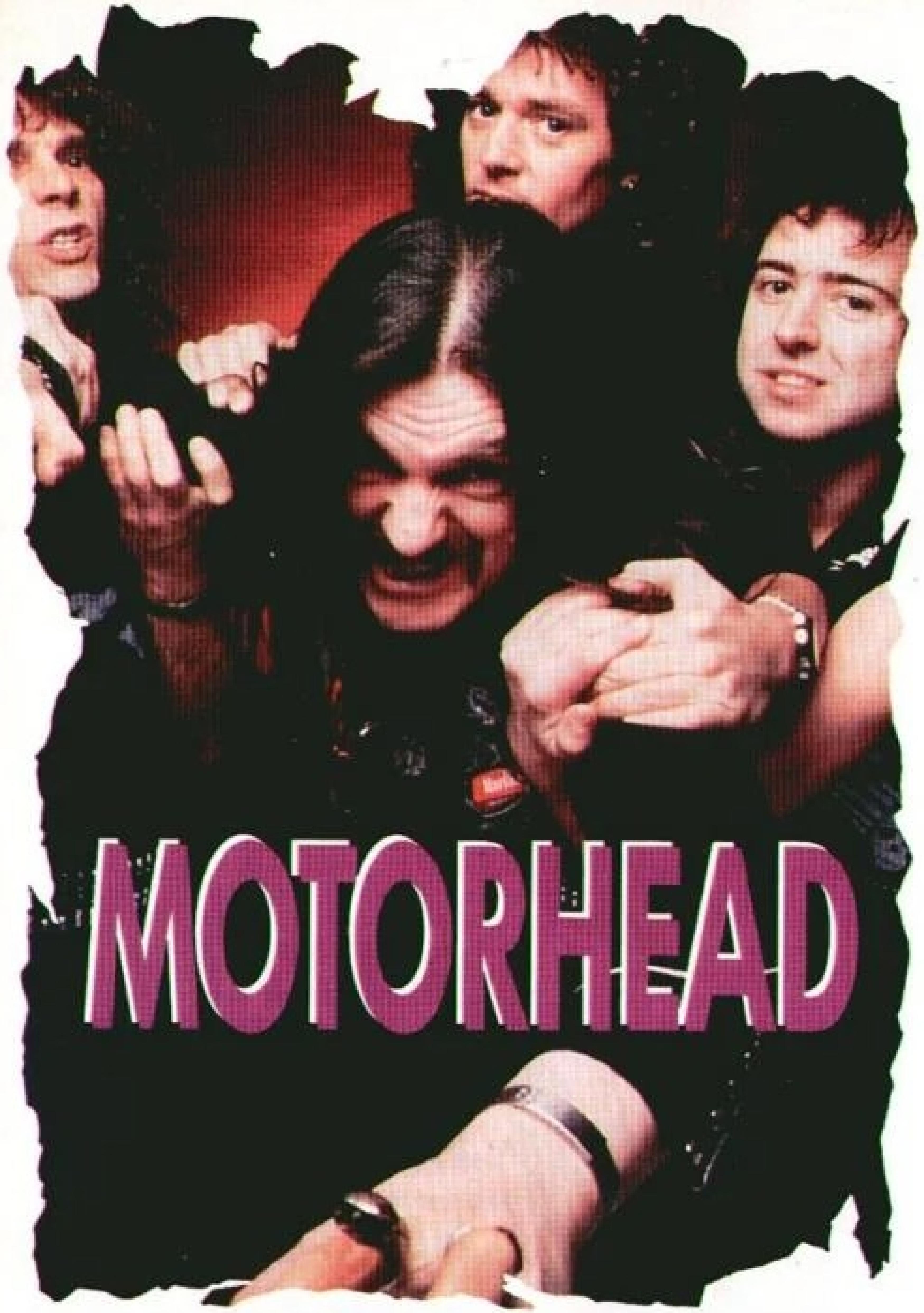
E queria que as pessoas soubessem da minha existência. Eu queria ser um artista vigente, não queria me tornar um Fats Domino, ou algo assim, entende? E era muito importante fazer alguma coisa diferente. Se eu tivesse feito *(naquela época)* um troço do tipo *Stooges-revisitados*, teria sido a coisa errada. Desde que fosse diferente... Desta vez não estou preocupado com o sucesso... mas sei que vou ter sucesso *(gargalha)*.

Para compor este novo disco, fui para o Havaí, porque fica muito difícil alguém pegar um avião para ir lá, só para pentelhar você. Trabalhando sozinho eu fiquei com medo. Tocando todo dia, meus dedos começaram a sangrar, mas fui melhorando, e melhorando, até conseguir compor fluentemente. Parei de fumar no dia seguinte ao fim de minha última turnê e minha voz ficou mais forte, mais poderosa. Não parei de fumar para poder cantar mais bonitinho. Parei de fumar para poder cantar mais forte.

E daí por diante. E aquilo era um tipo de perigo, porque ninguém quer ficar velho e sem dinheiro. Porque hoje em dia ninguém toma conta de você *(gargalhadas)*. Acho que essa é uma forma de perigo: tentar ser apenas você, o que acho bastante difícil.

"Tocando todo dia, meus dedos começaram a sangrar mas fui melhorando, melhorando até conseguir compor fluentemente"

A. Dasloop/LFI



MOTORHEAD

FORA DO CIRCUITO DA MODA DO ANO

Rotulando sua música como uma festa, os integrantes da banda, Taylor (bateria) e Wurzel (guitarra), contam a José Nogueira, em Nova York, como anda a vida na estrada

O pessoal do Motorhead não é fácil — nem faz a mínima questão de ser. Em doze anos de complicada carreira tem criado uma série de álbuns que não dão folga aos ouvidos ou aos sentidos. Suas aparições ao vivo são marcadas por distúrbios de um público tão fiel quanto enlouquecido, que vai desde motoqueiros barra-pesada até punks em crise existencial. Lemmy, o cabeça e letrista do grupo, escreve uma poesia eficiente e agressiva, que não perdoa as instituições mais sagradas e promove a revolta como forma de divertimento.

Mas o som do Motorhead é muito divertido — uma mistura de puro rock'n'roll com a voz meio punk de Lemmy e uma agressividade que faz com que o "heavy metal" pareça música sacra. A última turnê que eles fizeram nos Estados Unidos terminou com um show no Ritz de Nova York, lotado por uma audiência mais que variada. Desde os Hell's Angels em peso até vários travestis de gilete, misturados com skinheads, punks e um grande público que se veste de couro preto dos pés à cabeça e gosta de acessórios metálicos bicudos e cortantes. No dia seguinte, às duas da tarde, entrevistamos o baterista "Philthy Animal" Taylor e o guitarrista Wurzel no escritório do agente deles em Nova York. Ainda meios de ressaca do espetáculo da véspera (eles e eu), começamos com um café da manhã de fritas e cerveja.

BIZZ — *Vocês têm feito muitas tours nos Estados Unidos. É muito diferente da Inglaterra?*

Taylor — A língua é diferente, mas o público reage do mesmo jeito. A música que nós fazemos é uma festa, todo mundo se diverte seja em que país for!

BIZZ — *Agora é moda o pessoal do rock dizer que não toma drogas, não bebe, não trepa, não faz nada.*

Taylor — Nós não seguimos essa moda.

Wurzel — Só não gostamos que a imprensa fale muito. Queremos voltar aos Estados Unidos sem problemas.

BIZZ — *Mas a imprensa daqui já falou muitas vezes nesse assunto. O Lemmy foi pego por drogas uma vez e está sempre falando que gosta de beber.*

Taylor — Isso é coisa do passado. Ele foi pego quando trabalhava com o pessoal do Hawkwind, faz séculos. O Motorhead nem existia a esta altura.

Wurzel — A gente gosta de beber, com certeza... Motorhead é uma banda ao vivo, com um clima de festa. Não tem festa se o pessoal não beber um pouco.

BIZZ — *Vocês estão sabendo que aqui nos Estados Unidos tem um movimento contra as letras de rock demasiado vulgares?*

Taylor — Na Inglaterra isso é muito mais livre. As pessoas não se preocupam com essas coisas. Não vejo como é que as letras de alguém podem ter alguma influência em outra pessoa.

BIZZ — *Muita gente acha que o último álbum de vocês,* Rock'n'Roll, *é mais rock do que o anterior,* Orgasmatron, *que foi produzido por Bill Laswell.*

Taylor — Quando ouvimos a primeira mixagem, o "rough mix", parecia legal, mas depois no álbum... Eu gosto, mesmo assim.

BIZZ — *Mas* Rock'n'Roll *é mais particular, mais o som de vocês.* Orgasmatron *soa como heavy metal genérico. Talvez seja a bateria...*

Taylor — Sobre isso eu não posso dizer nada, porque a bateria não é minha. *Orgasmatron* foi na época em que eu não estava com o grupo.

BIZZ — *O que aconteceu com os projetos que você fez durante esses anos fora do Motorhead?*

Taylor — O melhor é esquecer. Não foi nada demais. Quer dizer, toquei com o Waysted... Com o Frankie Miller, que é um cara muito legal. Mas, de fato, eu nunca devia ter deixado o Motorhead.

BIZZ — *E como é que você voltou?*

Taylor — Bem, eu sempre estava em contato com o pessoal. Dougle (Smith), o manager, me contava o que acontecia, a gente fofocava pelo telefone a toda hora. Aí, quando o Pete (Gill) se mandou, eu fui a escolha natural. Eu estava pronto para voltar e o Lemmy me queria de volta.

BIZZ — *Como é que você virou baterista?*

Taylor — Foi culpa de papai. Me meti em encrenca com a polícia quando era muito novo, então papai me fechou umas semanas no quarto com uma bateria e depois me pagou algumas lições. Quanto mais eu tocava mais curtia, acho que tinha um sentimento natural para isso.

BIZZ — *Por que é que seu pai escolheu bateria? Não é o instrumento favorito dos pais...*

Taylor — E que eu gostava de dar porrada nas coisas!

BIZZ — *Tem quem diga que você inventou um estilo de batida. Você sente que é um baterista diferente?*

Taylor — Realmente não sinto, mas, se as pessoas dizem, deve ter alguma verdade nisso.

BIZZ — *Vocês fazem grana com o grupo?*

Taylor — Confortável. O suficiente para viver.

Wurzel — Quando andamos em turnê vivemos da diária e o que ganhamos vai para o banco. Assim fazemos alguma grana.

BIZZ — *E você, Wurzel, veio para o grupo mais tarde, não foi?*

Wurzel — É, eu entrei antes do *Orgasmatron*, em... acho que foi em 84. Toquei no décimo aniversário da gente, no Hammersmith Odeon (em Londres), que foi um grande show.

BIZZ — *E você mora no mesmo edifício que o Lemmy, não é?*

Wurzel — É, mas foi só depois de entrar para o grupo. Pintou uma vaga no edifício e o Lemmy me falou. A gente anda sempre junto, de qualquer jeito.

BIZZ — *E o que é que você fazia antes?*

Wurzel — Vários trabalhos soltos, para pagar as contas... Andava por aí. Toquei bateria também, mas foi por pouco tempo.

BIZZ — *Como é que entrou para o Motorhead?*

Wurzel — O Lemmy estava precisando de um guitarrista, eu mandei uma fita. Parece que ele recebeu umas 800 fitas, e a minha ficou enstre as 8 escolhidas para uma audição. Aí fiz a audição e fui escolhido. Simples...

BIZZ — *A vida não está fácil na Inglaterra, né?*

Taylor — Nada fácil. Não posso falar por mim, mas, pelo que leio nos jornais, tem muito desemprego.

Wurzel — Mesmo em música, é difícil entrar. Tem muitas bandas competindo para vencer.

BIZZ — *O que dizem é que, se um grupo faz sucesso em Londres, faz sucesso no país inteiro; mas depois só dura um ano, porque tem grupos novos chegando constantemente. Então é necessário vencer nos Estados Unidos, porque o sucesso permanece por mais tempo.*

Taylor — Talvez, não sei. A primeira vez que viemos aos EUA foi em 81, quando abrimos para o Ozzy Osbourne, mas já éramos conhecidos na Inglaterra há muito tempo. Isso talvez seja verdade para a maioria dos grupos, mas não foi para nós. Realmente... tem uma porção de bandas no Top 10 ou Top 20 na Inglaterra que nunca saem de Londres, e depois de algum tempo desaparecem.

Wurzel — Nosso estilo é diferente da maioria dos grupos que pintam na Inglaterra. Nós não somos um *designer group*, que vive da moda do ano.

BIZZ — *O estilo de vocês é mais clássico, como o velho rock dos motoqueiros, os "rockers". Tem muito público para esse estilo na Inglaterra?*

Taylor — Tem muito, tem o suficiente para nós, pelo menos.

"Nessa época (do movimento new romantic), nossos álbuns vendiam melhor do que nunca. Quando Ace of Spades saiu, foi direto para o topo das paradas"

BIZZ — *Mas há alguns anos, na época dos new romantics, como é que vocês se viraram?*

Wurzel — Nessa época nossos álbuns vendiam melhor do que nunca. Quando *Ace of Spades* saiu, no verão de 81, foi direto para o topo das paradas.

BIZZ — *Pode-se dizer que vocês têm um grupo firme de fãs?*

Taylor — É mais do que isso, hoje em dia. Tem novas gerações de garotos de 16/17 anos que se juntaram aos fãs mais antigos. A gente já anda por aí há doze anos.

Wurzel — Nos Estados Unidos as coisas acontecem por períodos de dois meses, e de fato devíamos ficar mais tempo. Mas é uma decisão difícil.

Taylor — Eu prefiro a Inglaterra, a Europa em geral. Na Alemanha temos uma grande audiência, o pessoal gosta muito do nosso estilo.

BIZZ — *E o Brasil?*

Taylor — Ao Brasil nunca fomos, mas até que seria legal. Outro dia fomos entrevistados por um cara de uma revista brasileira de heavy metal... A gente devia ir lá. Você acha que poderíamos fazer uma tour, ou

Claudia Thompson/Retna

"O pessoal reage à música; as letras sempre são em inglês. Se o público entende ou não, não faz diferença alguma"

só tem festivais?
BIZZ — *Podem fazer uma tour por meia dúzia de cidades, fácil. Não precisa de festival.*
Taylor — A gente tocou na Iugoslávia e Hungria, que são países que têm pouco acesso ao rock, e foi ótimo.
BIZZ — *As autoridades não encheram o saco de vocês?*
Taylor — Quando saímos do avião tinha uns policiais mal-encarados... Já estavam esperando a gente, deviam conhecer nosso estilo.
Wurzel — Deram umas porradas em alguns cidadãos mais entusiasmados, eu acho... Mas foi só isso.
BIZZ — *Vocês se misturaram com o pessoal, garotas e tal?*
Taylor — Com as garotas, principalmente! A Iugoslávia recebe muitos turistas, estão habituados a estrangeiros.
BIZZ — *Esta tour norte-americana que vocês estão acabando foi com o Alice Cooper, não foi? Como é que ele é?*
Taylor — Ele é espetacular no palco.
BIZZ — *E fora do palco?*
Taylor — Aí a gente quase não o viu. Transamos com o grupo, mas ele agora está naquela fase em que chega de limusine dois minutos antes do espetáculo, no máximo meia hora. Não se dá muito com o pessoal — o que eu compreendo porque ele já viu muita merda. Nos anos 70 era uma grande estrela, já passou por tudo isso, agora não tem mais saco para ficar por aí confraternizando.
BIZZ — *Ele é um dos ídolos de vocês?*
Taylor — Não, realmente. Quer dizer, achei um barato ver o show dele, mas nos anos 70 não ouvia muito a música dele. Fui vê-lo uma ou duas vezes, mas nunca comprei os seus álbuns.
Wurzel — As idéias dele eram melhores do que a música. Ele era contra tudo.
BIZZ — *Ele é filho de um pastor protestante.*
Taylor — O Lemmy também.
BIZZ — *É por isso que o Lemmy é tão anti-religião?*
Taylor — Acho que sim, é um fator importante. Eu, por mim, não tive educação religiosa, não sou contra nem a favor. Só me enche o saco quando o pessoal vem bater na minha porta falando de Deus e me dizendo o que posso e não posso fazer. Eu não vou atrás deles aporrinhando porque eles vão à igreja. Cada um deve fazer o que quer.
BIZZ — *Qual é a próxima tour de vocês?*
Taylor — Europa. Começamos em Atenas, Grécia, e depois vamos para a Alemanha para alguns shows, depois França e Espanha.
BIZZ — *Nos países que não falam inglês, o público entende vocês?*
Taylor — O pessoal reage à música, as letras de rock são sempre em inglês e, se o público entende ou não, não faz diferença alguma.
BIZZ — *Mas, além da música, vocês promovem um certo estilo de vida; uma certa atitude.*
Taylor — Talvez, mas não é essa a nossa intenção.
BIZZ — *Mas vocês sabem disso.*
Taylor — Acho que o único momento em que sentimos isso é quando somos entrevistados. De outro modo a gente nem pensaria no assunto.
BIZZ — *Na medida em que vocês viram estrelas as pessoas querem se parecer com vocês?*
Wurzel — Ninguém quer se parecer comigo!
Taylor — Comigo também não!
BIZZ — *Mas as letras do Lemmy dizem muita coisa — elas dão idéias.*
Taylor — É, o Lemmy escreve muito bem, tem um humor sarcástico. Ele sabe usar as palavras. Mas acho que depende da pessoa que ouve, cada um interpreta do seu jeito.
Wurzel — Ele é realmente bom para resumir uma idéia numa frase.
BIZZ — *E quem é que compõe a música?*
Wurzel — Normalmente eu e o Phil trazemos a idéia, uns acordes para serem trabalhados. Na maioria das vezes a música vem primeiro, depois o Lemmy faz uma letra que encaixa direitinho.
Taylor — Quando chega o momento da letra, o Lemmy vai para uma sala e escreve linha a linha, para entrar na música. É a música que lhe dá as idéias.
BIZZ — *E a música é acabada em conjunto?*
Taylor — É uma coisa espontânea.
BIZZ — *Que outra música vocês ouvem?*
Wurzel — Beatles, jazz-rock, Killing Joke, Metallica.
Taylor — Eu gosto de punk, country e reggae.

Valéria Hilbert/Azul

BIZZ — (Play) *Vocês estavam comentando sobre o disco* Nunca Fomos Tão Brasileiros…

André — Fizemos tudo errado nesse segundo disco. Foi uma lição de como não lançar um disco no Brasil. Tinha show no Canecão, entramos no estúdio dois meses antes e o disco tinha que estar pronto para o show. Tudo foi feito rapidamente, desleixadamente. Acabamos fazendo shows pelo interior de São Paulo sem o disco estar na loja, para duzentas pessoas. Nego não conhecia o repertório.

Philipe — Não tínhamos feito Chacrinha porque achávamos que "A Ida" não era legal para tocar lá. Mas, tudo bem. Não é nem questão de estar arrependido. Teria sido legal se o Brasil inteiro tivesse conhecido e, bem, acabaram conhecendo, porque essa música foi bem. No interior só toca sucessos garantidos da capital, então as pessoas não conheciam nem o disco anterior. E estávamos viajando com uma equipe de trinta pessoas…

André — Rock não é isso. No Brasil não é isso.

Philipe — O esquema estava lindo — 90 lâmpadas etc… —, mas num esquema empresarial totalmente errado.

BIZZ — *Isso não tem a ver com o sonho deflagrado pelo Plano Cruzado?*

Philipe — Claro! Três meses depois piorou. Três meses depois do lançamento de *Nunca Fomos…* caímos na real.

André — Esse disco de agora é completamente diferente. Agora é algo 88. Vamos definir tudo praticamente no estúdio. Usaremos o estúdio como instrumento…

BIZZ — *Os grupos que começaram nos anos 80 parecem estar mais preocupados com o aprimoramento técnico. E se reconhecem, hoje, como parte do meio. Esse processo, essa "responsabilidade", tem a ver com a nova fase de vocês?*

Philipe — O começo da Plebe era brincadeira. Um pouco antes de gravarmos o primeiro disco, nosso trabalho já estava um pouco mais amadurecido — a gente fazia coisas rústicas como "48" e coisas um pouco mais trabalhadas como "Minha Renda", "Bravo Mundo Novo"… Começamos com 14 anos de idade e já temos um terço de nossas vidas na estrada…

André — Naquela época do punk tratávamos a coisa como uma divisória — era de 77 em diante. Antes não contava. Gostávamos de no máximo cinco bandas: New York Dolls, MC 5… que, enfim, influenciaram a safra punk. Led Zeppelin? *Blargh!* Cortado! Até de música brasileira tínhamos preconceito.

Philipe — Mas eu acho saudável para a garotada revoltada de 14 e 15 anos, que sempre existe. E a gente era super-revoltado. E conseguimos dar a volta por cima disso tudo. Esse terceiro trabalho já é mais ou menos estável, sem aquele *hãh! (prende a respiração)*, porque já sentimos como é a estrada, já sentimos como é a *music in mainstream*…

André — Agora temos fitas de bolero, Alceu Valença… Antes não. Dizíamos: "Tira isso, é droga…"

André — Hoje o nosso sonho é fazer um show com Xitãozinho e Xororó,

Ciciano/Azul

PLEBE RUDE

AGORA SOMOS TÃO BRASILEIROS

Quando surgiu o movimento punk na face da terra, muitos jogaram seus discos do Led Zeppelin fora e desprezaram suas próprias raízes. Era a adolescência, a rebeldia — saudável — que fez a revolução e, agora, volta-se para o que foi deixado para trás, buscando identidades esquecidas. A Plebe, que se encaixa perfeitamente nesse contexto, recobrou seus discos brasileiros mais representativos e, hoje, reverencia os velhos ídolos (como o próprio Led). Por quê? O que vem por aí? *Sônia Maia* esteve no Rio, com os "ex"-garotos, e trouxe em primeira mão para os leitores de BIZZ tudo sobre a nova fase e o novo LP da Plebe Rude

LINHA ORIENTAL TOP PLUS.
A REVOLUÇÃO CHINESA NA MODA.
A MILENAR CULTURA CHINESA DIZ: USAR UMA ROUPA CONFORTÁVEL É ESSENCIAL.
PENSANDO MIL ANOS NA FRENTE DOS OUTROS, TOP PLUS ACHA:
SE ESSA ROUPA FOR BONITA, É SABEDORIA. E ESTÁ LANÇANDO A LINHA ORIENTAL TOP PLUS.
CALÇAS, SAIAS, CAMISAS, CAMISETAS E BERMUDAS COM O ESTILO E O CONFORTO NATURAIS DA CHINA.
MAS COM ALGUNS DETALHES OCIDENTAIS NO ACABAMENTO
QUE AS TORNAM DO OUTRO MUNDO.
A LINHA ORIENTAL TOP PLUS VEM NUMA COR EXCLUSIVA
E É TODINHA CONFECCIONADA COM FIBRAS NATURAIS. A APARÊNCIA É RÚSTICA.
MAS SEU CONTATO COM O CORPO É DE EXTREMA LEVEZA.
LINHA ORIENTAL TOP PLUS. UMA ROUPA TÃO REVOLUCIONÁRIA COMO ESSA
SÓ AQUI, NEM NA CHINA.

rural, e programas como Som Brasil, Globo Rural...

BIZZ — *E vai ter repertório para isso?*

Philipe — Vai.

André — Ritmo Brasil, que não é só samba — sertanejo...

Philipe — E de uma forma rock. Numa das músicas, por exemplo, bastante comprida, tem baião, rock pesado, samba, mas é a Plebe que todo mundo conhece, só que com sotaque mais brasileiro.

André — Estamos pensando: ou os fãs terão de se readaptar ou teremos que criar novos fãs. Mas é como aquela velha frase: "Ame-o ou deixe-o, mas não me comprometa".

BIZZ — *Falem mais desse disco... Está curioso.*

Philipe — Vamos usar teclado, que, detalhe, não é um teclado, é um sampler. E vamos usar bem mais violão. Tem uma hora que aparece, por exemplo, um arpejo de guitarra bem rock'n'roll, enquanto a levada atrás é bem bossa nova e a batida mais tribal e porrada...

BIZZ — *Vocês têm uma ligação forte com tribos — punks, curtem speed metal, fazem shows com o Cólera. Gostaria que vocês falassem um pouco dessa nova geração, ligada em skate e num "som radical", já que vocês estão bem próximos dela.*

André — A geração de 68 ainda se acha *love*. Eles tinham uma visão muito de futuro — ideal, comunidade ideal, sociedade ideal... Lutavam e extrapolavam o bem viver deles. Essa nova juventude que está aí não pode olhar para o futuro — não tem futuro nesse país e eles não podem modificar nada. Então, o que eles podem fazer? Se divertir. O maior protesto que tem é andar de skate, se arrebentando e ouvindo rock bem no centro da maior crise que assola o país.

Jander — Suicidal Tendences *(fazendo um trocadilho com a banda thrash do mesmo nome).*

Philipe — Me sinto até um vovô falando disso. Há sete anos eu não fazia o que a garotada de hoje faz.

BIZZ — *Vocês falaram em* no futuro. *Então, como fica o discurso de vocês daqui para a frente?*

Philipe — A gente cantava "Até Quando Esperar", "Proteção"... não que fosse mudar alguma coisa, mas, sei lá... nem a consciência das pessoas mudou e... tudo bem... chega, né! A gente já bateu nessa mesma tecla. Continuamos com a temática forte, mas agora as músicas estão bem mais esperançosas. Conseguimos um meio termo. A crítica especializada vai achar mais política. O público, o sétimo céu, verá uma palavra de esperança. O outro vai lembrar da namorada que perdeu no passado ou pensar na comunidade dele, que está cortando uma árvore que está lá há duzentos anos.

BIZZ — *Quer dizer que, finalmente, vai ter música de amor?*

Philipe — De amor explícito, não. Mas pode ser analisado dessa forma. Acho que a Plebe está numa fase superapaixonada. Tudo, basicamente, é uma forma de amor *(risos).*

BIZZ — *Vocês insistiram no ponto de que hoje estão mais com o pé no chão. E que sabem o que vão enfrentar. O que vocês vão enfrentar?*

"Ou os fãs terão de se readaptar à nova fase ou teremos que criar outros fãs. Mas é como aquela velha frase: ame-o ou deixe-o, mas não me comprometa"

Philipe — Estamos superunidos com esse trabalho e tudo mais. E chegamos a um consenso: "Por que não pode existir, não uma banda com a magnitude e o calibre de um Rolling Stones, mas com a história, a vida dos Rolling Stones? Por que não podemos passar mais dez anos juntos? Por que tem que acabar como toda banda no Brasil acaba?" Olha o que tinha quatro, cinco anos atrás! Onde estão as pessoas? Mas por quê? Porque eles não conseguiram segurar a onda. Cara, essa recessão acabou com muita gente.

André — E se esse trabalho não der resultado, vamos fazer outro.

Philipe — Pô, o sacrifício que todo mundo já fez pela Plebe! No começo, em 83, saíamos de Brasília com as guitarras numa maleta de couro, um pedal... para tocar no Rose Bom Bom, pegar o ônibus de volta, chegar às 7 da manhã em Brasília, tomar banho e, 8h30, já estávamos na aula. Extremamente cansativo. O que motivava? É isso que eu não entendo. O que motivava? Não tinha perspectiva, não tinha essa indústria do rock'n'roll, não tinha mercado para nada. Isso foi bem antes do Paralamas e Legião conseguirem um contrato. E o que motivava? *Invisible sun*, vamos nessa! As coisas que eu mais curto de música hoje em dia são as que têm estrada. A inocência, a sinceridade, os que batalharam. Legião, Ira! Titãs, Plebe, Capital... Depois, finalmente, viemos a ser reconhecidos. Mas não tinha essa consciência — vamos começar, e um dia seremos reconhecidos. Hoje em dia está assim: "Pô, isso toca no rádio. Olha aquela música dos Titãs, 'Desordem', extremamente básica. Por que a gente não faz? Não faz porque é ovo de Colombo. *Eles* que fizeram. A *Plebe* fez "Até Quando Esperar". *Legião* fez "Será"... O que a gente sente quando viaja com outras bandas é que não vemos essa união. Vemos aquela coisa extremamente profissional, em relação à equipe e até em relação a eles mesmos. De subir no palco e o P.A. não está ligado — e isso eu acho má vontade e de vez em quando eu até dou um puxão de orelha em algumas pessoas que eu não vou citar, não —, e dão a maior bronca no cara da técnica por causa disso. E falam: "Saco, merda, droga, vou ter que esperar mais meia hora..." Cara, tu tá lá para ralar. Acho que a Plebe é a banda que mais tem boa vontade nesse país, sabia?

BIZZ — *Bem, algum recado para os fãs?*

André — O Philipe falou dos panfletos que a gente distribuía antigamente. Gostaríamos que, se alguém tiver fotos da gente, panfletos antigos xerocados, isso nos interessa.

Philipe — Estamos montando um arquivo legal e, também, o museu Plebe Rude *(risos)*. O primeiro contrabaixo... do André, uma guitarra do Ameba, meu *case* de guitarra todo estragado...

André — Nós temos um fã-clube chamado Unidade Plebe Rude Oficial. A sede é em Niterói. E vamos bolar uma carteirinha de sócio para desconto em show. Como no show do Projeto SP, que foi meio caro... Bem, temos que cobrar ingressos. Mas, com essa carteirinha, os fãs da Plebe vão poder ver. E manter um contato mais direto com a gente. Nós mesmos vamos responder. Se não a gente, alguém de confiança.

BIZZ — *Então, dêem o endereço.*

André — Praça Santos Dumont, 138, apto. 801, bloco B. CEP 22470 — Gávea — RJ.

VELVET UNDERGROUND

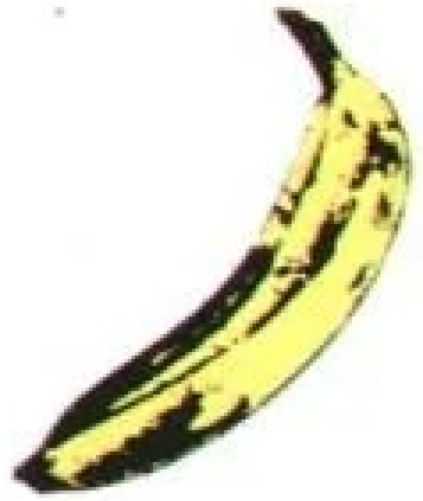
PARTE II: LUZ BRANCA SOBRE FUNDO NEGRO

***Uma lâmina afiada rompendo as fronteiras entre o moderno e o primitivo, o ruído e a melodia.* Just like Sister Ray says...**

Fotos Abril

Um disco de estréia primoroso, praticamente ignorado pela mídia devido à temática e à sonoridade de suas canções; já sem o apadrinhamento de Andy Warhol e conseqüentemente sem a companhia da *femme fatale* Nico e o show de luzes e projeções do *Exploding Plastic Inevitable*. Esta era a situação do Velvet Underground em julho de 67. Se, por um lado, isto dificultou as coisas para eles no plano comercial, por outro foi um trampolim para consolidar sua identidade enquanto banda. Ainda com a presença do dançarino Gérard Malanga, se apresentaram à luz do dia e ao ar livre em Connecticut — num show conjunto com o compositor de vanguarda John Cage, que mostrava sua música orquestrada para viola, gongo, rádio, batidas de porta, limpadores de pára-brisas e motores de arranque de três carros — e, apenas como quarteto, voltaram a tocar em Boston, no local de sua última apresentação com o *E.P.I.* Em seguida eles aceitaram a proposta feita por Steve Sesnick — que os vinha acompanhando há mais de um ano, desde a excursão que fizeram pela Califórnia — de empresariá-los, depois de terem sido sondados por Brian Epstein, o *manager* dos Beatles. Epstein queria comprar os direitos de edição das músicas do Velvet e levá-los para uma tour pela Europa. Sesnick conseguiu convencer a gravadora a bancar um segundo álbum da banda e, em meados de setembro, eles entraram em um estúdio de Nova York para gravar *White Light/White Heat*.

Todo o peso de seus shows ao vivo — que tinha sido voluntariamente relegado a segundo plano no LP de estréia — se tornaria então explícito no vinil. Através de pré-amplificadores, controles de *tremolo*, *speed*, *fuzz* e distorção, as guitarras de Lou Reed e Sterling Morrison criavam ruídos aterradores, junto ao baixo, viola e teclados de John Cale — que cada vez mais utilizava o *feedback* da amplificação de seus instrumentos — e à bateria de Maureen "Mo" Tucker, que começara a tocar com baquetas de ponta de feltro, conseguindo tirar um som ainda mais peculiar de seu kit. De comum acordo, eles decidiram terminar o disco em um tempo mínimo, o que conseguiram fazer em três dias de gravação e mais sete sessões durante duas semanas para a mixagem. O maior exemplo disto, "Sister Ray", que com seus dezessete minutos ocupava quase todo o lado 2 do LP, foi gravada em um só *take*. A música constituía-se em uma grande *jam* com todos tocando o que bem entendessem, enquanto Lou relatava a história de um bando de travestis que levavam alguns marinheiros para casa para tomar heroína e fazer uma orgia, interrompida pela polícia. Mas havia mais: "The Gift" tinha o grupo executando "Booker T" — um tema instrumental composto pelo Velvet — em um dos canais estéreo, enquanto no outro John, com voz impessoal, recitava a letra surreal, composta por Lou ainda na universidade; a faixa "White Light/White Heat", glorificando a anfetamina, e ainda "Lady Godiva's Operation". Completando o LP, tínhamos "Here She Comes Now" e "I Heard Her Call My Name", ambas compostas rapidamente lá mesmo no estúdio. Por opção do próprio grupo, este



material foi gravado com os picos de VU "estourados" no vermelho, o que contribuiu para acentuar o caos imanente das canções. A capa original, concebida por Andy Warhol, parecia ser chapada totalmente de preto, mas, se examinada minuciosamente, revelava-se como uma foto de um antebraço tatuado com uma caveira e dois ossos cruzados.

As hordas psicodélicas não estavam preparadas para tamanha violência. O álbum foi lançado em dezembro e, a exemplo do primeiro, foi mal distribuído e executado nas rádios, vindo a vender ainda menos que seu predecessor. Se, dois meses antes (enquanto John, Lou e mesmo Sterling colaboravam no primeiro LP solo de Nico, *Chelsea Girl*), boas perspectivas se abriam para o Velvet com uma nova proposta de Brian Epstein para excursionar pela Europa, um horizonte obscuro se mostraria à banda em 68.

Fins de 68. O Velvet, já sem John Cale: na foto, o seu substituto Doug Yule, Mo, Lou e Sterling

No início do ano, Epstein morreu de uma *overdose* de álcool e barbitúricos, pondo fim aos planos do Velvet de atravessar o Atlântico. Mesmo no âmbito interno do grupo, as coisas não iam bem: o choque de egos e as divergências musicais entre John e Lou — já latentes durante as gravações do segundo álbum — iriam se acentuando à medida que eles excursionavam ininterruptamente pelos EUA e Canadá até abril, quando John casa-se com a desenhista de modas Betsy Johnson em Nova York. No começo de junho eles estavam em Los Angeles, gravando e fazendo shows, quando receberam a notícia de que Andy havia sido baleado em plena Factory por Valerie Solanis, uma feminista e escritora bissexta. Isto fez com que eles voltassem a Nova York, e as desavenças que afetavam a banda começaram a ficar insustentáveis.

Em agosto, Lou anuncia para Sterling e Mo que John estava fora do grupo, com o conhecido ultimato "ou ele ou eu". A relação entre ambos, que criava a tensão entre o moderno e o primitivo e que forjava a mola mestra da criatividade do Velvet, estava prestes a se acabar. No fim de setembro, John fez a sua última apresentação com eles, em Boston, e imediatamente Lou convidou Doug Yule (um baixista que tocava em uma banda de folk rock local) para assumir seu lugar. Menos de uma semana depois, Doug já estreava no grupo, que logo em seguida foi para a Califórnia cumprir algumas datas e começar a gravar o seu próximo LP.

Com este disco — simplesmente chamado *The Velvet Underground* — ficou claro que muitas coisas haviam mudado: à exceção da enigmática "The Murder Mystery" — com seus vocais superpostos e final apocalíptico —, as outras canções estavam envoltas em linhas muito mais próximas do puro rock'n'roll do que dos experimentalismos dos dois LPs anteriores. Isto não impediu que a inspiração de Lou criasse pérolas como "Some Kinda Love", "Pale Blue Eyes", "I'm Set Free" e "Afterhours" (candidamente cantada por Mo). No produto final as mudanças também eram sensíveis: o disco possuía o selo da MGM — em vez do da Verve, sua própria subsidiária — e as músicas eram assinadas coletivamente pelo grupo (uma modéstia causada talvez pela "consciência pesada" de Lou). A capa do LP curiosamente também denunciava que as coisas não andavam bem entre Sterling e Lou: sentados em um sofá, Mo e Doug dedicavam atenção a uma revista mostrada por Lou, enquanto Sterling parecia estar totalmente alheio à cena.

O álbum foi lançado em março e durante o ano de 69 eles se apresentaram regularmente por várias cidades dos EUA e do Canadá. Desta temporada, foi extraído um disco duplo, lançado postumamente (em 74), do qual constavam gravações antológicas, como "Sweet Jane" (registrada no mesmo dia em que Lou a compôs), "Ocean", "Lisa Says" e "(We're Gonna Have a) Real Good Time Together", as quais Lou regravaria posteriormente em seus LPs solo. Enquanto isto, John Cale estava ocupado cuidando da produção do segundo disco de Nico — *Marble Index* — e do álbum de estréia dos Stooges, além de estar se divorciando de Betsy.

Também para o Velvet o começo de 70 foi marcado pelas separações: a gravadora, descontente com os três fracassos comerciais sucessivos, desiste do grupo, não chegando a lançar aquele que era considerado o seu "álbum perdido" até ser editado uma década e meia depois — quando o Velvet já havia se tornado lenda — sob a forma de duas coletâneas, chamadas *V.U.* (lançada no Brasil em 85) e *Another V.U.* Em março, a gravidez de Mo impede temporariamente que ela continue tocando, e a banda recruta o irmão mais novo de Doug — Billy Yule — para assumir o seu posto, pois Sesnick havia arranjado para eles uma temporada de dez semanas, de quarta a domingo, em plena Manhattan, a terra natal na qual não se apresentavam há mais de três anos. O local escolhido era o Max's Kansas City, ponto de encontro de figuras envolvidas com o rock, entre elas o próprio Andy e várias das personagens celebradas nas canções do Velvet. Simultaneamente aos shows e com esta mesma formação, eles começaram a gravar o seu quarto álbum — então pelo selo Cotillion, subsidiário da Atlantic — e, antes que o disco estivesse pronto, uma mudança crucial afetaria o grupo: Lou abandonaria o Velvet pouco antes de *Loaded* ser lançado, em setembro, renegando o LP, segundo ele, "estragado pela mixagem". Lou estava à vontade no papel de *band leader*, porém parecia não estar convicto dos rumos que a banda havia tomado. Sesnick cada vez mais forçava-o a assumir uma postura de *rock star*, o que contrastava radicalmente com sua natural timidez, e Sterling tornava mais clara sua mágoa, que nascera desde que Lou tinha forçado a saída de John do grupo. No dia 23 de agosto, Lou faria a sua última apresentação com o Velvet — que foi gravada da platéia pela fã Brigid Polk, em um gravador cassete mono e depois se transformaria no LP póstumo *Live at Max's Kansas City* (o primeiro disco "pirata" a sair por uma gravadora, lançado em 72). Melhor ▶

M.C. 13 anos. E uma grande paixão.

Tudo começou com um grande amigo. Que ela conheceu através de um professor. Um amigo cheio de histórias e de aventuras que se chama livro. Hoje, Maria Cristina sabe que o livro é sempre um bom companheiro de todas as horas. Nem podia ser diferente. Imagine você, depois de um dia inteiro de agitação. De repente, você pega um livro e no mesmo instante fica frente a frente com uma personalidade importante. Ou, então, vai parar no meio de uma grande aventura no passado ou em pleno século 23. Com o livro é sempre assim: dá para escolher muita coisa, fazer as viagens mais impossíveis.

Leia mais. Tire a vida de letra.

LIVRO. A VIAGEM QUE SÓ FAZ BEM.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO
ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE FABRICANTES DE PAPEL E CELULOSE

Apoio de: • Sindicato Nacional dos Editores de Livros • Associação Nacional de Livrarias • Associação Brasileira de Difusão de Livros em Coleções • Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose • Colaboração: Lasercrom · Fotolito

Live

Em 29 de janeiro de 1972, Lou e John (acima) se juntaram a Nico (ao lado) para uma única apresentação no Bataclan, em Paris. O nome do Velvet Underground começava a se tornar legendário. A essência de sua música veio a se transformar numa das influências mais expressivas em várias tendências do rock contemporâneo

Christian Rose

sorte tinha John, que ainda em 70 gravou *Vintage Violence*, seu primeiro álbum solo, e no ano seguinte faria arranjos e produziria outro disco de Nico — *Desert Shore* — e colaboraria com o músico minimalista Terry Riley no LP *Church of Anthrax*.

A saída de Lou seria um golpe fatal para o grupo, que todavia iria continuar (com Doug Yule e o obscuro cantor Walter Powers dividindo os vocais principais), mas apenas como uma pálida sombra dos tempos de outrora, na excursão empreendida pela costa leste dos EUA durante o resto do ano. Em 71 é a vez de Sterling abandonar a banda — para ir lecionar inglês na Universidade de Austin, no Texas — e em seu lugar entra a guitarrista Willie Alexander. Com Mo de volta à bateria, eles gravam um LP, novamente pela MGM, que optou por não lançá-lo. Com isto, Mo desistiu de vez do grupo e foi morar em Phoenix, Arizona, dedicando-se à sua família. Aproveitando-se das glórias do passado, Doug Yule manteve consigo o nome The Velvet Underground até 73, quando lançou *Squeeze* (apenas em edição inglesa), praticamente um disco solo, onde tocava todos os instrumentos, exceto a bateria (a cargo de Ian "Deep Purple" Paice). Um triste epitáfio.

Lou, ao deixar o Velvet, parecia ter consciência de como o grupo iria definhar e preferiu abandonar o cenário musical durante dois anos e ir viver em Londres, para voltar em 72 com o seu primeiro álbum solo, rapidamente sucedido pelo LP *Transformer*, produzido por David Bowie.

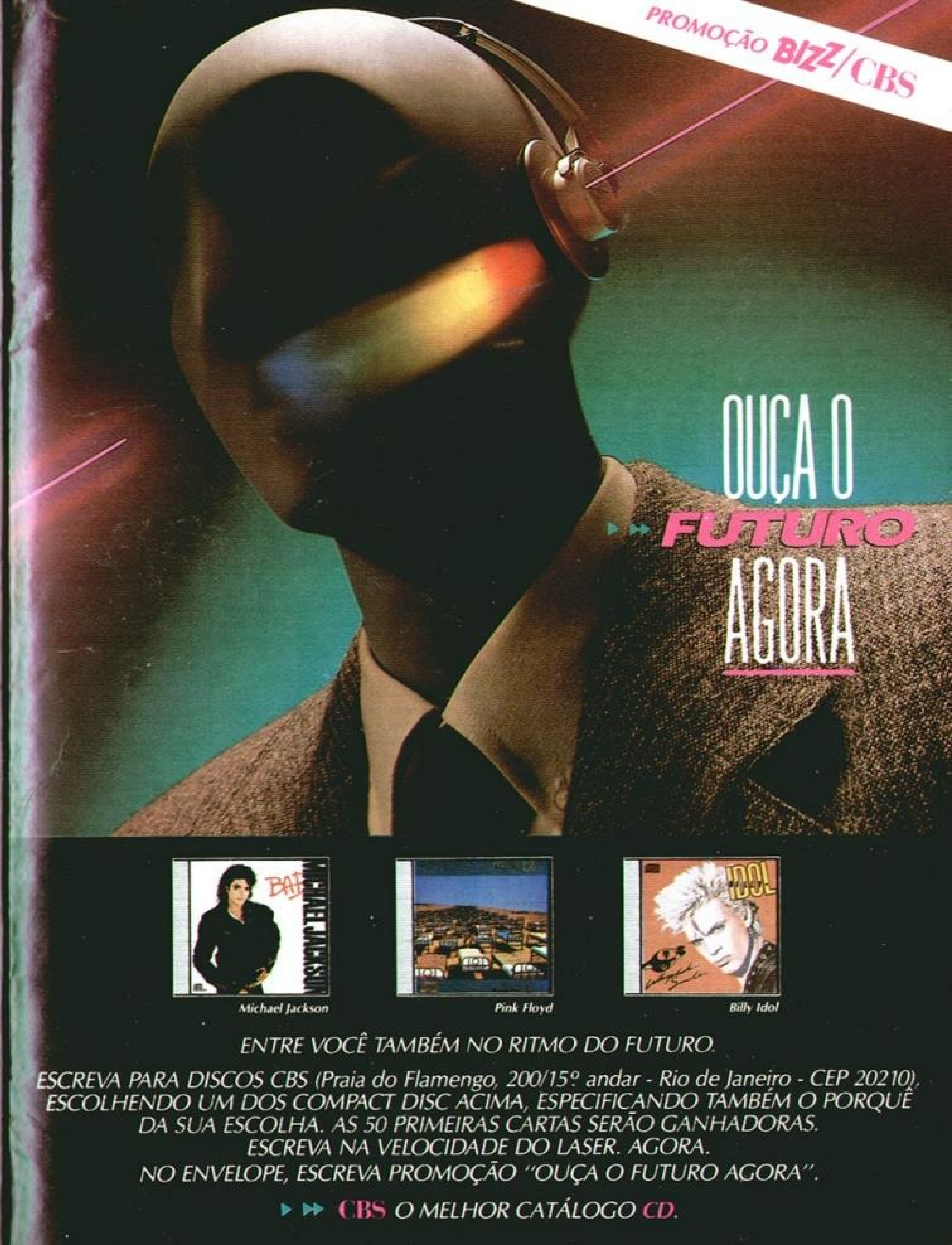
Neste meio tempo, John e Nico também estavam na Europa: ele começara a gravar *The Academy in Peril*, um disco totalmente orquestrado, e ela estava morando em Paris. Foi ali que ambos, ao lado de Lou, decidiram fazer uma única apresentação — na casa noturna Bataclan, em 29 de janeiro de 72 —, tanto para se redimirem do fato de o Velvet "real" nunca ter tocado na Europa quanto para exorcizarem o "fantasma" que Doug Yule vinha arrastando, a denegrir o nome do grupo.

Depois disto, Lou continuaria em uma prolífera carreira solo, alternando inegáveis obras-primas *(Berlin, Street Hassle)*, puro ruído eletrônico *(Metal Machine Music)*, registros de brilhantes shows ao vivo *(Rock'n' Roll Animal, Lou Reed Live, Live: Take No Prisoners)* e requintadas molduras instrumentais para suas canções *(Rock'n'Roll Heart, The Blue Mask)*.

Por sua vez, John lançaria o lírico *Paris 1919* e depois gravaria o LP *June 1, 1974*, ao lado de Nico, Kevin Ayers (ex-baixista do grupo progressivo Soft Machine) e o "não-músico" Brian Eno, para a partir de seu disco posterior *(Fear)* dar uma abordagem mais ligada ao rock a seus trabalhos solo, retomando os temas climáticos no álbum *Music for a New Society*, lançado em 82. Paralelamente, ele desenvolveria a atividade de produtor nos LPs de estréia dos Modern Lovers e Patti Smith, crias legítimas do Velvet, e em outros dois discos de Nico *(The End*, gravado logo depois de *June 1, 1974*, e *Camera Obscura*, onze anos depois).

Nico havia retornado a gravar apenas em 81, com *Drama of Exile*, a exemplo de Mo, que no ano anterior havia retomado — de forma errática — sua carreira musical, lançando um *single* e dois LPs. E Sterling trocou definitivamente a música pela vida acadêmica.

Porém, o legado musical deixado pelo Velvet Underground, mesmo em sua curta existência, tornou-se inestimável, gerando um imenso culto em torno do grupo, que através de suas propostas inovadoras conseguiu injetar inteligência e realismo no universo do rock, para sempre iluminado por esta *luz branca, calor branco.* *Celso Pucci*



DISCOGRAFIA COMPLETA

Apesar de toda a influência exercida pelo Velvet Underground no panorama musical atual, o material do grupo lançado no Brasil é ínfimo, resumindo-se a dois discos que saíram pela coleção Pop Giants nos idos de 74/75 — ambos fora de catálogo — e ao álbum póstumo V.U., de 85, lançado pela PolyGram, além de nove faixas do Velvet inclusas na coletânea Rock'n'Roll Diary 1967-1980, de Lou Reed, editada pela RCA em 80. Portanto, seria essencial que no mínimo os três primeiros LPs do grupo fossem lançados por aqui. A título de sugestão e informação, aí vai a discografia completa deles...

PRÉ-VELVET
LOU REED
(O sinal * indica possível participação do Lou e/ou John Cale) **CS** — , *THE JADES: "So Blue"/"Leave Her for Me"* (57, Time); **LP** — *SOUNDSVILLE* (coletânea, Lou em cinco faixas, 64/65, Design); **LP** — *OUT OF SIGHT* (coletânea, Lou em três faixas, sem data, Design); **CS** — *THE PRIMITIVES: "The Ostrich"/"Sneaky Pete"* (64, Pickwick); **CS** — *ROBERTHA WILLIAMS: "Tell Mama Not to Cry"/"Maybe Tomorrow"* (sem data, Uptown); **LP** — *JAN & DEAN & THE SATELLITES* (64, Design)*; **LP** — *TUBBY CHESS & HIS CANDY STRIPE TWISTERS DO THE TWIST*, também lançado como *BIG BILL TWISTER AND HIS MINTERS DO THE TWIST* (64, Design)*; **LP** — *BEATS!!! THE MERSEYSIDE SOUND*, também lançado como *THE LIVERPOOL BEATS* (coletânea, 64/65, Design/Rondo)*; **LP** — *BEAT-A-MANIA*, também lançado como *BILLY PEPPER & THE PEPPERPOTS/"MERSEYMANIA"* (coletânea, 64/65, Design/Allegro)*; **CS** — *SPONGEY & THE DOLLS: "Looks Like Love"/"Really, Really, Really, Really, Really, Really Love"* (sem data, Bridgeport)*; **CS** — *FELIX & THE ESCORTS: "Saved"/"The Syracuse"* (sem data, Jag)*; **CS** — *ALL NIGHT WORKERS: "Don't Put All Your Eggs in One Basket"/"Why Don't You Smile Now?"* (65, Round Sound)*; **CS** — *DONNIE BURKS: "Why Don't You Smile Now?"/"Satisfaction Guranteed"* (65, Decca)*; **LP** — *IRMA THOMAS/MAXINE BROWN/RONNIE DICKERSON* (coletânea, Lou em uma faixa, sem data, Grand Prix); **LP** — *SURFSIDERS SING THE BEACH BOYS* (sem data, Design)*; **EP** — *CAROL LOU TRIO* (70, Juke One-Stopper)*; **LP pirata** — *HISTORY OF SYRACUSE MUSIC, VOL. VII* (coletânea, Lou em uma faixa, 75); **CS pirata** — *THE ROUGHNECKS/THE BEACHNUTS: "Insane"/"Cycle Annie"* (76); **EP pirata** — *WHITE HEAT* (76); **EP pirata** — *THE PRIMITIVES: PRE-VELVETS* (76); **LP(2) pirata** — *HISTORY OF SYRACUSE MUSIC, VOL. X/XI* (coletânea, Lou em uma faixa, 78).

JOHN CALE
CS — *SUNDAY SERVANTS: "I'm Putting You On"/"Who Do You Love?"* (sem data, World Pacific)*; **CS** — *LARRY & TOMMY: "Yo-Yo"/(?)* (sem data, Polydor, apenas em edição inglesa).

NICO
CS — *NICO: "I'm Not Saying"/"The Last Mile"* (65, Immediate, apenas em edição inglesa, relançado em 82); **LP** — *THE IMMEDIATE SINGLES STORY* (coletânea, Nico em uma faixa, 85, Compleat).
Obs.: Todos os discos citados, exceto os de Nico, estão fora de catálogo.

VELVET UNDERGROUND
DISCOS OFICIAIS
CS — *"All Tomorrow's Parties"/"I'll Be Your Mirror"* (66, Verve); **CS** — *"Sunday Morning"/"I'll Be Your Mirror"* (66, Verve); **Flexi** — *ASPEN MAGAZINE*: com a faixa *"Loop"* (66); **LP** — *THE VELVET UNDERGROUND AND NICO PRODUCED BY ANDY WARHOL* (67, Verve); **Flexi** — *INDEX*: com um diálogo entre Lou e Nico durante uma festa na Factory, enquanto ouve-se ao fundo o primeiro LP do Velvet (67); **LP** — *WHITE LIGHT/WHITE HEAT* (67, Verve); **CS** — *"White Light/White Heat"/"Here She Comes Now"* (68, Verve); **CS** — *"Here She Comes Now"/"I Heard Her Call My Name"* (68, Verve); **LP** — *THE VELVET UNDERGROUND* (69, MGM); **CS** — *"What Goes On"/"Jesus"* (69, MGM); **LP** — *LOADED* (70, Cotillion/Atlantic); **CS** — *"Who Loves the Sun?"/"Oh! Sweet Nuthin'"* (71, Cotillion/Atlantic); **LP** — *THE VELVET UNDERGROUND LIVE AT MAX'S KANSAS CITY* (ao vivo, 72, Cotillion/Atlantic; **LP(2)** — *1969: THE VELVET UNDERGROUND LIVE* (ao vivo, 74, Mercury/PolyGram); **LP** — *SQUEEZE* (73, Polydor, apenas em edição inglesa); **LP** — *V.U. (A COLLECTION OF PREVIOUSLY UNRELEASED RECORDINGS)* (85, PolyGram, também editado no Brasil); **LP** — *ANOTHER V.U.* (86, PolyGram).
Obs.: Apenas os LPs oficiais — à exceção de *SQUEEZE* — encontram-se em catálogo, pois foram relançados em 85 pela PolyGram, junto às edições de *V.U. (A COLLECTION...)* e *ANOTHER V.U.*

COLETÂNEAS
LP — *THE EAST VILLAGE OTHER ELECTRIC NEWSPAPER* (em uma faixa tocando ao fundo de uma entrevista com Lucy Johnson, 66, ESP, reeditado em 82 como pirata); **LP(2)** — *THE MUSIC FACTORY* (com entrevistas com Lou e John, 68, MGM, fora de catálogo); **LP** — *THE VELVET UNDERGROUND* (sem data, MGM, fora de catálogo); **LP** — *POP GIANTS* (com a faixa *"Heroin"*, sem data, Polydor, apenas em edição inglesa); **LP(2)** — *ANDY WARHOL'S VELVET UNDERGROUND FEATURING NICO* (73, MGM/PolyGram, editado na Inglaterra e Alemanha, também lançado no Brasil na forma de dois LPs: *POP GIANTS VOL. 13 - LOU REED & THE VELVET UNDERGROUND*, de 74, e *POP GIANTS VOL. 15 — THE VELVET UNDERGROUND FEATURING LOU REED*, de 75, ambos fora de catálogo); **LP** — *POP HISTORY VOL. 12: THE VELVET UNDERGROUND* (sem data, Polydor, apenas em edição inglesa); **LP** — *THE VELVET UNDERGROUND* (sem data, MGM, apenas em edição inglesa); **LP** — *ROCK OF THE USA* (com a faixa *"I'm Waiting for the Man"*, 75, MGM, apenas em edição inglesa); **LP** — *ALL YOU NEED IS LOVE* (com a faixa *"I'm Waiting..."*, 75, Theatre Projects/Polydor, apenas em edição inglesa); **LP** — *POLYGRAM IN-STORE SAMPLER* (85, PolyGram); **LP** — *BABY BOOMER CLASSICS: TWELVE ELECTRIFYING HITS OF THE 60'S* (com a faixa *"All Tomorrow's Parties"*, 85, JCI).

DISCOS PIRATAS
LP — *EVIL MOTHERS* (74, Skydog, apenas em edição holandesa); **LP** — *ETC.* (79, sem selo, apenas em edição australiana); **LP** — *LIVE PARIS 29-1-72 (REED/CALE/NICO)* (80, 782, apenas em edição italiana); **LP** — *1966* (81, sem selo); **LP** — *AND SO ON* (82, sem selo, apenas em edição australiana); **LP(3)** — *EVERYTHING YOU'VE EVER HEARD ABOUT... THE VELVET UNDERGROUND* (82, VU, apenas em edição inglesa); **LP** — *BLACK SIDE OF THE STREET* (83, sem selo, edição não identificada); **LP** — *LIVE '68* (83, Lurid, apenas em edição australiana); **LP** — *ORANGE DISASTER* (84, Clean Sound); **LP** — *METAL MACHINE MUSIC* (85, XL, apenas em edição inglesa, também com material solo de Lou); **LP** — *SCREEN TEST: FALLING IN LOVE WITH THE FALLING SPIKES* (85, Shining Star, apenas em edição inglesa); **LP** — *LIVE AT BOSTON TEA PARTY* (85, Velvet, apenas em edição inglesa); **LP** — *AMSTERDAM 1971* (85, Hawkeye, apenas em edição inglesa).

PÓS-VELVET
LOU REED
LP — *LOU REED* (72, RCA, editado no Brasil em 73); **LP** — *TRANSFORMER* (72, RCA); **LP** — *BERLIN* (73, RCA); **LP** — *ROCK'N'ROLL ANIMAL* (ao vivo, 74, RCA, também editado no Brasil); **LP** — *SALLY CAN'T DANCE* (74, RCA, editado no Brasil em 75); **LP** — *LOU REED LIVE* (ao vivo, 75, RCA, editado no Brasil em 75 e relançado em 87); **LP(2)** — *METAL MACHINE MUSIC* (75, RCA); **LP** — *CONEY ISLAND BABY* (76, RCA, também editado no Brasil); **LP** — *ROCK'N'ROLL HEART* (76, Arista/RCA, editado no Brasil em 77); **LP** — *WALK ON THE WILD SIDE: THE BEST OF LOU REED* (coletânea, 77, RCA, também editado no Brasil); **LP** — *STREET HASSLE* (parcialmente ao vivo, 78, Arista/RCA, também editado no Brasil); **LP(2)** — *LIVE TAKE NO PRISONERS* (ao vivo, 78, Arista); **LP** — *THE BELLS* (79, Arista/RCA, também editado no Brasil); **LP** — *GROWING UP IN PUBLIC* (80, Arista/RCA, também editado no Brasil); **LP(2)** — *ROCK'N'ROLL DIARY 1967—1980* (coletânea com nove faixas com o Velvet, 80, Arista/RCA, também lançado no Brasil); **LP** — *THE BLUE MASK* (82, RCA, também editado no Brasil); **LP** — *LEGENDARY HEARTS* (83, RCA, também lançado no Brasil); **LP** — *NEW SENSATIONS* (84, RCA); **LP** — *MISTRIAL* (86, RCA, também lançado no Brasil).

JOHN CALE
LP — *VINTAGE VIOLENCE* (69, Columbia); **LP** — *CHURCH OF ANTHRAX* (com Terry Riley, 71, Columbia); **LP** — *THE ACADEMY IN PERIL* (72, Reprise); **LP** — *PARIS 1919* (73, Reprise); **LP** — *FEAR* (74, Island); **LP** — *SLOW DAZZLE* (75, Island); **LP** — *HELEN OF TROY* (75, Island); **EP** — *ANIMAL JUSTICE* (77, Illegal); **LP** — *GUTS* (coletânea, 77, Island); **LP** — *SABOTAGE: LIVE* (ao vivo, 79, IRS/Spy); **LP** — *HONI SOIT* (81, A&M); **LP** — *MUSIC FOR A NEW SOCIETY* (82, Ze/Passport); **LP** — *CARIBBEAN SUNSET* (84, Ze/Island); **LP** — *JOHN CALE COMES ALIVE* (84, Ze/Island); **LP** — *ARTIFICIAL INTELLIGENCE* (85, PVC/Beggars Banquet).

NICO
LP — *CHELSEA GIRL* (67, Verve/MGM); **LP** — *THE MARBLE INDEX* (69, Elektra); **LP** — *DESERT SHORE* (71, Reprise); **LP** — *JUNE, 1, 1974* (ao vivo, com Kevin Ayers, John Cale e Brian Eno, 74, Island); **LP** — *DRAMA OF EXILE* (81, ROIR/Aura); **Cassete** — *DO OR DIE!* (ao vivo, 82, ROIR); **LP** — *THE BLUE ANGEL* (coletânea que inclui faixas com o Velvet, 85, Aura); **LP** — *CAMERA OBSCURA* (com The Faction, 85, PVC/Beggars Banquet); **LP(2)** — *BEHIND THE IRON CURTAIN* (ao vivo, 86, Dojo).

MAUREEN TUCKER
LP — *PLAYIN' POSSUM* (81, Trash); **LP** — *MOEJADKATEBERRY* (86, 50.000.000.000.000.000.000.000 watts).
Obs.: Na discografia pós-Velvet não foram incluídos singles e discos piratas.

CONVENÇÕES LP — *Álbum Simples*; **LP(2)** — *Álbum Duplo*; **LP(3)** — *Álbum Triplo*; **CS** — *Compacto Simples*; **EP** — *Extended Play*; **Flexi** — *Flexidisc*; **Cassete** — *Lançado apenas em cassete*. As datas nos parênteses correspondem à edição americana, exceto quando indicadas).

METAL
APRESENTA

JETHRO TULL

Ao vivo pela primeira vez no BRASIL a versatilidade e magia de um super grupo mostrando seus 20 anos de estrada.

26	BELO HORIZONTE	JULHO
30	RIO DE JANEIRO	JULHO
2	PORTO ALEGRE	AGOSTO
5 - 6 - 7	SÃO PAULO	AGOSTO

VEJA O SHOW E COMPRE O DISCO CREST OF A KNAVE
CBS

REALIZAÇÃO
METAL

GABISOM

PONTO

TOY DOLLS

DIVERTIDO DESCOMPROMISSO

The Toy Dolls. Eles não constam dos dicionários do rock mais importantes do planeta. A imprensa britânica sequer recorda seus nomes. Mas Olga (vocal e guitarra), Dean (baixo) e Marty (bateria) existem. Depois de dez anos de carreira e formações, vieram ao Brasil, onde, ao que parece, possuem mais fãs do que em sua Sunderland (GB) natal. BIZZ deu corda ao trio de brinquedo antes dos shows no Projeto SP. Irônicos, corrosivos e desencantados com as "maravilhas" do Reino Unido, os bonecos só não falaram ma-mãe

Myriam Peixoto/Azul

BIZZ — *Como soa o português para vocês?*
Dean — Soa romântico.
Olga — *Yeah*, romântico.
BIZZ — *No Brasil existem vários grupos de música punk. Vocês conhecem alguma coisa sobre o movimento punk daqui?*
Dean — Na verdade, não. Mas nós sabemos que existem muitas bandas, e que o movimento punk é bastante grande.
BIZZ — *Vocês têm alguma informação sobre as tribos punks e skins brasileiras e como elas se relacionam?*
Olga — Nós sabemos o que aconteceu no show dos Ramones.
Dean — Os punks são, geralmente, o nosso maior público.
BIZZ — *Esse tipo de briga que eventualmente acontece por aqui não costuma acontecer nos shows de vocês no exterior, não é?*
Dean — Não costuma acontecer muita violência nos nossos shows. Já aconteceram algumas brigas, mas normalmente nós paramos de tocar se alguma coisa desse tipo ocorre. E só voltamos quando a briga acaba.
BIZZ — *O que vocês diriam para essas pessoas que ainda estão nessa viagem?*
Olga — Não brigem, *please!* Nós gostaríamos que os punks e skinheads não formassem dois públicos diferentes, mas apenas um, todos juntos.
BIZZ — *Vocês disseram em uma entrevista que "não são punks na Inglaterra". Qual é o público de vocês lá?*
Olga — Nós não temos público na Inglaterra. Nem punks, nem qualquer outra coisa.
BIZZ — *E como a imprensa musical refere-se a vocês?*
Olga — Eles não falam sobre a gente. Nunca. O movimento punk está completamente extinto. Ele foi muito importante no começo. Milhares de grupos começaram nessa época. Nós todos começamos. Mas, hoje em dia, existem poucas bandas punks.
BIZZ — *Do movimento punk para cá, vocês acham que o som de vocês mudou?*
Olga — Não acho que tenhamos mudado muito nos últimos dez anos. Nós não temos compromisso com nada — fazemos música para nos divertir. Nossas letras falam sobre amor, sobre pessoas que nós conhecemos, incidentes que acontecem.
BIZZ — *Vocês mantêm a formação básica de uma banda — baixo, guitarra, bateria. Isso deixa vocês meio isolados no cenário pop atual?*
Olga — Sim, e é difícil se manter assim. Hoje qualquer um compõe com um gravador como esse que você está usando, ou um sampler.
BIZZ — *Qual é sua opinião sobre movimentos como speed metal, thrash metal, e todos esses grupos novos que estão surgindo?*
Olga — Nós não gostamos. Nós gostamos de tocar rápido, mas eles tocam rápido demais. Não têm *feeling*.
BIZZ — *Que tipo de música vocês ouvem?*
Dean — Todos nós gostamos de coisas muito diferentes. Led Zeppelin, Deep Purple, Frank Zappa...
Marty — Zappa, Dylan, Led Zeppelin... toda a *guitar music*.
BIZZ — *Como vocês vêem a música pop atual?*
Dean — Na Inglaterra as paradas são muito parecidas ao que eram no começo do movimento punk, em 76, 77. Na verdade está pior. A Inglaterra nunca esteve tão mal. É impossível para um grupo independente ser tocado no rádio.
BIZZ — *O esquema de produção independente não funciona mais?*
Dean — Funciona para quem está começando, mas é impossível para um grupo independente ultrapassar um certo nível de popularidade. Os Smiths foram além, mas eles são uma exceção. Geralmente os independentes alcançam um certo estágio e não conseguem sair disso, porque eles não são executados pelas rádios. As pessoas não ficam sabendo quando um disco é lançado, porque você não tem dinheiro para anunciá-lo. E as rádios não tocam. Então, ainda existem muitas coisas interessantes acontecendo entre os independentes, mas tudo no *underground*. Às vezes o seu grupo favorito lança um disco e demora muito tempo para você ter a notícia.
BIZZ — *Existe alguma possibilidade de mudança?*
Dean — Há muitos grupos na Inglaterra com um som predominante de guitarra, que são como uma resposta à *sampler music*, à *disco music*, mas é uma coisa pequena. Grupos como Gaye Bikers on Acid ou Screaming Blue Messiahs, por exemplo. Mas eles não vendem mais que umas duas mil cópias...
Olga — As pessoas que trabalham nas rádios são radicalmente conservadoras. Elas nunca vão permitir que algo diferente seja tocado.
BIZZ — *Mas, e as emissoras alternativas?*
Dean — Existem algumas, muito pequenas, com poucos ouvintes. Só existe uma estação importante, a Radio One.
BIZZ — *Parece que você está falando do Brasil.*
Dean — Acontece no mundo todo.
BIZZ — *Vocês já ouviram as rádios daqui?*
Marty — A rádio aqui é muito melhor do que na Inglaterra.
Dean e Olga — *Yeah!*
BIZZ — *Sério?*
Marty — Ontem à noite, no carro, ouvimos King Crimson, Led Zeppelin...
BIZZ — *Existem emissoras alternativas, mas a maioria das rádios é extremamente comercial.*
Dean — Na Inglaterra não há essa opção. Existe apenas uma estação de alcance nacional que toca discos independentes e ela faz parte da Radio One. Três noites por semana, das dez à meia-noite. E só.
BIZZ — *O que vocês imaginavam sobre o Brasil durante a viagem?*
Dean — Nós achávamos que seria quente, que teria florestas, animais selvagens, doenças. E que iríamos conhecer a capital, o Rio.
BIZZ — *A capital é Brasília.*
Dean — *Really?* Nunca ouvi falar nessa cidade.
BIZZ — *E agora, o que vocês acham?*
Olga — Está sendo *great*. As pessoas são ótimas, mas a cidade é um pouco... suja.

Marisa Adán Gil/Sônia Maia

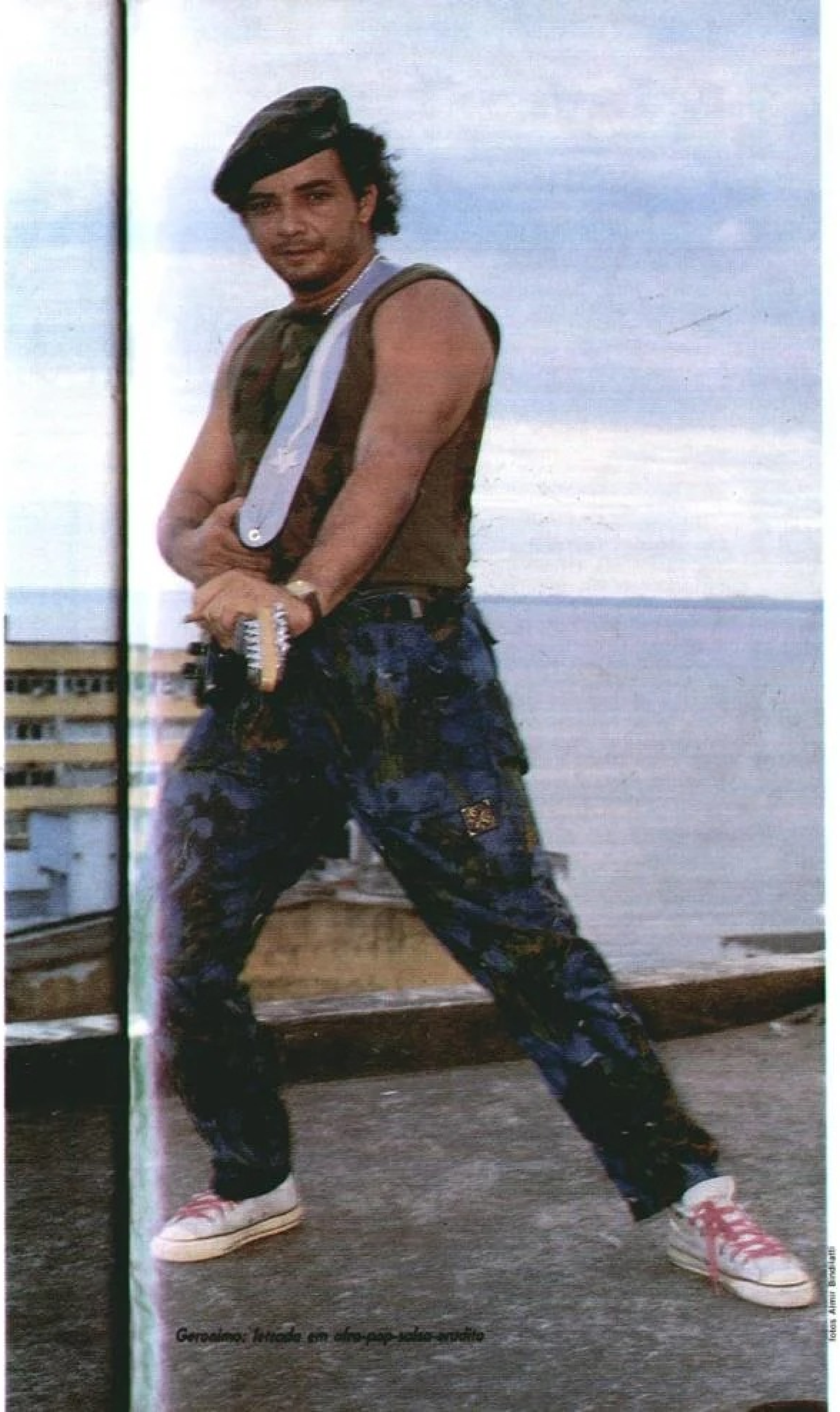
... nas FMs do Brasil e telas globais

cortesia

SALVADOR:

QUEM MANDA É O POVO

As FMs de maior audiência da primeira capital brasileira estão longe dos padrões das rádios do Sul Maravilha. Uma lição de independência cultural, digna de registro



Geronimo: letrado em afro-pop-salsa-erudito

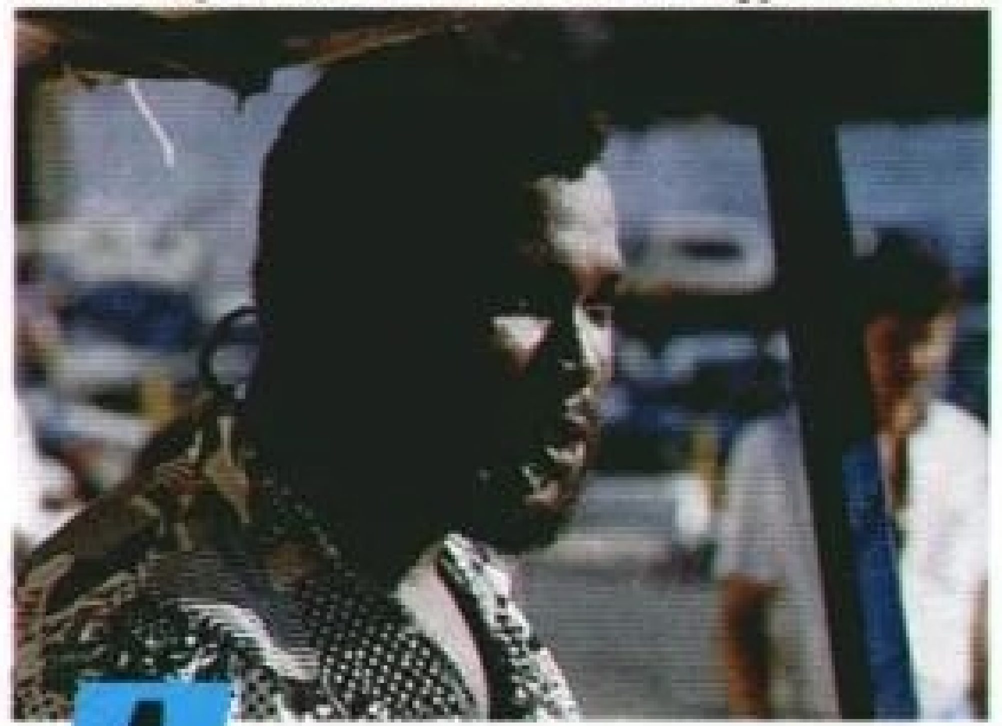
fotos Almir Bindilatti

Um pé na África e outro na Jamaica. A cintura no Caribe e o coração na Bahia. De centro consumidor periférico a matriz exportadora de reggae, salsa, calipso, frevo agalopado, ska, lambada e afro. Um verdadeiro liquidificador de ritmos gerando a explosão do produto local. Agora sim, os novos baianos podem curtir e viver Salvador numa boa, brother.

Deixando um pouco de lado (se é que é possível) as raízes africanas que moldaram a cultura baiana nos seus mais importantes aspectos, o tripé formado pelo Carnaval, rádio e o surgimento de um estúdio profissional de gravação (WR) é o maior responsável pela consolidação do mercado e da estética baiana, como costuma frisar Gilberto Gil, presidente da fundação Gregório de Mattos e candidato à prefeitura de Salvador. A maioria das bandas locais e artistas solo ultrapassa facilmente a faixa das cem mil cópias vendidas nesse fascinante mercado persa. Somados, os atuais ídolos baianos já venderam mais de três milhões de discos, o que provocou um ligeiro deslocamento do eixo de produção, divulgação e distribuição do vinil no país.

Durante a década de 70, o Carnaval de Salvador (basicamente de rua) produziu, via frevos e marchinhas de Moraes Moreira, Pepeu Gomes, Baby Consuelo, Caetano Veloso e Gilberto Gil, uma arte musical que enlouquecia a galera, mas que não possuía uma identidade cultural própria, em nível de despertar o entusiasmo local durante os 365 dias do ano — e sim apenas durante o reinado da alegria. Paralelo a isso, crescia o surgimento dos blocos afros — Olodum, Ara Ketu, Muzenza, Ilê Ayê e o ancestral Filhos de Ghandi —, descobrindo e investindo no orgulho black e sepultando os derradeiros vestígios de meia dúzia de anêmicas escolas de samba, pastiches do Carnaval carioca. Desafiando quaisquer prognósticos de exaustão pelo supercrescimento, o Carnaval de Salvador foi se revelando cada vez mais fundamental como caldeirão experimental de ritmos, ajudado pela sofisticação industrial e comercial dos trios elétricos. Se o público gostava tanto dessa música, por que não tocá-la durante todo o ano? Descobriram a pólvora.

Acima, Margareth Menezes. Abaixo Lazzo "reggae" Matumbi



A música produzida atualmente na Bahia, embora de consumo, é orgulhosamente assumida por todos

A década de 80 encontrou o apoio maciço das programações do rádio baiano para a música da terra. E poucos foram tão importantes para essa etapa quanto Cristóvão Rodrigues, gerente e programador da Itapoã, FM líder de audiência em Salvador há mais de quatro anos, e cuja programação possui quase 75% do espaço destinado aos artistas locais. O sucesso dessa nova geração das rádios de Salvador foi tão intenso que, mesmo antes de certas músicas chegarem ao vinil, elas já tinham conquistado a cidade, via tapes gravados ao vivo nos ensaios de quadras dos blocos. Foi assim, por exemplo, que Geronimo se tornou senhor absoluto do Carnaval de 1987 com o hit "Eu Sou Negão", o detonador da onda afro-baiana e sucessor do primeiro grande sucesso gravado nos estúdios WR: "Nega da Baixa do Tubo", o deboche-mor de Luiz Caldas.

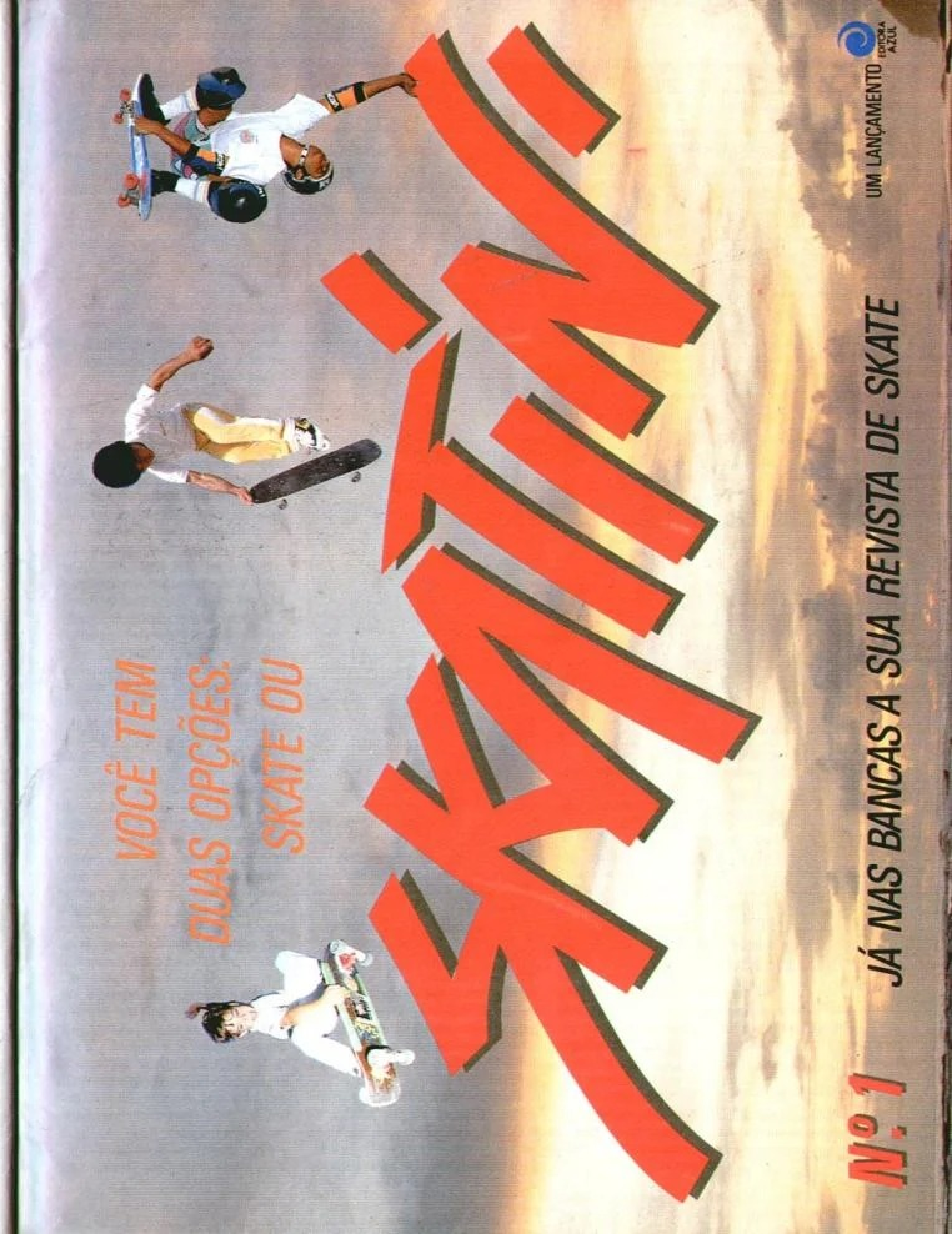
Faltava a independência fonográfica de gravação. Após algumas malsucedidas tentativas de levar os artistas baianos para gravarem no Sul (o Chiclete chegou a gravar dois discos nesse esquema e Geronimo, um), as grandes gravadoras resolveram mudar de tática e se deram bem, quase sem querer, já que a intenção inicial era o barateamento dos custos de gravação. E os estúdios WR (Wesley Rangel é o proprietário) se tornou a meca do samba-reggae-afro-baiano. A partir daí, somente a prensagem será feita no Sul, o que dará uma autonomia de produção quase que total à música baiana. Mas tudo são flores nesse processo? É claro que não, pois as multinacionais do disco defendem a ferro e fogo seus interesses, ainda que a experiência prove que há mercado suficiente para todos.

Na seqüência desse processo cultural-musical, a Bahia disse *sim* definitivamente para a tematização de sua própria cultura, numa espécie de revitalização que a sociedade fez dos seus bolsões modernos. A música produzida e consumida atualmente na Bahia, por mais consumista e por mais subqualidade que alguns dos seus representantes tenham, é uma música orgulhosamente assumida por todos. E, segundo Gilberto Gil, "... um trabalho muito no sentido de harmonização e compatibilização das diferenças sociais, dando uma força única e saudável a Salvador, com suas diferentes etnias, raças e culturas". Isso explica o *boom* afro que 1987 viveu, com o sucesso impressionante do bloco Olodum, fazendo todos — do Pelourinho a bairros da classe média, como Barra e Graça — entoarem os hinos "Faraó Divindade do Egito", "Madagáscar Olodum" e "Ladeira do Pelô". Uma bateria arrepiante — comandada por mestre Neguinho do Samba —, repetitiva e hipnótica, auxiliada por vocais poderosos e primitivos pela simplicidade, dando o tom certo para as letras épicas e recheadas do cientificismo. O Olodum, que já vendeu mais de 250 mil cópias do seu LP de estréia, foi o senhor absoluto do último Carnaval de Salvador e todos os domingos, a partir das 18 horas, transforma o largo do Pelourinho numa verdadeira festa com seus ensaios puxados por Lazinho, Betão e Tonho Matéria, alguns dos principais cantores e compositores do bloco.

No rastro da sonoridade afro dormem em berço esplêndido as novas bandas pop de Salvador, que, além da simples diluição, fermentam novos ritmos e já criaram um fenômeno de mídia. Afinal, essas bandas já venderam mais de um milhão de discos, ao lado de artistas que prosseguem firmes em suas carreiras individuais — como Luiz Caldas, o mais importante artista baiano da safra em termos de mídia; Geronimo, a mais perfeita alquimia da Bahia; Caribe com o brilhante LP *Dandá*, mas sem grande vendagem; Sarajane; e Missinho (ex-Chiclete com Banana). E surgem novos talentos, como Margareth Menezes, com sua voz de gueto, criada no mangue baiano e ainda sem disco; Edson Gomes, um rasta alucinante, cujo disco de estréia deverá estar chegando às lojas em julho; e Lazzo Matumbi, o Lazzo, ou Lazinho, que, apesar de ter gravado dois LPs, só agora está tendo a estabilidade necessária para mostrar um trabalho mais seguro e irresistível. Dentre as bandas, a mais popular e querida é realmente a Chiclete com Banana (o último LP, *Fé Brasileira*, já vendeu mais de 400 mil cópias em quatro meses de lançamento), um hit eterno das FMs com seus frevos agalopados, seguida da banda Mel (o disco de estréia também ultrapassou as 400 mil cópias), Reflexu's (300 mil cópias), Laranja Mecânica e Novos Bárbaros, que sacudiu a praça Castro Alves inúmeras vezes no Carnaval passado com "A Terra Tremeu", do bloco Muzenza.

Onde vai dar todo esse processo? Só Deus, Oxalá ou Jah sabem, mas a verdade é que o caldeirão baiano de ritmos continua a ferver e não mostra sinais de estagnação, mesmo tendo que suportar o apetite precoce de alguns artistas de péssima qualidade, os chamados "caronistas". A tendência monopolizante do início, devido aos poucos agentes produtivos da época, cedem espaço para a competição e pluralidades de olhares. Por exemplo, apesar de fortemente jamaicana, a Bahia ainda não produziu um grande disco de reggae, com menos misturas e mais conceitual. O rasta Edson Gomes (vindo de Cachoeira, a mais importante cidade do Recôncavo Baiano e próxima a Santo Amaro, da saga Veloso), por certo, botará mais lenha no fogueira onde arde esse caldeirão. Axé.

Hagamenon Brito



Whitney: voz fabulosa, 24 anos que parecem 18, e QI de 12. Seria a fórmula do sucesso?

Eva Joory/Azul

WHITNEY HOUSTON

Mega brega

Wembley Arena (Londres) 4/05/88

Saving all my looooooooove... for yoooooooooouuuuuu...

Ah, minha bonequinha Whitney, você bem que deve estar guardando seu amor para alguém... Mas, se continuar desse jeito, é bom você dar uma olhadinha nos estudos sobre a histeria do Freud.

O sorriso de Whitney Houston... Toda a experiência acumulada do sucesso *the american way* estampada no rosto de uma pretinha esguia. O sorriso permanente de Whitney Houston junto com a luvinha de Wacko Jacko em sua época são os dois perfeitos símbolos de marketing pop dos anos 80. Por trás deste sorriso... 24 horas de histeria se ocultam...

Whitney já vendeu 27 milhões discos (só dois LPs lançados). É a segunda artista negra mais popular do planeta, só atrás de "Bad" Jacko. Whitney é um caso clínico de crossover capaz de seduzir a psique do homem branco. Tem uma voz fabulosa — de rigorosa educação gospel. Tem 24 anos, mas parece que tem 18. O QI é de 12. Não é politizada. Não tem nada a dizer a respeito da opressão em cima da Black Nation, tanto nos EUA quanto na África do Sul. Sua música representa a diluição de todas as técnicas mais óbvias de gospel-pop-soul, com uma acumulação de baladinhas cavernosas. Whitney acumulou sete Top 1 nas paradas americanas em seqüência. As roupinhas são escolhidas no milímetro: minivestidos negros para os vídeos, jeans, camiseta branca, casaco de couro e botinha de camurça preta para as poses, e vestidos cintilantes de noite para os shows. A operação Whitney já é tão ampla quanto a operação de Jacko no início da era "Thriller".

Whitney Houston ao vivo soa como o CD de Whitney Houston. Difícil de agüentar sua back-bandinha de churrascaria. A tour mundial de Whitney-88 chama-se *A Hora da Verdade*. Nesta hora, o que temos em essência é uma cantora de tremendo potencial e tremenda habilidade sufocada por icebergs de plástico.

Palco — giratório, circular — no centro da arena. Whitney faz sua entrada à la Mike Tyson, rodeada por quatro guarda-costas estilo tanque. Dezenas de fotógrafos acotovelam-se para tentar capturá-la durante apenas duas músicas e meia. Ordem da segurança: têm que ficar ajoelhados. O mundo gira e o palco de Whitney Houston roda, ela junto, para "conversar" com toda a arena. Uma arena suburbana — onde os comentários variam do "Como ela é magrinha!" a "Como ela é baixinha!" Whitney inspira reverência, submissão e carinho familiar. "Nina" a platéia — como se fosse uma "mama" dando leitinho para 15 mil filhotes imberbes. Quando solta o já famoso grito Whitney Houston — como em "How Will I Know" — todos levantam-se e pulam como em reflexos de Pavlov. A coreografia de "How Will I Know" atingiu um recorde de cabotinismo na indústria: Whitney, sua bandinha e sua trupe de quatro lamentáveis dançarinos congelam durante intermináveis dois minutos, quatro vezes seguidas, no final da música, para receber a ovação dos súditos. Como manipulação de platéia, a técnica está em uma classe à parte.

O orgasmo coletivo proporcionado por Whitney, claro, é *fake*, assim como a *sua* insinuação de orgasmo. Ela não é um assunto libidinal — ela é um assunto sobre libido reprimida. Se o seu som estivesse em estado bruto, cru, poderia causar mais arrepios do que Aretha Franklin em seu tempo. Whitney canta "You Me Feel Like a Natural Woman", da Lady Soul, e temos material de primeira (daí emenda para "You Send Me", de Sam Cooke, e é um desastre de sacarina).

Whitney caiu de pau na imprensa inglesa (não a perdoaram pelo QI regressivo), passou pelo palco como se estivesse em uma passarela de desfile de Givenchy, falou uma torrente de bobagens pré-adolescentes, soltou gritinhos de quem anda precisando vocês sabem o quê, avisou que mamãe, papai, irmã, cachorro, gato etc. estavam na platéia, e até comprou uma mansão em Maida Vale, bairro top londrino. Fechou com "Didn't We Always Have It All" em interpretação épico-lacrimosa, para aclamação tonitroante dos súditos. Dá para se imaginar aquela voz excepcional trabalhando sob a supervisão de um verdadeiro fera. Por enquanto, Miss Whitney está mais para Nova Iguaçu do que para Austin, Dallas ou Houston.

Pepe Escobar

TERENCE TRENT D'ARBY

Nada tanto assim

Hollywood Palladium (Los Angeles) 05/05/88

D'Arby, o que almeja o megaestrelato se baseando em tudo e em todos, menos em si mesmo

Larry Busacca/Retna

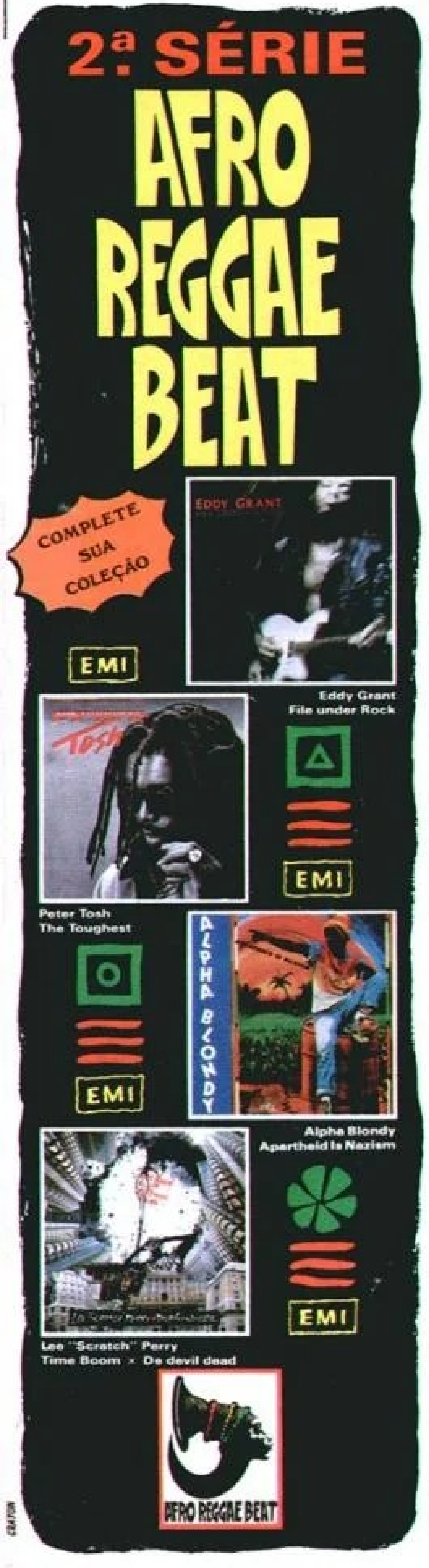
O que acontece se você misturar James Brown, Elvis Presley, Sam Cooke, Mick Jagger, Michael Jackson e Prince? A CBS e uma boa parte da mídia americana e européia acham que terá Terence Trent D'Arby. Mas eu não estou tão certa.

Terence — um americano de Nova York criado na Flórida e que, à semelhança de Jimi Hendrix, construiu sua carreira na Inglaterra, depois de dar baixa do exército — tem os ingredientes adequados: é bonito, arrogante, de uma sensualidade fácil. E tem uma bela voz, além de adequado corte de cabelo e bom gosto no escolher couros e jeans rasgados (alguém ainda é ingênuo o bastante para acreditar que só a bela voz adiantaria?). Mas... Difícil dizer, mas tem alguma coisa faltando. No disco — ótimo — isto não é aparente: Terence desliza elegantemente como a versão mais rigorosamente *up-to-date* do rhythm'n'blues clássico.

Ao vivo, contudo... Ele canta esplendidamente, a banda toca corretamente, mas ainda não está lá o total controle do palco que seus contendores mais velhos — Jagger, Jackson, Prince — tiram de letra. Terence faz pose. Terence tem um inesgotável repertório de muxoxos. Terence trata a platéia com distância e desdém. Tudo isso pode até dar certo, quando alternado com outros truques, recursos. Um show não é muito diferente de uma sedução — e Terence, mesmo com seus olhos cor de caramelo, sua voz de cetim e seus quadris de felino, não leva a platéia para casa. Falta-lhe experiência, falta-lhe repertório, falta-lhe *savoir faire*. Ele cita Elvis — cantando "Heartbreak Hotel" — e Jagger cantando "Jumping Jack Flash" — e precede o show com uma seleção de clássicos da Motown: é um padrão alto demais para ser desafiado, e a distância do pulo fica mais patente que o alcance das pernas. Quando ele esgota seu principal cartucho — o megassucesso "Wishing Well" — na metade do show, fica claro que ele ainda não sabe completamente o que está fazendo.

Isso seria normal e inócuo se Terence — ou "TTD", como ele se refere a si mesmo — não estivesse, neste momento, embalado, empacotado e vendido como "A Próxima Grande Coisa do Pop" — especialmente do pop negro — ou seja, virtualmente impedido de cometer erros em público. Seria bom ouvir sua voz sem ter que comprar o pacote todo — mas esse tipo de negócio, infelizmente, não se faz mais.

Ana Maria Bahiana



THOMAS DOLBY

Dolby usa e abusa do sampler para mostrar nada além de um lamentável "funkadélico"
Roberto Amadeo/AEI

Brinquedo de luxo

Town and Country Club (Londres) 25/04/88

Thomas Dolby é um caso típico de garoto tecnoprodígio. Inglês, mas mora nas colinas de Hollywood. Indulge em álbuns-solo, e indulge como mago de mesas Solid State Logic — sua última produção é o último Prefab Sprout. Está sempre a procura de companhias com *sonora reputação* — vide sua (decepcionante) parceria com Sakamoto. Dolby — não confundir com o do cassete — é *mega clean*. Mas, na hora de estabelecer credibilidade de base, não resiste a uma tática *low-tech*:, uma série de showzinhos despretensiosos para promover seu último álbum.

Aliens Ate My Buick ganhou sua *première* mundial logo no Town and Country — histórico antropop'n'roll da zona norte londrina. Nenhum alienígena se interessou em comer o buick de Dolby — assim como nenhum *north londoner*. A platéia — com a rara exceção de um contingente tecno-sério — estava mais para Kinks ou Dr. Feelgood, ou seja, *raízes*.

Dolby passa a impressão de ser um daqueles garotinhos hiperativos — e chatinhos — da escola, que quando crescem ganham um estúdio de presente como brinquedinho de luxo. OK — ele é fissurado em alta tecnologia, em filmes classe B, em *trash culture* americana, em conversíveis vermelhos dos anos 60... Louvável e refinado senso estético — mas nada disso justifica 1 h e 15 min da paciência popular desperdiçada com sua noção de "espetáculo".

Dolby chama sua banda de "Gente de Brinquedo Perdida". São de brinquedo. E estão totalmente perdidos. Guitarrista de oclinhos "creize" linha 3D, uma coitada batendo em uma refinada cozinha eletrônica, o inevitável baixista negro... Dolby andou colaborando com George Clinton — o homem que, na seqüência do Godfather, levou o funk para o espaço sideral. Mas Dolby funkadélico é lamentável. Com sua cartola, sua capinha de designer de mil dólares e seu Casio AX-100 Controller, Dolby não é nem mestre de cerimônia, nem funk master, nem Alien digital, nem nada. Um tecladista tenta reproduzir seu auto-indulgente (em vinil) *wall of techno*. Não precisa se esforçar muito. Está tudo sampleado.

Isso chama-se pop music. Há quem escute, compre, goste e sutente Dolby em sua mansão de Hollywood Hills — e seu miniestúdio em Fulham, Londres, onde produz os "pobrezinhos" como a moçada do Prefab. Há um termo perfeito para Dolby, em inglês: *slick*. A melhor tradução seria "triunfo da forma sobre o conteúdo". *Pepe Escobar*

WAGNER TISO

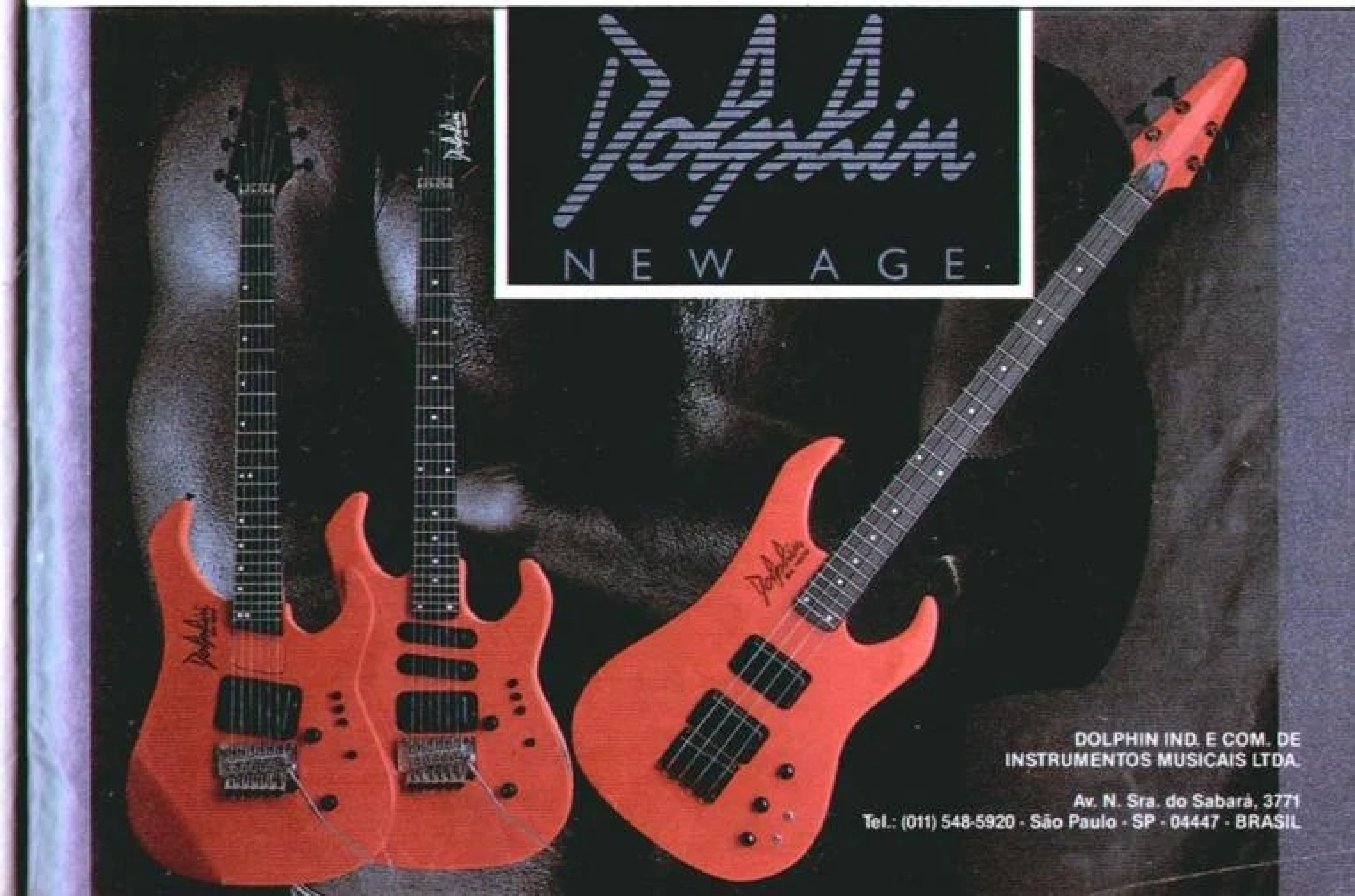
Música em cena

Teatro João Caetano (RJ) 05/05/88

Durante a fase em que compôs a trilha sonora do filme *Ele, o Boto*, Wagner Tiso deparou-se com a possibilidade de integrar linguagens diversas. Entusiasmado com a descoberta, resolveu juntar música, dança, teatro, artes plásticas, efeitos de luz e cinema num mesmo espetáculo. O resultado é *Manú Çaruê, uma Aventura Holística*.

Durante aproximadamente uma hora, Wagner Tiso conduziu a saga do personagem Manú Çaruê (criado por ele mesmo, tendo como inspiração o Mandú Çarará, de Villa-Lobos), misturando fatos históricos a uma realidade vigente no Brasil. Para isso, contou com um cenário despojado e funcional. A partir de silhuetas de cabeças empilhadas, formaram-se dois tótens. Entre eles, um semicírculo envolvia os músicos, dando a impressão de uma nave espacial. Essa idéia foi reforçada com a iluminação que criava ambientes futuristas e, por vezes, oníricos, com o auxílio de imagens projetadas ao fundo do palco. O lado mais "humano" foi posto em cena com a dança ritualística do bailarino Rainer Vianna, através de sombras que redimensionavam sua expressão corporal. Outras intervenções ficaram por conta dos atores Rubens Corrêa e Maria Padilha, dando vida ao texto de Geraldo Carneiro, no qual incluía-se outros personagens além de Manú, como a Preta Véia, Andréa Andróide e o próprio computador.

Wagner, ao centro do palco, regia e tocava com admirável desenvoltura. Sua música era, por si só, palco e cenário — basta conferir o disco homônimo ao show — capaz de sugerir imagens incontroláveis ao aventurar-se nas recriações de clássicos citados implícita ou explicitamente, detonando ritmos brasileiros, fundindo o humano e o eletrônico, o erudito e o popular. Wagner Tiso, com sua sabedoria mineira, cercou-se de músicos como Nando Cordeiro e Maurício Gaetani (teclados), Mingo Araújo e André Sperling (percussões) e Gian Carlo Pareschi, Stephany, José Alves e Márcio Mallard (cordas) e dispensou aqueles solos infindáveis — próprios dos megastars da música instrumental. Além destes instrumentos, havia ainda a guitarra de Victor Biglione pré-gravada. Até a voz não foi esquecida. A do próprio Tiso — embora com timidez — soltou-se na canção "Memória", enquanto o computador emitia sons semelhantes a uma ofegante respiração. As de Ritchie e Cazuza, registradas em fita magnética, duelavam na música "1.º Baile Antropófago Transracial de Santa Cruz". Todas as composições apresentadas no show acompanhavam a trajetória de Manú — ora mais dramática, conflituosa, ora climática e suave. Apenas os desfechos são contrários: enquanto Manú Çaruê acaba virando anúncio de néon, Wagner permaneceu fiel à descrição do personagem feita no início do espetáculo: anticidadão do avesso do mundo. *Lorena Calabria*



PÃO COM QUÊ?

Se você está na dúvida entre a manteiga e a margarina, leia a edição desse mês da revista **SAÚDE!**.
Você vai saber tudo sobre o sabor, as gorduras, as calorias, as vitaminas e até como são preparados os dois alimentos. **SAÚDE!** mostra também quanto você pode consumir sem riscos.

CALVÍCIE
Os novos recursos criados para amenizar as aflições dos calvos.

O BANHO DO PRAZER
Conheça o ofurô, um relaxante que ajuda a circulação, desintoxica e clareia os pensamentos.

VIDA ERÓTICA
Como evitar que o stress deite na sua cama.

EDITORA AZUL

NAS BANCAS.

BIG PIG

Sherine, ao centro, dando o tom caloroso e tribal aos australianos do Big Pig

Roberto Amado/AEI

Diamante bruto

Roxy (Los Angeles)
22/05/88

O Big Pig saiu da Austrália e aportou no coração de Sunset Strip com uma das premissas mais peculiares da história do rock: um septeto distribuído entre três bateristas, quatro vocalistas, teclados e harmônica. Nada de guitarras! O repertório — todo original — mexe com *spirituals* de raiz, blues, folclore japonês e pop tradicional em canções de título curto, como "Pulmão de Ferro", "Nação", "Menino Prodígio", "Charlie", mas de impacto duradouro. São pepitas pouco lapidadas, mantidas no básico de polirritmia rica e melodias simples, calcadas em refrões fortes, marcantes. Visualmente, o Big Pig tem poucos paralelos: por causa dos uniformes industrialistas e padronizantes, há um quê de Devo. Por causa da densa população no palco, lembram os Titãs. Mas as semelhanças — que já são poucas — com qualquer outro grupo param aqui. O Big Pig é um conceito pioneiro que nos surpreendeu no álbum de estréia da banda — *Bonk* — e ao vivo toma proporções sensacionais.

Embora o batalhão percussivo salte aos olhos (Adrian Scaglione e Neil Bakert sentados detrás de kits fartos, em cada canto do palco. No meio, sempre de pé, batuca Oleh Witer, o fundador da banda), é a diminuta Sherine que centraliza toda a atenção. Dona de um registro de voz que negocia da mesma maneira sanguínea, quente, canções sinuosas (como "Devil's Song", que abre o show) ou potentes (o hit "I Can't Break Away"), Sherine tem a qualidade de uma estrela natural, que dispara à frente de seus colegas de banda sem precisar fazer esforço algum. É certo que muitas vezes a voz de Sherine lembra a de Annie Lennox, do Eurythmics. Mas o que Annie tem de gelada, nórdica, Sherine tem de calorosa e tribal. A própria atitude de Sherine no palco (vestindo e despindo personagens de acordo com cada música) a separa dos demais vocalistas do Big Pig: eles cantam as músicas. Sherine as reinventa.

Não quer dizer que a unidade do Big Pig inexista: a banda provocou comoções sucessivas no pequeníssimo Roxy, vencendo com um ataque maciço às armadilhas de um P.A. mal administrado. Não demorará muito até que o Big Pig passe de "item curioso" (uma característica propositadamente enfatizada, em diversos aspectos) a criador de tendências. Mas será que Sherine não está aumentando a distância que existe entre ela e os demais componentes da banda, a ponto de tornar mandatória uma carreira solo? Quando isso acontecer, ficará difícil saber por qual opção torcer.

Jose Emílio Rondeau

UAKTI

Feito em casa

Palácio das Artes (BH)
18/05/88

Gladstone Campos/Abril

O Uakti, buscando outros timbres e criando novas texturas para a música brasileira

Segundo a convicção do finado baiano-suíço Walter Smetak, um novo mundo requer homens novos, música nova, novos instrumentos. Enquanto na Europa o Young Gods se embrenha no universo da eletrônica com seus samplers para resgatar os elementos básicos da natureza, nas Minas Gerais o Uakti retoma intuitivamente os princípios canônicos da Grécia Antiga — dando um passo além das harpas eólicas que os gregos colocavam nos telhados das casas para que o vento as tocassem em busca de uma outra linguagem.

Para a maioria dos leitores de BIZZ, o nome Uakti talvez não provoque nenhuma ressonância, o que pode ser atribuído à incompetência das gravadoras. Felizmente no exterior a história tem sido diferente e o show em questão marcava a volta do grupo de uma bem-sucedida turnê pelos EUA e Espanha.

Não há palavra melhor que alquimia para resumir o que os quase dois mil presentes experimentaram nesta noite. Estampada em todos os rostos, a surpresa inicial dava lugar ao deslumbre, vendo aqueles músicos extraírem combinações harmônicas impossíveis de blocos de madeira, tampas de panela, vidros de conserva e, principalmente, de tubos de PVC, aclopados segundo uma fórmula que agrega plasticidade e timbre singulares. Um momento especial foi a execução de "Trenzinho Caipira", puxada pelo líder Marco Antônio Guimarães numa de suas últimas criações, o sino de madeira. Girando uma manivela embutida no corpo do instrumento com a mão esquerda, e com a direita percutindo suas cordas, ele acabou transmutando-se numa locomotiva diante de nossos olhos, tal qual previsto no dito alquímico que diz: "a arte reclama o homem por inteiro".

Passando por "Raça" de Milton Nascimento, a folclórica "Calix Bento" e novamente Villa-Lobos na "Bachiana N.º 5", afora o material original, o Uakti mostrou uma música orgânica, além do erudito e popular, tão densa e profunda quanto o próprio silêncio.

Arthur G. Couto Duarte

GRÁTIS
LIVRINHO DE PASSATEMPOS PARA SUAS FÉRIAS.

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

palmer

O SOM SUPERIOR

Tecnologia Nacional na Era Digital

Teclado Palmer com 16 presets, 14 ritmos, comandos de acompanhamentos e ritmo, efeitos especiais, música demonstração, gravação e reprodução digital de até 200 notas.

Solicite catálogos dos outros produtos: Pianos eletrônicos, Órgãos, Amplificadores para instrumentos, Caixas acústicas, Mesas de som, Potências e Câmara de Eco.

ELETRÔNICA PALMER IND. COM. LTDA.
CX. POSTAL - 11408 - CEP - 05499

WHODINI

Ecstasy e Jalil, cantando para 15 mil pessoas decepcionadas a ponto de não pedirem bis

Rap rasteiro

Ginásio do Palmeiras (SP)
14/05/88

Quinze mil pessoas comprimidas no ginásio do Palmeiras. A trilha é uma *hotíssima* sucessão de chamadas e respostas entre público e D.J., *spirituals* convertidos em funk, rap e samba. As estrelas da festa se aquecem nos bastidores. Obscuros blacks nacionais aquecem o público. Instrumentos de ambos: um D.J.

Whodini já foi uma promessa vibrante nas ruas do rap. Saudosa época em que seu pó do Brooklyn era aspirado por Thomas Dolby, Conny Plank e Larry Smith, co-produtor do Run DMC. As feras produtoras colocaram o duo de vocalistas Jalil e Ecstasy no céu das pistas de dança. Sem os mestres condutores, contudo, o duo afoga. Ao vivo, são como marionetes sem cordas. Falta alguém que lhes dê sentido. Uma banda, por exemplo.

No lugar dos instrumentistas, trouxeram apenas o D.J. Grandmaster Dee, um bamba homenageado pelo grupo em seu ótimo segundo LP, *Escape* (1984), e incorporado como integrante no seguinte, *Back in Black* (1986). Grandmaster Dee foi quem deu o verdadeiro show: estraçalhou no *scratch*, transformou seus pratos numa orquestra, discotecou com o nariz, deu uma canja vocal e teve que ser arrastado pelos *roadies* para sair do palco, ocasião em que ainda fez *scratchs* com os pés para o alto. *Wild thing!*

Ecstasy sustentou o tempo todo seu modelito gostosão arrogante. Começou tirando o casaco por causa do calor. Acabou fazendo um strip completo, bisado para quem não pediu. O público queria música. Chegou a cantar alguns hits, como "I'm a Ho" e "Growing Up", surpreendendo por seu conhecimento integral das letras.

Poderia ter sido um grande show. Mas o repertório do último disco do grupo, *Open Sesame*, que dominou o *line-up*, não possui pique. O público só se entusiasmou com hits mais antigos. Os vocalistas, por sua vez, não sustentaram o *beat*, resfolegantes. Apanharam do *play back*. Sequer os dois breaks, importados do Brooklyn para animar a dança dos paulistas, que abriram o show e não encontraram mais a saída do palco, mostraram serviço. Fraquíssimos. Resultado: não houve ânimo para insistir nos pedidos de "mais um".

Faltou abracadabra ao Whodini. Faltou a mágica que os produtores conjuraram em seus quatro pedaços de acetato. Algo mais do que truques baratos. *Marcel Plasse*

ASWAD

Do A ao Z do reggae

**Brixton Academy (Londres)
06/05/88**

Aswad está há 14 anos na praça. Dez LPs lançados. Mas apenas o último — *Distant Thunder* — os transformou em estrelas de médio porte. Trovoada é o que nunca faltou na trajetória destes *rastaman vibration positive* de Ladbroke Grove — tradicional mix étnico londrino. Brinsley Forde (guitarra), Zed Gaye (bateria) e Tony Gad (baixo) sempre detonaram dispositivos capazes de estraçalhar qualquer *sound system* — sem deixar de lado a eventual *lovers rock*.

O sucesso não tem segredo. Aswad trocou aqueles bons e velhos casacos verde-escuro, com calça de exército e camisetinha da Jamaica, por casacos de couro de *designer* e *dreadlocks* de cabeleireiro. E produziram um LP reggae-pop-world music megadigitalizado até o último bit. O primeiro single — "Don't Turn Around" — estourou seguindo a escola UB40 de reggae acetinado.

Aswad "melou"? Em tese, sim. Ao vivo, demonstraram que não (em parte). Antes, ondular ao som de Aswad era uma experiência religiosa comparável a ficar de quatro com o melhor *sound system* de rua. Estamos falando de *peso pesado*. Hoje, temos excesso de tecnoflash, mas a alminha liberatória rasta continua provocando estragos. O melhor de Aswad não é o romantismo linha xerox de Gregory Isaacs. São bombas como "Set Them Free", onde a exigência perene de paz, justiça e direitos humanos vibra no interior de cada um de nós.

Um show de Aswad no Brasil seria crucial para demonstrar o A a Z *real* da reggae music — e reduzir certas diluições à sua insignificância. Foi do reggae que a música pop dos anos 80 pilhou uma série de fatores-chave em seu modo de produção: o disco-mix de 12 polegadas, os dubs — agora nos lados B de compacto de qualquer cretino —, e DJs discursando em cima de uma base rítmica (está para ser devidamente registrado como os DJs da Jamaica influenciaram os DJs do Bronx, e estes, o resto). A trovoada de Aswad pode ter ficado para a história, mas eles ainda nos lembram que reggae é uma música de protesto, de confrontação a uma Babylon hipócrita, toda-poderosa e imersa em um desesperado vazio. *Pepe Escobar*

GENE LOVES JEZEBEL

Michael, de braços abertos, e Jay, o blondie, fixando a platéia para garantir o sucesso

Um eterno refrão

**Projeto SP (SP)
22/05/88**

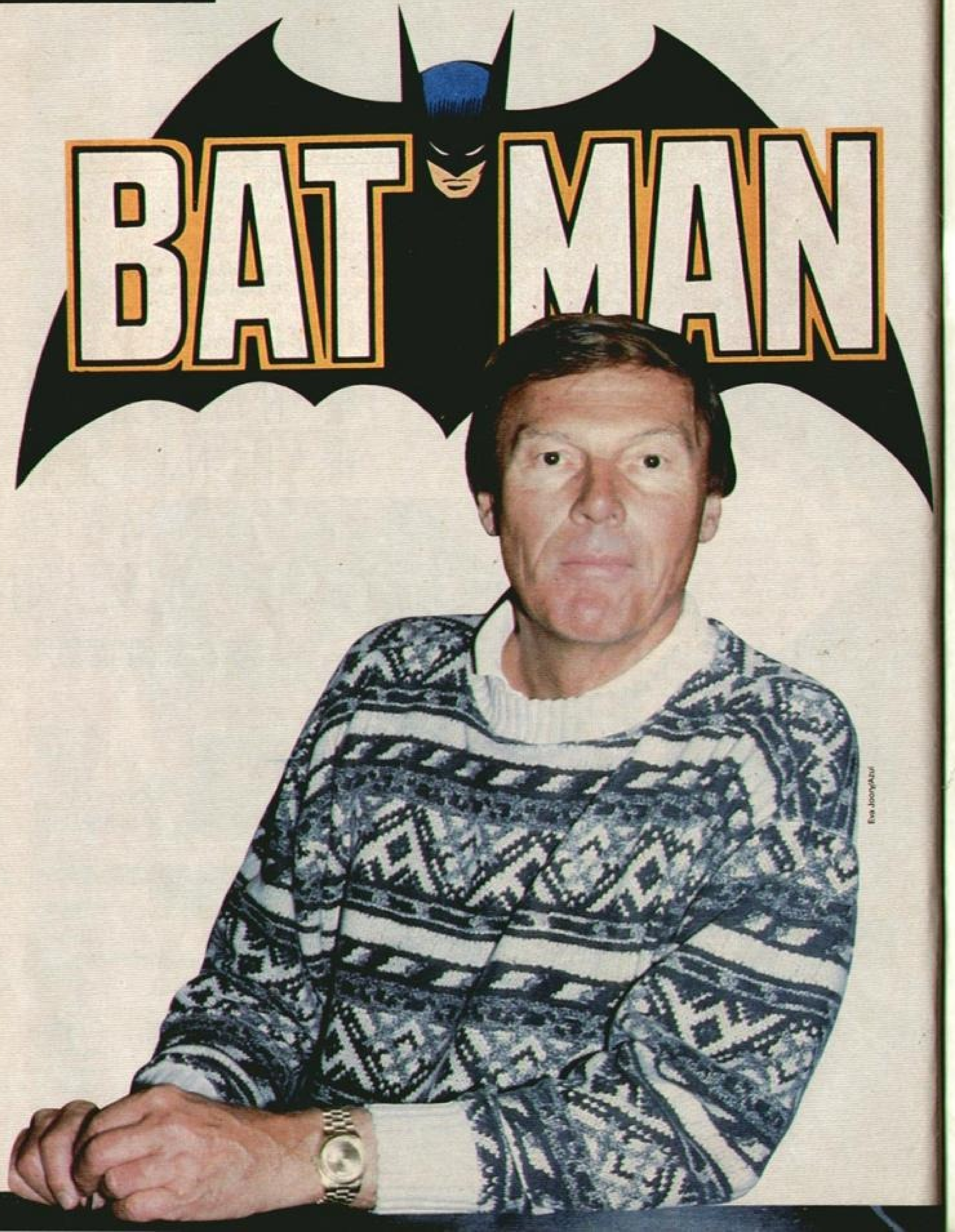
O blondie é Gene. O dark, Jezebel. Suas identidades não secretas são Michael e Jay Aston. Sua vinda ao Brasil faz parte da turnê internacional de lançamento do LP *House of Dolls*, quarto de sua carreira e segundo a desembarcar nos atacados de discos locais. Seu show não tem mistério. Sabe-se quem é o bandido no segundo acorde.

As músicas são tediosamente parecidas, com um piquezinho destinado ao refrão. Soam como a sobra de repertório de bandas tão disparatadas como Mission, U2, Psychedelic Furs, Wire Train e Thompson Twins. Seu visual glamourizado faz mais a linha Heart do que New York Dolls. E Michael Aston se comporta como um clone desnutrido de David Lee Roth.

A turma do gargarejo, obviamente, pula o tempo inteiro, bate palmas e se comprime junto ao palco para ver se os *brothers* fazem strip-tease — e quase... O resto do público não pára de circular, dando a impressão de estar mais interessado num flerte ou refrigerante do que no show.

No palco, a banda se esforça. O baterista Chris Bell, ex-Speer of Destiny e Thompson Twins, insiste na batida dançante. O guitarrista James Stevenson se contorce em solos sujos picotados de metal. O baixista Peter Rizzo se repete. Jay Aston abre os braços em posição cristã, deixando sua guitarra abandonada, inútil, sobre o colo. Michael Aston inventa ginásticas na frente das caixas de som e chega atrasado para cantar sua parte. Tudo bem, o público não conhece mesmo o repertório. Está ali, porque, afinal, Gene Loves Jezebel é um daqueles míticos grupos independentes britânicos...

A música é "The Sure Thing". Os displicentes do fundo já devem ter encontrado uma paquera, porque também começam a bater palmas. A música seguinte é "Desire", o único hit massificado pela FM do álbum anterior, *Discover*. Sucesso completo. Entretanto, é o último número. O público inconformado pede mais um. E levam "The Motion of Love", o provável futuro hit de *House of Dolls*. Gene Loves Jezebel fez a platéia fixá-lo. E deu a missão por cumprida. Nenhuma das demais faixas de seus LPs arrisca um novo pedido de bis. M.P.



Eva Joory/Azul

É O SINAL DO MORCEGO!

Uma superprodução vai ser rodada em Londres. Batman e Robin vão voltar, para delírio dos zilhões de fãs em todo o mundo. Adam West, sessentão, está velho para o papel, mas foi à capital inglesa para o lançamento de seus velhos vídeos. Lá, ele bateu um papo com Pepe Escobar

Zap!
Pow!
Oof!
Klonk!
Kapow!

Corta para uma antológica Bat-cena, na mesma Bat-hora, no mesmo Bat-canal. Batman entra na What-a-Way-to-Go-Go, uma discoteca do além, onde go-go girls em gaiolas de passarinho dançam o Batusi. Robin é menor de idade. Não pode entrar. Fica de fora ouvindo o tema do Batman no batmóvel.

O maître pergunta: "Uma cadeira na primeira fila, Cruzado Mascarado?"

Batman: "Não, obrigado. Não quero parecer... perdulário".

Batman caminha até o bar e faz seu pedido: uma dose dupla, gelada, de suco de laranja.

Corta para outra bat-cena, em outro bat-fuso, em outro bat-continente. Batman entra na Bat-Megastore, ex-Virgin, em Oxford Street, Gotham City, digo, London Town, uma loja do além, onde as gerações *Agente 86* e *Guerra nas Estrelas* se acotovelam para mirar, ao vivo, em cores, o Homem-Morcego. Sim, o próprio: Adam West, a.k.a. Bruce Wayne, a.k.a. Cruzado Mascarado, a.k.a. o bat-fenômeno da cultura pop nos anos 60. Adam West está com quase 60 anos. Robin está com 41. Não veio porque caiu nas malhas da polícia californiana, por porte de drogas... (Os tempos são outros...)

A bat-platéia — amassada por um aluvião de vinil e CDs — ameaça um tumulto: "Mas ele veio de capa! Não trouxe nem mesmo o cinturão de utilidades!" Os bat-súditos ameaçam descarregar sua ira destruindo uma prateleira de LPs de Sade ("Chah-Dey"), quando o Bat-DJ solta no ar o Gotham Gothic remix do tema do Batman. Adam West abre o sorriso Colgate, assina uma sucessão de vídeos, pergunta se o batmóvel não corre o risco de levar uma multa da polícia da Thatcher — a Primeira-Morcega, digo, Ministra — e comanda ação: "Vamos, garotos, que tenho uma missão especial a comprir em Gotham City".

Adam West é uma piada. Ele *é* Batman, Batman é sua vida. Quem era Adam West antes de virar o Homem-Morcego? Um surfista e ator medíocre. Batmam, estreando na cadeia ABC americana às 19h30 de 12 de janeiro de 1966, o elevou à condição de lenda viva. Batman foi o mais popular seriado dos anos 60 ainda em exibição no planeta — do Brasil à Coréia. E Adam West, quase sexagenário, ainda corre o mundo fazendo aparições públicas como Batman. Ele está bat-raivoso porque a Warner Brothers não o considerou para levar o Homem-Morcego ao universo das Panavision, 70 mm, dolby e efeitos especiais. O mega bat-projeto já está em produção nos estúdios Pinewood, e as 12 semanas de filmagem começam em agosto. Em junho de 89, *Batman — the Movie* estoura nas telas dos EUA.

Não adianta. O verdadeiro bat-ator é o verdadeiro e único Adam West. Nada de seriedade. Ele mexe com todo mundo. É uma manifestação ambulante — e veículo perfeito — para o mix que bat-enlouqueceu o planeta na rota 66: quadrinhos, estética *camp*, pop art, TV e super-heróis. Tenho um cinturão de utilíssimas bat-perguntas, mas está difícil conseguir um bat-minuto de sua bat-atenção. Só mesmo o Homem-Morcego tem a resposta para o quebra-cabeças que nem a CIA nem a KGB resolveram (deu no *Pravda*, um dia: "Batman fez uma lavagem cerebral nos americanos e eles viraram assassinos nas selvas do Vietnam"). Só ele sabe por que a gata Jill St. John — que depois andou transando com um certo Henry Kissinger — foi a única figura que morreu *mesmo* em um episódio de Batman (ela entrou na ultra-secreta bat-caverna, marcou e virou batata-frita no bat-gerador movido a energia atômica). Só ele sabe como foi a última viagem do Cruzado Mascarado e do Menino Prodígio no batmóvel, em 68. E só ele sabe como é que era dirigir o mirabolante batmóvel...

A bat-entrevista é Pow! Clash! Clank! Oww! Urkk! Homem-Morcego, qual é a razão do sucesso deste culto planetário? "Acho que foi o fato de nós exagerarmos a seriedade. Todo mundo em conexão com o ▶

show tinha uma instrução: cuidar de todos os detalhes como se a gente estivesse soltando a bomba em Hiroshima." Uuuuaaaaau... E você levava tudo a sério? Não tinha nem mesmo uma caidinha pela Mulher-Gato? "Tinha, tinha... Um dos meus episódios favoritos é aquele em que a Mulher-Gato me joga um feitiço do amor. Foi muito divertido."

HAH! HAH! HAH! HAH!... Não, não é a risada do Coringa... É ele mesmo, o Homem-Morcego, chamando no seu bat-computador a memória dos anos 60. Qual era o seu vilão favorito, Batman? "É difícil dizer... Eu gostava muito do Pingüim. Ele era intratável, vivia para lá e para cá falando 'wap wap', vivia jogando fumaça de cigarro na minha cara." E o batmóvel? Existia algum veículo mais *far out* naquela época do que o batmóvel? Pau a pau com essa idiota super-máquina, acho que o batmóvel levava. Não levava, Cruzado Mascarado? "O batmóvel era um Lincoln alterado. As pessoas viviam criticando o batmóvel quando o viam em pessoa. Ele costumava ser alugado para feiras de automóvel nos Estados Unidos. Mas em filme ele é magnífico, bem iluminado, em velocidade, muito bem polido. Naquele tempo a energia nuclear era vista como uma coisa positiva. Hoje, tem muita gente que gostaria de jogar o batmóvel no fundo do mar..." E quem dirigia? Sempre você, Homem-Morcego? "Sempre. A não ser em alguns *inserts* básicos, entrando e saindo da bat-caverna."

Adam West autografa mais vídeos — um episódio especial de Batman —, toneladas de histórias em quadrinhos, camisetas, mix do antológico tema que recorre nos bat-alto-falantes, tara rararara rararara rararara rararara... Aponta para nossa fotógrafa, solta um HAH! HAH! HAH! HAH! e comenta para os passantes: *"Look at her eyes! She has Brazilian eyes!"* HAH! HAH! HAH! HAH! É um menino que parece ter acabado de descobrir um grande segredo. E adora seu papel. Ele é o Homem-Morcego (que outro poderia estrelar no bat-filme? Tom Cruise? Michael J. Fox? Schwarzenegger? AAAAAAARGR!)

Ele tanto falou que tinha uma missão a cumprir em Gotham City que agora vai mesmo. O batmóvel o espera. Mas e a Mulher-Gato, não pintava uma libido no roteiro? Resposta: "HAH! HAH! HAH! HAH! HAH!" Batman elogia seus vilões-atores especiais, Zsa Zsa Gabor (Minerva), Ida Lupino (Cassandra), Otto Preminger, que fez um dos Mr. Freeze (como é que chama esse em português?), Burgess Meredith, o mais antológico dos Pingüins... "Para o batmóvel! Vamos, Robin!" Sim, mas só uma última declaração aqui para a imprensa de Gotham City. Qual é o segredo de Batman?

Ele fica sério — apenas por um momento: "O país, na época, estava no *mood* para uma coisa tão maluca, tão *wild*. O que nós fizemos era maravilhoso, na TV da época, e vai durar para sempre. Na tela grande, eu gostaria de ver um Batman um pouco mais romântico..."

E então? Quem sabe Batman e a Mulher-Gato pudessem... sabe como é?

"HAH! HAH! HAH! HAH! HAH!" O Homem-Morcego solta um bat-sorriso Colgate e revela, confidente: "Naquele cinto de utilidades estava o segredo da atração de Batman pela Mulher-Gato..."

S-e-n-s-a-c-i-o-n-a-l bat-mistério... A fantasia de cada um que funcione. HAH! HAH! HAH! HAH! Tara rarara... E lá foi ele, o Homem-Morcego, o Cruzado da Capa Negra, pé no fundo no batmóvel em missão para as brumas do mito.

Pepe Escobar

SANTO BOX: BATMAN!

O drama de uma geração sempre se torna o pastelão da próxima. Bill Fingers e Bob Kane lutaram contra a má vontade de seus editores para publicarem seu personagem, considerado muito barra-pesada em 1939. Afinal, sua origem estava ligada à vingança de um menino, sobrevivente ao assassinato dos pais por um assaltante, num beco escuro da pobre Gotham City (um dos primeiros nomes de Nova York). Além disso, o herói se vestia com um uniforme inspirado na mais sinistra das criaturas: o morcego. Como poderia se tornar popular?

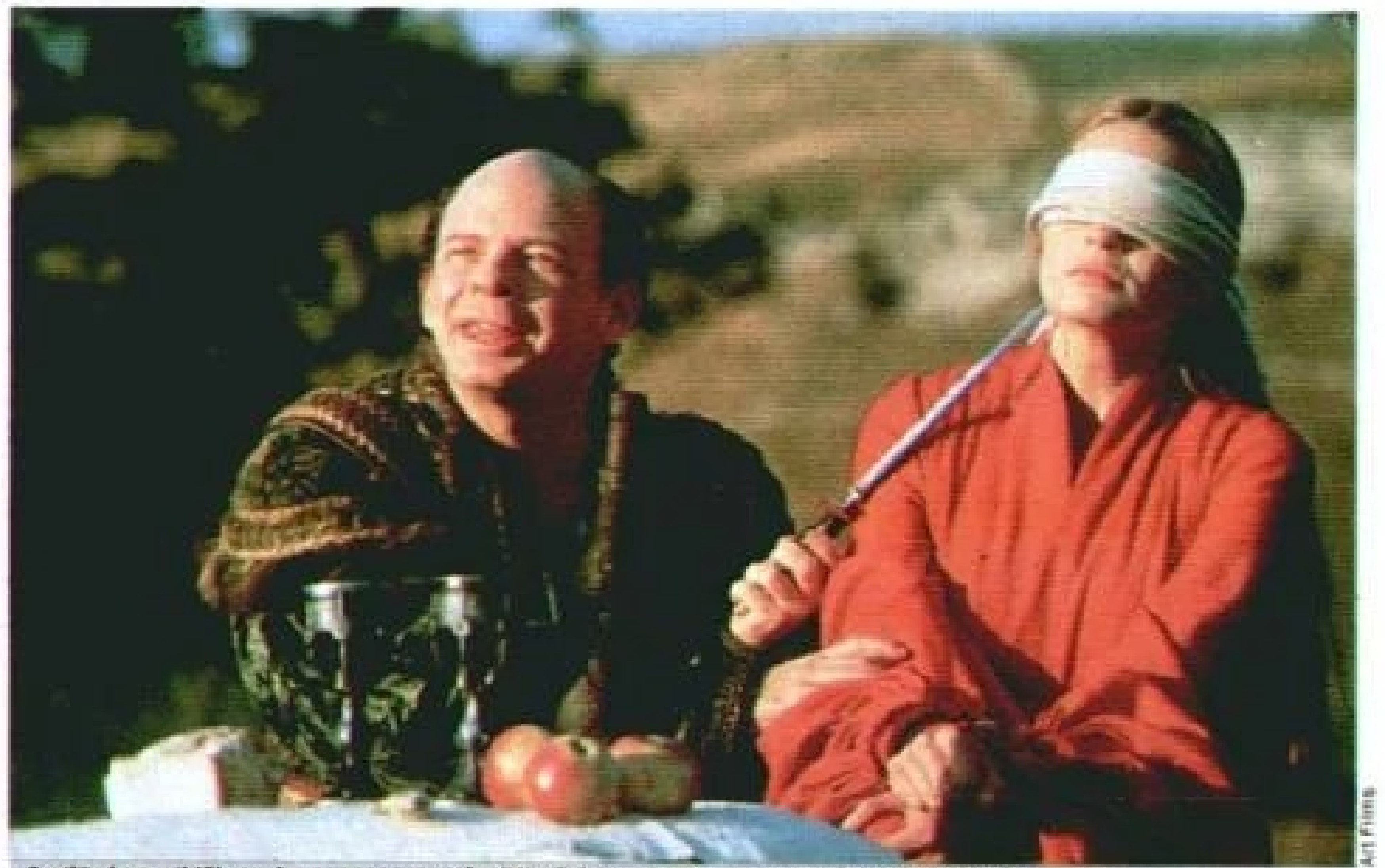
Houve concessões, sim, com o surgimento de Robin, um menino que, apesar de ser igualmente órfão por crime, se vestia com roupas de forte colorido. Mas a verdade é que Batman se tornou um fenômeno de massas. Ainda nos anos 40, estrelou um programa de rádio e dois seriados no cinema. O primeiro, em 1943, teve Lewis Wilson, auxiliado por Douglas Croft, contra um inimigo chamado Dr. Daka, que tinha o poder de transformar pessoas em zumbis... Em 1949, foi a vez de Robert Lowery e John Duncan juntaram-se ao comissário Gordon contra o maquiavélico "Mágico". Mas nenhuma dessas façanhas obteve a repercussão da *Batman crazy* dos anos 60.

O ano era 1966, o começo da ebulição psicodélica e do reboliço pop. O curioso é que o produtor William Dozier não tinha a menor idéia sobre o que fazer com os direitos do herói adquiridos pela rede ABC de televisão. Ele sempre considerou quadrinhos uma coisa boba. Assim, o personagem outrora maldito se tornou uma anacrônica paródia de defensor das instituições, ícone camp de juventude *flower power*, ilustrando tanto os BIGG BANG POW das telas de Roy Lichtenstein, como também o bat-moralismo que alertava sobre o perigo das más companhias...

Chanchada inesquecível! A série escrachou de vez a reputação do casal dinâmico. Num dos capítulos, Batman evita que Robin se aproxime de meninas que lhe fazem gracinhas, dizendo: "Não, Robin, elas não farão bem a você..." Nem o famoso cinto de utilidades escapou. Certa vez, chegou a evitar que a dupla fosse devorada por terríveis tubarões graças ao seu compartimento com... repelente de tubarões!

A trilha de Neal Hefti tornou-se mania mundial, sendo gravada em ritmo de surf music pelos Astronauts e, dez anos depois, pelos ingleses The Jam. A bat-caverna, o batmóvel e inúmeros outros bat-ítens logo conheceram a Batgirl, vivida por Ivonne Graig, uma bat-gracinha ruiva apertada num colante de couro negro. Entretanto, um plano maligno, mais engenhoso do que as torturas carnavalescas dos vilões especialmente convidados, conseguiu tirar a série do ar em março de 1968, deixando apenas 120 capítulos de nostalgia. Santo videotape, Batman! *M.P.*

A PRINCESA PROMETIDA



O vilão bem vil (Shawn) ameaça a mocinha (Wright) que espera que o amado venha salvá-la...

Art Films

Criança é um assunto para o diretor Rob Reiner, verdade incontestável desde que ele dirigiu quatro atores infantis com suprema competência em *Conta Comigo*. Desta feita, os seus atores são adultos, mas o público é principalmente a criançada. *A Princesa Prometida* (*The Princess Bride*, baseado no romance homônimo de William Goldman, editado no Brasil pela Marco Zero com o título *O Noivo da Princesa*) não apenas é aquilo que a molecada gosta de ver na tela como também não é tudo o que ela detesta. A parte detestável Reiner soube arrancar do roteiro pela interferência de um único ator-garoto que pôs na tela. É o netinho acamado de um vovô bonachão (Peter Falk, o Columbo da TV) que lhe conta uma historinha. Sempre que essa historinha ameaça virar um namorico água-com-açúcar, o menino interrompe o seu avô. Com esse recurso, o filme sai rapidamente do quarto do netinho acamado e se converte no "conto de fadas" narrado pelo velhinho, sem nada de meloso.

A fábula central é simples: a fabulosamente bela Buttercup (Robin Wright) ama seu criado loiro Westley (Cary Elwes), no que é fabulosamente correspondida. Na paisagem campestre-medieval em que ambos gastam a exuberante juventude, tudo vai muito bem, obrigado, até que certa manhã o serviçal amado decide partir em busca de aventuras e pede a sua boa lourinha que fique por ali, a sua espera.

Ela fica? Até que fica, mas o tempo passa e nada do antigo namorado aparecer. Aí, então, ela acaba cedendo ao insistente cortejo do soberano local, o príncipe Humperdink (Chris Sarandon), herdeiro de um reino fabulosamente situado num ponto impreciso entre a Alemanha e a Suécia, num tempo perdido dentro da Idade Média, chamado Florim. Humperdink é tão bonitão e atencioso quanto sádico. Ela vai se casar com ele?

Bem, até que casaria. Mas aí, então, aquele velho e bom namorado reaparece, e terá um duro trabalho para reaver sua donzela. Para as delícias do público, este duro trabalho consiste em dar cabo de três pilantras (Andre, the Giant, devidamente gigantesco; Mandy Patinkin, um espadachim bem afiado, e Wallace Shawn, um calhorda barato), o que rende cenas inesquecíveis a todos os olhos infantis. Mas é só.

Poderia ser e já era bom. Mas tem muito mais: torturas em porões, bruxas no fundo da floresta, bebedeiras, abismos e, claro, alguns beijinhos bem situados que até os moleques mais endiabrados gostam de ver. Além disso, a música fica por conta de Mark Knopfler, mais do que nunca, fiel às guitarras do *Dire Straits*. Especialistas comentam que a trilha, em disco, é chata. No filme não é. Garantido.

Eugênio Bucci

RAMBO III

Columbia

Ah não, de novo? Pois é, Stallone pilota mais uma patriotada de Rambo, desta vez no Afeganistão

Rambo II — A Missão já era um estereótipo do personagem criado em 1972 pelo autor Sheldon Lettich: o que o John Rambo original tinha de complexo (o veterano do Vietnam, treinado para matar na defesa de sua pátria e rechaçado pelo mesmo sistema que o havia gerado) foi reduzido a uma caricatura unidimensional no segundo episódio. Mas o guerreiro patriota de *Rambo III* consegue a façanha de ser o estereótipo do estereótipo: John continua sendo um lavador (com sangue) da honra (sic) de seu país sem o apoio oficial de seus governantes. E agora precisa resgatar um antigo mentor, o coronel Samuel Trautman (Richard Crenna) das garras maldosas de uma tropa russa estacionada no Afeganistão. No processo do resgate, Rambo tenta provar-se espiritualmente são (antes da luta ele estava em retiro meditativo num templo budista) e cínico, até. Mas falta-lhe o bom humor e o jogo de cintura de outros heróis atuais do cinema, como há em abundância no *Dr. Jones* e no *Crocodilo Dundee*. Ao contrário de seus contemporâneos, Rambo leva-se a sério demais. E, com isso, vira uma caricatura de si mesmo.

Por falta de clichezões e lugares-comuns este filme não morre. Chega a ser patética a abundância de diálogos e frases definitivamente previsíveis ou duras, de tão falsas. Exemplos: encurralados pelos russos, Trautman e Rambo escapam miraculosamente da explosão de uma granada. Reação do coronel: "Essa foi perto". O comandante russo ouve a voz de Rambo quando este invade a base militar no Afeganistão. O comandante pergunta: "Quem é você?" Rambo responde: "Seu pior pesadelo". Um aliado afegão pergunta a Rambo: "Mas por que você está ajudando nosso povo?" Resposta de Rambo: "Você faria o mesmo por mim". E vai daí para pior, ladeira abaixo. E, se os *trailers* de *Rambo III* eram vaiados pelo público nos cinemas, cenas e diálogos como esses provocaram outro tipo de reação durante as premières para a imprensa: do começo ao fim do filme, gargalhadas incontidas.

Ninguém parece levar Rambo a sério, a essa altura. Só mesmo Stallone (embolsando o cachê que ele embolsa, deve ficar difícil não levá-lo a sério). E o envolvimento dos russos nesse episódio não poderia ser mais inoportuno — com a *glasnost* em vigor e a diplomacia ganhando terreno, então, é um erro primário. Mas um mérito o filme tem: as cenas de ação, particularmente o duelo final, são um triunfo — muito bem coreografadas, realistas, marcantes. Mas nesse ponto do filme é provável que as lágrimas impeçam uma boa visão. Não lágrimas de emoção: lágrimas de riso.

José Emilio Rondeau

REBELIÃO EM MILAGRO

Um filme de uma candura exemplar, de fábula: num perdido vilarejo das montanhas do Novo México, um grupo de investidores anglos decide construir um complexo de turismo e um campo de golfe. Contra eles se insurge o líder comunitário Joe Mondragon (Chick Vennera), que por acaso desvia água para um campo de feijões abandonado desde a morte de seus pais, há muitos anos. As tensões do conflito dividem e motivam todo o vilarejo, despertando a consciência de seus habitantes para o tipo de manobra que, eventualmente, os expulsaria de suas terras. Finalmente, com a ajuda da militância política de uma entusiasmada dona de oficina mecânica, Ruby Archuleta (Sônia Braga), o petulante apoio de um advogado semi-aposentado, as idiossincrasias do mais velho habitante da cidade — Amarante, 93 anos, dono de um porco xereta e lambão — e as interferências sobrenaturais do Anjo Coiote — que pode ou não ser o espírito do pai de Mondragon — a comunidade vence.

O filme está a um pequeno passo do realismo socialista mais rasteiro e banal, mas é salvo por um humor feroz e iconoclasta, por um elenco excelente e uma fotografia que capta em todo o seu esplendor a quase insuportável beleza do Novo México. E a experiência do muitas vezes oscarizado David Ward, que assina a versão final do *script*, foi a graça salvadora.

O elenco é até mais colorido que o povoado imaginário do diretor Robert Redford. Tem a brasileira Sônia Braga ("uma escolha intuitiva", segundo Redford); o veterano ator mexicano Carlos Riquelme, como Amarante (um dos atores preferidos de Buñuel, que fez *O Anjo Exterminador* e *Bela da Tarde*); o cantor country mexicano Freddy Fender, como o hesitante prefeito de Milagro; o panamenho e também cantor e compositor Ruben Blades, como o indeciso xerife do povoado Bernabé Montoya. E há ainda pontas de gente consagrada como Melanie Griffith (a mulher do investigador) ou Christopher Walken, como o arquivilão Kyril Montana, o pistoleiro contratado.

A.M.B.

UIP

Gabriela, quer dizer, Sônia Braga, é a mecânica combativa Ruby e Julie Carmem é Nancy Mondragon

LOVE AND ROCKETS!

No New Tale to Tell

(Daniel Ash/David Jay/Kevin Haskins)

	NENHUMA HISTÓRIA NOVA PARA CONTAR
You cannot go against nature because when you do go against nature it's part of nature too	*Você não pode ir contra a natureza porque quando você vai ir contra a natureza também faz parte da natureza*
Our little lives get complicated it's a simple thing simple as a flower and that's a complicated thing	*Nossas vidinhas ficam complicadas é uma coisa simples simples como uma flor que já é uma coisa complicada*
(refrão) No new tale to tell... (4 x)	*(refrão) Nenhuma história nova para contar... (4 x)*
My world is your world people like to hear their name I'm no exception please call my name call my name	*Meu mundo é o seu mundo as pessoas gostam de ouvir seu próprio nome eu não sou exceção por favor, chame meu nome chame meu nome*
(repete refrão)	*(repete refrão)*
When you're down it's a long way up when you're up it's a long way down	*Quando você está por baixo é um longo caminho até em cima quando você está por cima é um longo caminho até embaixo*
It's all the same thing no new tale to tell	*é tudo a mesma coisa nenhuma história nova para contar*
(repete)	*(repete)*

© Beggars Banquet Music Ltd/Momentum Music. Direitos administrados no Brasil por WEA Discos Ltda (Div. Editora)

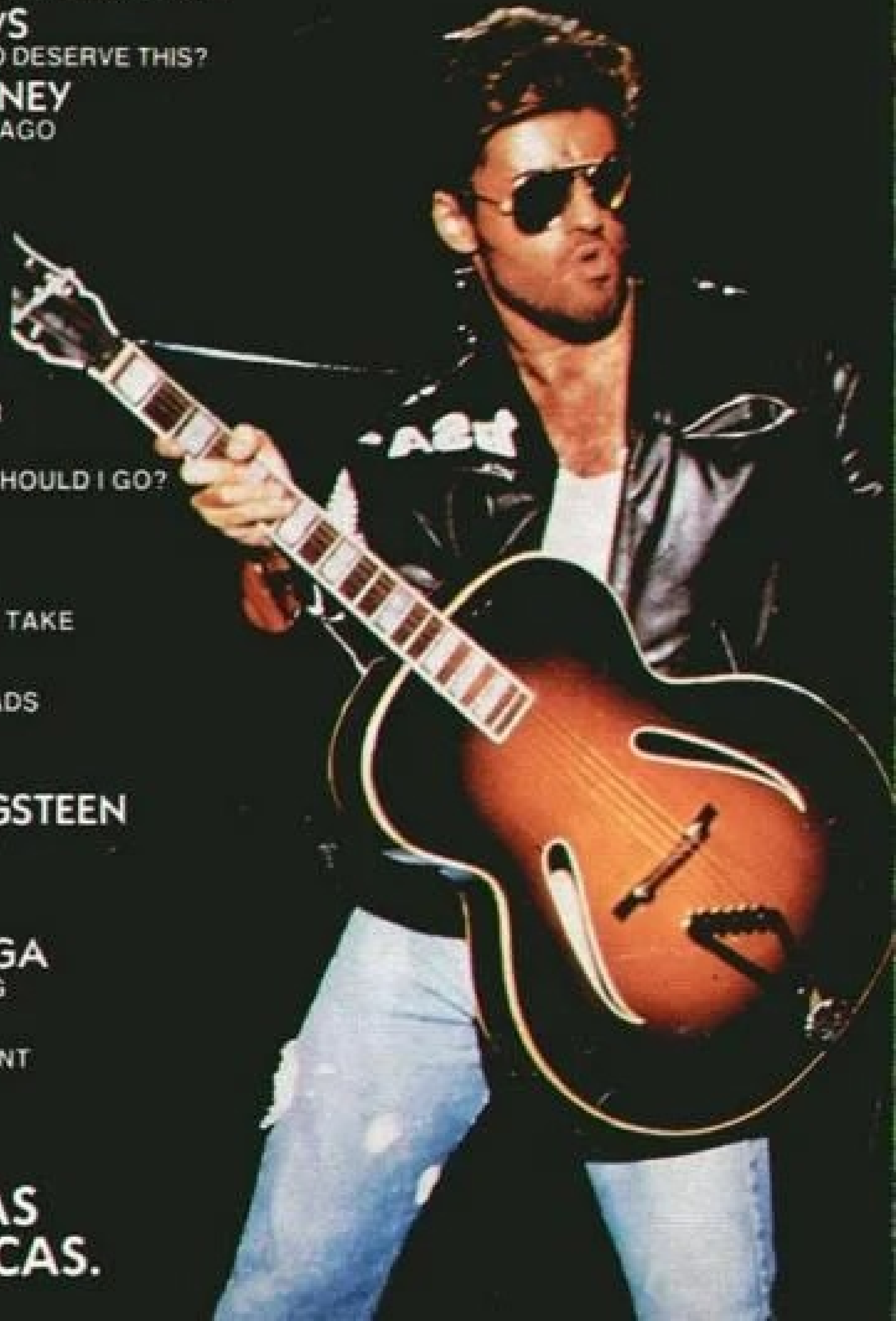
The hit parade lyrics that you enjoy are here. Translated.*

** As letras dos sucessos que você gosta estão aqui. Traduzidas.*

BIZZ ESPECIAL

LETRAS TRADUZIDAS

GEORGE MICHAEL
FATHER FIGURE
DURAN DURAN
MEET EL PRESIDENTE
CUTTING CREW
I'VE BEEN IN LOVE BEFORE
GEORGE HARRISON
GOT MY MIND SET ON YOU
LL COOL J
I NEED LOVE
MICHAEL JACKSON
MAN IN THE MIRROR
MORRISEY
SUEDEHEAD
BAND AID
DO THEY KNOW IT'S CHRISTMAS TIME?
PET SHOP BOYS
WHAT HAVE I DONE TO DESERVE THIS?
PAUL McCARTNEY
ONCE UPON A LONG AGO
NEW ORDER
BLUE MONDAY
BOY GEORGE
SOLD
AL STEWART
YEAR OF THE CAT
BON JOVI
LIVING ON A PRAYER
CLASH
SHOULD I STAY OR SHOULD I GO?
CURE
SHAKE DOG SHAKE
POLICE
EVERY BREATH YOU TAKE
A-HÁ
STAY ON THESE ROADS
REM
THE ONE I LOVE
BRUCE SPRINGSTEEN
BRILLIANT DISGUISE
SIMPLY RED
THE RIGHT THING
SUZANNE VEGA
SOLITUDE STANDING
TOY DOLLS
NELLIE THE ELEPHANT
INXS
NEW SENSATION



EDITORA AZUL

NAS BANCAS.

Agora é oficial: o documentário *Imagine*, sobre John Lennon (foto), terá uma trilha sonora coincidindo com seu lançamento nos cinemas, em outubro. Talvez não entrem no álbum duplo todas as 38 canções selecionadas para o filme, mas é certo que — além de novas versões para hits famosos de Lennon e trechos de entrevistas — haverá pelo menos uma faixa inédita: "Real Love".

Estão no prelo dois livros relacionados com os Doors. O primeiro é *Wonderland Avenue: Tales of Glamour and Excess*, um romance baseado nas vivências que o autor, Danny Sugerman, teve com a banda. O segundo — e o mais apetitoso — é *Wilderness: The Lost Writings of Jim Morrison, volume I*, uma coletânea de textos e desenhos inéditos do próprio Rei Lagarto, descobertos somente 16 anos após a morte de Morrison.

Enquanto Mick Jagger se prepara para uma possível turnê solo pela Austrália e América do Sul (epa, opa), é bem provável que um novo disco dos Rolling Stones venha à luz em 1989. Todos os integrantes da banda foram convocados para uma reunião com seu conselheiro financeiro, o príncipe Rupert Lowenstein, em maio passado e saíram dali com planos para entrarem no estúdio em alguma data após o ano novo. Mesmo que o disco jamais venha a ser realizado (e olhe que já se fala numa turnê do grupo como parte da promoção do novo álbum), não se pode acusar os Stones da inércia. Keith Richards concluiu seu primeiro álbum solo (para lançamento entre agosto e outubro), do qual participam o guitarrista Waddy Wachtel (ex-Linda Rondstadt), o saxofonista Maceo Parker (ex-James Brown), o baixista Bootsy Collins e o naipe de metais The Memphis Horns. Charlie Watts tem feito shows de jazz na Inglaterra. Ron Wood está excursionando com Bo Diddley e Bill Wyman está preparando uma extensa biografia sobre os Stones.

Se você ainda não havia encontrado uma desculpa para comprar um CD *player*, aqui está uma ótima: a gravadora Restless Records, de Los Angeles, está lançando uma série de shows exclusivamente em *compact discs*. O primeiro CD é dos Smithereens e logo a seguir virão surf punks: Dream Syndicate, The Dickies e Devo. Outro imperdível que só existe em CD é *Jimi Hendrix: Live at Winterland*, da Rykodisc.

O King Crimson pode ter sido engolido por algum buraco negro, mas Robert Fripp (foto) continua ativo, ainda que distante de palcos e estúdios. Fripp virou professor de guitarra, por assim dizer: ele vem realizando uma série de seminários de guitarra nos Estados Unidos e em setembro fará o de número 23, o primeiro na Costa Oeste. Serão seis dias de "Guitar Craft", um curso que ajuda a desenvolver diferentes padrões para o uso de palhetas e dedos, e estimula métodos de treinamento através de um programa em sete partes — que Robert chama de "The Seven Primaries". Mais sistemático do que isso, impossível.

Parece que os rotundos Fat Boys (foto) estão se especializando em covers, mesmo. Primeiro, fizeram sua versão de "Sex Machine". Mais tarde, gravaram com os Beach Boys um clássico da surf music, "Wipeout". Agora os banhudos rappers juntaram-se a Chubby Checker para uma revisita ao "The Twist". Mais engraçado do que o chumaço de *dreadlocks* que Checker adicionou à cabeleira para parecer pra frente e atualizado no clip da música, só mesmo os próprios Fat Boys dançando o *twist*.

O universo metálico que orbita por Los Angeles reuniu-se no início de junho para a festa que Miles Copeland realizou em sua mansão em Hollywood Hills para lançar o filme *Decline of the Western Civilization, Part II: The Metal Years* (uma produção da I.R.S. Films). Estavam lá astros do filme — Alice Cooper, Dave Mustaine (do Megadeth), Steve e Jeff McDonald (do Redd Kross) — mais outros convidados nada metalizados — o ator Nicholas Cage, Tom Waits e Paul Simonon (ex-baixista do Clash) —, todos recém-chegados da badalada *première* no cinerama Dome, em Sunset Boulevard. No Dome haviam sido brindados com cenas cinematográficas memoráveis: Ozzy Osbourne dando receitas de culinária, Gene Simmons (do Kiss) bajulando os fãs, e Chris Holmes, do Wasp, levando um esporro da mãe por estar bebado na piscina. O filme é um *sequel* dirigido pela mesma Penelope Spheeris que, no passado, deu ao mundo o primeiro *Decline of Western Civilization*, que radiografava o movimento punk.

A banda que abre a seção Europa da turnê mundial de *Sting-88* (foto) não é uma banda. É a MTV. Uma hora de MTV em três enormes telas montadas no palco. Cada país tem um programa "especialmente talhado para a sua audiência", segundo os MTV-cultivos. Os "melhores" clips, os VJs mais "criativos" e a melhor animação em computer graphics. Sting comparece como holograma.

O último hit nas discos de Israel — já apareceu sampleado por aqui — é um rhythm'n'blues que atende pelo nome de "The West Bank Boogie and Gaza Hop". Trechinho da letra: "Balas de borracha que ferem de verdade/vão fazer você dançar/gás lacrimogêneo que realmente fede/vai te fazer pensar/como é que começou mesmo o boogie da Margem Esquerda". Não se sabe ainda o que as populações locais e a OLP pensam a respeito.

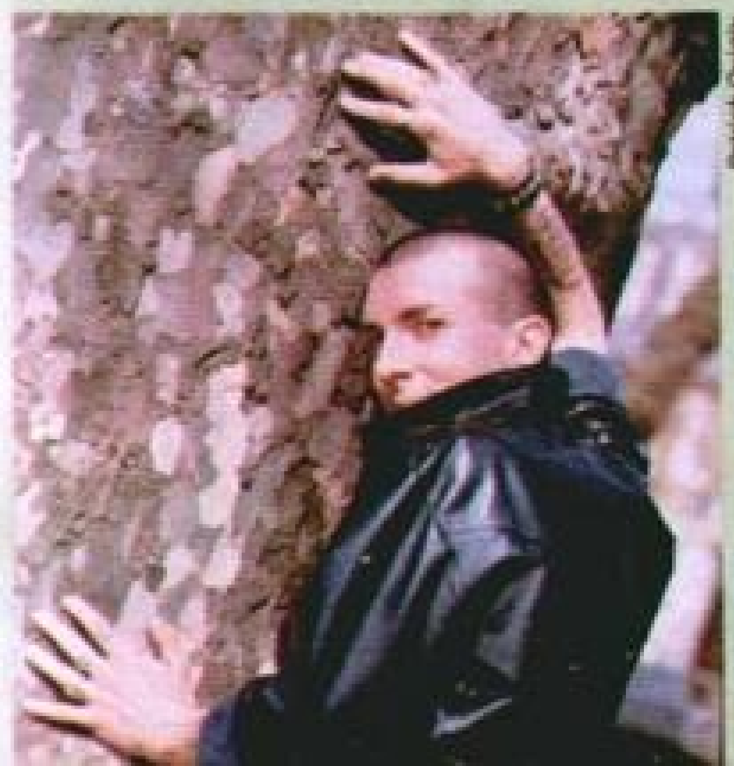
Mais bombas políticas na seção "world music". Trata-se do LP *Die for Allah*, selo Big Takeover, de uma bandinha que atende pelo sensacional nome de Iranianos Destemidos do Inferno. Eles convidam a morrer por Alá, "Explodir a Embaixada", falam de "Desejo de Morte" e de "Iranianos de Moto". O que é isso? Um produto do gênio perverso de algum empregado do Escritório Iraniano de Provocação do Grande Satã? Nããããão. É o produtor de uma bandinha de San Antonio, Texas, cujo líder, Amir Mamori, é da terra do ex-Xá. Na verdade, eles têm mais a ver com Kiss do que com Komeini. E são tão divertidos quanto uma festinha da Jihad islâmica.

Em nossa entrevista com New Order, Peter Hook aproveitou para dar um pau em Morrissey. Vamos esclarecer algumas coisinhas relativas a Manchester e música pop. A Inglaterra sempre foi um problema para as bandas pop inglesas. Como incorporar um senso local em uma forma musical que não cresce organicamente deste ambiente, e sempre foi uma importação alienígena? (O mesmo problema é enfrentado no Brasil.) Para muita gente, o provincianismo inglês sempre foi uma coisa da qual era necessário fugir — em busca dos sonhos americanos —, mas para muitos outros era necessário mergulhar de cabeça — como nas referências à "sonolenta Londres" pelos Rolling Stones ou às "casas construídas pelo governo" e "esquemas consumistas" dos Sex Pistols de Sid Vicious (foto).

New Order nunca teve a sofisticação intelectual de Smiths ou Fall. Há algumas similaridades notáveis entre Mark Smith e o notório ex-Smith fissurado em Oscar Wilde. Os dois são desajustados proletários de Manchester, envoltos em uma relação de amor/ódio com o fascinante (em termos de involução histórica) norte da Inglaterra. Os dois trabalham convictos de que traições e uma "vontade de estupidez" por trás de certas crenças são o material que confere identidade a alguém. Os dois têm mentes brilhantes presas na armadilha de limites precisos sobre o que constitui "sentido". Seus egos muito fortes impedem que tenham abraçado o confusionismo pós-moderno. O trabalho dos dois não segue uma trajetória: os temas musicais e líricos são completamente rescalonados e a posição básica de exílio é sempre reiterada. New Order é uma coisa mais simples: senso prático, e nenhuma preocupação intelectual. Ian Curtis descansa em paz.

Marc Almond (foto) é o Cauby Peixoto da melancolia junkie terminal. Marc Almond é uma seringa de melodrama intravenoso. Marc Almond, se tivesse nascido na Idade Média, seria um templário emérito. Ou uma santa de monastério convulsionada pela libido.

"Tire suas mãos de mim, eu não pertenço a você", semeava, em spleen e despair shakespearianos, a voz visceral da Marka em "Say Hello, Wave Goodbye". La Mark — depois de espatifar a Célula Macia na solitária kitchenette da autodestruição, depois da epopéia de tormento dostoievskiano com os Mambas, depois de arabescos melodramáticos da fase-solo, lançou em Londres um livro de poemas. Tormentos, toureiros, carne, sangue — tudo muito discreto, sem abusar da estética Judy Garland de dilaceramento terminal. Intimações suaves de tocha vadia... Mas com trilha sonora, não bate na veia.



Duas recomendações para quem se preocupa com os *extremos* da música popular. A primeira é para os texanos Butthole Surfers (último álbum *Hairway to Steven*, Blast Records: o título parodia o zep-hino "Stairway to Heaven"). Os Surfers são a banda mais masturbatória do momento — só rivalizados pelo jogo orgiástico de Prince com seu próprio som. Os Surfers abusam de efeitos de desorientação — na voz e guitarra — e desequilibram ao limite o modo em que o som de rock costuma ser mixado em estúdio. As influências são saborosas: Hendrix, Hawkwind, Zep, Floyd, Pistols, lixo de TV, assassinatos em série, pornografia gay hardcore, pastores eletrônicos alucinados, cirurgia intensiva e psicodelia.

A segunda recomendação vai para A.R. Kane, ingleses, que estão criando uma nova forma musical nos limites extremos de rock, dub e jazz — usando guitarra, efeitos e o estúdio como um instrumento. Fazem "ruído" de uma maneira impossível de ser lida como riffs ou acordes. A.R. Kane, no LP *1969* — lembrancinha de Iggy Pop —, representa, nessa altura da partida, o elo perdido entre o acid rock e o expansionismo da jazz-fusion. Vão atrás, e bom proveito.

BRASIL — *Por Sônia Maia — Marcelo Abreu (Recife); Arthur G. Couto Duarte* (Belo Horizonte) *e Sílvio Ferreira* (Porto Alegre)

A BANDA
Márcio Lima/Abril

O Recife pôde prestigiar seus grupos de rock no mês de abril realizando em plena av. Boa Viagem — a mesma que concentra o carnaval — o "1.º Festival de Bandas de Rock do Recife". Treze bandas, dois dias e pelo menos uma surpresa. A Banda, com Paulo Valença nos vocais e guitarra-base, canta friamente letras desesperançadas, com boa influência do Joy Division, mas que recebem o aquecimento dos ritmos regionais como o baião e a ciranda. Na cozinha, responsáveis por essa química, estão Sandro (bateria) e Danilo (baixo). Flávio (guitarra) dá o tom mais pesado, sem poupar distorções. Numa palavra para esta coluna, Paulo declara: "Hoje vemos Paul Simon e Peter Gabriel irem a outros países utilizando novos ritmos para fazer o rock avançar. Antes que alguém venha a Pernambuco misturar rock com a Banda de Pífanos de Caruaru, nós estamos fazendo isso". Para conferir, basta aguardar a demo que já está sendo produzida por Rubinho Valença, o mesmo produtor de Alceu. Os outros destaques do festival foram Orion, com seu power metal vigoroso; Sétima Arte, com seu pop dançante e criativo; e os Mendigos da Corte, um dos próximos a se destacarem no cenário recifense, através de seu hard rock com toques progressivos.

Júlio Reny e a banda Expresso Oriente transformaram o Teatro Renascença de Porto Alegre num imenso oásis musical, nos dias 18 e 19 de maio. *Noites do Deserto* — nome do show que comemorou o primeiro aniversário da atual formação — empurrou todo mundo para cima de um camelo e iniciou um passeio pelas areias nem um pouco áridas de um afro-rock regado de muito suingue. Em clima de festa, num espetáculo de arrebentar quadris, vale ressaltar a presença de um convidado muito especial, Carlos Eduardo Miranda nos teclados, acompanhando Júlio em um de seus maiores hits, "Amor e Morte": "Mas no seu beijo falta corte/ Dispense a tua baby/ E me dê amor e morte". Além de Miranda e da percussionista *hors concours* Tânia, estavam lá Bibi Iankievich (clarinete) e Sérgio Karan (sax), ensaiando uma espécie de mariachi mexicano. Júlio continua provando que é um dos maiores talentos entre os hit makers do Brasil.

ALMA CIBORG
Gladstone Campos/Abril

Das "n" fitas que recebemos mês a mês aqui na redação, o destaque desta vez vai para o grupo Estado Crítico, de Capivari, interior de São Paulo. Os garotos mesclam com desenvoltura rock, MPB, samba e baião e não dispensam baladas bem arquitetadas como "Contos", onde avisam: "Quem anda uma caminhada /Aumenta um passo..." Estão lá, além de Márcio Magnusson (vocal, guitarra e principal compositor), Braz Félix Jr. (letras), Vande Contrera (baixo) e Carlinhos Magnusson Jr. (bateria).

O Divergência Socialista passou por um racha interno dos mais radicais, restando apenas Marcelo Dolabela e Silma do seu núcleo inicial. Desde março, somaram-se a eles Bob Faria (teclados e guitarra) e Tonael Grael (baixo e guitarra). Enquanto isso, a noite belorizontina vai saindo do tempo das vacas magras com a emergência de um punhado de grupos recém-formados. Entre os mais promissores, está o Sustados por um Gesto, quarteto que abre para insuspeitadas incursões ao filão etílico da velha MPB, como atesta seu cover para "Boemia", de Adelino Moreira. Também interessante é a proposta do R. Mutt, que segue a cartilha do minimalismo, encorpada com rescaldos do pós-punk.

Mas, desta nova safra, quem parece mais propenso a vingar é o Alma Ciborg, flexível conglomerado multimídia que ataca com a mesma fúria dobrados militares, marchinhas e hip-hop, entre outros estilos. Na linha de frente do septeto, se posicionam dois pistons envenenados, a cargo de Samuel Rajão e Roney Azuos, este último irmão de Rubinho Troll, do Sexo Explícito.

No rio de bandas paulistanas influenciadas pelo funk, a Máfia continua segurando firme o cetro, com MC Scowa à sua frente. Fábrica Fagus vem logo em seguida, com os *teenagers* sacolejando qualquer público para o qual se apresentem. Enquanto esses esbanjam criatividade e talento, os outros entram de gaiato na onda, num engano de doer olhos e ouvidos. O Tarsila, por exemplo, tem feito um merchandising na cidade visto só em grandes bandas — sabe-se lá Deus onde eles conseguem dinheiro para tanto, se bem que isso não é da nossa conta —, embora tenha um vocalista "sem" voz e suas letras sejam tão rasteiras e fracas quanto uma lesma. Apoiados por uma tecnologia que inclui vários teclados, computador e um percussionista — o melhor da banda —, o máximo que eles conseguem é fazer um som competente; o que, enfim, não significa muita coisa. Mas o filão de ouro, já da nova geração — Fábrica e Máfia podem ser considerados "velha geração", dada a rapidez dos tempos —, fica por conta dos Peixes. Embora marcados sob o signo do funk, a técnica e o conhecimento musical de seus integrantes os obrigam a ir além — MPB, jazz, rock... —, numa mistura bem equacionada, somada ao carisma e unidade que a banda passa ao vivo. Pedro Vicente (vocal/guitarra/base/letras) não toca nada de guitarra, mas tem uma performance personalizada e é um dos bons letristas dos novos grupos — humor, HQs e fragmentos metropolitanos fictícios. Antônio Pinto (bateria) teve a honra de estudar com Naná Vasconcelos; Zeli (baixo) pode aguardar para breve o título de um dos melhores baixistas desta safra; e Marcelo Soares (guitarra) está na estrada desde os 14 anos. Confira!

Outra boa notícia é que a 97 FM — pioneira do rock paulista — ampliou sua potência, antes praticamente restrita ao ABC e bairros paulistas próximos ao conglomerado industrial. Gire o dial!

PEIXES

CARTAS E SERVIÇOS

CARTAS E SERVIÇOS

SMITHS DO COMEÇO AO FIM

Gostaria de saber a discografia completa dos Smiths, incluindo os compactos. E também a discografia do Morrissey. **Ana Maria Camargo, São Paulo — SP**

Vamos lá, Ana. O grupo mais amado/odiado da década deixou para trás, em seus seis anos de existência, uma discografia considerável — no total, dezoito compactos e sete LPs (além de um duplo, lançado apenas no mercado americano). A história da banda começa em 82, quando Johnny Marr e Morrissey decidem formar a banda, chamando Andy Rourke para o baixo e Mike Joyce para a bateria. "Hand in Glove" é o primeiro compacto, lançado em maio de 83. Seguem-se "This Charming Man" e "What Difference Does It Make", o primeiro hit da banda, já em 84. Em fevereiro desse mesmo ano, sai o primeiro LP, The Smiths. *Dois meses depois, o grupo grava uma nova versão para "Hand in Glove", dessa vez na voz de Sandie Shaw, uma das cantoras idolatradas por Morrissey na década de 60. "Heaven Knows I'm Miserable Now" e "William, It Was Really Nothing" precedem o segundo LP,* Hatful of Hollow *(84) — na verdade, uma compilação de compactos e gravações para a rádio BBC, de Londres. No início de 85, sai um novo single, "How Soon Is Now" e o terceiro LP,* Meat Is Murder. *Ainda desse ano são "Shakespeare's Sister", "That Joke Isn't Funny Anymore" e "The Boy with the Thorn in His Side", este último lançado aqui. "Bigmouth Strikes Again" é o single que antecipa o LP* The Queen Is Dead, *lançado em julho de 86. O lançamento seguinte é "Panic", o primeiro vinil smithiano a contar com a participação do guitarrista Craig Gannon (ex-Aztec Camera), no lugar de Andy Rourke, afastado temporariamente por causa do seu envolvimento com drogas. "Panic" também é lançado por aqui. "Ask" e "Shoplifters of the World Unite" (já com Andy de volta) são os compactos seguintes, incluídos na coletânea* The World Won't Listen, *de março de 87 — nos EUA, essa coletânea ganha varias faixas e vira um duplo, com o nome de* Louder Than Bombs *(único LP dos Smiths inédito no Brasil). "Sheila Take a Bow" sai em abril de 87. Em agosto, explode a bomba: Johnny Marr estava deixando os Smiths;* Strangeways, Here We Come *seria o último álbum de estúdio da banda. Para os fãs, um último consolo: um LP ao vivo, lançado este mês lá fora, com o nome de* Live at the National. *O lançamento encerra a discografia, que inclui ainda os singles "I Started Something I Couldn't Finish" e "Last Night I Dream Somebody Loved Me", posteriores a* Strangeways... *Morrissey inicia sua carreira solo com o compacto "Suedehead", seguido pelo LP* Viva Hate, *lançado em março de 88 — acompanhando o ex-vocalista dos Smiths, estão o guitarrista/tecladista Vini Reilly (Durutti Column), Stephen Street (ex-produtor dos Smiths, que toca baixo e guitarra, além de assinar, com Morrissey, todas as composições) e o baterista Andrew Parisi. "Everyday Is Like Sunday", lançado em junho, é o single mais recente. Já Andy e Mike estão na banda que acompanha Sinnead O'Connor no seu álbum de estréia,* The Lion and the Cobra *(87), além de tocarem eventualmente no* Adult Net *— banda liderada por Brix Smith, guitarrista do Fall. Johnny Marr é um caso à parte. Desde a sua saída dos Smiths, já tocou com Bryan Ferry, no álbum* Bête Noire *(87), com os Talking Heads, em* Naked *(88), e, claro, com os Pretenders — com os quais esteve no Brasil, para o Hollywood Rock. A última notícia é de que ele está em estúdio com Barney Sumner, do New Order, que prepara seu primeiro álbum solo.*

CORRESPONDÊNCIA INTERNACIONAL

Quero agradecer a todos vocês pela maravilhosa revista. Gostaria de trocar correspondência com jovens do Brasil e do mundo. **Carlo Almeida, Rua das Antas, 160, Apartamento 5, 4300, Porto — Portugal**

Amigos de BIZZ, faz tempo que eu queria escrever a vocês, e ao fim me decidi. Quero felicitar vocês pela revista: é maravilhosa! Sou argentino, moro em Buenos Aires, tenho 19 anos e adoro o Brasil. Estou bastante interessado em corresponder-me com jovens brasileiros, garotas principalmente, para intercâmbio sobre música brasileira, argentina e internacional. Gosto do U2, Fleetwood Mac, Housemartins e todos os grupos modernos, além de bandas brasileiras e argentinas. **Gonzalo Silva, Jujuy, 165, Martinez, C.P. 1640, Buenos Aires — Argentina**

Sou angolano e tenho 20 anos de idade. Estou escrevendo para vocês porque gosto muito de ler a BIZZ. E queria que publicassem o meu endereço, pois estou interessado em me corresponder com jovens brasileiros. **Diamantino França, Rua do Cafaco, 1, 9.º B, Bairro do Kinaxixi, Luanda — Angola**

PEDINDO BIZZ

Compro as edições de BIZZ do número 1 ao 10. **Ana Cristina Monteiro, Avenida Santa Cruz, 935/305, CEP 21710, Rio de Janeiro — RJ**

Compro as edições de BIZZ números 9, 10 e 11. **Mônica Menezes, Rua Joaquim Barreto, 169, CEP 17500, Marília — SP**

Compro as BIZZ 4, 5 e 7. **Jamilson Lima, Rua Félix Peixoto, 27, CEP 50750, Recife — PE**

Compro as BIZZ do número 3 ao 24, ou troco por *Quatro Rodas*, números 318 ao 330. **Bruno Carvalho, Rua Alexandrino Martins Rodrigues, 230, CEP 51011, Recife — PE**

Compro as BIZZ 6, 8 e 9. **Jorge Bortoli, Rua Aloísio de Azevedo, 1115, CEP 16045, Araçatuba — SP**

Vendo as edições de BIZZ dos números 1 ao 20, 24 e 26. **José Roberto Silva, Avenida Bernardino de Campos, 420, CEP 13960, Socorro — SP**

Vendo as BIZZ número 1 e de 3 a 30. **Marcos Picco, Rua João Ventura Batista, 90, CEP 02054, São Paulo — SP**

JEAN-LUC PONTY

O VIOLINO NA ERA DIGITAL

Jorge Rosenberg/Azul

Do clássico para o jazz, espichando as fronteiras de seu violino

Em maio último, o violinista francês Jean-Luc Ponty esteve realizando sua terceira excursão pelo Brasil. Como de costume, Ponty trouxe novidades da área tecnológico-musical. Desta vez, o ponto máximo ficou por conta de um violino-viola de cinco cordas, com MIDI (interface digital para instrumentos musicais). A bem da verdade, ele já havia trazido um violino desses na segunda excursão (em outubro/85), só que naquela época era ainda um protótipo experimental, e sem MIDI. Agora, já é possível encontrá-lo em escala comercial, com opção para MIDI.

Com uma corda a mais (no caso, é uma corda grave, afinada em dó, de modo que a afinação resulta em dó, sol, ré, lá, mi), engloba a viola nas quatro primeiras e o violino nas quatro últimas. Com esse recurso, explicou Ponty, "posso alcançar notas mais graves, aumentando assim o espectro sonoro com um único instrumento". Além disso, o sistema MIDI permite que ele comande alguns sintetizadores, colocando o violino na posição inédita de controlador de um aparato eletrônico sofisticado.

Nos shows, Ponty mais o guitarrista Jaime Glazer e o tecladista Walter Minko Jr. estavam interligados via MIDI, e todos eles conectados a sintetizadores. Assim, por vezes era quase impossível saber quem estava emitindo determinados sons, com exceção dos momentos em que Jean-Luc emplacava na "orquestra do eu sozinho".

Além de ter introduzido o violino na era digital, Ponty também foi um dos responsáveis pela expansão dos horizontes desse instrumento, que por muitos anos foi patrimônio da música erudita sinfônica. Filho de músicos (a mãe professora de piano e o pai professor de violino), Ponty nasceu em Avranches, na região francesa da Normandia, em 1942. Como não poderia deixar de ser, recebeu suas primeiras lições em casa, desde os 5 anos de idade. Com uns 15 anos, foi estudar no Conservatório Nacional Superior de Música, em Paris, onde concluiu a graduação com cerca de 17 anos. Logo no ano seguinte, entrou para a orquestra sinfônica Concerts Lamoreux, onde permaneceu até aproximadamente 1964. Foi por essa época que iniciou a dar seus primeiros passeios no jazz. Na última passagem por aqui, ele disse que não conseguia enxergar-se como um violinista no jazz, e por algum tempo andou pensando em passar ao saxofone.

Paralelamente, sua fama de violinista chegou aos ouvidos do veterano Stephane Grapelli (outro pioneiro). Grapelli um dia pediu ao Ponty que tocasse para ele, e ficou maravilhado. E foi o próprio Grapelli quem insistiu para que Ponty continuasse no jazz, com o violino, e deixasse a música erudita de uma vez. Em 1966, Grapelli introduziu Ponty no meio discográfico, gravando com ele e Stuff Smith um disco que saiu pela Basf alemã com o título *Violin Summit*. Isso bastou para que o nome dele rodasse o mundo todo, principalmente depois que a revista norte-americana *Down Beat* acolheu o LP com cinco estrelas. Em 1967, ele gravou mais um disco pela Basf, participando do grupo do pianista Wolfgang Dauner, e então a etiqueta abriu-lhe espaço para seu primeiro LP solo, o *Sunday Walk*. Embora o disco seja absolutamente jazzístico, o violino ainda é o acústico tradicional.

Em meados de 1969, Ponty pisou pela primeira vez na América do Norte. Foi juntar-se ao trio de George Duke, que o introduziu nos circuitos jazzísticos. Uma das apresentações com Duke foi documentada em disco, lançado com o título *Experience*. Na mesma ocasião, Ponty foi apresentado a Frank Zappa. Frank estava gravando o LP *Hot Rats*, e logo tratou de convidar o francês para participar de uma faixa. Foi nesse período que ele começou a amplificar o violino, certamente por estar inserido num meio onde imperavam instrumentos eletrônicos. Num primeiro passo, usou o velho violino acústico com microfone de contato Barcus Berry. Algum tempo depois, já começaram a surgir violinos com captadores eletromagnéticos. Depois de ter realizado alguns trabalhos com Zappa, Ponty retornou à Europa, para introduzir o violino elétrico por lá. Em 1973, retornou à América do Norte, onde trabalhou com Zappa, com a Mahavishnu Orchestra, e depois seguiu a carreira solo.

Valdir Montanari

EQUIPAMENTO

INSTRUMENTO: **Violino Zeta de cinco cordas com MIDI.**
CORDAS: **de aço, sem marca especial.**
INSTRUMENTOS ELETRÔNICOS: **AKAI sampler 900, AKAI mixer 8120, Lexicon programable mixer, ADA echo units, Synclavier II.**

NEW YORK DOLLS
TOO MUCH TOO SOON
(1974)

Uma garagem, guitarras, baixo e bateria: rock simples e direto, tocado muito alto, pegando na veia. Esta história começou durante os anos 60 com o surgimento de inúmeras bandas americanas em resposta à "invasão britânica" capitaneada pelos Beatles e os Stones, baseadas em um despojamento musical que se cristalizaria no som demencial de grupos como o Velvet, os Stooges e o MC5. Serviu de estopim para a explosão do punk em 76 e continua a ser contada até hoje, através de sua influência em diversas tendências do rock contemporâneo. Esta história tem um capítulo especial reservado para as "bonecas de Nova York".

No visual, os Dolls levavam às últimas conseqüências — beirando o escracho total — a androginia sugerida pelo *glitter* que se projetava nas figuras de David Bowie e Marc Bolan: maquilagem pesada, bijuterias e roupas femininas. Em termos musicais, foram essenciais no processo de criação de uma estética típica do rock nova-iorquino, que mais tarde floresceria nos trabalhos do Television, Talking Heads, Blondie, Ramones e outros.

Formado no fim de 71, o grupo era composto originalmente pelo vocalista David Johansen, os guitarristas Johnny Thunders e Rick Rivets, o baixista Arthur Kane e o baterista Billy Murcia. Logo, Rivets foi substituído por Sylvain Sylvain, e assim os Dolls começaram a se apresentar no cenário local, causando sensação. Em novembro de 72, durante a primeira tour inglesa da banda, Billy Murcia morreu de overdose, em Londres. De volta a Nova York, os Dolls só retornam à ativa no ano seguinte, já com Jerry Nolan na bateria.

Então, gravam seu álbum de estréia, com produção de Todd Rundgren (ex-Nazz), que contava com faixas antológicas como "Personality Crisis" e "Looking for a Kiss", que retratavam fielmente a fúria primitiva do som do grupo. Em 74, eles gravariam seu segundo e último disco "oficial", que, junto com o primeiro, tornaram-se legendários. Não menos legendário foi o nome escolhido para produzir *Too Much Too Soon:* George "Shadow" Morton, um dos grande produtores do começo dos anos 60, criador das Shangri-Las e fundador da Red Bird Records, ao lado de Phil Spector, Jerry Leiber e Mike Stoller. Morton reforçou a vertente rhythm'n'blues da banda, que desta feita optou por inserir quatro *covers* entre as dez faixas do disco. Resultado: "Stranded in the Jungle" (sucesso do grupo vocal The Cadets, em 56), "(There's Gonna Be a) Showdown" (da dupla Gamble e Huff, mestres do soul da Philadelphia), "Don't Start Me Talkin" (do *bluesman* Rice Miller, ou Sonny Boy Williamson) e "Bad Detective" (de K. Lewis) transformaram-se em clássicos instantâneos na interpretação dos Dolls. O material próprio do grupo também não deixava por menos, especialmente nas faixas compostas por Johansen e Thunders: "Babylon", "Who Are the Mystery Girls ?", "It's Too Late" e "Human Being", que já soltavam as faíscas que originariam o incêndio que tomou conta do circo do rock dois anos depois.

Apesar da aclamação da crítica, tanto *New York Dolls* como *Too Much Too Soon* foram retumbantes fracassos comerciais, o que precipitou o fim da banda, depois de um curto período em que foram empresariados por Malcolm McLaren. Porém, Johansen e Sylvain continuaram a se apresentar como New York Dolls até 77, com vários músicos acompanhantes, até partirem para erráticas carreiras solo (assim como Thunders, depois de um breve período ao lado de Nolan nos Heartbreakers). Hoje em dia, Johansen atende pela alcunha de Buster Pointdexter, um impagável *entertainer*. Das outras "bonecas", nenhuma nova notícia. Mas, seja como for, as marcas deixadas pelas "assassinas de batom" continuam vivas.

Celso Pucci

EDITORA AZUL

Editor e Diretor:
VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Grupo: Carlos Arruda

REDAÇÃO
Editor-Chefe: José Eduardo Mendonça
Editor Executivo: Roberto Wagner P. Perucci
Editoras Assistentes: Bia Abramo, Sônia Maia
Redação: Celso Salles Pucci, Thomas Pappon
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assan

ARTE
Editor: Rodolfo Tucci
Chefe de Estúdio: Deise Bitinas
Diagramadores: Maria Amélia de Azevedo, Renato Yada
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Heredia

Atendimento ao Leitor: Marisa Adán Gil
Correspondentes: José Emilio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), José Nogueira (Nova York), Pepe Escobar (Milão), Silvano Michelino (Paris), Eva Joory (Londres)
Colaboradores
Texto: José Augusto Lemos (consultor), Alex Antunes, Arthur G. Couto Duarte, Fernando Naporano, Jean Yves Neufville, José Geraldo Couto, Leopoldo Rey, Luís Antônio Giron, Marcel Plasse, Tom Leão, Valdir Montanari, Walter Silva
Arte: Angelo Asson, César Togashi
Fotos: Claudia Thompson (Nova York), Eva Joory (Londres), Ciclano, Kid e Marcelo Faustini, Mila Maluhy, Rui Mendes, Z. Vivanco
Revisão e Preparação de Texto: Edmundo Juarez Filho

Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto Araújo
Gerente-SP: Oswaldo Maffei Jr.
Contatos: Arthur de Oliveira Neto, Márcia Andrade, Tânia Polo Resende
Gerente-Rio: Getúlio Torres
Contato: Lidia Camarato
Produção Gráfica/Publicidade-Gerente: Edna K. Burigo

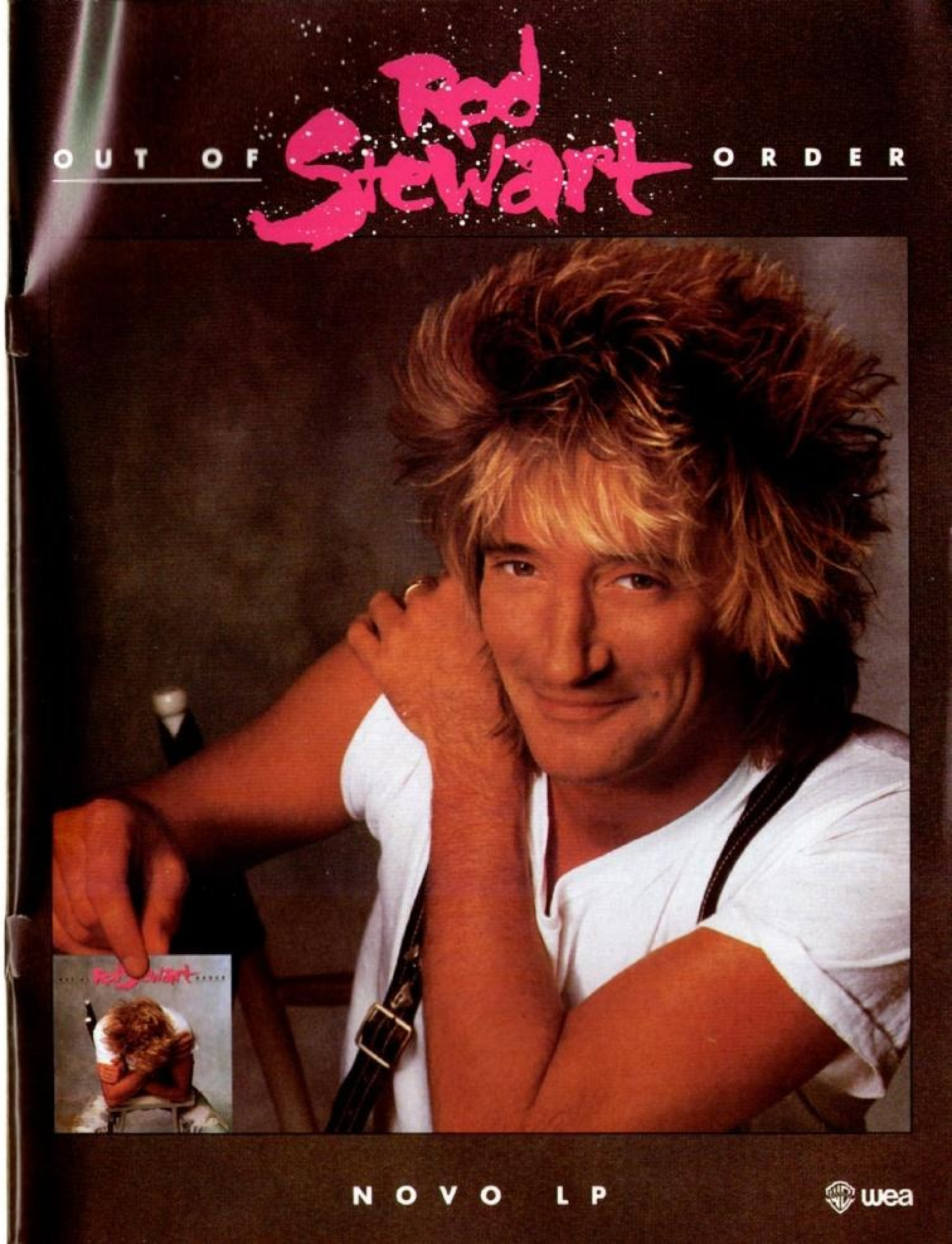
SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press: Judith Baroni (gerente); **Escritórios - Milão:** Rita de Luca, International Business Centre, Corso Europa, 12, Phone: 02-54-56331 e 54-56212-20122, Milano, Telex: 313585 e 332609; **Nova York:** Odilio Licetti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex: 237670, Phone: (212) 557-5990/5993; **Paris:** Pedro de Souza, 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris, facsimile: 42.66.13.99, Phone: 42.66.31.18, Telex ABRILPA 660731
Departamento de Documentação - Dedoc - **Gerente:** Auta Rojas Barreto - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil
Promoção: Vani de Pieri

EDITORA AZUL
Diretores: Carlos Arruda, Nivaldo Montingelli, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1771, tel. (011) 826-6777, CEP 01139, Caixa Postal 60061, CEP 05096. Telex (011) 26070. Telegramas: EditabrilAbrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 22674, Telegramas: EditabrilAbrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinatura anual:** Cz$ 4.800,00 à vista. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isto tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente pago, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das OTNs verificada no período. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 03. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.



REGINALDO ATACA DE NOVO!

ELTON JOHN

Reginaldo é inglês. Vira noites e mais noites no *in* do *in* americano, francês, javanês. Com o rolar do tempo, Reginaldo ficou conhecido como Reg. No dia em que a genialidade foi visitá-lo, Reg mudou de nome. Mudou para *Elton. Elton John.*

O LP *Reg Strikes Back* é a volta de Reg à frente de um tufão de músicos que já consagrou a faixa *I Don't Wanna Go On With You Like That*, que explodiu no mundo inteiro.

A volta bombástica de *Elton John* já está nas lojas. Quem assina embaixo é Reg, ou Reginaldo se preferirem.

Em discos e fitas
PolyGram